

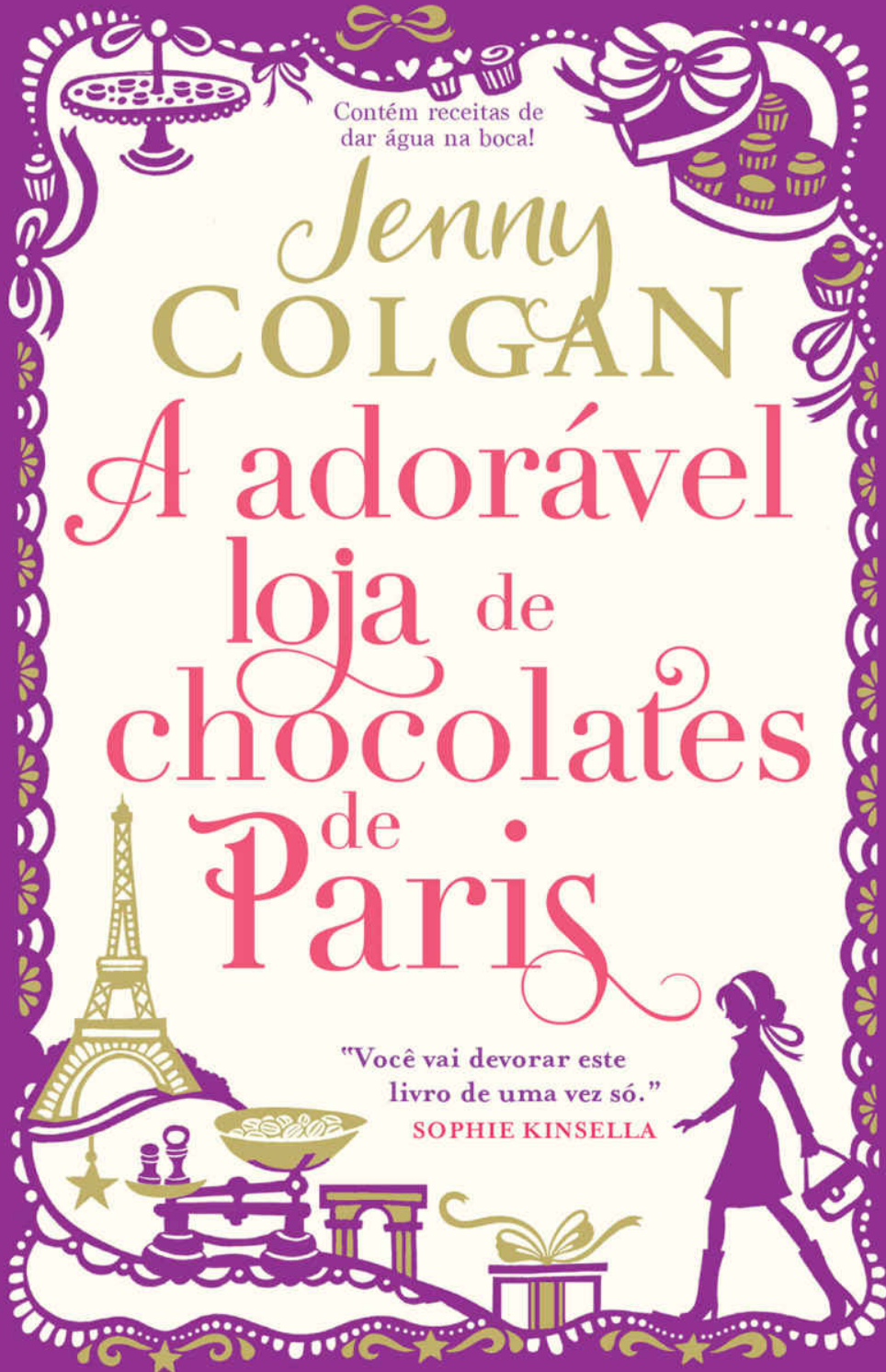
Contém receitas de
dar água na boca!

Jenny
COLGAN

A adorável
loja de
chocolates
de
Paris

"Você vai devorar este
livro de uma vez só."

SOPHIE KINSELLA



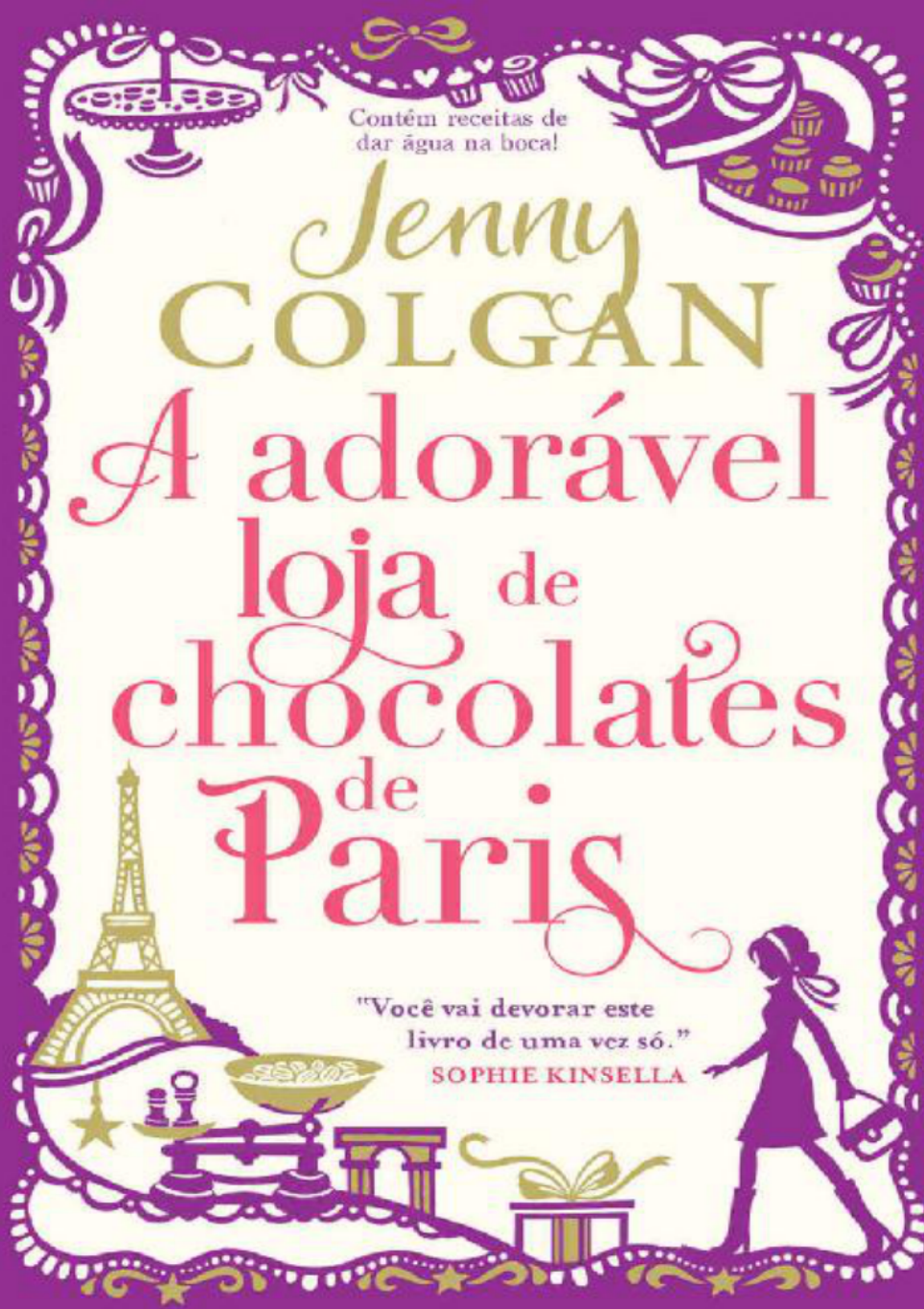
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Jenny
COLGAN

A adorável
loja de
chocolates
de
Paris

SOPHIE KINSELLA



A adorável
loja de
chocolates
de
Paris



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Jenny
COLGAN
A adorável
loja de
chocolates
de
Paris

ARQUEIRO

Título original: *The Loveliest Chocolate Shop in Paris*

Copyright © 2013 por Calibris Ltd.

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alessandra Esteche

preparo de originais: Renata Dib

revisão: Ana Grillo, Juliana Souza, Livia Cabrini e Taís Monteiro

projeto gráfico e diagramação: Natali Nabekura

capa: Kate Forrester

adaptação de capa: Renata Vidal

foto da autora: © Charlie Hopkinson

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

A dica definitivamente está no título! Se você ama chocolate e ama Paris (ou acha que pode amar um dia – não se preocupe, esse dia vai chegar; a cidade não muda tanto assim), então este livro foi escrito para você.

Jenny Colgan

Sumário

Uma mensagem aos leitores

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Epílogo

Receitas

Agradecimentos

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro



Uma mensagem aos leitores

Existem muitas lojas maravilhosas de chocolate artesanal em Paris. A minha preferida é a Patrick Roger, na rue du Faubourg Saint-Honoré. Recomendo muito a visita e o chocolate quente, não importa a estação. A loja é administrada pelo epônimo Patrick, um sujeito de cabelo cacheado alegre e galanteador.

Este livro não é baseado especificamente em nenhuma dessas lojas, e sim no princípio de que, quando as pessoas dedicam a vida a algo que amam e que sabem fazer, coisas incríveis podem acontecer.

Alguém um dia disse que amamos chocolate tanto assim porque ele derrete na mesma temperatura do interior da nossa boca. Cientistas também falam sobre a liberação de endorfina e etc., que pode ser a justificativa química para esse amor, mas, qualquer que seja a explicação, chocolate é mesmo uma coisa maravilhosa.

E não são apenas as mulheres que adoram. Eu não posso entrar em casa com um pacote de biscoitos de chocolate escondido que meu marido já sente o cheiro e devora tudo. Por isso, incluí algumas receitas encantadoras neste livro. Gosto de pensar que, conforme vou ficando mais velha, posso realmente preparar receitas com chocolate em vez de, você sabe, comer tudo “sem querer” assim que entro em casa ou, às vezes, ainda no carro.

Quando moramos na França (por causa do trabalho do meu marido), fiquei surpresa ao descobrir que os franceses levam o chocolate tão a sério quanto qualquer outra comida. La Maison du Chocolat é uma rede bastante sofisticada presente na maioria das cidades. Lá, você pode conversar com o *chocolatier* sobre o tipo de chocolate que deseja e o que mais gostaria de comer da mesma forma que fala sobre vinho com um *sommelier*. No meu caso, uma boa barra de Dairy Milk, Toblerone ou, o meu favorito, Fry's Chocolate Cream

(natural) já me satisfaz. Nem tudo precisa ser luxuoso para ser apreciado. Infelizmente, meus filhos chegaram à idade em que está ficando óbvio quem é o responsável por roubar as barras de Kinder das lembrancinhas de festa. Crianças, hã... olhem só, eu odeio ter que dizer isto, mas com certeza foi seu pai.

Antes de começarmos, quero falar um pouco sobre idiomas. Pela minha experiência, aprender outra língua é difícil pra caramba, a não ser que você seja uma daquelas pessoas que aprendem as coisas em dois segundos. Nesse caso, eu diria blé (essa sou eu mostrando a língua) para você porque estou com muita inveja.

Nos livros, é comum que, quando os personagens falam em língua estrangeira, isso seja indicado no texto. Preferi não fazer isso aqui. Basicamente qualquer pessoa com quem Anna fala em Paris responde em francês, a não ser que eu indique o contrário. E, nesse caso, nós pensaríamos: “Uau, que INCRÍVEL, ela aprendeu tão rápido!” É claro que Anna tem muitas aulas com Claire, mas, se você já estudou uma segunda língua, sabe que podemos ser muito confiantes nas aulas e depois ir para outro país, onde todos falam a mil por hora, e entrar em pânico porque não entendemos uma única palavra. Com certeza foi o que aconteceu comigo.

Então você precisa acreditar que é exatamente assim para Anna, mas, para que eu não me repetisse sem parar e atravancasse a história, cortei as inúmeras vezes em que ela pergunta “O quê?” ou “Você pode repetir, por favor?”, ou os momentos em que ela precisa consultar o dicionário.

Espero que você goste, e me conte depois como se saiu com as receitas. *Bon appétit!*

Jenny



Capítulo um

O mais estranho era que, embora naquele instante eu soubesse que havia algo errado – muito, muito errado, algo grave, algo muito sério, uma afronta a todo o meu corpo –, não conseguia parar de rir. Eu ria escandalosamente.

Eu estava deitada, coberta – encharcada – de chocolate derretido e não conseguia parar de rir. Havia outros rostos agora, me olhando de cima, e eu tinha certeza de que reconhecia alguns. Eles não estavam rindo. Aliás, todos pareciam muito sérios. Por algum motivo isso deixava tudo ainda mais engraçado, e eu desatei a rir de novo.

Da lateral, ouvi alguém dizer:

– Junte!

– Não mesmo! Junte você! Que nojo! – rebateu outra pessoa.

Então distingi uma terceira voz, que achei ser do Flynn, o garoto novo do estoque:

– Vou ligar para o 911.

– Flynn, não seja burro, esse número de emergência só funciona nos Estados Unidos – retrucou alguém.

– Acho que agora aqui também é 911, por causa da quantidade de idiotas que insistiam em ligar para esse número – argumentou outra voz.

E uma pessoa pegando o celular e dizendo algo sobre precisar de uma ambulância, o que também achei hilário, e depois outra, que definitivamente era Del, nosso zelador velho e rabugento, falando:

– Bom, eles devem querer jogar essa leva fora, então.

E a ideia de que pudessem não jogar fora o tonel enorme de chocolate, e sim tentar vender, sendo que tinha caído tudo em cima de mim, era realmente engraçada.

Depois disso, graças a Deus, não me lembro de mais nada, embora

mais tarde, no hospital, um dos caras da ambulância tenha me dito que eu estava completamente maluca durante o caminho, e que ele sempre soube que o choque afetava as pessoas de maneiras diferentes, mas que a minha experiência era a mais diferente que ele já tinha visto. Então o homem viu meu rosto e disse:

– Ânimo, querida, você vai rir de novo.

Mas, naquele momento, eu já não tinha mais tanta certeza.



– Ah, Debs, querida, pare com isso, foi só o pé dela. Podia ter sido muito pior. E se fosse o nariz?

Esse era meu pai falando com minha mãe. Ele gostava de ver o lado bom das coisas.

– Bom, eles poderiam ter feito um novo. Ela odeia o nariz mesmo.

Essa definitivamente era a minha mãe. Ela não é tão boa quanto meu pai em enxergar o lado positivo. Aliás, eu conseguia ouvi-la soluçar. Mas, de alguma forma, meu corpo evitava a luz. Eu não conseguia abrir os olhos. Não parecia ser só uma lâmpada. Parecia o sol ou algo do gênero. Talvez eu estivesse de férias. Não podia estar em casa, porque o sol nunca aparece em Kidinsborough, minha cidade natal, eleita a pior cidade da Inglaterra por três anos seguidos antes que a pressão política local tirasse o programa de TV do ar.

Meus pais saíram do alcance dos meus ouvidos, como se alguém estivesse sintonizando um rádio. Não fazia ideia se eles estavam lá ou se tinham estado em algum momento. Eu sabia que não estava me mexendo, mas era como se estivesse me contorcendo, trancada numa prisão em formato de corpo na qual alguém havia me colocado. Eu poderia gritar, mas ninguém ia ouvir. Tentei me mexer, mas não funcionou. O brilho se transformava em escuridão e voltava a ser sol, e nada fazia o menor sentido para mim enquanto eu tinha – ou vivia – os piores pesadelos sobre dedos, pés, pais que desapareciam de repente, a possibilidade de estar enlouquecendo e de, na verdade, ter sonhado com toda aquela outra vida, a parte em que eu era Anna Trent, 30 anos, degustadora em uma fábrica de chocolates.

Aliás, já que estamos falando disso, aqui estão as minhas respostas para as dez perguntas ou afirmações sobre ser degustadora em uma fábrica de chocolates que mais ouço na Faces, a boate local. Não é uma boate muito boa, mas as outras são muito, muito piores:

1. Sim, eu posso te dar amostras grátis.
2. Não, não sou tão gorda quanto você claramente esperava que eu fosse.
3. Sim, é igualzinho ao filme *A fantástica fábrica de chocolate*.
4. Não, ninguém nunca fez cocô no tonel de chocolate. (Mas eu não colocaria a mão no fogo pelo Flynn.)
5. Não, isso não faz de mim uma pessoa mais popular que as outras, afinal tenho 30 anos, não 7.
6. Não, não fico enjoada de ver chocolate – eu adoro chocolate –, mas se acreditar nisso faz com que você se sinta melhor em relação ao seu trabalho, fique à vontade.
7. Ah, é tão interessante que você tenha algo ainda mais gostoso do que chocolate na sua cueca [bocejo]... (Veja bem, eu queria ter coragem suficiente para dizer isso, mas normalmente só faço uma cara feia e desvio o olhar por um momento. Minha melhor amiga, Cath, logo dá um jeito nesses caras. Ou, às vezes, fica com eles.)
8. Sim, posso sugerir sua ideia de chocolate sabor amendoim/cerveja/vodka/geleia, mas não acho que vamos ficar tão ricos quanto você pensa.
9. Sim, eu sei fazer chocolate de verdade, mas na Brader's Family Chocolates eles são processados automaticamente em um tonel enorme e estou mais para supervisora. Eu gostaria de ter um trabalho mais complexo, mas, segundo os chefes, ninguém quer que metam a mão em seu chocolate, as pessoas querem que ele tenha sempre o mesmo gosto e dure bastante tempo. Então é um processo bem artificial.
10. Não, não é o melhor emprego do mundo. Mas é o que eu tenho e eu gosto dele. Ou pelo menos gostava, até vir parar aqui.

Mas normalmente, na boate, eu só digo “Rum com coca, obrigada”.
– Anna.

Havia um homem sentado ao pé da minha cama. Não conseguia focalizá-lo. Ele sabia meu nome, mas eu não sabia o dele. Isso parecia injusto. Tentei abrir a boca. Estava cheia de areia. Alguém tinha colocado areia na minha boca. Por que fariam isso?

– Anna. – A voz chamou de novo. Definitivamente era real. Definitivamente pertencia à sombra ao pé da minha cama. – Está me ouvindo?

Eu queria dizer “Bom, é claro que estou ouvindo, você está sentado

ao pé da minha cama gritando comigo”, mas só consegui emitir um resmungo seco.

– Ótimo, ótimo, muito bom. Quer água?

Assenti. Parecia mais fácil.

– Bom, bom. Não mexa muito a cabeça, pode tirar os fios do lugar.

ENFERMAGEM!

Não sei se alguém da enfermagem veio ou não. De repente, estava apagada de novo. Meu último pensamento foi que eu esperava que a pessoa não se importasse de ser chamada aos gritos. E não conseguia lembrar: meus pais disseram que havia algo errado com o meu nariz?



– Aqui está ela.

Era a mesma voz, mas não sei quanto tempo depois. A luz parecia diferente. Um choque súbito de dor percorreu meu corpo como um raio, e eu ofeguei.

– Pronto, é isso. Ela vai ficar ótima.

Pai.

– Ah, eu não estou gostando nada disso.

Mãe.

– Hum... pode me dar aquela água? – perguntei, mas o que saiu foi: “Pó dá á?”

Felizmente, alguém falava a língua do deserto de areia, porque, no mesmo instante, um copo de plástico foi colocado em meus lábios. Aquele copinho de água morna e calcária da torneira era a melhor coisa que eu já tinha colocado na boca em toda a minha vida, e isso inclui a primeira vez que comi um Creme Egg, aquele bombonzinho maravilhoso em formato de ovo. Engoli e pedi mais, só que alguém disse não e ficou por isso mesmo. Talvez eu estivesse na prisão.

– Você pode abrir os olhos? – indagou a voz, autoritária.

– É claro que ela pode.

– Ah, Pete, eu não sei. Não sei.

Estranhamente, foi em parte para contrariar a falta de fé que minha mãe depositava em mim no quesito abrir os olhos que tentei abri-los com vontade. Pisquei e, de repente, com a visão um pouco embaçada, avistei a figura sentada ao pé da minha cama que eu vira antes – desejei que ele saísse dali – e duas formas que me eram tão familiares quanto minhas próprias mãos.

Consegui distinguir o cabelo ruivo da minha mãe, que ela pintava em casa embora Cath tivesse se oferecido para fazer o serviço no salão por um preço que julgava irrisório, mas que minha mãe achava uma extravagância (ela também achava que Cath era irresponsável, o que era verdade, embora isso nada tivesse a ver com seu talento para lidar com cabelos, que, para dizer a verdade, também não era grande). Por isso, durante cerca de uma semana, todo mês, minha mãe ficava com uma faixa estranha cor de hena no topo da testa onde não tinha limpado a tinta direito. E meu pai estava com sua melhor camisa, o que me deixou muito preocupada. Ele só se vestia desse jeito para ir a casamentos e velórios, e eu tinha quase certeza de que não ia me casar, a não ser que Darr tivesse nascido de novo com uma personalidade completamente diferente, o que eu achava improvável.

– Oi? – falei.

Parecia que o deserto de areia estava recuando, que a divisão entre o real e a bola arenosa e angustiante de confusão e dor estava desaparecendo, que Anna tinha retornado, que o corpo em que eu estava era meu, afinal.

– Querida!

Minha mãe caiu no choro. Meu pai, que não é propenso a grandes demonstrações de afeto, apertou minha mão com delicadeza – a mão, notei, que não tinha um tubo enorme enfiado por debaixo da pele. Minha outra mão tinha. Era a coisa mais aflitiva que eu já tinha visto em toda a minha vida.

– Argh! – exclamei. – O que é isso? É nojento.

A figura ao pé da minha cama sorriu com bastante condescendência.

– Creio que você acharia as coisas muito mais nojentas se isso não estivesse aí – disse. – É para administrar analgésicos e outros medicamentos.

– Bom, será que daria para administrar mais? – perguntei.

A dor aguda atravessou meu corpo mais uma vez como um relâmpago, dos dedos do pé esquerdo até o topo da cabeça.

De repente, percebi outros tubos, alguns entrando e saindo de lugares sobre os quais eu não queria falar na frente do meu pai. Fiquei quieta. Me sentia muito, muito estranha.

– Sua cabeça está rodando? – quis saber a figura ao pé da cama. – Isso é muito comum.

Minha mãe ainda estava choramingando.

– Está tudo bem, mãe.

O que ela disse em seguida me provocou um frio na espinha.

– Não está tudo bem, querida. Não está nada bem.



Durante os dias que se seguiram, eu caí no sono em momentos totalmente aleatórios. O Dr. Ed – era assim que ele se referia a si mesmo, como se fosse um médico de novela ou algo do gênero – vinha e se sentava ao pé da cama, o que os outros médicos não faziam, e olhava em meus olhos como se estivesse fazendo um grande esforço para estar ali comigo pessoalmente. Acho que eu preferia o médico arrogante que aparecia uma vez por semana, mal olhava para mim e fazia perguntas constrangedoras aos alunos de medicina que levava junto.

De qualquer forma, graças às minhas conversas amigáveis com o Dr. Ed, eu estava começando a me lembrar de muito do que tinha acontecido. Eu escorregara na fábrica – todos ficaram muito empolgados se perguntando se haveria alguma norma de saúde e segurança que não fora seguida e se íamos todos ficar milionários, mas, no fim das contas, a culpa tinha sido toda minha. Era um dia de primavera com um calor incomum e decidi experimentar meus sapatos novos, que se revelaram ridiculamente inadequados para o piso da fábrica – eu escorreguei e, em pânico, bati na escada de um tonel e a coisa toda virou. Em seguida vim para o hospital e fiquei doente.

– Um bichinho tentou me infectar? – perguntei ao Dr. Ed.

– Bom, sim, foi mais ou menos isso – respondeu ele, sorrindo e revelando dentes exageradamente brancos que deviam ter passado por clareamento. Talvez ele estivesse praticando para aparecer na televisão. – Não um bichinho do tamanho de uma aranha, Anna.

– Eu sei que não – falei, irritada.

Ele jogou o cabelo para o lado.

– Bom, essas coisas são muito, muito pequenas, tão pequenas que você não conseguiria enxergar mil delas mesmo que estivessem sentadas bem aqui no meu dedo!

Talvez houvesse algo errado no meu prontuário, talvez houvesse a informação de que, em vez de quase 31 anos, na verdade eu tinha 8.

– Não ligo para o tamanho. Eles fazem com que eu me sinta muito mal.

– E é por isso que estamos lutando contra eles com todas as armas que temos! – disse o Dr. Ed, como se ele fosse o Super-Homem.

Não mencionei o fato de que, se todo mundo tivesse limpado o lugar com todos os esfregões disponíveis, eu provavelmente não teria sido infectada, para começo de conversa.

Além do mais, ah, meu Deus, eu estava muito agitada. Não tinha vontade de comer nem beber nada que não fosse água (meu pai trouxe marshmallows e minha mãe quase bateu nele, porque ela tinha certeza absoluta de que iam ficar presos na minha garganta e eu ia morrer bem ali na frente deles). Eu dormia muito e, quando não estava dormindo, não me sentia bem o bastante para assistir TV, ler, conversar com as pessoas ao telefone ou qualquer coisa do tipo. Meu Facebook estava cheio de mensagens, de acordo com as notificações no meu celular (eu checava em segredo), que alguém – Cath, eu suspeitava – tinha conectado na tomada ao lado da minha cama, mas eu não estava preocupada em ler nenhuma delas.

Eu me sentia diferente, como se tivesse acordado em uma terra estranha onde ninguém falava minha língua – nem minha mãe, nem meu pai, nem meus amigos. Era a língua de dias estranhos e nebulosos, quando nada fazia muito sentido, de dor constante, quando era quase impossível cogitar a hipótese de me mexer, ainda que fosse só para estender o braço até o outro lado da cama. A terra dos doentes parecia um lugar muito diferente, onde você era alimentado por terceiros, as pessoas mexiam em você o tempo inteiro e todos falavam como se você fosse uma criança, e você estava sempre, sempre com calor.



A escola aparecia muito em meus sonhos febris. Eu odiava a escola. Minha mãe sempre dizia que ela não era muito estudiosa, então eu também não seria, e isso praticamente definiu as coisas, o que, em retrospectiva, parece bem ridículo. Por isso, durante muito tempo, quando tinha alucinações com o rosto dos meus antigos professores, eu não levava muito a sério. Então um dia acordei bem cedo, quando o hospital ainda estava no momento mais silencioso, o que nem era tão silencioso assim, e virei a cabeça devagar para uma cama ao meu lado. Ali, vi a Sra. Shawcourt, minha ex-professora de francês, não em um sonho ou uma alucinação. Ela me olhava calmamente.

Pisquei para ver se ela desaparecia. Não desapareceu.

Eu estava em uma enfermaria pequena, com quatro camas, o que parecia estranho. Ou eu estava com alguma coisa contagiosa ou não. As outras duas camas estavam vazias naquele instante, mas, durante o tempo que passei lá, tiveram uma rotatividade alta de senhoras que pareciam não fazer muita coisa além de chorar.

– Olá – disse a Sra. Shawcourt. – Eu conheço você, não conheço?

De repente senti um rubor no rosto, como se eu não tivesse feito o dever de casa.

Eu nunca fazia o dever de casa. Cath e eu costumávamos matar aula – era francês, uma matéria completamente inútil, quando iríamos precisar daquilo? – ou então sentávamos na fileira do fundo, onde os professores não nos viam, e ficávamos batendo papo com uma imitação do sotaque de Manchester, falando sobre como Kidinsborough era um saco e que iríamos embora na primeira chance que tivéssemos.

– Sou Anna Trent – respondi, fazendo que sim com a cabeça.

– Você foi minha aluna durante dois anos.

Olhei-a com mais atenção. A Sra. Shawcourt sempre chamara atenção na escola como a mais bem-vestida, pois a maioria dos professores era um bando de relaxados. Ela tinha uns vestidos que caíam muito bem e a valorizavam; dava para perceber que não tinham sido comprados numa loja de departamentos. Seu cabelo era loiro na época...

Percebi, um pouco chocada, que ela não tinha nenhum cabelo. E que estava muito magra também. Ela sempre fora magra, mas agora...

Então falei a coisa mais idiota em que poderia pensar – em minha defesa, eu não estava nada bem.

– Você está doente?

– Não – respondeu a Sra. Shawcourt. – Estou de férias.

Houve uma pausa, depois dei um sorriso torto. Lembrei que, na verdade, ela era uma ótima professora.

– Sinto muito por seus dedos – comentou ela, abrupta.

Olhei para a faixa que cobria meu pé esquerdo.

– Ah, eles vão ficar bem. Foi só um tombo – expliquei.

Então vi seu rosto. E percebi que, durante todo aquele tempo, as pessoas falavam sobre minha febre, minha doença, meu acidente, mas ninguém tinha pensado em me contar toda a verdade.



Mas não podia ser verdade. Eu conseguia senti-los ali.

Olhei para ela, que sustentou o olhar sem piscar.

– Eu estou sentindo eles – falei.

– Não acredito que ninguém te contou – disse a Sra. Shawcourt. – Malditos médicos.

Olhei para a faixa outra vez. Tive vontade de vomitar. Então vomitei em uma das muitas aparadeiras que tinham deixado ao lado da minha cama.



O Dr. Ed veio mais tarde e se sentou na minha cama. Olhei para ele de cara feia.

– Bom... – começou ele, checando as anotações. – Anna, sinto muito que você não estivesse ciente da gravidade da situação.

– Porque você ficava falando de “acidentes” e “incidentes lamentáveis” – retruquei, irritada. – Eu não tinha percebido que eles não estavam mais ali. Mas eu consigo senti-los. Eles estão doendo muito.

O médico assentiu.

– Isso é muito comum, infelizmente.

– Por que ninguém me contou? Todo mundo só ficava falando de febre, bichinhos e não sei mais o quê.

– Era com essas coisas que estávamos preocupados. É bem menos provável que você morra por ter perdido alguns dedos.

– Bom, ótimo saber. E não são “alguns dedos”. São os MEUS dedos.

Enquanto conversávamos, uma enfermeira tirava delicadamente as ataduras do meu pé. Engoli em seco, com medo de vomitar mais uma vez.

Você já participou daquela brincadeira em que você se deita de bruços com os olhos fechados e alguém puxa seus braços esticados acima da cabeça e depois os abaixa bem devagar, o que dá a impressão de que eles estão afundando em um buraco?

Essa era a sensação. Meu cérebro não conseguia assimilar o que via, o que sentia e sabia que era verdade. Meus dedos estavam ali. Eles *estavam ali*. Mas, diante dos meus olhos, havia um corte diagonal

curioso – dois tocos minúsculos arrancados em uma linha reta, como se alguém tivesse feito isso meticulosamente com uma lâmina.

– Agora – disse o Dr. Ed –, saiba que você é, na verdade, muito sortuda, porque, se tivesse perdido o dedão ou o dedinho, teria problemas sérios de equilíbrio...

Olhei para ele como se ele estivesse falando grego.

– Eu definitivamente não me sinto sortuda.

– Imagine se você fosse eu – falou uma voz de trás da cortina ao lado, onde a Sra. Shawcourt esperava pela próxima sessão de quimioterapia.

De repente, do nada, nós duas começamos a rir.



Fiquei no hospital por mais três semanas. Muitos amigos foram me visitar, disseram que eu tinha aparecido no jornal, perguntaram se podiam ver (não; mesmo quando trocavam o curativo, eu não conseguia olhar para os meus dedos) e me mantiveram a par dos acontecimentos sociais – o que me fez perceber que, de repente, eu não tinha mais interesse neles. Na realidade, a única pessoa com quem eu conseguia conversar era a Sra. Shawcourt, mas é claro que ela disse para chamá-la de Claire, algo com que precisei me acostumar e que fez com que eu me sentisse um pouco adulta demais. Ela tinha dois filhos que iam visitá-la, e eles sempre pareciam ter pouco tempo, mas as noras dela eram muito gentis e sempre me davam suas revistas de fofocas, porque Claire não gostava muito desse tipo de leitura. Um dia eles levaram duas garotinhas, que ficaram muito assustadas com os fios, o cheiro e o barulho dos aparelhos. Foi a única vez que vi Claire realmente triste.

No resto do tempo, nós conversávamos. Bom, *eu* falava. Principalmente sobre como estava entediada e como nunca mais ia conseguir andar direito. Uma coisa que eu nunca tinha pensado – a não ser quando ia na pedicure, e na verdade nem assim – era que os dedos dos pés eram irritantemente úteis para a locomoção. E o mais vergonhoso era que eu tinha que usar a mesma sala de fisioterapia que as pessoas com ferimentos traumáticos terríveis e em cadeiras de rodas e coisas do tipo. Eu me sentia a maior das fraudes, marchando de um lado para outro em barras paralelas com um ferimento que a maioria delas achava engraçado. Então eu não tinha muito motivo

para reclamar. Mas reclamava.

Claire entendia. Ela era uma companhia tão agradável... Às vezes, quando minha ex-professora estava se sentindo muito mal, eu lia para ela. O problema era que a maioria de seus livros era em francês.

– Não sei ler isso – falei na primeira vez.

– Deveria saber – respondeu ela. – Você foi minha aluna.

– É... – resmunguei.

– Você era uma boa aluna. Demonstrava muita aptidão, eu me lembro.

Naquele instante, meu boletim do primeiro ano surgiu na minha cabeça. Em meio aos “não se dedica” e “poderia se sair melhor”, de repente lembrei que minhas notas em francês eram boas. Por que não me dediquei?

– Eu achava que a escola não servia pra nada – expliquei.

Claire balançou a cabeça.

– Mas eu conheci seus pais, eles são adoráveis. Sua família é ótima...

– É que você não precisa morar com eles.

Depois de falar isso, me senti culpada por ter sido maldosa. Eles iam me visitar todos os dias, embora, segundo as reclamações constantes do meu pai, o preço do estacionamento fosse um absurdo.

– Você ainda mora com eles? – indagou Claire, surpresa, e eu fiquei um pouco na defensiva.

– É. Morei com meu namorado por um tempo, mas ele acabou se revelando um idiota, então voltei a morar com meus pais, só isso.

– Entendo. – Claire olhou para o relógio. Ainda eram nove e meia da manhã. Já estávamos acordadas havia três horas e o almoço era só ao meio-dia. – Se você quiser... também estou entediada. Se eu te ensinasse francês, você poderia ler para mim. E eu me sentiria menos como uma ameixa gigante careca e doente que não faz nada além de pensar no passado e se sentir velha, idiota e inútil. O que acha?

Olhei para a revista em minhas mãos, que tinha uma foto enorme da bunda da Kim Kardashian. E ela tinha dez dedos nos pés.

– Ok, eu topo – respondi.



– Não é nada – disse o rapaz, erguendo a voz para se fazer ouvir por sobre a brisa espessa do mar, as buzinas das balsas e o barulho do trem. – É minúsculo... veja, La Manche. Dá para atravessar a nado.

Isso não ajudou a conter a maré de lágrimas que escorria pelo rosto da garota.

– Eu atravesso – afirmou ela. – Vou atravessar por você.

– Você vai voltar, terminar os estudos, fazer coisas incríveis e ser feliz.

– Eu não quero. Quero ficar aqui com você.

O rapaz fez uma careta e tentou, com beijos, conter as lágrimas dela, que pingavam no uniforme novo e estranhamente brilhante dele.

– Bem, eles vão me fazer marchar para cima e para baixo sem parar, sabia? E eu serei um idiota com mais nada para fazer e pensar a não ser em você. Ssh, bout de chou. Sssh. Vamos ficar juntos de novo, você vai ver.

– Eu te amo – disse a garota. – Nunca mais vou amar tanto alguém em toda a minha vida.

– Também te amo. Eu te adoro e vou te ver de novo. Vou escrever cartas e você vai terminar os estudos. Tudo vai ficar bem, você vai ver.

Os soluços da garota começaram a silenciar.

– Não consigo... Eu não aguento – afirmou ela.

– Ah, querida. A vida é isto: a necessidade de aguentar as coisas. – Ele enterrou o rosto no cabelo dela. – Alors, meu amor. Volte logo.

– Vou voltar – prometeu a garota. – É claro que vou.



Capítulo dois

Meus dois irmãos pararam de me visitar assim que ficou claro que eu não ia morrer. Eu os amava, mas, aos 22 e aos 20 anos, você tem muitas outras coisas para fazer que não envolvem conversar com a irmã mais velha esquisita que está no hospital sobre o acidente esquisito que ela sofreu. Cath, que Deus a abençoe, é claro que ela foi ótima, eu não teria conseguido enfrentar isso sem a minha amiga, mas ela trabalhava muito no salão de beleza, que ficava a 45 minutos de ônibus do hospital, então não podia ir me visitar com tanta frequência, mas eu ficava muito feliz quando ela aparecia.

Cath gostava de me contar quem tinha ganhado o título de pior penteado da semana e como tinha tentado convencer a pessoa a fazer algo diferente. Mas a cliente insistia assim mesmo, louca para copiar a Shakira ou alguém de algum programa de televisão, ainda que seu cabelo fosse castanho, oleoso e curto, e não fosse aguentar os apliques, o que significava que a tal cliente voltaria em uma semana gritando e ameaçando processar o salão porque o pouco cabelo que restava estava caindo.

– Eu aviso, mas elas não me escutam. Ninguém me escuta – reclamou Cath.

Ela me obrigou a me olhar no espelho do banheiro e dizer a mim mesma que ia ficar tudo bem. Eu estava horrível. Meus olhos estavam sempre vermelhos por causa dos antibióticos e às vezes também pareciam meio amarelados. Meu cabelo cacheado que, graças a Cath, costumava ser loiro estava agora com a raiz aparecendo, além de estar cheio de frizz e todo sem jeito. Minha pele pálida tinha a cor e a textura do mingau do hospital. Cath tentava me dizer coisas animadoras, primeiro porque ela é assim, e depois porque precisa dizer essas coisas o tempo todo no salão para mulheres que chegam

fazendo pedidos impossíveis de serem atendidos.

Então em boa parte do tempo éramos só eu e Claire. Era uma situação estranha, porque ficamos íntimas muito mais rápido do que eu imagino que teria acontecido em outro contexto. Mas também percebi, um pouco chocada, que eu me sentia realmente feliz por não estar mais com Darr. Ele era um cara legal e tudo, mas não gostava muito de conversar. Se ele tivesse que me visitar todos os dias, seria um desastre. Aposto que no terceiro dia estaríamos falando só de batata frita e do Manchester City. Sem a possibilidade de pegação (eu ainda tinha um tubo no braço e outro no buraco do xixi – desculpe – e, mesmo que não tivesse, o fato de ter apenas oito dedos nos pés tornava a ideia de me sentir sexy de novo algo bastante improvável), não sei bem se teríamos continuado juntos.

Ficar doente colocou as coisas em perspectiva. Fiquei destruída quando terminamos (ele vinha dando em cima de várias mulheres e, em uma cidade do tamanho de Kidinsborough, essas coisas não ficavam em segredo por muito tempo. Seu argumento de defesa – que nunca teve sucesso – não o ajudava), mas agora a única coisa de que eu sentia falta era o pequeno apartamento que tínhamos alugado juntos.

De qualquer forma, Darr deu ao meu irmão Joe uma caixa de chocolates para me entregar (que Joe comeu no mesmo instante, afinal ele tem 20 anos) e me mandou mensagem perguntando se eu estava bem. Acho que até existe a chance de ele me querer de volta, com ou sem todos os dedos. Ouvi dizer que suas investidas como solteiro estavam sendo tão malsucedidas quanto quando ele estava comigo, mas isso pode ter sido coisa da Cath para fazer com que eu me sentisse melhor.

Sem Claire, acho que eu teria enlouquecido de tanto tédio. Eu havia comprado um celular barato seis meses antes e agora me arrependia por não ter uma distração melhor que o jogo da cobrinha. Li muitos livros, mas há uma diferença entre ler um livro quando se está cansado depois de trabalhar o dia todo e desesperado para entrar na banheira e ler algumas páginas tomando uma xícara de chá, mesmo que seu irmão de 20 anos fique socando a porta e gritando sobre gel de cabelo, e ler um livro porque não se tem mais nada para fazer.

Além do mais, eu estava tomando muitos remédios e era um pouco difícil me concentrar. Tinha uma televisão no canto da enfermaria que estava sempre no último volume, mas ficava no mesmo canal o dia

tudo e eu cansei de assistir reality shows com pessoas escandalosas gritando umas com as outras, então eu punha os fones de ouvido. Era muito bom receber visitas, mas eu não tinha nada para dizer a elas além de quanto fluido a ferida estava drenando e outras coisas nojentas, então não gostava muito de conversar.

As enfermeiras eram muito engraçadas, mas estavam sempre com pressa. Os médicos pareciam muitas vezes esgotados e a maioria deles não se mostrava muito interessada – sim, todos estavam interessados no meu pé, mas do tornozelo para cima parecia que não viam nada, meu pé poderia estar acoplado a um gato que ninguém perceberia. E as outras mulheres internadas ali eram velhas. Muito, muito velhas. Do tipo que fazia perguntas como: “Onde estou? Estamos em guerra?” Eu sentia pena delas e de suas famílias ansiosas e exaustas vindo todos os dias para ouvir “Não houve nenhuma mudança”, mas eu não conseguia me comunicar com elas. Nunca tinha percebido que pessoas jovens – mais ou menos jovens – não ficam doentes com tanta frequência. E, quando ficam, vão ou para a ala cirúrgica, para que cortem pedaços glamourosos do seu corpo, ou para a emergência, se recuperar de uma noitada fabulosa que saiu um pouco do controle. Praticamente nunca vêm aqui para a enfermaria, onde ficam os pacientes idosos que têm um milhão de problemas de saúde e nenhum outro lugar aonde ir.

Por isso, era um alívio absoluto me sentar calmamente com Claire e repetir, várias vezes, *avoir* e *être*, lembrar a diferença entre o passado simples e o passado composto e aprender a pronunciar os erros da forma certa.

– Você precisa treinar muito sua pronúncia – disse ela, inúmeras vezes. – Seja francesa. Tenha o sotaque francês mais francês de todos. Imita um Inspetor Clouseau exagerado e gesticule bastante.

– Eu me sinto uma idiota – retruquei.

– É normal se sentir assim até falar em francês e um nativo conseguir entender você.

Praticamos com livros infantis, cartões didáticos e trechos de provas. Foi bom perceber que Claire também estava curtindo, muito mais do que as conversas breves e desconfortáveis que tinha com os filhos – descobri que ela era divorciada havia bastante tempo.

Por fim, certo dia, como um músico ainda hesitante pegando um instrumento, começamos a conversar um pouco – dolorosamente – em francês. Eu tinha mais facilidade para ouvir do que para falar, mas

Claire tinha uma paciência inesgotável e era tão gentil ao me corrigir que eu não conseguia acreditar em como tinha sido burra de não prestar mais atenção naquela professora maravilhosa quando tive a oportunidade.

– *Est-ce que tu habitait en France?* Você morou na França? – perguntei devagar em uma manhã úmida de primavera.

Os botões verdes nas árvores lá fora pareciam estar gostando da chuva, mas eles eram os únicos. Dentro do hospital a temperatura era sempre a mesma, uma nave hermeticamente fechada e desconectada do mundo exterior.

– Há anos – respondeu ela, sem me encarar. – E por pouco tempo.



1971–1972

Claire sabia que era a forma mais tola de se rebelar. Mal estava se rebelando, na verdade. Mas mesmo assim. Sentou-se à mesa do café da manhã, olhando fixamente para o mingau. Com 17 anos, era velha demais para comer mingau, sabia disso. Preferia só tomar café, mas essa não era uma batalha que estava preparada para enfrentar. Quanto à outra questão, no entanto...

– *Você não vai à minha igreja usando isso.*

“Isso” era a calça que Claire comprara com suas economias. Tinha trabalhado como vendedora temporária em uma loja no fim do ano. Seu pai teve muita dificuldade em aceitar o fato de que, embora a filha estivesse disposta a dar duro (o que ele achava muito importante), o trabalho seria em um covil de imoralidade que comercializava roupas de meretriz. Sua mãe, como de costume, devia ter conversado com ele a sós. Ela jamais ousaria contradizer o reverendo Marcus Forest em público. Poucos fariam isso.

Claire olhou para as pernas revestidas de jeans. Tinha passado a vida inteira completamente fora de moda. O pai achava que moda era uma via expressa para o sofrimento eterno. Em vez disso, a mãe fazia aventais, saias longas e vestidos para Claire usar aos domingos.

Mas o trabalho fizera com que a jovem Claire abrisse os olhos, com que se sentisse mais adulta. As outras garotas da loja tinham cerca de 20 anos e eram espertas. Falavam sobre boates, garotos, maquiagem (estritamente proibida na casa dela) e achavam a vida de Claire (todos conheciam o

reverendo) curiosíssima. As garotas mais velhas e mais sofisticadas a acolheram, fizeram com que se vestisse de acordo com a última moda, valorizando seu corpo e seu cabelo loiro natural, que Claire sempre achou que lhe dava uma aparência desbotada (embora não houvesse muitos espelhos em casa para que pudesse se ver). Nunca tinha sido convidada para sair por um garoto da escola. Dizia a si mesma que era por causa do pai, mas, no fundo, tinha medo de que o motivo fosse outro. Talvez fosse quieta demais, desinteressante, e o cabelo e as sobrancelhas pálidas às vezes a faziam se sentir quase invisível.

Conforme os dias na loja passavam, foi ficando mais ousada. Isso acabou mal em um fim de semana quando o pai tentava escrever o sermão de Natal e ela chegou em casa com uma maquiagem pesada nos olhos, pintados em verde-esmeralda e esfumados de marrom, com – o que era mais chocante – as sobrancelhas coloridas de marrom-escuro com um lápis que uma das garotas tinha arrumado. Claire olhou sem parar o reflexo no espelho daquela criatura estranha e misteriosa que tinha se tornado. Não era mais pálida e sem cor. Não parecia magra e sem curvas. Era esbelta e glamourosa. Cassie afastou o cabelo claro do rosto de Claire e prendeu a franja infantil, e isso fez com que parecesse mais velha. Todas as garotas curtiram e insistiram que Claire saísse com elas no sábado seguinte.

Claire achava melhor não.

O pai se levantou.

– Vá tirar isso da cara – disse ele, cansado. – Não vai ficar assim debaixo do meu teto.

O pai não ficou bravo nem gritou. Nunca ficava, ele não era assim. Apenas dizia à filha exatamente como as coisas tinham que ser. Na cabeça de Claire, a voz do pai e a voz de Deus, em quem ela acreditava piamente, eram a mesma. Não havia dúvidas.

A mãe a seguiu até o banheiro de cor verde-abacate e lhe deu um abraço.

– Você está linda – falou, enquanto a filha limpava o rosto com força. – Sabe, em um ou dois anos você vai poder ir embora para estudar secretariado ou pedagogia, e então vai poder fazer o que quiser. Não é muito tempo de espera, querida.

Mas, para Claire, parecia uma eternidade. Todas as outras garotas podiam se arrumar, sair e ter namorados com carros antigos minúsculos ou motocicletas aterrorizantes.

– Esse emprego... achei que fosse uma boa ideia, mas... – A mãe de Claire balançou a cabeça. – Você sabe como ele é. Isso está deixando seu

pai louco. Só achei que você precisava de um pouco de independência...

Mais tarde naquela noite, Claire ouviu os pais sussurrando no andar de baixo. Percebeu, pelo tom, que a conversa era sobre ela. Às vezes era difícil ser filha única. O pai parecia tratá-la como alguém que estava sempre se metendo em confusão, o que a deixava irritada. A mãe fazia o que podia, mas, quando o reverendo ficava de mau humor, isso podia durar dias e deixava o clima na casa bem pesado. Ele estava acostumado com as duas mulheres de sua vida cumprindo suas ordens sem questionamentos. Mas Claire desejava, mais do que qualquer outra coisa, um pouco de liberdade.

O trabalho temporário acabou no início de janeiro. A loja propôs que ela continuasse aos sábados, e Claire estava doida para aceitar, mas não valia o sofrimento. Então seguiu se dedicando muito à escola, embora soubesse que não ia para a faculdade. O reverendo não era fã da ideia de mulheres frequentando a faculdade e queria que a filha ficasse perto de casa, em vez de ir para York ou Liverpool. Às vezes, tarde da noite, quando os pais já tinham ido dormir, ela ficava acordada assistindo ao filme que estivesse passando na BBC2, sentindo um ligeiro aperto de pânico no coração ao pensar que ficaria em Kidinsborough para sempre, vendo os pais envelhecerem.

Dois meses depois, no início de março, a mãe entrou na cozinha pela manhã com uma expressão de cumplicidade e um envelope nas mãos. O envelope era azul-claro com listras vermelhas e azuis nas bordas, e viam-se nele letras manuscritas de aparência exótica.

– Bom, está decidido – afirmou ela, quando o reverendo ergueu os olhos de sua metade de toranja.

– O quê? – rosnou ele.

– O verão. Claire foi convidada para ser au pair. – A expressão era desconhecida para Claire. – Você vai ser babá – explicou a mãe. – Da minha amiga por correspondência.

– Aquela francesa? – perguntou Marcus, dobrando o jornal. – Pensei que vocês não se conhecessem pessoalmente.

– Não nos conhecemos – respondeu Ellen, orgulhosa.

Claire olhou de um para o outro. Não sabia nada sobre aquilo.

– Quem é?

– O nome dela é Marie-Noelle e somos amigas por correspondência desde a época da escola – explicou Ellen, e Claire de repente se lembrou dos cartões de Natal que chegavam todos os anos e diziam “Meilleurs Voeux”. – Continuamos trocando cartas... de vez em quando, é claro, não com tanta frequência. Mas eu sei que ela tem dois filhos pequenos agora, e

escrevi perguntando se gostaria de recebê-la durante o verão. E Marie concordou! Você vai cuidar das crianças. Ela tem uma ajudante para os serviços da casa, diz aqui... Meu Deus! – O rosto da mãe ficou um pouco tenso e em seguida ela acrescentou: – Espero que eles não sejam muito chiques.

Ela olhou em volta do vicariato, que era bonito, mas tinha móveis simples. O salário de um homem da igreja não era lá muito bom, e Claire sabia que não devia esperar coisas novas.

– Não importa se são chiques. São pessoas decentes? – indagou Marcus.

– Ah, sim – respondeu Ellen, animada. – Tem um garotinho e uma garotinha: Arnaud e Claudette. Não são os nomes mais lindos?

O coração de Claire começou a acelerar.

– Onde... onde na França?

– Ah, me desculpe, onde estou com a cabeça? Em Paris, é claro.



Capítulo três

A indenização da fábrica de chocolates, que, na verdade, era um pequeno gesto de boa vontade, não mudou minha vida. Aliás, não mudou quase nada depois que paguei o cartão de crédito. Até me perguntei se não deveria ter recebido mais, já que agora andava mancando e quase tinha morrido, mas a fábrica alegou que essa parte era responsabilidade do hospital, e o hospital falou que eu estava melhorando agora e que ajudar na minha recuperação era tecnicamente tudo o que eles podiam fazer. Expliquei ao Dr. Ed que, na verdade, se o hospital não tivesse me deixado ficar tão doente, a equipe médica poderia ter reimplantado meus dedos. Ele sorriu, fez carinho no meu cabelo, como os médicos na televisão fazem, e disse que, se eu tivesse qualquer pergunta, podia fazer, o que me deixou muito confusa, porque eu achava que tinha acabado de fazer uma. O Dr. Ed sorriu outra vez, deu uma piscadela e foi, quase flutuando, se sentar na cama da Claire.

Era hora de ir para casa. Depois de sonhar com a liberdade por tanto tempo, de repente percebi que, na verdade, não queria ir. Ou melhor, que seria estranho perder os dias institucionalizados de remédios, refeições e fisioterapia e não ter que me preocupar com mais nada além da minha recuperação.

Agora eu tinha que enfrentar o mundo outra vez e arranjar um novo emprego (era parte do acordo eu não voltar para a Braders, imagino que para não correr o risco de sofrer outro acidente raríssimo. Verdade seja dita, eu achava que estaria mais segura que qualquer outra pessoa, estatisticamente falando).

E eu ia sentir falta da Claire. Estávamos conversando cada vez mais em francês, para o incômodo de quase todo mundo, e era, de verdade, a única coisa boa da minha vida: demonstrar que era capaz de

aprender alguma coisa, que tinha uma nova habilidade. Todo o resto era um horror. Não havia nenhum emprego disponível, e eu sabia disso. Cath sugeriu que eu ficasse varrendo o salão, mas o salário era uma mixaria e eu ainda não estava tão boa em me curvar sem cair. O fato de ter perdido peso poderia, a princípio, ser considerado uma vantagem, só que eu não recomendaria meu método de perda de peso a ninguém.

Contei a Claire sobre minhas preocupações e ela fez uma expressão reflexiva.

– Andei pensando... – começou ela.

– Em quê?

– Bom, eu conhecia... conhecia uma pessoa em Paris que trabalhava no ramo de chocolates. Mas isso faz muito tempo. Não sei o que ele faz agora.

– Aaah! Um flerte da juventude?

Seu rosto fino corou um pouco.

– Não acho que seja da sua conta.

– Vocês eram loucamente apaixonados?

Já tínhamos intimidade suficiente para que eu pudesse provocá-la, mas Claire às vezes ainda respondia com um brilho professoral nos olhos. Como agora.

– Ele não é... – ela se perdeu em pensamentos, olhando pela janela – ... muito bom em escrever cartas. Mas vou tentar. Vou pedir ao Ricky que use aquele negócio de e-mail quando ele vier. Dá para encontrar qualquer pessoa hoje em dia, não é?

– Dá, sim. Mas, se ele é seu amigo, por que faz tanto tempo que você não vai a Paris?

Claire contraiu os lábios.

– Bom, eu estava ocupada criando uma família. E tinha um emprego. Não podia simplesmente pegar um avião sempre que me desse vontade.

– Hum... – falei, desconfiada.

De repente ela ficou irritada.

– Mas você pode! Você pode fazer o que quiser.

Eu ri.

– Acho que não. E agora, ainda por cima, eu manco...



Não senti realmente o impacto emocional do acidente até voltar para a casa dos meus pais. No hospital, eu era... bem, especial, acho. Recebia flores e presentes e era o centro das atenções. As pessoas me levavam remédios e perguntavam como eu estava, e, embora o quadro geral fosse meio horrível, estavam cuidando de mim.

Mas minha casa... era só a minha casa. Meus irmãos chegando tarde da noite fazendo algazarra, resmungando por terem que dividir o quarto comigo de novo, minha mãe se intrometendo na minha vida, fazendo previsões catastróficas sobre minhas chances de arranjar um emprego e temendo que cortassem a pensão por invalidez. Eu dizia para ela não falar bobagem e que eu não era inválida, e aí nós duas olhávamos para as minhas muletas e ela suspirava outra vez.

Meu reflexo no espelho: os olhos azul-claros pareciam muito cansados; o cabelo quase loiro, sem as luzes habituais feitas por Cath, parecia sem cor; eu tinha perdido peso e, como fiquei muito tempo sem me mexer, estava flácida. Antes eu adorava me maquiar e me arrumar para sair à noite, mas isso não acontecia havia tanto tempo que tinha esquecido como era, e os remédios haviam deixado minha pele muito ressecada.

Foi nesse momento que fiquei triste de verdade. Chorava na minha cama de solteiro, acordava cada vez mais tarde, fui perdendo o interesse por exercícios físicos e as histórias das minhas amigas sobre namorados novos, desavenças e coisas do gênero agora pareciam completamente irrelevantes. Sabia que meus pais estavam preocupados comigo, só não sabia o que fazer em relação a isso. Parecia que meu pé estava se curando devagar, mas eu sentia meus dedos o tempo todo. Eles coçavam, pinicavam, doíam e eu ficava acordada à noite olhando para o teto, ouvindo a caldeira fazer os mesmos barulhos que fazia desde a minha infância e pensando: E agora? E agora?



1972

A mãe quis acompanhá-la, quis que tivessem um “dia das garotas” em Londres, mas o reverendo pareceu muito desconfiado. Aparentemente, os inferninhos de Paris não deviam ser tão imorais quanto o covil de perversidade que era Londres – ele não entendia muito bem o ano de 1972,

pensou Claire. O pai exigiu numerosas e repetidas garantias, tanto da esposa quanto de madame Lagarde ao telefone, de que a casa era tradicional e rigorosa e de que não haveria mais nada além de cuidar de crianças e aprender um segundo idioma, um refinamento que o reverendo aprovava em senhoritas. Então, após inúmeras listas e ameaças sobre como a filha deveria se comportar – Claire já estava morrendo de medo da madame Lagarde, imaginando-a elegante, rica e exigente, e não sabia como lidaria com crianças pequenas com as quais mal conseguiria conversar –, ele a levou à estação sob um céu que ameaçava desabar em forma de chuva.

Rainie Collender, a valentona da escola, a encurralara antes do fim das aulas.

– Está indo ficar ainda mais esnobe? – perguntou a garota, e bufou.

Claire fez o que sempre fazia. Manteve a cabeça baixa enquanto as amigas de Rainie caíam na gargalhada e se afastou o mais rápido possível para tentar fugir do olhar das meninas. Quase nunca dava certo. Claire não via a hora de entrar de férias. Por mais que a ideia de cuidar dos pirralhos franceses a apavorasse, devia ser melhor do que ficar presa em Kidinsborough.

Quando o trem saiu da estação Crewe, ela abriu o pote de plástico, nervosa, agitada e tomada pela sensação de estar indo embora, partindo por conta própria em uma jornada de grande importância.

Dentro do pote havia um bilhete da mãe, que dizia “Divirta-se muito”. Não “Comporte-se” nem “Não se esqueça de manter tudo limpo” ou “Não saia sozinha”. Só “Divirta-se muito”.

Claire era uma garota de 17 anos bastante ingênua. Nunca tinha pensado na vida da mãe para além do fato de que ela estava ali providenciando refeições, lavando roupas, concordando com o reverendo sempre que ele tinha algo novo a dizer sobre os jovens de cabelo comprido e valores hippies que haviam se espalhado até mesmo por Kidinsborough. A possibilidade de a mãe ter inveja dos tais jovens nunca tinha passado pela cabeça de Claire.



Claire estava nervosa ao entrar na balsa, morrendo de medo de não saber o que fazer. O espaço era enorme. O único transporte aquático em que já tinha andado fora o pedalinho em Scarborough. Aquela grande embarcação branca lhe parecia romântica – o cheiro do diesel, o toque da

buzina quando a balsa partiu lentamente do terminal imenso de Dover, cheia de pessoas com ar aventureiro e caminhonetes com barracas e sacos de dormir empilhados e, o que era ainda mais exótico, carros Citroën 2CV com franceses de verdade abrindo suas cestas de piquenique (muito mais exóticos que os sanduíches de patê de carne de Claire) com garrafas de vinho, taças e palitinhos crocantes. Olhou em volta, assimilando tudo aquilo, então foi até a frente da embarcação – era um dia de vento forte, com nuvens espessas atravessando o céu apressadamente – e, ávida, olhou para trás, na direção da Inglaterra – era a primeira vez que saía de lá –, e depois para a frente, em direção à França. Pensou que quase nunca tinha se sentido tão viva.



Claire deixara uma mensagem de voz no meu celular: “Venha tomar um café.” Ela tinha recebido alta temporariamente e parecia um pouco ofegante e hesitante. Retornei a ligação e combinamos de nos encontrar no aconchegante café da livraria, onde achei que Claire se sentiria mais confortável.

Patsy, sua nora gentil, a deixou lá e a fez prometer que não compraria muitos livros. Claire revirou os olhos quando a nora foi embora e disse que a amava, mas que todos pareciam pensar que o fato de estar doente a deixava automaticamente com 4 anos de idade. Depois lembrou que não precisava me dizer aquilo e nos divertimos fazendo imitações do Dr. Ed sentado na cama manifestando sua compaixão.

Então houve uma pausa durante a qual, em uma conversa normal, alguém diria “Você está ótima”, ou “Você cortou o cabelo”, ou “Que aparência saudável”, mas nenhuma de nós duas foi capaz de falar nada. No hospital, com os lençóis branquinhos e o pijama creme impecável, Claire não parecia saudável, mas não destoava de ninguém. Em público, parecia péssima. Tão magra que poderia quebrar, com um lenço na cabeça amarrado de forma tão engenhosa que só servia para anunciar “Tenho câncer há tanto tempo que me especializei em amarrar lenços” e um vestido elegante que ficaria lindo se não estivesse tão largo. Ela parecia... nossa, Claire parecia doente.

Eu me levantei para pegar café e bolo de chocolate para nós duas, apesar de ela ter dito que não queria nada. Garanti que ela ia querer

quando experimentasse as delícias caseiras dali. Claire abriu um breve sorriso e afirmou que, claro, seria ótimo, com uma expressão que não enganava ninguém. Senti seus olhos em mim enquanto mancava até lá. Ainda não estava confiante com a bengala e tinha decidido me livrar dela. Cath tentava me convencer a sair, afirmando que todo mundo estava louco para saber de tudo o que tinha acontecido, mas isso me deixava apavorada. Só que eu precisava muito dar um jeito no cabelo. E precisava também de roupas novas. Eu estava com uma calça jeans velha horrorosa e uma camiseta listrada, uma combinação que não tinha exigido o menor esforço, e isso era nítido.

– Então... – começou Claire quando eu voltei.

A moça atrás do balcão tinha concordado em trazer a bandeja, graças a Deus. Nós duas trocamos um olhar.

– Canto dos debilitados – expliquei, e Claire sorriu.

A moça não sorriu de volta. Acho que ela estava preocupada que fôssemos vomitar ou cair em seu lindo café. Mas o bolo de chocolate estava especialmente bom e valeu todos os olhares estranhos que recebemos.

– Então – repetiu Claire. De repente ficou um pouco corada e pareceu animada. – Recebi uma carta.

– Uma carta de verdade? – perguntei, impressionada.

Eu nunca recebia cartas, só mensagens de Cath pelo celular sobre seu paquera da vez.

Claire assentiu.

– Bem, está mais para um cartão-postal... Enfim, ele respondeu que está, sim, precisando de alguém na fábrica. E tem um apartamento onde você pode ficar. – Ao reparar na minha expressão de completa surpresa, acrescentou: – O que foi?

– Bom, eu não... não achei que fosse mesmo fazer isso – falei, deslumbrada e admirada. – Quer dizer, ter esse trabalho todo.

– Foram duas cartas. Espero que essa não seja sua ideia de trabalho duro. Falei muito bem de você.

– Ops.

Ela sorriu.

– Foi... foi bom saber dele depois de tanto tempo.

– Isso definitivamente foi um romance – afirmei.

– Isso definitivamente foi há muito tempo – retrucou Claire com firmeza, a voz de professora de volta.

– Você não quer ir?

– Ah, não – apressou-se em dizer. – Essa época da minha vida passou, já teve um ponto final. E já tenho responsabilidades suficientes. Mas você ainda é jovem...

– Tenho 30 anos – resmunguei.

– Jovem – repetiu Claire, com rispidez. – Muito jovem.

Os dois filhos de Claire não eram muito mais velhos do que eu e estavam casados, bem estabelecidos e bem empregados. Eu achava que, na comparação, eu não dava nem para a saída.

– Então, como é essa fábrica? – perguntei, mudando de assunto.

– Ah, deve ter mudado um pouco – respondeu ela, com uma expressão sonhadora. Depois voltou a si. – Enfim, não é uma fábrica, está mais para um ateliê... uma oficina. Le Chapeau Chocolat.

– O Chapéu de Chocolate? Parece... quero dizer, eles fazem mesmo chapéus de chocolate?

Claire me ignorou.

– Eles têm uma vaga para você de faz-tudo em horário comercial. Arranjei um quarto onde você pode ficar. Aquela área de Paris é muito cara, incrivelmente cara, então esse quarto vai ser uma mão na roda. Eles disseram que têm bastante trabalho até outubro, então você poderia ficar até lá. Quando voltar para o Reino Unido, as lojas estarão se preparando para o Natal. Tenho certeza de que vai conseguir um emprego nessa época.

– Eles não comemoram o Natal na França?

Claire sorriu para mim.

– Sim, mas não é essa obsessão louca que é aqui. São só algumas ostras e um tempo com a família, e é isso.

– Parece horrível – observei, um pouco irritada de repente.

Parecia que estavam me impondo algo, não se preocupando comigo e me mimando.

– É uma delícia – disse Claire, o rosto fino assumindo uma expressão sonhadora outra vez. – A chuva cai no asfalto, as luzes ficam embaçadas sobre as pontes e as pessoas se reúnem em frente à lareira...

– E comem ostras. Eca.

Claire tirou os óculos e esfregou os olhos, que pareciam doloridos.

– Bom, acho que é uma oferta bem generosa, considerando que ele não conhece você.

– E o francês? – perguntei, soando um pouco assustada. – Não vou conseguir entender nada.

– Não seja boba, você está se saindo muito bem.

– Sim, mas conversando com você. Os franceses vão falar assim: zuba zuba zuba zuba zuBÁ a cem milhas por hora. Cem quilômetros por hora – eu me corrigi, deprimida.

Claire riu.

– O truque é não entrar em pânico. Confie que seu cérebro vai saber o que as pessoas estão dizendo. Além disso, elas falam tanta besteira em francês quanto em inglês. Elas se repetem o tempo todo, assim como as pessoas daqui. Não se preocupe.

De repente um pensamento me veio à cabeça.

– Ele fala inglês?

Claire abriu um sorriso tímido.

– Nem uma palavra, que eu me lembre.



1972

O bigode foi a primeira coisa que reparou nele, não porque era incomum – muitos homens tinham bigode na época, e também costeletas compridas e desgrenhadas, que ele também tinha –, mas porque tinha chocolate nas pontas. Claire piscou, sem acreditar.

– O que foi? – perguntou ele no mesmo instante, erguendo as sobrancelhas para ela. – O quê? Já sei... você não está acreditando que um homem tão galante tenha entrado por aquela porta?

Claire riu involuntariamente. Com o cabelo escuro grosso e encaracolado, olhos castanhos provocantes e corpo robusto, ele era sem dúvida atraente, mas galante não. Principalmente não ao estilo francês tradicional, de homens elegantes e bastante refinados. Não havia nada de refinado naquele homem. Ele lembrava um pouco um urso perdido.

– Do que está rindo? Você não acha que eu sou galante? Hein? Qual é a graça nisso? – quis saber ele, fingindo estar muito ofendido.

Claire estava parada perto da porta, sem jeito, havia quase uma hora, esperando que madame Lagarde decidisse ir embora. Os anfitriões eram muito educados, e não os tiranos que ela temia e que o pai esperava que fossem, mas eles também consideravam Claire privilegiada por poder participar de sua vida social.

Porém, ela achava tudo de uma sofisticação incompreensível e vivia tendo crises de nervos. Não fazia ideia do que dizer. Havia jovens de boina

discutindo acaloradamente sobre o comunismo, mulheres esbeltas e deslumbrantes fumando e erguendo a sobancelha para os homens de vez em quando ou mencionando quão enfadonhas tinham sido determinadas exposições. Claire não era festeira, mesmo com pessoas que conhecia. Paris a impressionava todos os dias com sua beleza desconcertante, mas seus habitantes a deixavam apavorada.

Ela tratava a situação como uma extensão das aulas de francês e tentava ouvir o máximo possível, mas, em sua cabeça, aquelas pessoas eram claramente adultas. E ela claramente não era. Aos 17 anos, não se sentia nem lá nem cá, e a diversão e o glamour lhe davam cada vez mais a impressão de ser uma caipira sem educação. Claire achava difícil acompanhar o que as pessoas diziam – elas falavam tão rápido... Vivia deslumbrada com o fato de todos se vestirem bem, tão diferentes de sua mãe. Ainda por cima, todos falavam sobre exposições a que tinham ido e sobre escritores que tinham conhecido, e tagarelavam sem parar sobre comida. Era exaustivo. Todos se interessavam pela garota inglesa da casa dos Lagardes – ela era bonita e parecia amável –, mas Claire ficava muda que nem uma porta. Percebia que madame Lagarde, que era muito bonita e se vestia muito bem, não se impressionava muito com esse estilo de vida, mas para Claire, depois de Kidinsborough e do presbitério, Paris era avassaladora.

Esse cara, por outro lado, era diferente. Tinha um brilho travesso nos olhos que não conseguia esconder.

– Não foi minha intenção – disse Claire, escondendo a boca com a mão para que ele não visse que estava rindo.

– Ah! Uma inglesa! – exclamou ele no mesmo instante, dando um passo para trás, como se estivesse maravilhado. – Enchanté, mademoiselle! Muito obrigado por visitar nosso remanso.

– Você está caçoando de mim – disse Claire, tentando corresponder ao tom bem-humorado do desconhecido.

– Impossível, mademoiselle! Sou francês, então é claro que não tenho senso de humor.

– O que é isso no seu bigode?

Ele fez uma cara engraçada tentando enxergar.

– Não sei. Seria meu senso de humor?

– É marrom.

– Ah, é claro... é meu trabalho.

Isso não fez sentido para Claire, mas, nessa hora, o anfitrião da festa se virou e notou o recém-chegado. Marilhado, ele se aproximou e o afastou

dali, para apresentá-lo a todos. Eles pareciam muito mais satisfeitos ao conhecê-lo do que quando conheceram a nova au pair dos Lagardes.

– Quem é esse? – sussurrou Claire para madame Lagarde.

– Ah, é Thierry Girard, a sensação da cidade – respondeu sua anfitriã, olhando-o com afeição. – Dizem que é o chocolatier mais talentoso desde Persion, e vai abrir uma loja.

Claire ficou surpresa com o fato de isso ser tratado como notícia, ou que fosse tão importante. Por outro lado, explicava a mancha no bigode, o que pelo menos era uma coisa boa.

– Será que a loja vai ser um grande sucesso? – perguntou Claire casualmente.

Madame Lagarde observou Thierry Girard conversando com um crítico gastronômico importante, encantando-o sem esforço ao falar sobre sua última receita.

– Ah, eu acho que sim – respondeu ela. – Ele estudou na Suíça e em Bruges, na Bélgica. Acho que tem um grande potencial.

Depois de andar pela sala e aceitar uma segunda taça do delicioso champanhe, Claire, de volta ao papel de observadora, percebeu que Thierry era o foco da atenção e do riso. As pessoas se aglomeravam em volta dele. Como alguém que tinha a tendência de não ser notada – a maldição de ser discreta –, ela ficou fascinada. O rosto felpudo de urso de Thierry não era bonito, mas era tão alegre e animado que era difícil não gostar de olhar para ele ou não desejar que um raio solar de sua atenção pudesse vir na sua direção. Percebeu que várias das mulheres atraentes, que antes pareciam tão carrancudas e com ar superior, de repente começaram a rir e se exibir para ele.

Claire mordeu o lábio. Gostaria de beber mais uma taça daquele champanhe maravilhoso e gelado – nunca tinha bebido champanhe antes –, mas suspeitava, com razão, que madame Lagarde reprovava. Na verdade, naquele instante os Lagardes pareciam estar se preparando para ir embora. Olhou em volta, procurando pelo casaco, antes de lembrar que tinha sido levado por uma empregada.

– Você não vai embora – rosnou uma voz. Ali estava Thierry, parecendo triste. – Aonde vai?

– P-preciso trabalhar amanhã – gaguejou Claire. – E madame Lagarde... ela vai me levar para casa. Preciso ir com ela.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Ah, mam'zelle, não percebi que era uma criança.

– Não sou – rebateu Claire, enfática, percebendo na mesma hora

quanto soava como uma.

– Alors, então eu mesmo vou levá-la para casa.

– Não, não vai – afirmou madame Lagarde, que se materializou do nada e o encarava com frieza.

– Enchanté – cumprimentou Thierry, nem um pouco perturbado. Ele se curvou e beijou-lhe a mão. – Esta é sua irmã?

Madame Lagarde revirou os olhos.

– É minha au pair e, enquanto estiver aqui, é minha responsabilidade – respondeu ela com firmeza. – Claire, está na hora de irmos.

– Claire... – disse Thierry, fazendo o nome rolar em sua boca como se o saboreasse. – É claro que vai visitar minha nova loja, não é?

Claire imediatamente percebeu que aquela era uma situação difícil para madame Lagarde. É claro que Paris inteira teria que visitar a nova loja, ou então o que diriam no próximo encontro? Madame Lagarde lançou um olhar reprovador para Claire, que imaginou que sua anfitriã e patroa estivesse tentando pensar em formas de mantê-la afastada daquele homem fascinante.

Na verdade, Claire não poderia estar mais enganada.

Marie-Noelle Lagarde era uma mulher do mundo que achava que Claire vinha sendo protegida demais e tratada como um cordeirinho em casa, completamente reprimida à moda da burguesia inglesa. Se não abrisse os olhos logo, acabaria enterrada em uma tumba sem graça na Inglaterra, como a mãe de Marie-Noelle, e nunca experimentaria nada divertido na vida. Marie-Noelle só preferia que algum dos filhos charmosos e bem-educados das amigas levasse Claire pela mão, a ensinasse a viver um pouco e a mandasse para casa com lembranças maravilhosas de Paris e um horizonte mais amplo que a sociedade clerical. Ela percebia um ânimo escondido na jovem e sentia que era sua responsabilidade dar-lhe asas – em consideração tanto pela menina quanto pela mãe maravilhosa dela, que tinha se casado com um eclesiástico carismático e vivido o suficiente para se arrepender. Mas tinha que ser alguém adequado e cuidadoso. Não queria mandá-la de volta para a Inglaterra grávida de um cozinheiro rechonchudo.

– Bien sûr, é claro – respondeu ela rapidamente a Thierry, ao mesmo tempo que fazia sinal para a empregada para que trouxesse os casacos.

Enquanto se afastavam na noite ainda quente de verão, Claire, olhando para trás pelo vidro traseiro do táxi, vislumbrou as janelas enormes do apartamento abertas para a noite, exalando o som da música, da conversa, e a fumaça dos charutos, que flutuava na noite nebulosa.



Capítulo quatro

Meu pai nunca ia falar comigo no quarto, pelo menos desde que eu tinha uns 12 anos. Ali era meu santuário, minha fuga de tudo. Além disso, ele não é o tipo de pai que tem longas conversas. Meu pai é aquele que conta piadas horríveis para meus amigos, se certifica de que minha bicicleta está lubrificada, fica com o rosto um pouco rosado no Natal e não tira o chapéu de festa o dia todo. Eu duvido que ele tenha dito “Eu te amo” algum dia na vida, mesmo para a minha mãe. Mas eu sei que ele ama, então tudo bem. Meu pai também passa a vida chamando os garotos de fedelhos, mas sei que ficou orgulhoso de mim quando fui promovida na Braders.

Enfim, minha mãe não parava de tagarelar sobre o que eu ia fazer, e o que eu estava aprontando, e como seria meu futuro, e só de ouvir eu já ficava exausta. Tinha perdido dois dedos, não estava paralisada em uma cadeira de rodas; não podia nem me registrar para receber o adesivo azul de deficiente para colocar no carro do meu pai (para a decepção evidente da minha mãe, é sério). Então ela leu alguma coisa em uma de suas revistas e decidiu que eu estava deprimida. Aí começou a resmungar sobre eu me consultar com alguém, e isso também era irritante, porque depressão é uma doença horrível e não uma forma de descrever o fato de você estar um pouco triste porque perdeu um pedacinho de si mesma, o que, na minha opinião, é uma reação completamente normal e não precisa ser analisada. Ao mesmo tempo, eu não podia negar que sentia algo diferente. Você já teve uma ressaca tão forte que durou dois dias, e aí no segundo dia você estava completamente imprestável? Bem, como nesse segundo dia, eu não conseguia reunir energia para fazer os milhares de coisas que sabia que precisava fazer.

Meu pai bateu à porta baixinho, o que foi interessante, pois minha

mãe nunca bate e meus irmãos só gritam do pé da escada quando querem falar comigo.

– Olá, querida – disse ele, oferecendo uma xícara de chá.

Meu pai nunca preparava chá.

– Foi você que fez? – perguntei, olhando desconfiada para a bebida.

– Sim – apressou-se em responder. – Duas colheres de açúcar? – Ele devia ter perguntado à minha mãe. – Posso entrar?

– A casa é sua – respondi, surpresa.

Ele parecia nervoso. Pior do que isso, antes de se sentar, tirou dois biscoitos de chocolate do bolso com cuidado. Olhei para ele.

– O que aconteceu? – indaguei.

– Nada.

– Se precisamos de biscoitos de chocolate, aconteceu, sim. Me conta logo.

Meu pai fez que não com a cabeça.

– Só achei que você podia querer um biscoito de chocolate.

Fiquei encarando-o, ainda sem estar convencida.

– Olha só – prosseguiu ele –, sua amiga e professora me ligou...

– Claire não é mais minha professora.

– Parece que ela tem te ensinado algumas coisas – disse ele, sentando-se em frente à minha penteadeira branca.

Meu pai parecia estranho ali. A parte de trás de sua cabeça se refletia no espelho; ele estava ficando careca. Dei de ombros.

– É só para ter algo para fazer, sabe?

Ele olhou para a minha cama, onde havia vários livros em francês que Claire tinha me emprestado e que eu explorava com a ajuda de um dicionário enorme. Era um trabalho lento e chato, mas começava a surgir uma luz no fim do túnel.

– Bem, ela me contou que arranjou um emprego para você.

Balancei a cabeça.

– Não é bem isso. Claire só conhece alguém... ou conhecia. Faz muito tempo. Ela acha que eu posso ajudá-lo durante o verão.

– Ela falou que é na sua área.

– Sim... em outro país. Varrendo o chão, provavelmente.

Meu pai deu de ombros.

– Qual é o problema em trabalhar em outro país?

– O que foi? Você quer que eu saia de casa agora?

– Não – respondeu ele, cauteloso. – O que quero dizer é que você tem 30 anos, não tem nada que te prenda, ainda é jovem... Não quer

viajar um pouco? Ver o mundo?

Dei de ombros outra vez. Não tinha encarado as coisas dessa forma. Na verdade, só tinha pensado em como tudo aquilo vinha sendo horrível para mim e que as pessoas deviam ter mais pena de mim, não no que eu ia fazer dali em diante. Tinha perdido dois pedaços do meu corpo. Com certeza isso era o bastante por um ano.

Mas, ao ouvir as palavras do meu pai, pensei por um segundo em como seria bom ir para algum lugar onde ninguém soubesse o que tinha acontecido comigo e as pessoas não me lançassem olhares de preocupação e interesse exagerado. As crianças do bairro falavam de mim quando eu passava. Na única vez que tinha saído com Cath até então, Mark Farmer tinha me encurralado, bêbado, por volta de uma da manhã, e pedido para ver meu pé. Não pensei muito em sair de casa depois disso. Não queria ser a aberração local. E eu sabia como as coisas funcionavam em Kidinsborough. Sandy Verden fez cocô nas calças uma vez na quarta série e ninguém nunca a deixou esquecer.

Meu pai olhou para mim com carinho.

– Querida, você sabe que não gosto de dar conselhos.

– Eu sei. E agradeço. A mamãe dá conselhos suficientes por vocês dois.

Ele sorriu, um pouco triste.

– Sinceramente, querida, na sua idade, a oportunidade de conhecer um lugar diferente, viver em outro país, mesmo que só por um tempo... eu iria sem nem pensar duas vezes. Acho que você seria doida se não fizesse o mesmo.

Nunca tinha visto meu pai falar com tanta paixão sobre alguma coisa, nem quando o Kidinsborough Wanderers foi o campeão da liga em 1994 e todo mundo ficou louco por mais ou menos um mês e meio (na temporada seguinte o time foi rebaixado, o sucesso teve vida curta).

– Por favor – disse ele, então suspirou. – Os garotos, você sabe, não fazem nada a maior parte do tempo... Antigamente trabalhavam na mina ou faziam algo útil, mas hoje em dia só ficam por aí, esperando algum trabalho na área da construção. É uma vergonha, isso sim. Mas você... – Meu pai olhou para mim, o rosto gentil e cansado tão emotivo que eu mal conseguia encará-lo. – Você ia tão bem na escola, Anna. Não acreditamos quando você quis parar de estudar. A Sra. Shawcourt também ligou naquela época, você sabe.

Sim, eu sabia. Claire dissera a meus pais que eu deveria continuar

os estudos, ir para a faculdade, mas eu não via sentido naquilo. Já sabia que queria trabalhar com comida e queria ganhar algum dinheiro. Eu não entendia que podia ter ido para a universidade me especializar, passar alguns anos aprendendo coisas em vez de absorvê-las aqui e ali em cozinhas industriais... Bem, depois disso meu orgulho me impediu de ir. Meu pai sempre dizia que nunca era tarde demais, mas eu já estava acostumada a ter um salário na época e não queria voltar a ser estudante. Estudantes eram uns fracassados, de qualquer forma, segundo as pessoas da fábrica. Sempre achei que parecia divertido, vendo-os ir em direção à faculdade rural ali perto, com um sorriso no rosto e uma expressão despreocupada, com suas pastas e mochilas para laptops, enquanto nós nos arrastávamos para o trabalho toda manhã. Enfim.

A Sra. Shawcourt contara a meus pais que eu tinha um verdadeiro talento para aprender idiomas e devia ficar e fazer mais alguns testes. Bufei e me perguntei qual era o sentido de tudo aquilo. Desperdiçar educação com adolescentes. Bom, adolescentes como eu. Meu pai prosseguiu, num tom compassivo:

– Sabe, eu acredito que você é capaz. Acredito de verdade.

Abri um meio sorriso para ele.

– Mas você também me falou que eu poderia ser o Homem-Aranha quando crescesse.

– Também acredito nisso.

Notei que meu pai se levantou mais devagar do que de costume (agora eu tinha passado a prestar atenção na forma de andar das pessoas) e me deu um beijo carinhoso na cabeça.



Capítulo cinco

Dois meses depois

Se mais alguém me dissesse quão sortuda eu era, eu ia gritar. Não me sentia nada sortuda. Na estação ferroviária imensa e lotada de Paris onde meu trem parou, as pessoas saíram apressadas em todas as direções como se estivessem participando da competição “Olha Só Como Eu Conheço Paris” e me deixaram ali. Eu me sentia completamente exposta, então é claro que pensei que *parecia* de fato exposta e viraria alvo fácil para batedores de carteira. Era por isso que meus pais iam a Scarborough todos os anos havia uns cento e setenta anos, juro por Deus. Pelo menos em Scarborough era possível saber que extremidade do píer evitar e dava para diferenciar alguém que vestia um uniforme de policial de verdade de alguém que usava um chapéu estranho só por diversão. Eu não conseguia nem ler as placas e não ousei pegar um táxi. Enquanto descia uma escada rolante mancando, puxando minha mala de rodinhas e me lembrando de todas as pessoas que, em êxtase, falaram quão sortuda eu era por estar indo a Paris e como seria maravilhoso, tudo o que conseguia pensar era que eu provavelmente iria ficar sozinha em um quarto durante seis semanas vendo as coisas acontecerem à minha volta sem entender nada. Isso era bastante plausível. E eu não ia gostar da comida.

Olhei para o mapa do metrô. Ele não fazia sentido nenhum para mim, nada daquilo fazia. Fiquei olhando para o desenho, segurando com força a carteira e o passaporte. Ele poderia estar de cabeça para baixo que eu não iria notar. Nenhuma das linhas tinha nome, só números, mas todas as placas na estação tinham nomes. Acabei percebendo que eram os nomes dos lugares que ficavam ao final de cada uma das linhas.

Avancei corajosamente e pedi um bilhete ao homem atrás do

balcão, então perguntei, no meu melhor francês, onde ficava a plataforma. Ele soltou um emaranhado de indicações muito complicadas. Não entendi nenhuma delas, mas agradei e me afastei. O homem gritou na minha direção e me virei, em pânico, e ele indicou que eu já tinha saído na direção errada. Agradei, com os olhos ardendo ao tentar conter lágrimas de vergonha.

A plataforma estava lotada com todo tipo imaginável de pessoas, a maioria falando alto em francês a mil por hora como se estivessem se exibindo, e algumas parecendo bem perdidas, como eu. Evitávamos umas às outras como vítimas da peste, assustadas demais para demonstrar vulnerabilidade e ignorância. Se eu pudesse dar meia-volta e retornar para o trem aconchegante, teria feito isso em um piscar de olhos. Olhei para o meu relógio. Eram quatro horas da tarde na França, o que queria dizer que eram três da tarde em Kidinsborough. Hora da pausa para o chá. Na Braders, eu estaria sentada com uma xícara e um pacote de batata chips sabor sal e vinagre. Até o fato de pensar naquela fábrica idiota, que eu odiava, detestava e desprezava, me fazia sentir saudade de casa. No hospital, eles serviam biscoitos recheados a essa hora.

Nervosa, olhei pela janela suja e grafitada do trem prateado e barulhento enquanto ele passava por paradas que incluíam, eu achava, aquela em que deveria saltar. Passados mais alguns minutos, estávamos praticamente em campo aberto. Para onde quer que eu devesse estar indo, não era naquela direção. Com o coração acelerado, saltei na estação seguinte. Várias pessoas no vagão me lançaram olhares curiosos, o que me fez sentir calor, raiva e ansiedade. Peguei o primeiro trem que seguia para o lado oposto. Este, graças a Deus, era um mais lento, que parava em todas as estações. Eu me sentei em uma poltrona de plástico laranja minúscula perto da porta e apertei os olhos para enxergar as placas que passavam, tentando fazer com que o trem parasse só com a força do pensamento.

Quando enfim desci na estação Châtelet-Les Halles, minha mala ficou presa na catraca e precisei ser libertada por um homem muito bem-vestido que passava apressado. Eu me virei para agradecer, mas ele me lançou um olhar que indicava uma repreensão muito severa por eu ter ficado em seu caminho. Por fim, de volta à superfície, suja, com calor e mal-humorada, tentei me orientar com um mapinha. Maldita Paris e maldito metrô impossível de entender com seu povo rabugento, seus funcionários histéricos e homens bem-vestidos... eu

estava prestes a chorar. Meus dedos doíam muito.

Próximo à estação havia um pequeno café com mesas e cadeiras na calçada, embora os carros passassem bem perto, fumaça no ar e uma florista cujas flores se derramavam em cima e embaixo das cadeiras. Chequei, pela milésima vez, se não tinham roubado minha carteira e depois me esparramei em uma cadeira. Um homenzinho de calça social e camisa branca veio correndo.

– Madame? – chamou, agitado.

Eu ainda não sabia o que queria além de um lugar para sentar. E dado o estado arriscado das minhas finanças, só pediria mesmo um copo de água, mas isso não seria bem-aceito, já dava para perceber. Olhei para a mesa ao lado: um idoso, com um cachorro igualmente idoso cochilando sob a cadeira, ergueu a sobrancelha para mim. À sua frente havia um copo comprido cheio de cerveja gelada. O garçom seguiu meu olhar.

– *Comme ça?* Um desse? – ladrou ele.

Assenti, agradecida. Sim. Ótimo. Um pouco impróprio às quatro da tarde, mas eu estava acordada desde as cinco da manhã, e sentia calor, cansaço e irritação. Foi bom, durante dois segundos, parar de me preocupar com tudo o que precisava fazer e se ia perder o bilhete do trem ou derrubar o passaporte ou deixar a mala sozinha e ela acabar sumindo.

Relaxei na cadeira e virei o rosto em direção ao sol. Como tinha deixado a Inglaterra sob uma garoa leve, não esperava ver o sol brilhando. Piscando e me perguntando onde tinha guardado os óculos de sol, respirei fundo enquanto minha cerveja chegava rápido como um raio. Bebi um gole – estava congelante e deliciosa – e olhei à minha volta.

Não pude deixar de sorrir. Esqueça o metrô sujo com as catracas impossíveis. Agora, ali estava eu na esquina de um cruzamento de ruas de paralelepípedos que levavam, à minha direita, a uma ponte curvada sobre o Sena da qual dava para ver os fundos de uma igreja enorme. Meu coração deu um pulso. Era a Notre-Dame, só podia ser. À minha esquerda havia, de um lado da rua, longas fileiras de prédios brancos enormes, de sete ou oito andares; do outro, uma infinidade de lojas. A rua tinha várias faixas de largura e, sobre a calçada, toldos listrados se destacavam a perder de vista.

Apesar do cansaço e da ansiedade (eu sei, eu sei que existem pessoas que viajam sem se preocupar com essas coisas: chegam,

embarcam em trens e aviões, aproveitam os dias e acordam em uma cidade nova sem nem pestanejar. Não sou assim. Eu me preocupo o tempo todo), lentamente meus ombros começaram a relaxar e meu coração se alegrou um pouco quando bebi mais um gole de cerveja. Um rapaz atraente com o cabelo liso penteado para trás saiu da floricultura ao lado parecendo um pouco furtivo e carregando um buquê de lírios brancos. Eu me perguntei para quem seriam. Ele olhou para mim e piscou. Hehe. Dei um sorriso torto.

As pessoas começavam a deixar os escritórios ao fim do dia – para mim, era cedo para a hora do rush, mas elas estavam indo embora mesmo assim. Todas as mulheres pareciam ter saído do salão de beleza. A maquiagem era sutil, os cabelos bonitos não pareciam tingidos – pensei, um pouco frustrada, nos reflexos que Cath fazia no meu, que me custavam uma fortuna de seis em seis semanas, mesmo com o preço camarada – e elas vestiam roupas bem discretas, em preto, azul ou cinza. Notei que poucas usavam calça. As gerentes da Braders usavam terno, em geral calças apertadas demais cobrindo traseiros grandes com paletós curtos. Na minha opinião, a combinação não lhes caía bem. Em Paris, quando as mulheres usavam calças, era para cobrir traseiros praticamente inexistentes. As peças eram cortadas com fluidez, elegantes e um pouco masculinas. É claro! Era assim que a Sra. Shawcourt – Claire – se vestia. Obviamente foi lá que aprendeu. Como ela conseguiu?

O senhor da mesa ao lado se inclinou na minha direção.

– *Anglaise?* – perguntou. – Inglesa?

Bom, sim. Embora eu desejasse que não fosse assim tão óbvio. Assenti, sorrindo.

– Já estive em Paris antes?

Fiz que não com a cabeça.

– Ah! – exclamou ele, o rosto repleto de rugas. – Você vai amar. Ser jovem e estar em Paris pela primeira vez... Mademoiselle, estou com inveja de você.

Tentei sorrir de volta como se não estivesse desesperada por um banho e me sentindo bem velha em comparação às belas jovens francesas correndo para lá e para cá, e por um segundo me permiti acreditar que aquele senhor tinha razão: que um mundo de aventura e emoção poderia se abrir para mim, Anna Trent de Kidinsborough, ali em Paris. A ideia era ridícula e absurda. A coisa mais emocionante que já tinha acontecido comigo fora encontrar um par de botas que eu

amava com 70% de desconto na liquidação. Mas enquanto bebia o restante da cerveja dourada e olhava em volta, observando o fim de tarde de cores quentes de Paris, eu me perguntei, só por um instante, se aquele senhor poderia estar certo.



Capítulo seis

A Île de la Cité era mesmo uma ilha. Havia duas, bem no meio de Paris, ligadas por várias pontes. Eram, em sua maioria, grandes construções: um hospital enorme, tribunais e delegacias de polícia em pedras suntuosas e imponentes, com a Catedral de Notre-Dame em destaque no lado oeste. Mas, nos fundos dos prédios elegantes, havia ruelas também, cobertas de paralelepípedos e cheias de curvas, assinalando uma cidade mais antiga. Era em uma dessas ruelas que eu enfim me encontrava, na rue des Ursins, que ficava a alguns passos do passeio, perto de uma ponte e na frente de uma área de paralelepípedos que rodeava um pequeno jardim triangular.

Os números das ruas não pareciam fazer sentido algum, pulavam de forma aleatória, e áreas chamadas *arrondissements* surgiam do nada. Há algo de singular em relação à primeira vez que visitamos um lugar: o tempo parece passar mais devagar e acabamos percebendo pequenos detalhes dos quais nos lembramos para sempre, como postes de ferro forjado que iluminam o caminho quando a noite começa a cair. Mas, por fim, eu encontrei. Ficava no sexto andar de um prédio antigo feito de pedras douradas, com sacadas enfeitadas com floreiras cheias de amores-perfeitos e janelas grandes que iam até o chão.

Quando o vi pela primeira vez, meu coração deu um salto. Ao me aproximar, percebi que as pedras estavam em mau estado, que os amores-perfeitos estavam mortos ou eram de plástico, que as belas janelas tinham caixilhos que rangiam e eram de vidro simples. Não era um prédio com apartamentos elegantes, mas um edifício antigo, um pouco negligenciado. Soltei um suspiro. Nossa casa era pequena e tinha cheiro de garotos, pós-barba, iscas de peixe e às vezes dos puns do nosso cachorro idoso, mas meu quarto era quente e aconchegante – minha mãe gostava de deixar a calefação no máximo e meu pai se

queixava do preço da conta de luz –, tinha vidros duplos e era bonito e moderno. Eu nunca tinha morado em um prédio antigo. Era quase impossível descobrir qual era a cor original da porta enorme; um vermelho arenoso parecia cobri-la só superficialmente. Havia um emaranhado de botões de interfone, com várias coisas escritas, e os degraus estavam gastos. Não consegui ver o nome que buscava, então empurrei a porta, hesitante. Ela abriu de um jeito meio sinistro e eu entrei.

– *Bonjour?* – chamei. Não houve resposta. – *Bonjour?*

Nada. Havia uma porta de vidro no fim do corredor que deixava entrar luz suficiente para que fosse possível ver as pilhas empoeiradas de correspondência antiga largadas no chão de tacos quebrados e um vaso de planta de aparência cansada no vão da escada. As escadas levavam à escuridão. Tateei um pouco e encontrei um interruptor. Acendi a luz e subi, mas, antes mesmo de chegar ao primeiro andar, a luz apagou. Xinguei baixinho e tateei até que encontrei outro interruptor. Acontece que não era um interruptor, e sim uma campainha alta que disparou como uma arma.

– *ALLO?* – gritou uma voz idosa.

Eu sabia que o meu quarto era no último andar, então, antes de seguir meu caminho, berrei:

– *Pardon, madame!*

Qual era o problema dessas malditas luzes que não ficavam acesas? Era preciso correr de um interruptor a outro. A escada era muito sinuosa e estreita e, quando enfim cheguei ao último andar, carregando minha mala pesada, estava suando e sem fôlego. Lá embaixo, a senhora cuja campainha eu havia tocado sem querer gritava sem parar, dizendo coisas que eu não entendia, mas acho que uma delas era “Polícia!”. Xinguei baixinho, soltando umas palavras em inglês apropriadas para a situação.

Eu me encontrava em um pequeno patamar com – graças a Deus – uma luz que vinha de uma claraboia suja logo acima. Era um espaço minúsculo e eu me senti dentro de uma torre. Alguém tinha colocado uma prateleira cheia de livros no topo da escada, então não era possível passar com a mala. Nos outros andares, havia dois apartamentos, mas ali havia apenas um. Dei um passo à frente. Na porta branca e baixa diante de mim havia uma plaquinha de latão que dizia “Sami” em letras pequenas. Soltei um suspiro de alívio. Não queria voltar para a escadaria da morte. Então me ocorreu que, se eu

ficasse mesmo ali, teria que encarar a escadaria da morte com oito dedos nos pés todos os dias. Tirei esse pensamento da cabeça por um instante e bati à porta com firmeza.

– Olá?

Lá dentro ouvi barulhos de alguém se mexendo. Graças a Deus. Não saberia o que fazer se tivesse que dar meia-volta. Provavelmente apenas embarcaria no trem para casa. Não. Eu não faria isso. Com certeza não.

– *J'ARRIVE!* – gritou uma voz, soando um pouco em pânico.

Ouvi uma barulheira lá dentro. O que estaria acontecendo?

Por fim a porta se abriu. Um homem gigante apareceu. Sua pele era morena escura e ele tinha as sobrelanceiras pretas e cheias, o queixo saliente e coberto de pelos. Usava um roupão estampado aparentemente sem nada por baixo. Olhou para mim sem o menor sinal de reconhecimento.

– *Bonjour* – falei. – Anna Trent? Da Inglaterra?

De repente fiquei preocupada achando que Claire não tinha conseguido combinar nada ou que se tratasse de um mal-entendido, ou que ele tivesse mudado de ideia, ou...

O homem semicerrou os olhos.

– *ATTENDS!* – ordenou.

Eu esperei.

Ele voltou dois segundos depois com um enorme par de óculos de armação preta. Funguei. Ele cheirava a sândalo. Agora, com os óculos, olhou para mim mais uma vez.

– *La petite anglaise!* – exclamou, e um sorriso repentino surgiu em seu rosto. Em seguida mudou para o inglês: – Bem-vinda! Bem-vinda! Entre! Entre! Preciso admitir, eu esqueci. Você pode dizer, como você poderia esquecer... e eu responderei... eu responderei... bem-vinda a Paris!

No instante em que entrei, percebi que não havia dúvida de que ele realmente esquecera. O hall era minúsculo, só tinha espaço para um cabideiro com uma coleção de chapéus exóticos – contei um barrete, um chapéu de feltro e a cabeça de uma fantasia de gorila –, em seguida o espaço se abria para um quarto. O cômodo não era grande, e estava abarrotado de coisas. Havia capas e tecidos, penas, tesouras, estolas de pele, fronhas e cinzeiros, garrafas de champanhe vazias e um sofá vermelho enorme com almofadas grandes espalhadas sobre ele e no chão. No canto havia uma pequena cozinha que claramente

nunca fora usada. O homem peculiar endireitou a postura – ele devia ter mais de 1,90 metro e mal conseguia ficar em pé sob aquele teto que era muito mais baixo do que eu esperava.

– *Oui* – afirmou ele, olhando para a bagunça com tristeza. – Eu esqueci mesmo. – Então se virou para mim, já alegre. – Mas e se eu disser, “Sim, bem-vinda, Anna Trent – ele pronunciou “An-ná Tron” –, esta é minha casa preparada em sua melhor forma para um hóspede”? Você não ia gostar?

Balancei a cabeça para indicar que não.

– Você está irritada comigo. Está triste.

Balancei a cabeça outra vez. Não estava nenhuma dessas coisas. Só estava um pouco confusa, chorosa, exausta da viagem e o mais distante de casa que já tinha estado na vida. Se não fosse pedir muito, acho que queria uma mesa, uma cadeira e uma xícara de chá, não uma oficina boêmia de pernas para o ar.

– O que é tudo isso? – indaguei, gesticulando.

– Ah, eu trago trabalho para casa. Trabalho muito, esse é meu problema.

Este, eu viria a descobrir, não era o pior problema de Sami, mas, naquela primeira noite, acreditei em sua palavra.

Sami trabalhava com dezenas de costureiras no departamento de figurinos da Ópera de Paris, ganhando uma mixaria para fazer roupas para produções de ópera. Tinha vindo a Paris com o objetivo de trabalhar em uma das grandes casas de alta-costura, mas não tivera sorte, e agora exercia seu ofício alargando os figurinos de cantores e reclamando de tenores gordos e sopranos intratáveis que insistiam que precisavam de roupas mais largas para conseguirem cantar, mas que, na verdade, eram apenas gulosos.

Mas isso eu só fiquei sabendo depois. Agora tudo parecia apenas uma grande bagunça.

– Tenho um quarto para você! Não tem nada a ver com esse. – A expressão de Sami parecia um pouco em pânico. – Espere aqui – pediu, e desapareceu por uma porta nos fundos.

Com uma contagem rápida das portas, constatei, com certo alívio, que devia haver mais um quarto e um banheiro. Por um segundo aterrorizante, achei que seria só aquilo, e que eu ficaria presa em um cômodo muito bagunçado com um gigante distraído.

Em alguns instantes, Sami voltou um pouco tímido, com uma expressão misteriosa de quem estava escondendo alguma coisa.

– Está *prêt*, pronto para você – informou, fazendo uma reverência.

Peguei a mala desajeitadamente e fui na direção que ele apontava.

Meu quarto em Kidinsborough era bem pequeno, então não é que eu tenha ficado surpresa. Mas, aos 30 anos, entrar em um cômodo menor que uma cela... Era minúsculo. Tinham enfiado uma cama de solteiro ali – sabe-se lá como – e uma cômoda bem pequena amontoadada ao lado, e mais nada. Não havia espaço para mais nada. Pisquei uma, duas vezes. Não ia começar a chorar. Para início de conversa, não havia nenhum lugar para fazer isso com privacidade. Devo admitir que tinha fantasiado, talvez um pouquinho, uma suíte pequena, ou um espaço amplo como vira em revistas. Paris tinha tantos apartamentos espaçosos com quartos elegantes, lareiras de mármore e pé-direito alto e... aquilo era praticamente uma caixa de fósforo. As paredes eram brancas, e o piso tinha tacos marrom-escuros riscados.

– O que acha? – perguntou Sami. – Não é INCRÍVEL?

Joguei a cabeça para trás ainda à porta.

– Incrível? – perguntei, e pensei em como devia ser o quarto dele.

– INCRÍVEL! – repetiu ele.

Apenas o encarei, atônita.

– Ah, Anná Tron, está muito irritada comigo – disse ele, assumindo uma expressão de tristeza. – Você aceita alguma coisa para beber?

– Chá? – arrisquei.

– Não tem chá.

– Café?

– *Mais bien sûr!*

Alegre, Sami foi até a cozinha minúscula enquanto eu entrava em minha celinha de monge com a malona roxa. Coloquei a mala sobre a cama – não havia nenhum outro lugar onde eu pudesse acomodá-la – e passei por cima da cômoda para chegar à janela. Foi quando perdi o fôlego.

A janela abria nas laterais e ocupava a parede inteira. Pensei por um instante em quantas crianças deviam ter caído dali. Mas logo depois esse pensamento se afastou, porque, ao levantar a cortina e destravar a janela, descobri duas coisas extraordinárias: uma sacadinha minúscula, com tamanho suficiente para que coubessem apenas uma pequena mesa de ferro forjado e duas cadeiras, mas na direção exata do sol e seis andares acima da Île de la Cité, Paris. Também dava para ver os terraços dos prédios do outro lado do rio,

com mesinhas e cadeiras, e as pontes por todo o Sena. À minha esquerda, a noroeste, era possível distinguir a ponta preta ameaçadora do La Défense, o grande centro do distrito financeiro. E, por toda parte, a vida vibrante e pulsante da cidade, o barulho reduzido pelos seis andares de altura: a pequena van de frutas buzinando frenética pela rua, um grupo de pessoas muito atraentes descendo de um carro preto elegante para entrar no bar chique do fim da rua, duas fileirinhas de crianças uniformizadas descendo a rua ao lado organizadamente e de mãos dadas. E, se esticasse bem o pescoço para o lado leste, era possível vê-la. A primeira e única, a inconfundível Torre Eiffel.

Fiquei absorvendo avidamente aquele horizonte rosado. Não sentia mais a dor no pé, nem a vontade de tomar um banho, nem a exaustão generalizada.

– Seu café – disse Sami, entrando em meu quarto sem se preocupar em bater à porta. – Você não gostou mesmo do quarto?

Sorri.

– Eu não tinha visto a sacada. É incrível. Incrível.

Ele tinha preparado uma xícara minúscula de alguma coisa preta com um cubo de açúcar ao lado. Eu costumava beber café com leite ou café solúvel. Olhei para ele.

– Você tem um pouco de leite para misturar com o café? – perguntei, quase me desculpando.

– Leite? Não. Leite é uma coisa nojenta. Você chupa as tetas de uma vaca? Não. Leite? Não.

– Tudo bem.

– Conhaque? Tenho um pouco de conhaque.

E já que a noite estava tão deslumbrante, aceitei – por que não? – e nos sentamos no meu pequeno “balcon” (ele também tinha uma sacada, do outro lado da sala, e poderíamos acenar um para o outro pela manhã) e bebemos café com conhaque enquanto contemplávamos Paris. Se alguém tivesse olhado para cima e me visto (não havia como, porque estávamos no beiral, onde os pombos voavam e o céu ficava rosa, amarelo e lilás e não havia mais nada além dos pássaros), acharia que eu era tão parte de Paris quanto qualquer outra pessoa. Fiquei observando a paisagem estrangeira, estranha e extraordinária, e me maravilhei com aquilo.



1972

Claire estava completamente encantada com Arnaud e Claudette, as crianças de quem cuidava. As duas eram muito educadas, achavam o sotaque dela engraçadíssimo e a desafiavam sempre com palavras que Claire sabia ou não, maravilhadas com a forma como ela dizia Mickey Mouse.

Em troca, Claire as deixava ditar o ritmo dos dias preguiçosos de verão. Em geral caminhavam pelo parque infantil do Jardim das Tulherias, à sombra da Torre Eiffel, faziam um goûter, ou lanche, com croissants quentes que cortavam e comiam em um banco e em seguida iam para casa almoçar. As duas crianças ainda cochilavam à tarde, deixando Claire livre para ler ou fazer as lições de francês (madame Lagarde era muito rígida em relação a isso). Às sextas-feiras, madame Lagarde gostava de levar os filhos à aula de natação, então Claire tinha a tarde de folga.

No início, sem saber o que fazer com o tempo livre, ia a exposições e museus que achava que devia visitar, como se estivesse seguindo a lista de um guia. Madame Lagarde fazia perguntas quando ela voltava e às vezes lhe pedia que levasse as crianças. Mas Claire achava difícil aproveitar os passeios turísticos. Ela se sentia sozinha entre famílias numerosas, casais de namorados e grupos de crianças uniformizadas tagarelando despreocupadas na língua que ela achava tão difícil dominar. Não conhecia ninguém ali, e Kidinsborough parecia muito distante.

Porém, conforme foi ganhando confiança, começou a ir mais longe e percebeu que o medo ia diminuindo à medida que aumentava o número de lugares que via e visitava. Montmartre, com suas ruas sinuosas, a igreja estranha no alto e as escadarias coloridas, a conquistou quase imediatamente. Ela passava muitos dias por lá observando as jovens andando de lambreta, sem capacete, com lenços amarrados no cabelo grosso, conversando e rindo com os rapazes nas escadas, o cigarro pendendo da boca. Em outras tardes levava um livro para o Jardim de Luxemburgo e se deitava na grama, vendo as pernas ficarem bronzeadas. Em todos os lugares parecia haver casais se beijando, conversando, gesticulando, fazendo um piquenique com vinho em garrafas sem rótulo. Para alguém de 17 anos conseguir se sentir sozinha é porque de fato está se sentindo muito solitária, e ainda que esperasse a semana toda pela folga, às vezes achava as tardes de sexta longas demais. Quando seu francês melhorou, foi um alívio poder entrar em um cinema no Boulevard du Montparnasse, onde não importava que estivesse sozinha. Não muito, pelo menos. Ela ouvira dizer que havia lugares onde jovens ingleses se

encontravam, mas madame Lagarde deixara bem claro que não era uma boa ideia se quisesse ter uma experiência francesa legítima, e Claire sempre queria agradá-la.

Tinha vontade de ver Thierry de novo – em parte porque gostara dele, Claire acreditava, mas sobretudo porque ele tinha demonstrado interesse por ela e, no momento, ninguém demonstrava o menor interesse por Claire. Estavam todos muito ocupados sendo sofisticados e fazendo coisas que ela simplesmente não fazia. Duas sextas-feiras após a festa, Claire se viu passeando cada vez mais perto do lugar na Île de la Cité onde ouvira, ao bisbilhotar com entusiasmo as conversas de um dos almoços de madame Lagarde (quando as amigas da mãe de Claire apareciam, o almoço era uma bandeja de sanduíches de presunto com margarina e um pacote de biscoitos de chocolate de sobremesa, servidos com copos de chá. Já os almoços para as amigas de madame Lagarde envolviam muito planejamento, quatro pratos, um balde de gelo cheio de champanhe e muitas idas à peixaria de manhã bem cedinho), que a nova loja seria aberta, a primeira do tipo em Paris. Havia a Persion's, que funcionava no mesmo local desde 1794 e era respeitada por isso, mas diziam que seus produtos andavam tão empoeirados quanto os andares superiores e que não mudavam havia séculos.

Em julho, as tardes de sexta-feira na Île de la Cité eram quentes, úmidas e lotadas de turistas. Longe de ter ruas organizadas e avenidas largas, esse distrito traía suas origens medievais tortuosas e ocultas: pequenos becos surgiam aqui e ali e as ruas se estreitavam até virar quase nada ou terminar de repente no muro de uma das grandes igrejas. No fim de semana anterior, Claire havia acompanhado a família a um casamento, e tinha separado um vestido que trouxera de casa. Madame Lagarde logo balançou a cabeça, dizendo a Claire que o caimento não era muito bom, e desapareceu. Quando voltou, trouxe um vestido de seda verde e marrom, bem leve e soltinho.

– Era meu – explicou a mulher. – Mas depois das crianças... não posso mais usar.

Claire comentou que madame Lagarde era muito esguia, mas ela desconsiderou o comentário.

– Não é por isso. É a minha idade, minha mentalidade que não me deixa usá-lo. – Por um instante pareceu triste. – Ah, o tempo passa...

Claire mal conhecera Bernard, o marido de sua anfitriã, que viajava a trabalho com frequência e parecia cansado e distraído quando estava em casa. Mas, para ela, os Lagardes eram muito adultos, muito mais que a

sua própria família. Eram sofisticados, conhecedores do mundo, socialites que se arrumavam para o jantar e bebiam coquetéis. Claire acreditava que tudo o que os Lagardes faziam era correto.

O vestido estava totalmente fora de moda – as mulheres elegantes de Paris vestiam jeans largos, tinham cabelo volumoso, óculos escuros enormes e chapéus de feltro amarrados com lenços de grife. Mas a estampa delicada de folhas e a cintura marcada caíam bem em Claire, em seu corpo magro, e, ao fazê-la parecer pequena e delicada, valorizavam sua baixa estatura. Ao usar calças jeans, ela costumava desaparecer.

– Pronto – disse madame Lagarde. – Muito melhor.

Vários homens a admiravam ao vê-la passar agora, dando um sorriso de aprovação ou murmurando um “Très jolie, mam’zelle” – bem diferente dos gritos e uivos que as garotas costumavam escutar na Inglaterra –, animando os passos de Claire. O nervosismo conferia um tom rosado a seu rosto e um brilho a seus olhos.

É claro, disse a si mesma, Thierry dificilmente se lembraria de alguém com quem conversara por dois segundos em uma festa e com certeza estaria muito ocupado. A loja devia estar fazendo um sucesso estrondoso e ele não teria um instante para desperdiçar com Claire. E mesmo que tivesse, o que ela lhe diria? Talvez ele nem estivesse lá, talvez estivesse ocupado demais sendo criativo em outro lugar.

Decidiu fingir para si mesma que só estava procurando um chocolate delicioso, nada mais, e tentou se concentrar na animação de Arnaud e Claudette quando ela chegasse com o chocolate em casa. Sim. Isso era tudo.

Havia uma aglomeração de pessoas em frente à loja quando ela chegou. O burburinho já aumentava pela cidade. Claire não pôde deixar de sorrir, estava muito contente. Parecia algo ousado a se fazer: anunciar ao mundo que você criara algo maravilhoso e que todos estavam convidados a experimentar e a pagar por isso. Não conseguia se imaginar fazendo alguma coisa que valesse aquela quantidade de atenção.

Chegou um pouco mais perto, atraída pela vitrine. A multidão estava ali, apenas olhando, e, ao se aproximar, Claire entendeu o motivo: era um cenário completo, lindo, um castelo de conto de fadas com uma carruagem chegando à porta e uma princesa surgindo. No céu havia um balão. Cada um dos elementos era esculpido em chocolate. Havia confeitos brancos no vestido de renda da princesa e as janelas do castelo eram de chocolate amargo, cortado em diferentes formatos. As árvores tinham folhas de chocolate, e o balão, desenhos em chocolate branco. No meio do pátio do

castelo havia uma fonte, com chocolate jorrando alegremente.

Era tão infantil, adorável e gracioso que Claire não conseguiu se conter. Ela abriu um sorriso enorme e bateu palmas. Ao fazer isso, de repente sentiu o olhar de alguém em sua direção e olhou para cima. Do outro lado do vidro, no meio de uma conversa, estava Thierry, subitamente imóvel e olhando para ela como se não fosse capaz de desviar o olhar. Claire sentiu o sorriso desaparecer do próprio rosto e mordeu o lábio, nervosa. Era como se a multidão, os clientes, o barulho e a agitação do verão na cidade tivessem desaparecido por completo. Hesitante, ela levantou a mão em um cumprimento e a encostou contra a vitrine da loja. Ignorando o cliente, Thierry também levantou a mão, grande como a pata de um urso. Claire percebeu algo que não vira antes: os cílios escuros e grossos de Thierry eram enormes e se projetavam sobre as pálpebras e os vívidos olhos castanho-escuros. Parecia, mesmo do outro lado da vitrine, que era possível ver cada cílio, cada célula.

De repente, alguém tentando ver melhor a empurrou. Foi como se o feitiço se quebrasse. Claire cambaleou um pouco para o lado e, no momento seguinte, Thierry estava à porta, abrindo caminho por entre a multidão.

– Você está bem? Se machucou? Quem fez isso? – ladrou ele.

A multidão se abriu e revelou um homenzinho um pouco estranho.

– Você! – exclamou Thierry, agitando o dedo na cara do homem. – Você está banido desta loja para sempre. Vá embora!

O homem ficou com o rosto muito corado, murmurou um pedido de desculpas na direção de Claire e desapareceu.

– BON! – exclamou Thierry. – Todos os outros, entrem. Bem, apenas se quiserem experimentar o melhor chocolate do mundo. Do contrário, não me importa o que prefiram fazer.

As pessoas começaram a encher a loja e Thierry foi tomando a dianteira, com um braço imenso sobre os ombros de Claire. Ela pensou que, perto dele, todos os outros homens mais velhos pareciam decrepitos.

Ele a levou direto à área de vendas, com as letras douradas originais dos anos 1930 e caixas de vidro polido. As paredes estavam repletas de enormes potes de vidro antigos cheios de todo tipo de açúcar – de baunilha, demerara, de violeta, de limão, de confeitiro. Nos fundos da loja, um velho rabugento com uma monocelha cuidava de um enorme tonel de cobre. Thierry fez sinal para que ele viesse à frente da loja, e o homem obedeceu, parecendo emburrado.

Claire mal percebeu. Estava muito ocupada olhando em volta. Para ela,

a parede dos fundos era um jardim florido. Nem mesmo reconhecia a maioria das ervas e plantas; as refeições da família em casa eram muito simples. A mãe tinha tentado fazer espaguete à bolonhesa uma vez e todos acharam muito ousado. Madame Lagarde gostava de refeições leves e caprichadas, então serviam bastante peixe no vapor e uma enorme variedade de legumes e verduras. Mas isto era diferente. A variedade de hortaliças lançava seus aromas no ar, que competiam com o cheiro sólido, quente e reconfortante de chocolate da loja inteira. O cheiro, Claire percebeu depois, do próprio Thierry.

– Gostou? – perguntou ele.

Ela abriu um sorriso enorme, com o rosto e o coração plenos.

– Eu... eu amei! – exclamou, com total sinceridade.

Claire percebeu que o comentário o agradara bastante. Thierry não escondia nenhum sentimento.

– Veja, veja – disse ele, levando-a até o tonel. Mergulhou a concha longa e depois levou-a até ela. Então parou. – Non. Feche os olhos.

Claire olhou para Thierry, confusa. Dentro do peito, sentia o coração bater.

– Por quê? – indagou ela.

– Ah! Coquette! – falou ele, sorrindo. – Para que eu possa sequestrá-la, vendê-la a traficantes e depois fatiar seu corpo e escondê-lo no chocolate. – Pegou um lenço do bolso e o amarrou em volta dos olhos de Claire. – Está limpo, eu juro. É assim – acrescentou, com a voz de repente perto demais do ouvido dela – que se deve prová-lo. Para impedir qualquer distração.

Claire, com os olhos fechados por trás do lenço, que tinha exatamente o mesmo cheiro que Thierry – de chocolate e tabaco –, se sentia mais distraída do que nunca.

– Só assim você pode realmente apreciar – explicou ele.

Ela sentiu a respiração dele em sua nuca por um instante, então, no segundo seguinte, a concha encostou em seus lábios, separando-os.

– Prove – disse Thierry.

Claire abriu um pouco mais a boca enquanto ele derramava um bocado de chocolate recém-derretido, aquecido até ficar cremoso, na mesma temperatura do corpo dela. Era absolutamente prazeroso e saboroso. Claire percebeu, enquanto experimentava, que Thierry estava pela primeira vez em silêncio, com os olhos nela, observando-a.

Então acabou e ela passou a língua nos lábios, procurando mais. Agora a voz dele estava mais baixa, sem malícia.

– Gostou?

– *Ah, sim – respondeu Claire.*



Capítulo sete

Descobri que Sami viera da Argélia aos 6 anos, financiado por um tio-avô bondoso que tinha se dado bem na França. Frequentara boas escolas e todo mundo esperava que fosse para uma boa universidade. Em vez disso, Sami passava o tempo inteiro debruçado sobre revistas de moda e escolhendo roupas. Ele explicou, com um eufemismo louvável para alguém tão extravagante, que foram tempos difíceis para todos.

Foi por conta própria para a faculdade de moda e sustentava a si mesmo desde então, com muita dificuldade, vivendo naquele apartamento minúsculo para não precisar morar muito longe do trabalho, e todo o exercício que fazia, explicou, era subir e descer os seis lances de escada, algo que eu logo ia passar a fazer também. Ele trabalhava até tarde da noite, mas eu não precisava me preocupar em fazer barulho, porque ele tinha o sono muito pesado.

Aquela primeira manhã estava congelante. Quando o despertador tocou em minha cela minúscula, acordei completamente desorientada. Então senti uma onda repentina de empolgação. Eu estava lá! Em Paris! Sozinha! Da sala vinha um ronco profundo e ressonante, que não me deixaria pegar no sono de novo nem se eu quisesse. Levantei de um salto, tomei um banho (a água quente na banheira minúscula não durava muito; torci para que esquentasse de novo antes de Sami acordar) e consultei meu mapa da cidade. Recebera ordens de me apresentar às cinco e meia da manhã, o que era muito ridículo e possivelmente um teste para o primeiro dia, falei comigo mesma. Ainda estava escuro lá fora. Eu não sabia mexer na cafeteira estranha que Sami tinha deixado sobre o fogão e não quis começar a fazer barulho logo no início da estadia, então escovei os dentes rápido, coloquei mais uma blusa e desci a escadaria escura devagar e com

cuidado, tentando ir de interruptor em interruptor. Para meu pavor, toquei sem querer a campainha do primeiro andar de novo e saí correndo como um gato molhado antes que começassem a gritar.



O endereço da loja era rue Chanoinesse, 63. Era um prédio grande de pedra dourada, parecido com o edifício onde eu estava hospedada, embora nada malcuidado.

Em duas ruas, as avenidas ficavam um pouco mais largas. Havia uma bela praça que levava a uma igreja, lojas e cafés elegantes sob toldos listrados. O sol começava a despontar no horizonte, e as pessoas já estavam acordadas e ativas: pequenos caminhões seguiam, abarrotados de alho-poró, flores e lagostas, para mercados e restaurantes; grupos de pessoas caminhavam em silêncio para o trabalho de serviços gerais; motoristas de ônibus bocejavam e se espreguiçavam em suas cabines com pouca luz. Bicicletas silenciosas passavam por mim. Em cada esquina havia uma padaria, lançando um raio de luz. O cheiro de pão quente era inebriante, mas, infelizmente, nem elas estavam abertas ainda. Eu me sentia uma criança com o nariz encostado na vitrine, o estômago vazio; não tive energia nem para providenciar um jantar na noite anterior e acabei procurando sanduíches velhos na mala.

Após pegar algumas ruas erradas, de repente ali estava ela, diante de mim. Eu a vi logo de cara e senti o cheiro um instante depois. “Le Chapeau Chocolat de Thierry Girard” era o que diziam as letras rosadas sobre a parede marrom. Não era algo que brilhava ou gritava. Era apenas um lembrete discreto de que a loja estava ali, quase fácil de deixar passar e ainda mais impressionante em sua confiança justamente por isso. Do lado de fora, um rapaz fumava um cigarro. Enquanto eu observava, outro homem, maior, veio até ele e gesticulou. Em resposta, o rapaz jogou o cigarro fora. Eu não era fluente o bastante para adivinhar se o homem mais velho estava repreendendo-o por fumar ou se só gesticulava muito. Os dois tinham se virado para entrar quando eu subi hesitante na calçada e chamei a atenção deles.

– Hã... *bonjour*? – falei.

Eu me perguntei qual dos dois seria o famoso Thierry Girard. Não poderia ser o mais jovem, com certeza.

Os dois ficaram olhando para mim. Então se encararam, e o mais jovem levou a mão à testa. Eu não precisava ter noções avançadas de francês para saber que aquilo queria dizer: “Eu tinha esquecido completamente que você vinha hoje.” Era igual em todas as línguas do mundo.

– *J’arrive... d’Angleterre* – gaguejei.

– *Oui, oui, oui, oui* – disse o rapaz, parecendo furioso consigo mesmo.

O homem grande soltou uma série de insultos, que o rapaz ignorou por completo. Ele tinha cabelo preto e encaracolado, um nariz enorme e era muito expressivo, e olhava desejoso para o cigarro descartado. Por fim, seu rosto pareceu ter tomado uma decisão:

– BEM-VINDA... – falou ele, bem alto, em inglês.

Em seguida acenou em minha direção, claramente sem a menor ideia de qual seria meu nome. Isso estava se tornando bastante comum.

– Meu nome é Anna... Anna Trent.

O homem grande pareceu revoltado. Ele tinha o corpo de um jogador de rúgbi, forte e largo.

– Anná Tron – repetiu ele, irritado. – *Bonjour, madame*.

Então se virou e entrou na loja pisando firme. O rapaz não pareceu ver nada estranho ou grosseiro nesse gesto. Aliás, ele sorria, animado.

– Ele não é de falar muito – explicou, depois olhou em direção à loja. – Acho que por hoje já falou tudo.

– *Vous êtes... Thierry?* – perguntei, hesitante.

Ele riu, revelando dentes branquíssimos.

– *Non... non. Je ne suis pas Thierry*. Sou Frédéric. MUITO mais bonito. – Ele olhou para baixo. – Então, Anná Tron, vamos ver se temos algumas coisas para você fazer?

– Você esqueceu que eu vinha?

– *Non, non, non*. Sim. Sim, esqueci. – Frédéric olhou para mim com um sorriso charmoso. – Você entende... muitas coisas acontecem... muitas noites... não consigo me lembrar de todas as garotas encantadoras.

Embora não fossem nem seis horas da manhã e eu tivesse certeza de que meu rosto estava a personificação da morte, e ele também parecesse um pouco indisposto e não tivesse a menor ideia do que eu estava fazendo ali, claramente ainda se sentia obrigado a me galantear. Não foi nada sério, pareceu uma coisa meio automática.

Não fiquei tentada, mas fiquei muito impressionada.

Do lado de fora, a loja não parecia nada de mais: uma fachada pequena e discreta que levava a uma área de vendas do tamanho da entrada de uma casa. No momento, estava vazia, havia apenas mostruários de vidro bem polidos chamando atenção. A luz dos postes de rua lançava um brilho alaranjado através da vitrine, e dava para ver o chão de madeira brilhoso e as prateleiras cheias de caixas atrás do balcão. Sobre o ambiente pairava um aroma pesado e intenso de chocolate amargo, espesso, denso como fumaça de tabaco. Era como se tivessem esfregado na madeira, usado como cera no chão, como se toda a loja tivesse sido mergulhada nele. Eu me perguntei por quanto tempo sentiria aquele cheiro que era quase inebriante, mesmo com a loja vazia.

Frédéric já tinha atravessado uma portinha na parede dos fundos. Era uma porta vaivém com um vidro semicircular, como se pertencesse à cozinha de um restaurante antigo. Tentei impedir que ela me batesse na volta.

– Cá estamos – disse Frédéric. – O Willy Wonka existe!

Sorri para ele, mas, sério, eu nunca tinha visto um lugar tão estranho na minha vida. Na Braders, tudo era feito em grandes tonéis industriais de aço inoxidável, algo que sempre decepcionava todas as crianças. (Bem, ou elas ficavam decepcionadas ou se recusavam a acreditar em mim.) Mas aqui a frente minúscula da loja se alargava consideravelmente, formando um grande armazém envidraçado, que lembrava uma estufa enorme. As paredes estavam descascando e o lugar era muito antigo – devia ter sido construído onde antes existira um jardim. Era todo emoldurado em madeira e parecia frágil, mas eu sentia o zumbido de um ionizador no ar. A temperatura e a umidade do espaço eram perfeitamente controladas. Frédéric apontou para uma pia industrial enorme ao lado da porta e logo lavei as mãos com gel antibacteriano.

O lugar era iluminado com lâmpadas quentes, não fluorescentes. Nos fundos, caixas de vidro com ervas frescas cobriam o parapeito da janela: alecrim, lavanda, hortelã e um pezinho de pimenta. Elas deixavam o lugar ainda mais parecido com uma estufa. Três grandes painéis de cobre – com chocolate amargo, ao leite e branco, presumi – ficavam no centro, e havia vários maçaricos, tubos de ensaio, fornos, sacos de confeitaria e utensílios que eu nunca tinha visto. Cheirava como o paraíso, mas parecia muito o galpão de um jardineiro maluco.

Não havia chocolate em lugar nenhum. Nem uma gota. As panelas de cobre estavam vazias; os batedores, imóveis. O aroma pairava pesado no ar, mas, tirando isso, o lugar poderia ser um museu. Frédéric se aproximou segurando uma xícara pequena cheia de café preto, que aceitei de bom grado, e bebi um gole forçado.

– Os duendes chegaram – zombou, rindo do meu choque óbvio. – Ah, sim. Para Thierry Girard, começamos do zero todos os dias.

Um pensamento desagradável passou pela minha cabeça de repente.

– Vocês esfregam tudo? Todos os dias?

Frédéric assentiu solenemente.

– ... E agora estou onde estou.

O rosto travesso de Frédéric de repente ficou sério. Percebi então que eu não tinha pensado muito na parte do “trabalho” do meu plano, só na parte de “ir embora”. No meu emprego anterior, eu analisava aromas, trabalhava no controle de qualidade, carregava uma prancheta. E acho que me permiti fantasiar um pouco que ajudaria e talvez até inspiraria o maior *chocolatier* de sua geração, ou trocaria dicas e ideias com seus clientes em francês fluente, ou talvez inventasse minhas próprias receitas brilhantes, apreendendo o espírito da loja famosa...

Eu me perguntei, com certa tristeza, qual seria o termo em francês para “luvas de borracha”.

– É uma experiência incrível e um privilégio – comentou Frédéric num tom grave.

– Foi isso que lhe disseram quando você começou?

– *Oui* – respondeu Frédéric, nem um pouco relutante. Ele parecia um espírito livre. Olhou para as minhas mãos. – Eu não gastaria muito dinheiro com *le mani, non?*

Era verdade – eu fizera as unhas para a ocasião. Um esmalte francês, de propósito. Vê-las agora me deixou com vontade de tirar o esmalte com o dente.

– Mas essa é só uma das muitas coisas interessantes que você vai fazer no decorrer do dia – contou Frédéric, erguendo as sobrancelhas. – Venha, vou mostrar.

E não pude negar, era interessante. Nunca passara pela minha cabeça que chocolate era algo que devia ser consumido fresco. Na verdade, para mim, um de seus maiores benefícios era poder ser armazenado, transportado. Diferente de leite ou ovos.

– Thierry descreveria para você, mas ele não gosta muito de conversar com subordinados como nós. Gosta que todos pensem que ele é um gênio inventor que não precisa de nós, formiguinhas, correndo pela casa. ENTÃO, eu, Frédéric, vou falar. Chocolate fresco é muito importante – continuou, como se seguisse um roteiro –, pois o frescor confere leveza, maciez e uma delicadeza que não vêm de uma barra enorme que fica na prateleira por três meses tornando-se cada vez mais pesada e afundando nela mesma. *NON!* Isso não é bom. O chocolate deve ser tratado como uma iguaria, algo a ser colhido fresco do pé.

O homem grande, que me foi apresentado como Benoît, tinha trazido uma caixona com grãos de cacau crus e agora acendia um forno industrial enorme.

– Vamos partir do princípio – disse Frédéric.

Os grãos tinham um aroma amargo e delicioso. Benoît os despejou em um tambor rotativo enorme que parecia o interior de uma máquina de lavar. O barulho era fenomenal. Depois de uns quinze minutos, durante os quais eu tinha ficado caminhando por ali sentindo o perfume delicioso das ervas enfileiradas no fundo da estufa, Frédéric falou:

– Muito bem.

Então acrescentou algo que eu não soube o que era e fez sinal para que eu os imitasse quando, com uma velocidade feroz, começou a quebrar os grãos com um martelo e liberar seu interior chocolatoso e quente. Um em cada quatro era jogado fora.

– Você não fazia chocolate? – perguntou ele, confuso, enquanto eu o encarava com uma expressão incrédula.

– Em máquinas. Eu meio que só ligava e desligava – respondi.

Ele fez um bico muito francês para mim. Benoît mal ergueu os olhos antes de seguir batendo o próprio martelo. Aquilo parecia extraordinário, como se estivéssemos fazendo chocolate na Idade Média.

– Nós fazemos as coisas de forma manual – explicou Frédéric, cheio de paciência.

Percebi que ele tinha perdido o ar galanteador. Talvez só gostasse de garotas que sabiam fazer chocolate artesanal. Isso devia reduzir em muito seu rol de possibilidades.

Frédéric apontou para um martelo sobressalente. Peguei-o e tentei acertar um grão. Nada. Bati forte. Pá! Esmaguei. Benoît pegou o grão

sem dizer uma palavra e jogou na lixeira. Engoli em seco. Eu não tinha certeza se seria de muita ajuda ali.

– Talvez seja melhor você só observar por enquanto – opinou Frédéric.

Enquanto fazia isso, percebi uma virada rápida do pulso que eles faziam ao acertar os grãos. Era quase como uma partida muito boa de Acerte a Toupeira.

Quando os dois terminaram, Frédéric pegou um pequeno aspirador de pó e aspirou todas as cascas. Engoli o cafezinho quente, que parecia mais uma solução de limpeza muito forte do que um café. Eu nunca conseguiria gostar daquela coisa nojenta. Nunca me acostumaria.

– Agora colocamos os grãos – explicou ele, apontando para um moedor industrial grande.

– Então vocês usam uma máquina – falei, como se estivesse marcando um ponto numa competição, e Frédéric olhou de cara feia pra mim.

Benoît voltou, carregando enormes caixas de leite, manteiga e creme de leite. Tudo em vidro reutilizado. Fazia muito tempo que eu não via leite em garrafa de vidro. Benoît se despediu de alguém pela porta dos fundos. Ainda não havia luz, porém o céu já não estava mais tão escuro.

– Só usamos laticínio de uma origem – disse Frédéric. – De Oise. Eles entregam toda manhã. Da Suíça seria melhor, mas o tempo urge para nós.

Ele ligou o moedor e, pouco a pouco, alimentou-o com os grãos preciosos, com gentileza e cuidado. Aos poucos, um líquido escuro e grosso começou a se acumular no fundo, peneirado por uma rede no recipiente de coleta. Frédéric olhava para o líquido com alegria. Quando o moedor enfim parou, eu me endireitei.

– E agora? – perguntei.

Na Braders só preparávamos o líquido e jogávamos coisas nele, mas eu não queria admitir isso.

– Conchamos – respondeu Frédéric.

A palavra era a mesma em inglês. Conchar era misturar os vários ingredientes, as fases, para fazer o chocolate amargo, leve, ao leite, aromatizado. Um errinho em qualquer direção deixaria a mistura nojenta, muito doce, granulada ou cristalina. As máquinas da Braders eram calibradas para fazer tudo ao mesmo tempo e usavam leite em pó barato, conservantes e aditivos.

– Isso é para Thierry, é claro – disse Frédéric, abaixando a cabeça. – É a parte mais importante, mais sagrada.

Conchar manualmente era muito difícil. E depois seria necessário refinar e temperar, para que não desandasse. Ergui a sobancelha.

– Isso é para amanhã – explicou Frédéric.

E, de fato, Benoît já derramava uma massa grossa e pegajosa de uma panela, temperando-a ao movimentar uma espátula de um lado para outro enquanto mexia outra panela no fogão com delicadeza. As pessoas costumavam usar um termômetro para isso, mas Benoît fora praticamente criado na loja, como descobri mais tarde, e conhecia a consistência de forma tão instintiva quanto um músico sabe quando seu instrumento está desafinado. Quando ficava satisfeito, cantarolava desafinado. Quando não ficava, jogava o conteúdo todo de volta na panela enorme e começava tudo de novo até que ficasse perfeito. Finalmente ele terminou.

– *Rien plus!* – gritou Frédéric, alto o bastante para que ouvíssemos mesmo com o barulho do moedor. – Nada além dos melhores grãos da Costa Rica, do melhor leite fresco das vacas mais bem alimentadas deste lado da Normandia e do melhor açúcar da Jamaica. Tudo misturado à perfeição ao modo tradicional e não por máquinas enormes cheias de gordura, conservantes e curativos dos *paysans*, *non?*

As cores se misturando e sendo despejadas em moldes eram maravilhosas. Aliás, olhando para elas, seria difícil discordar da teoria de Thierry de que o chocolate devia ser consumido fresco, assim como café ou um croissant. E o cheiro era mais quente, mais rico, mais puro do que qualquer coisa no Reino Unido, onde usávamos uma dose generosa de gorduras vegetais para reforçar a mistura (motivo pelo qual tantas pessoas que amam o chocolate britânico têm dificuldade de se acostumar com o chocolate fino – na verdade, é das gorduras reconfortantes que as pessoas gostam).

– Não enfie os dedos – ordenou Frédéric.

Eu nunca tocara em comida sendo preparada, já tinha feito cursos tediosos de saúde e segurança suficientes para saber isso. Eu não era uma idiota. No entanto, Frédéric estava me passando uma concha comprida, que parecia uma peça sólida de metal curvado com uma colherzinha na extremidade. Benoît saiu do meu caminho.

– *Attention!* Cuidado! – alertou.

Frédéric balançou a cabeça, mas não disse mais nada. Ficou só observando meu rosto com curiosidade e atenção. Olhava diretamente

para meus lábios. Achei desconcertante, mas de um jeito bom. Mergulhei a concha com cuidado e peguei um bocado do líquido marrom-claro.

Depois de assoprar o chocolate para esfriá-lo, com Frédéric me olhando o tempo todo, levei a concha aos lábios.

Viciados em heroína costumam dizer que estão sempre atrás daquele primeiro barato, a primeira vez que se sentiram envoltos em algodão, deixando todas as preocupações do mundo para trás. Eu não diria que foi tão impressionante assim. Porém, no instante em que a substância espessa, ainda morna, encostou em minha língua, eu pensei, por um momento, que ia cair dentro da panela. Não, pior, que eu ia Mergulhar nela, para beber cada gota daquela maravilha chocolatosa doce – mas não doce demais –, cremosa mas não enjoativa, densa, de sabor intenso, rica, suave e envolvente. Era como se alguém estivesse me dando um abraço carinhoso. Assim que engoli, desejei aquele sabor em minha boca mais uma vez, quis me entupir. De repente fiquei envergonhada, e corei, ao perceber que os olhos de Frédéric continuavam em meus lábios, observando com atenção. Minha mão quis mergulhar a colher de novo automaticamente, então, no último segundo, percebi que isso pareceria um ato de desespero, falta de profissionalismo, ganância, fome. Em vez disso, devolvi a concha vazia. Frédéric ergueu a sobrancelha.

– É...

O que eu poderia dizer? Que dava de dez a zero em qualquer coisa que eu já tivesse comido em qualquer lugar? Que era tão bom que eu estava com vontade de chorar? Que eu nunca mais comeria outra coisa pelo resto da minha vida? E ainda nem estava pronto.

– É muito bom – afirmei, por fim.

Frédéric olhou para Benoît, que deu de ombros. Quando a temperatura do lugar começou a ficar agradável, o ar-condicionado ligou e um zumbido de arrefecimento começou. Tudo ali era frágil, antiquado e parecia mantido no lugar com fita adesiva. Mas não havia a menor dúvida de que funcionava. Funcionava além dos sonhos mais lindos da Braders, além dos sonhos mais lindos de qualquer chocolate que eu já tinha comido na vida.

– É melhor que muito bom, *non?* – perguntou Frédéric, parecendo ofendido.

– Me desculpe – falei. – É... *le style anglais*.

Ele pareceu mais feliz ao ouvir isso. Acho que ele já imaginava que

o típico lábio superior contraído dos britânicos não era capaz de demonstrar paixão em nenhuma circunstância. Na verdade, eu não queria lhe dizer até que ponto eu estava impressionada. Isso me faria parecer uma caipira, alguém que não sabe nada de chocolate, sendo que eu tinha ido até lá para ajudar. A lacuna entre o que eu fazia e o que eles faziam ali era como a diferença entre um foguete de brinquedo de material reciclado e a missão da Nasa em Marte. Então decidi que era melhor manter a boca fechada. Pelo menos até conseguir enchê-la com mais um bocado daquele chocolate incrível. Em segredo.

Frédéric, com certo prazer, me mostrou onde ficavam os equipamentos de limpeza e me explicou quais eram meus deveres. Em seguida me fez martelar quilos de grãos de cacau até que eu parasse de estragar o estoque, me ensinou a peneirar as cascas e me orientou sobre o dia a dia da loja. Quando terminamos, eram quase dez horas e o sol brilhava com força por meio dos vasos de ervas, fazendo com que o lugar ficasse ainda mais parecido com uma estufa. Eu me perguntei se estaríamos prestes a abrir quando Frédéric e Benoît olharam nervosos para o relógio, mas descobri que estavam esperando outra coisa. Cinco minutos depois, a porta da loja se abriu com um barulho estrondoso. Benoît de repente se tornou completamente invisível, e a aparência alegre e brincalhona de Frédéric foi substituída por uma espécie de vigilância servil. Olhei para trás quando a porta da pequena fábrica foi aberta com força.

– *ALLONS-Y! VAMOS!* – ordenou uma voz alta e estrondosa.

De todas as surpresas que Claire me concedeu, de todas as confusões, essa era de longe a mais excêntrica.

O modo como ela tinha falado, o fato de ter corado ao falar dele, deixava claro para mim que se tratava de uma pessoa importante em sua vida, enquanto o ex-marido, Richard, sempre era mencionado com uma polidez pesarosa.

Ainda era possível ver os traços da mulher mais jovem e muito bonita que Claire tinha sido. Ainda era, com a iluminação certa, quando os anos de dor não pareciam tão fortemente gravados em seu semblante.

Talvez eu tivesse imaginado um tipo cortês, de cabelo grisalho, com sobranceiras escuras, usando um dólma branco de chef ou um terno bem cortado. Inteligente e fino, como Claire, também elegante e um pouco distante. Talvez compartilhássemos uma risada irônica quando

o nome de Claire surgisse ou, infelizmente, ele mal se lembrasse dela. Apenas uma garota de um tempo muito distante que se apaixonara por ele durante um verão de sua juventude, mas que não tinha nada a ver com sua vida atual. Romântico e atraente, é claro, talvez um pouco triste...

Mas nada disso descrevia Thierry Girard.

Não sei se Thierry falava alguma coisa em inglês. Não conseguia imaginar como ele viajava para a Austrália e os Estados Unidos, onde era festejado e famoso, se não falasse. Mas nunca o ouvi dizer uma só palavra em meu idioma. Ele era enorme e, sempre que estava na loja, parecia não haver lugar para mais ninguém. Sua barriga, normalmente envolvida por um imenso avental branco, parecia ser uma entidade com vida própria, que entrava no local antes dele.

– Quem é essa? – explodiu ele, ao olhar em volta. – Frédéric, você anda trazendo garotas para cá de novo?

Naquela altura, meu francês ainda não era bom o suficiente para entender o que se passava, então demorei um pouco para perceber que estava sendo terrivelmente insultada. Uma sorte, porque, se eu reagisse, ficaria sem emprego em dois milésimos de segundo.

– Esta é Anná Tron – explicou Frédéric. – A nova assistente.

Thierry baixou o rosto enorme em direção ao meu. Ele tinha um bigode extravagante. Sem ele, seu rosto estaria tão mergulhado em gordura que seria quase irreconhecível. Os olhinhos pretos eram como uvas-passas presas em um muffin enorme. Tinha a pele massuda, e pelos saíam das narinas achatadas. Ele me encarou.

– Mulheres envolvidas com meu chocolate. Não sei, não.

Fui pega de surpresa. Esse é o tipo de coisa que nunca se ouviria no Reino Unido. Quando comecei a ficar irritada, os enormes ombros de Thierry chacoalharam com uma gargalhada.

– Estou brincando! É brincadeira! É brincadeira! – Ele olhou para mim de novo e, de repente, estalou os dedos. – Eu sei quem você é. – Apesar de eu não estar convencida disso, ele acrescentou: – É a amiga da Claire.

Assenti.

– É amiga dela, certo? – quis saber ele.

– Sim. Bom. Ela era minha professora.

– Professora de francês?

Assenti mais uma vez.

– Rá! Ela falava francês como um cão comendo salada.

Fiquei furiosa.

– Claire era uma professora maravilhosa.

Os olhos dele piscaram rápido, duas vezes.

– Ah, sim. Tenho certeza que era. Consigo imaginar. Veja bem, ela era uma babá terrível... mas isso talvez tenha sido culpa minha...

Ele se afastou e eu me virei, me sentindo desconfortável. Não fazia ideia se ele sabia sobre a doença de Claire ou a gravidade do estado dela.

– E você esteve doente?

– Sim, mas agora estou ótima – respondi com firmeza.

Não tinha vontade de revelar o que exatamente acontecera comigo a não ser que alguém precisasse mesmo saber.

– Você pode trabalhar duro, certo?

– Sem dúvida – respondi, sorrindo da forma mais convincente possível.

– *Bon. Bon* – disse Thierry, e adotou uma expressão pensativa. – E Claire... ela também está doente?

Fiz que sim com a cabeça, sem confiar em mim mesma com as palavras. Pareceu que ele ia perguntar outras coisas, mas se conteve.

– *Alors*. Bem-vinda, bem-vinda. Você sabe trabalhar com chocolate?

Olhei para o enorme rosto amigável com sinceridade. Isso eu podia responder.

– Sim, senhor. Trabalhei com chocolate durante dez anos.

Ele me olhou cheio de expectativa.

– O seu é melhor – acrescentei depressa, sem ter certeza de que podia confiar em meu francês para elaborar mais.

Ele ficou em silêncio, então a gargalhada voltou.

– Escute isso! – gritou. – Alice! ALICE! Venha, você precisa ouvir isso. Sua contrerrânea.

Uma mulher lânguida, magérrima, que devia ter uns 50 anos, mas aparentava bem menos – tinha a boca larga pintada de vermelho, o cabelo como um capacete preto perfeito com uma onda elegante de puro branco na frente –, surgiu na sala. Vestia uma calça cigarette e paletó masculino e era (não havia como negar) maravilhosa. Ela era inglesa, mas, como eu viria a descobrir, insistia que vivia em Paris havia tanto tempo que esquecera como falar o idioma, quando o que queria mesmo dizer era que não desejava perder tempo com uma qualquer como eu, nem com qualquer um dos expatriados leitores de jornais ingleses que se reuniam na livraria Shakespeare and Company

ou no Frog, ou na Smiths na rue de Rivoli. A melhor maneira de irritá-la era adivinhar que Alice era inglesa antes mesmo que abrisse a boca, algo que eu costumava incentivar as pessoas a fazer. O que era infantil, mas ela era muito rude comigo.

Alice ergueu a sobrancelha para Thierry.

– *Chéri?*

– Temos uma garota inglesa!

Ela olhou para mim e de repente fiquei com vergonha da minha saia simples, dos sapatos baixos, da bolsa da Gap e do cabelo desarrumado.

– Obviamente – disse ela.

Eu não conseguia acreditar que aquela vaca arrogante era inglesa. Bom, até conseguia, mas Alice não pareceria mais francesa nem se estivesse usando uma boina, um bigode torcido para cima, uma blusa listrada e levasse uma corrente de cebolas no pescoço, tudo isso enquanto pedalava uma bicicleta e se rendia em uma guerra.

– Olá – cumprimentei-a em inglês.

– *Bonjour* – respondeu ela, e no mesmo instante desviou o olhar para outro lugar como se estivesse completamente entediada.

Não sei bem o que levara Thierry a passar da adorável Claire para aquilo, realmente não sei.

Thierry fez sinal para que eu me aproximasse. Primeiro, direcionou a atenção ao cacau fresco. Frédéric o colocou em um tonel grande, e Thierry, com uma destreza que não se espera de um homem tão grande, deu um peteleco em uma torneira. De repente, o tonel se encheu de um chocolate líquido quente, levemente fumegante, seguido pelo leite, e então ele acrescentou uma nevasca de açúcar de confeiteiro, parando, experimentando, parando, experimentando, tão rápido que parecia um borrão.

– Sim, não, sim, não, mais, rápido! – gritava, enquanto os homens seguiam suas ordens. Por fim, declarou-se satisfeito. – Agora começamos de verdade. *Lavande!* – ladrou, e Frédéric correu para pegar algumas da caixa no fundo da oficina.

Thierry picou-a bem fininha, tão rápido que achei que ele fosse cortar um dedo fora, então pediu uma garrafinha de cristal de essência de lavanda tão potente que assim que a abriu o lugar foi tomado pelo aroma, como uma pradaria na primavera. Com delicadeza, com o dedinho levantado, ele deixou duas... três gotas caírem em uma bacia, mexendo o tempo todo com a outra mão. As manchas roxas

minúsculas de lavanda desapareceram quase por completo enquanto ele atravessava a sala uma, duas, três vezes, a mão esquerda mexendo furiosamente, a direita segurando a bacia perto do corpo. De vez em quando, parava, provava e retomava, adicionando uma gotinha a mais de creme aqui, ou um pouco do chocolate amargo do outro tonel ali. Enfim, ficou satisfeito e se afastou da bacia. Benoît levou-a até o forno, onde o conteúdo seria moldado, derretido e temperado para o dia seguinte.

Então Thierry gritou:

– Formas!

E no mesmo instante Frédéric apareceu com o chocolate fresco. Thierry despejou-o com destreza nas formas sem derramar uma gota, em seguida pôs a bandeja nas prateleiras de resfriamento. Sem parar, ele se virou e Benoît já tinha colocado, em silêncio, uma caixa grande de gelatina à sua frente. Thierry a cortou em diamantes minúsculos de fruta, todos exatamente iguais e perfeitos. Quando terminou, o chocolate já tinha endurecido, e ele tirou-o depressa da geladeira, virando a forma e deixando cair trinta e dois bombons perfeitos na bancada. Pressionou neles os diamantes de frutas gelatinosas e então, com um olhar, lançou um na minha direção.

– Diga o que acha – pediu Thierry.

Mordi o chocolate. A camada cítrica macia e doce – devia ter sido feita de limão – suavizava o chocolate perfeitamente equilibrado e era tão leve que só podia fazer bem. O gosto não desaparecia na boca. Seu sabor se intensificava, ficava mais forte. O toque de acidez no topo impedia que a doçura dominasse o bombom. Era perfeito, impecável. Sorri com a mais pura felicidade.

– É isso que eu gosto de ver, hein? – Thierry gesticulou para os outros. – Essa é a cara que eu gosto. Sempre a cara que eu gosto. Hoje vamos fazer quatrocentas peças: lavanda, alecrim e geleia, hortelã... – Ele se virou para Alice. – Quer experimentar?

Ela lhe lançou um olhar insensível.

– Brincadeira – disse ele para mim. – Ela não come. Como um robô.

– Eu como, sim – rebateu Alice, com frieza. – Mas eu como comida, não veneno.

O gosto maravilhoso de chocolate que ficara na minha boca de repente lembrou cinzas e eu quis tossir. Thierry olhou para mim com malícia e piscou, e eu sorri de volta, mas também não sabia se estava satisfeita com a situação: ser agrupada com os comedores de

“veneno”.

– Aprovado? – perguntou Thierry.

– É sublime – respondi, com sinceridade.

Frédéric sorriu para mim, o que me deu a impressão de que eu não estava indo tão mal. Thierry estalou os dedos e Benoît lhe entregou um expresso no qual ele despejou quantidades enormes de açúcar. Todos ficaram em silêncio enquanto Thierry virava a dose, então ele largou a xícara e anunciou:

– Terminado!

Ele e Alice saíram e, no mesmo instante, os homens entraram em ação. Frédéric me deu um pano e me instruiu a lavar e polir tudo que não estivesse preso em algum lugar. Os dois se moviam a uma velocidade incrível, reproduzindo com exatidão a criação de Thierry nas formas enormes: lavanda, alecrim e geleia, que me pareceu bastante peculiar até eles me deixarem provar, e a partir desse momento eu não conseguia mais imaginar por que alguém comeria qualquer outra coisa.

Às onze horas, Frédéric tirou o avental sujo, trocando-o por um mais formal e limpo com o nome da loja e o dele bordados no bolso, e foi abrir o estabelecimento. A porta de aço fez um barulho alto, ecoando pela rua enquanto as outras lojas, os cafés e os empórios começavam a abrir também. Embora eu tivesse percebido pelas janelas embaçadas da oficina que o sol estava alto, vê-lo entrar pela porta da frente da loja me fez parar e pensar.

Minhas costas já estavam doloridas de me inclinar para limpar cada canto da sala, e agora Benoît indicava que queria que eu limpasse o tonel de cobre, que tinha acoplado a ele uma caixa de produtos de limpeza de cheiro forte e aparência complicada. Claire tinha razão sobre o trabalho duro.

Antes que eu comesse, Frédéric me chamou para fumar um cigarro na frente da loja. Eu não fumava, mas fiz companhia enquanto ele acenava e fazia graça para os outros lojistas que montavam suas barracas. A pequena livraria tirava pilhas de livros, alguns dos quais, percebi, pareciam cheios de orelhas. Havia uma pequena gráfica com mapas antigos de Paris cuidadosamente envoltos em plástico, e algumas obras maiores e mais turísticas – Monet, Klimt – à venda nas paredes. Uma loja parecia vender nada além de vários tipos de chá, todos em caixinhas de metal, em cores vivas, enfileiradas na parede em centenas de sabores: hortelã, cardamomo, toranja, caramelo.

Aquela loja tinha um aroma seco e refinado, de folhas, não os aromas terrosos e intensos da loja de Thierry. Mas pela forma amigável como Frédéric cumprimentou o proprietário, um homem alto, magro e mais velho que parecia tão desidratado quanto as folhas que vendia, como se uma brisa mais forte fosse capaz de levá-lo para longe, imaginei que se dessem bem, duas coisas que se complementavam. A loja ao lado da nossa vendia todo tipo de parafernália: vassouras, pás de lixo, esfregões e pregos.

Acima do nível da rua, janelas eram abertas. As ruelas eram tão estreitas que as pessoas pareciam viver apinhadas. Elas tomavam café, liam jornais – *Le Matin*, *Le Figaro* –, e por toda parte tagarelavam em francês, sua voz como som de fundo. Eu mal conseguia acreditar: ali estava eu, conversando com um francês autêntico, em uma rua cheia de profissionais franceses, trabalhando em uma loja francesa, bebendo café pegajoso e vendo o mundo passar. Eu estava quase delirando pela falta de sono e um pouco agitada pela quantidade de açúcar, mas não conseguia conter a bolha gigante de empolgação que fervia dentro de mim, embora eu estivesse prestes a passar o dia esfregando um tonel enorme de metal. Era preciso muito, muito cuidado, segundo me advertiram, para não contaminar o tonel com produtos de limpeza nem afetar a pátina, que era o que conferia intensidade à mistura. Benoît insistiu na questão até eu ficar vesga. Bom, eu lidaria com isso em um instante. Por enquanto, eu me sentia feliz só por estar ali fora, absorvendo o cheiro forte dos cigarros Gauloise de Frédéric, observando um cão de aparência alegre com um jornal na boca subir a rua saltitando, vendo um trio de pombos voar em espiral sobre os telhados altos e ouvindo o toque dos sinos do outro lado do rio.

– Thierry gosta de você – afirmou Frédéric. – Cuidado. Alice não vai gostar de você.

– Eu dou conta dela – rebati, pura bravata e, na verdade, uma mentira descarada. Pessoas confiantes o bastante para serem rudes sempre me impressionaram. – Ela é namorada dele?

Frédéric bufou.

– Sem Alice, Thierry ficaria na cama comendo chocolate o dia todo. É ela que o impulsiona, foi Alice que o deixou famoso. Está sempre preocupada que alguém possa roubá-lo dela.

Mas ele parece um brutalhão, pensei. E, além disso, com certeza a incrivelmente glamourosa e sofisticada Alice não ia se preocupar comigo.

Os primeiros turistas do dia já desciam a rua de paralelepípedos, babando e comentando a excentricidade de tudo. Um ou dois seguiam guias e, ao verem nosso letreiro, seus rostos se iluminaram.

– A horda ataca – disse Frédéric, jogando depressa o cigarro fora e voltando à loja com um sorriso largo no rosto. – *Bonjour, messieurs dames!*



De dentro da oficina, onde, bem devagar, eu esfregava a panela gigantesca com uma escova de dentes, como um tipo de castigo sádico, eu via só a cabeça das pessoas na loja. Às vezes Frédéric colocava a cabeça para dentro da porta vaivém e gritava com Benoît, que, de forma metódica, tirava bandejas e mais bandejas de chocolate fresco, que pareciam vender tão rápido quanto ele era capaz de colocá-los na geladeira, embora os preços fossem muito impressionantes. Eu não conseguia acreditar em quanto custavam. Frédéric me explicou mais tarde que, sim, era caro fazer chocolate como Thierry fazia, com tudo do melhor, mas mesmo as mais finas ervas não custavam tudo aquilo. Porém, Alice decidira que, a menos que os clientes achassem os produtos extremamente caros, eles não os valorizariam tanto assim. Também tinham descoberto que, cada vez que aumentavam os preços, a loja ficava mais cheia e eles apareciam em mais revistas sofisticadas. E assim as coisas seguiram, até as pessoas virem do mundo todo para visitar a famosa e exclusiva loja de chocolates frescos na rue Chanoinesse. Thierry continuou fazendo o que fazia e pagando muito pouco à equipe, Frédéric destacou com irritação, enquanto Alice escondia o dinheiro e comprava bolsas Chanel. Eu me perguntei até que ponto aquilo era verdade e até que ponto era especulação anti-Alice.

Ao meio-dia em ponto, Frédéric fechou as portas e as persianas. Benoît desligou todas as máquinas e desapareceu em uma bicicleta trêmula que parecia pequena demais para sua estrutura larga.

– Aonde ele foi? – perguntei.

– Fazer a sesta, é claro. E almoçar – respondeu Frédéric.

– Quanto tempo temos de almoço?

Na fábrica, eu tinha 45 minutos – em uma concessão, reduziram quinze minutos do horário de almoço para que saíssemos um pouco mais cedo –, mas era ridículo e não era o suficiente para ir até a

cidade, fazer compras, encontrar alguém ou algo do gênero.

Frédéric deu de ombros.

– Temos que abrir de novo às três.

Olhei para ele, sem saber se estava brincando ou não. Com certeza era uma brincadeira.

– Três horas?

Frédéric não parecia achar o fato nem um pouco surpreendente.

– Bom, sim, a gente tem que almoçar e talvez tirar uma soneca...

Agora que ele mencionara, uma soneca não parecia má ideia. Eu estava de pé desde o amanhecer. Frédéric sorriu com alegria e foi andando, me deixando ali sozinha. Alice saiu batendo pé sem se despedir e subiu em uma van carregada de caixas com coisas frescas. Thierry acenou para ela, então se virou e olhou para mim com uma expressão surpreendentemente bem-humorada.

– Vamos almoçar? – convidou.



Capítulo oito

Tirando o chocolate, eu não tinha comido nada a manhã inteira e estava com vontade de almoçar fazia tempo. Thierry me ofereceu o braço – ele não caminhava rápido –, atravessamos a ponte Louis-Philippe e desaparecemos em um labirinto de ruas, cheias sobretudo de turistas e dos eventuais habitantes que reconheciam Thierry e o cumprimentavam com um aceno de cabeça. Passamos por ruas largas com fileiras de cafés e restaurantes com cardápios do lado de fora e mesas postas na calçada. Thierry ignorou todos eles e, quando chegamos ao fim do bairro Marais, virou apressado em um pequeno beco de paralelepípedos entre dois blocos grandes de apartamentos com cortinas brancas e roupas estendidas nas janelas altas. Você não perceberia o lugar se não soubesse exatamente aonde estava indo. No fim da ruela havia um letreiro de madeira com uma panela balançando ao sabor da brisa. Parecia algo saído do Beco Diagonal, e lancei um olhar inquisitivo para Thierry. Ele não disse nada, mas piscou para mim.

Era, de fato, um restaurante, e, quando abrimos a velha porta marrom, uma rajada de barulhos e ar quente saiu. Lá dentro, tudo era marrom e de madeira. Havia metais nas paredes e o calor era infernal. Mesinhas e banquinhos marrons de madeira, feitos para gerações anteriores e mais magras, eu diria, estavam amontoados de forma desordenada em níveis diferentes. Todos pareciam estar gritando, e eu não via uma mesa livre em lugar nenhum. Uma mulher grande de óculos e com um avental branco sujo apareceu e deu um beijo rápido nas duas bochechas de Thierry, tagarelando algo que não consegui entender, e depois nos levou até o fundo do salão, de onde eu via, atrás do bar, um forno enorme de tijolos rugindo.

Ficamos espremidos em dois bancos com uma dupla de homens que

parecia estar em uma discussão acalorada sobre alguma coisa, mas que paravam abruptamente de vez em quando e caíam na gargalhada. Eu tinha acabado de me sentar quando a senhora voltou, erguendo a sobrelanceira. Thierry se aproximou de mim e disse:

– Vou pedir o pato para você.

Quando concordei, ele apenas acenou com a cabeça para a mulher, que, no mesmo instante, enviou um garoto baixinho e magrelo com água, pão, guardanapos, utensílios, uma jarra com vinho intenso de aparência frutada e duas taças bem pequenas, colocando tudo sobre a mesa na velocidade da luz. Thierry serviu uma tacinha de vinho pra mim – achei que fosse para experimentar – e se serviu de uma taça grande. Em seguida mergulhou um pedaço de pão em uma tigela com azeite e relaxou, mastigando de forma pensativa. Ele pareceu bastante satisfeito em não perguntar muito sobre minha vida ou o que eu estava fazendo em Paris. De repente fiquei muito nervosa.

– Então, você sempre teve a loja? – perguntei.

Ele fez que não com a cabeça.

– Nem sempre. Fui soldado também.

– É mesmo?

Eu não conseguia imaginar Thierry como uma máquina de guerra esguia e malvada.

– Bom, eu era cozinheiro do exército.

– Como era ser cozinheiro do exército?

Ele deu de ombros.

– Horrível. Mas depois eu voltei para a minha loja. E fiquei muito mais feliz.

– Por que o nome é Le Chapeau Chocolat?

Thierry sorriu, mas, antes que pudesse responder, nossa comida chegou.

Eu só tinha comido pato uma vez, no restaurante chinês, quando Cath e eu tínhamos dinheiro. Eu achava que era pequeno. Aquilo era um peito enorme, como um peru de Natal monstruoso. Sobre ele havia uma pele grossa e crocante, como torresmo. Os acompanhamentos eram salada verde, batatinhas coradas e um molho amarelo. Observei Thierry quando ele cortou o pato bem no meio e mergulhou um pedaço da carne no molho. Fiz a mesma coisa na hora.

A pele suculenta e crocante do pato explodiu na minha boca. O sabor era incrível: quente, salgado e macio ao mesmo tempo. Olhei para Thierry.

– Isto está maravilhoso.

Ele ergueu a sobancelha.

– Ah, sim, é bom.

Olhei para as outras mesas ao nosso redor. Quase todos estavam comendo pato também. Era o que o lugar vendia: pato assado. Incrível. Sorri, então limpei um pouco da gordura que quis escorrer pelo meu queixo. As batatas estavam quentes e salgadinhas, e a salada verde estava apimentada. Tudo se complementava. Era uma das melhores refeições que eu já comera. Todos agiam como se não fosse nada de mais, conversando, seguindo a vida, fingindo que aquilo era normal. Talvez, para quem morava em Paris, fosse mesmo normal.

Thierry começou a me explicar, animado, como eles garantiam que o forno estivesse na temperatura exata e como equilibravam os sabores. Ele era fascinado pelo lugar de onde vinham os animais (que precisavam ter vidas felizes – ao que parece, um pato estressado é um pato ruim), genuinamente interessado e empolgado, muito envolvido no assunto, e parei de reparar em sua forma e em sua falta de ar e passei a observar apenas sua risada calorosa e sua paixão. Talvez eu conseguisse enxergar o que Claire via, ainda que só de relance.

Por fim, após balançar a faca no ar afirmando que sabia, pelo cheiro, que o vinho do vizinho não estava bom, Thierry se conteve e riu.

– Ah, sempre falo demais – disse ele. – Eu me empolgo, sabe.

– Tudo bem, eu gosto.

Thierry ergueu as sobancelhas, pesaroso.

– Não, não, eu não presto atenção o suficiente... Então me diga: você deixou o namorado na Inglaterra?

– Eu não tenho namorado – respondi, sucinta.

– Mas uma mulher como você...

Eu não sabia se ele queria dizer “uma mulher agradável como você” ou “uma mulher da sua idade”.

– Hã, o que tem?

– Parece que você devia ter um namorado – opinou Thierry.

– Bom... – Talvez ele quisesse dizer que eu estava descuidada, como se eu tivesse me acomodado e desistido. – Bom, eu não tenho.

Thierry voltou a atenção ao prato e, ao encontrá-lo vazio, pareceu triste.

– Bem, não se apaixone por Frédéric. Ele tem nove namoradas.

Como eu provavelmente poderia esmagar Frédéric com um

peteleco, achava a hipótese improvável. Terminei minha refeição e fiz como Thierry: passei o pão pelo prato para aproveitar o molho. Ah, estava tão bom!

– E nossa amiga Claire?

Percebi que eu não tinha conseguido checar os e-mails desde a minha chegada nem avisá-la do andamento das coisas. Com certeza Sami conheceria algum café com internet, embora ele parecesse um pouco excêntrico para e-mails, como quem recebe tudo por pombos-correio com gravatas-borboleta.

Dei de ombros.

– Era glamourosa, a Paris dos anos setenta?

– Paris é sempre glamourosa, não é?

Assenti.

Thierry pareceu distraído por um instante.

– Éramos bons amigos, a Claire e eu – contou ele, em seguida olhou para meu pão e abriu um sorriso largo. – É muito sexy uma mulher que come. Você vai achar um namorado em menos de cinco minutos, tenho certeza. Fique longe da Bourse, os homens são todos horríveis.

Acabei descobrindo que a Bourse era a bolsa de valores, e Thierry começou a dar um ataque muito engraçado contra banqueiros privilegiados. Depois relaxou, satisfeito, e pediu um café para cada um de nós, que veio acompanhado de uma tacinha de bebida alcoólica.

– *Eau de vie* – explicou Thierry. – Essencial.

Ele bebeu de uma vez e eu fiz o mesmo, e acabei descobrindo que se tratava de conhaque, uma bebida fortíssima que fez meus olhos lacrimejarem. Comecei a tossir, e Thierry deu uma risada.

– É um prazer conhecê-la – disse ele.

– Igualmente – respondi, assim que me recuperei.

– E agora, um cochilo!

Por um instante me perguntei se aquilo não era alguma técnica ridícula de sedução, mas não. Thierry voltou para a loja e eu subi com esforço os muitos degraus das escadas do apartamento minúsculo – quase rastejando no último lance –, caí na cama e dormi assim que minha cabeça encostou no travesseiro.



Deus abençoe Sami. Mais ou menos às três horas ele surgiu do quarto cantando alto uma ária aguda demais para seu tom e passando um

café fresco no fogão. Quando acordei, ainda um pouco bêbada da comida e da *eau de vie*, não fazia a menor ideia de onde estava.

– *Chérie!* – exclamou Sami quando eu apareci, piscando, na luz quente da tarde. Ele olhou para o relógio. – Achei que você tinha um emprego.

Meu coração quase pulou pela boca.

– Eu tenho! – respondi, em pânico. – Eu tinha. Merda.

– *Arrêt!* Pare! – Sami veio até mim e ajeitou meu cabelo, então limpou embaixo dos meus olhos onde, presumivelmente, havia manchas de rímel. – Não se preocupe, *chérie*. Você pode chegar um pouquinho atrasada.

– É meu primeiro dia! – gemi.

Na fábrica, era preciso bater ponto na hora certa da entrada e da saída, caso contrário o salário era reduzido. Isso sem contar o fato de que era muito indelicado se atrasar. Eu fui uma idiota por não ativar o despertador.

Sami me olhou com atenção.

– É uma *siesta* – declarou. – Não um convite para ficar completamente inconsciente.

Uma pessoa muito magricela saiu correndo do quarto de Sami para o banheiro. Sorri para Sami, que me ignorou por completo.

– *Allons*, vá. Rápido. E não peça desculpas. Os britânicos pedem desculpas mil vezes por dia. Por quê? Não é com sinceridade. Vocês não estão arrependidos. Deviam guardar para quando estivessem mesmo arrependidos. Do contrário, não tem sentido.

– Desculpe – falei, sem pensar.

Ele me lançou um olhar severo.

– Agora. Vá. Não fique bêbada.

– Não estou bêbada – afirmei, ofendida.

– Não, mas você é inglesa. Por isso. Pode acontecer a qualquer momento sem aviso. Volte para casa tarde. Talvez eu receba alguns amigos.

Segui escada abaixo, decidindo economizar tempo não acendendo as luzes, o que se revelou um plano terrível, pois virei o tornozelo no último degrau. Ao sair do prédio, ouvi a porta do apartamento do primeiro andar abrir e fechar bem rápido. Afe, velha intrometida.

Virando na rue Chanoinesse, meu coração parou. A loja estava aberta de novo, o toldo listrado esticado, a fachada sutil brilhando ao sol da tarde, uma fila de clientes felizes se formando do lado de fora.

Mas, pior, notei que Thierry já se encontrava lá, com Alice. Ela crispou os lábios quando me viu. Por que a mulher estava sendo tão esnobe?

– Ah, é você – disse Alice, sem nem se preocupar em lembrar meu nome. – Pensamos que tinha achado o trabalho muito difícil e decidido continuar em casa.

– Peguei no sono – confessei, sentindo as bochechas corarem.

Com os outros, talvez eu tivesse conseguido rir da situação, mas aquela mulher era como uma diretora de escola assustadora. Seu rosto demonstrava reprovação.

– Bem, eu não acho que a loja artesanal mais bem-sucedida de Paris funcione bem com pessoas caindo no sono – rebateu ela com frieza. – Não sei se isto vai dar certo.

Mordi o lábio. Alice não estava querendo me demitir, estava? Eu tinha acabado de começar.

– Sinto muito. Não vai se repetir – falei.

Thierry se virou com um sorriso largo quando entrei rápido sob o olhar penetrante de Alice.

– Achamos que você tinha fugido! E levado todos os meus segredos para Patrick Roger, hein? Ele adoraria colocar os olhos em minha oficina.

Balancei a cabeça com vigor, com lágrimas ardendo nas pálpebras. Thierry virou-se para Alice.

– Eu a levei ao Le Brûlot – explicou, parecendo fingir tristeza. – Então, veja, é minha culpa.

– Quem pagou? – perguntou Alice na mesma hora.

Nenhum de nós respondeu. Eu nem tinha visto a conta.

– Ela é uma jovem em Paris pela primeira vez – disse Thierry. – Precisava saber como é o almoço, sim? – Alice ainda parecia revoltada, mas ele acrescentou, num tom mais suave: – Você já foi uma jovem em Paris pela primeira vez, *non*?

– Eu não almoço – respondeu Alice.

Mas o tom agressivo tinha sumido. Ela só emitia um som de desaprovação e balançou a cabeça para Thierry, que me lançou um olhar secreto de triunfo. Não consegui conter um sorriso.



A tarde mostrou o outro lado de Thierry, distante de sua tendência

perfeccionista na oficina nos fundos da loja. Enquanto eu arrumava, limpava e esfregava, fiquei observando sua interação com os clientes: flertando, adulando, deixando-os experimentar umas provinhas, dando golinhos de chocolate quente às crianças. Thierry era um mestre tanto no salão quanto nos fundos da loja e, quando apresentava aos clientes as contas altíssimas, encarava-os com valentia para que entregassem o cartão de crédito sem resmungos. Era uma atração à parte. Ele acreditava tanto em seu produto que não tinha como não demonstrar seu entusiasmo, e as pessoas da enorme fila do lado de fora iam até lá tanto para vê-lo quanto para experimentar o chocolate.

Às sete em ponto a loja foi fechada e olhei ao redor. Estava quase completamente vazia, como uma padaria no fim do dia. Tudo que não havia sido vendido era jogado fora no mesmo instante, e eu limpava como uma máquina. A certa altura, Thierry veio até os fundos da loja e sorriu ao me ver polindo os metais.

– *Ça va?* – perguntou.

Assenti freneticamente, desesperada por recompensá-lo. Ele olhou para trás. Pela primeira vez, não vi Alice ali.

– Como está... – Ele ficou em silêncio, a exuberância natural de repente parecendo sufocada. – Como está Claire?

Segui polindo para que ele não visse meu rosto. Sabia que entregaria o pior. Quando eu estava na Inglaterra, fazendo a melhor fisioterapia e reabilitação que o Serviço Nacional de Saúde tinha para oferecer, Claire discutira com o oncologista. Ela lhe disse que gostaria de estabelecer um limite para a quimioterapia, a partir do qual não queria mais receber o tratamento. Ele ficou muito irritado e a fez se lembrar de que ela não era tão velha assim. Claire foi muito firme com ele e pareceu tão irascível quanto no dia em que sugeri que eu não deveria ir a Paris. Foi a única vez que ela ficou irritada comigo. Claire perguntou qual seria o sentido de tudo aquilo se eu não pudesse nem mesmo fazer isso. Ela ia ficar bem, nem que fosse apenas para irritar o maldito oncologista.

Dei de ombros.

– Ela... ela está melhor.

– Conte-me mais sobre ela – pediu Thierry.

– Bom, estivemos hospitalizadas juntas. Então viramos amigas. Foi ela quem me disse para sair da Inglaterra. Bem, me obrigou, na verdade. Ela me fez vir para cá.

– Ponto para Claire – falou Thierry. – E ela... ela tem um marido,

uma família?

– Não. É divorciada.

Imediatamente vi tristeza em seus olhos – e talvez mais alguma coisa.

– É mesmo? Ah, mas ela era uma garota bonita. Uma garota tão bonita...

Concordei. Na nossa cidadezinha, antes de ficar doente, Claire brilhava como uma estrela.

– Mas ela vai se recuperar, *non*? Claire não é velha. Ah, bom, todos nós somos velhos – resmungou ele para si mesmo. – Mas ela... ela era tão bonita!

– Quem era bonita? – perguntou Alice, com suas vogais perfeitas, o sotaque guardando um quê do inglês aristocrático que devia ter existido um dia.

– Ninguém, ninguém, querida – disse Thierry, se virando e colando o sorriso largo de volta no rosto. – Vamos embora. Teremos uma noite tranquila?

Alice olhou para mim com os olhos semicerrados. Então respondeu:

– Sim, querido. Precisamos passar na festa de François, eles estão à sua espera. E na do embaixador. São negócios.

– Tudo não passa de um tédio ridículo – afirmou Thierry, irritado. – As pessoas não são mais divertidas. Antigamente, tudo era maravilhoso, podíamos dançar e fumar... Agora todos ficam parados, parecendo preocupados e reclamando sobre dinheiro, dinheiro, dinheiro.

– Bom, se você não comesse e bebesse tanto, talvez aproveitasse mais.

– *Non*, preciso comer e beber para aproveitar minimamente.

Os dois saíram na noite quente. Frédéric já tinha desaparecido em sua scooter. Benoît estava esperando que eu terminasse, batendo as chaves pesadas na mão, mas sem dizer uma palavra. Dei um sorriso alegre para ele ao sair, mas Benoît não retribuiu.

– Tchau então! – exclamei, animada, em inglês, mas ele nem se virou.

Ainda cansada e um pouco traumatizada – praticar com Claire era uma coisa, agora falar francês o dia todo era um pouco assustador, cansativo e serviu para me provar que eu era bastante péssima nisso –, subi as escadas com esforço. Os dedos faltantes me cutucavam dolorosamente. Isso me deixava louca. Para ser sincera, quando tinha

todos os dedos, juro que nem percebia a presença deles. Agora que tinha perdido dois, só conseguia pensar neles. Agiam como mensageiros, me informando quando eu estava um pouco cansada ou fatigada ou exagerando na dose – todas as coisas que eu tinha previsto que aconteceriam nesse dia.

Pensava em meus dedos o tempo todo. Nunca mais usaria sandálias no verão. Nunca mais faria as unhas dos pés antes de uma viagem, quando os pés ficam bonitos e bronzeados e nos sentimos como se ainda estivéssemos no verão mesmo muito tempo depois de a viagem acabar. Agora eu estava presa em sapatos grandes, feios e desajeitados o tempo todo. Salto alto era um pouco difícil também, porque qualquer coisa pontuda no dedão torcia dolorosamente os outros dedos, e a quiropodista me aconselhou a manter distância. Ela também me disse para relaxar, pois quase ninguém andava pela praia contando os dedos dos outros, e várias pessoas têm seis dedos em um pé e ninguém percebe, e outras coisas do tipo. Eu sorri e fingi concordar com ela ao mesmo tempo que jurava nunca mais mostrar os pés.

Tentei não pensar em como conseguiria fazer isso se um dia conhecesse alguém. Estava ocupada demais focando na minha recuperação e tentando descobrir como sobreviver pelo resto da vida sendo que o único empregador minimamente decente de Kidinsborough não precisava mais dos meus serviços e o dinheiro que eu ganhara da fábrica estava acabando. Enfim. Ninguém ia ver minha deformidade e ponto final.

Quando subi mancando o último lance de escada, Sami se encontrava parado no patamar, balançando uma garrafa verde para mim. Vestia um roupão colorido de seda que era curto demais para ele. Tentei não olhar para cima enquanto subia.

– *Alors!* – gritou ele. – A noite está começando.

– Não para mim – respondi depressa. – Estou exausta.

Sami pareceu magoado.

– Não quer conhecer meus amigos?

Eu não queria mesmo. Para começar, tinha esgotado meu francês. *Fim. Fini.* A ideia de ir com os amigos de Sami para um lugar barulhento, e depois me sentir um fracasso total, era deprimente. Na verdade, tudo o que eu queria fazer era me jogar na frente da televisão, mas vi que a TV já estava ligada e me lembrei que tudo era em francês – claro que era, como fui idiota em não me tocar disso

antes – e parecia consistir em quatro sujeitos em volta de uma mesa gritando uns com os outros. Soltei um suspiro. Daria qualquer coisa por um cão fazendo piruetas no *Britain's Got Talent*, possivelmente acompanhado de pizza. Eu pensava que na hora do almoço havia comido o suficiente para o dia todo, mas meu estômago parecia discordar. Eu devia ter ido ao mercado, mas não sabia onde era. E não tinha nada no apartamento, dava para perceber. Cheirava a gel de banho exótico, fumaça de cigarro e vela de sândalo.

Aliás, além de me aproximar da Claire, o acidente tinha mesmo me feito mudar. Antes dele, eu topava todas, e a compreensão de que eu na verdade não era invencível era bastante dolorosa. Eu chamava isso de recuperação, mas, na verdade, estava mais para um esconderijo.



Capítulo nove

No decorrer de muitas e muitas noites, eu descobriria que não havia como tentar evitar uma noitada com Sami. Mas uma noitada com Sami era diferente de uma noitada com qualquer outra pessoa. Quando eu e Cath saíamos, por exemplo, avisávamos aos outros e recebíamos várias mensagens perguntando em que bar estávamos. Acabávamos sempre indo à Faces porque lá tinha pista de dança e terminávamos a noite com um kebab no Pontin Ali's. Era o que todo mundo fazia. Todas as noites eram mais ou menos iguais, algumas mais divertidas e outras menos. Quase sempre víamos uma briga e, de vez em quando, Cath estava envolvida nela.

Porém, Sami tinha a habilidade – como fazia com os figurinos da ópera – de pegar o cotidiano, o comum, o brega e, quase sem dinheiro, mas com um pouco de imaginação, transformar tudo em magia.

Ele sempre conseguia descobrir onde estava acontecendo uma apresentação ou um flash mob. Certa noite, o Grande Circo de Mônaco tinha acabado de chegar à cidade e nos sentamos no terraço minúsculo de um restaurante barato que servia a melhor *bouillabaisse* de Paris, em mesas enfeitadas com luzinhas pisca-pisca, para ver o elefante e os tigres saírem marchando das jaulas.

Em outra vez ele insistiu que todos usassem azul, então conseguiu nos colocar para dentro de uma exposição particular de um artista jovem do momento, onde bebemos vinho e conversamos alto e pretensiosamente sobre as esculturas até sermos convidados a nos retirar. Sami tinha um círculo diverso de amigos da noite: funcionários de bares e bilheteria, açougueiros, padeiros, atrizes e guitarristas, qualquer um que trabalhasse em horários antissociais, que sáísse do trabalho quando os restaurantes e bares estavam fechando e precisasse conhecer alguém que soubesse como se divertir no mundo

crepuscular.

Mas eu não sabia de nada disso naquela primeira noite. Tudo o que sabia era que, embora estivesse cansada, também estava carente: de companhia, de estar com pessoas que não soubessem tudo sobre mim e que não fariam as mesmas piadas que eu já estava cansada de ouvir. O sono longo na hora do almoço e a adrenalina de todas as experiências novas tinham me deixado energizada e alerta. Percebi que, se fosse para a cama, não conseguiria dormir de jeito nenhum. Nenhum mesmo.

– Vamos lá, então.

Coloquei um vestido preto bem simples que Claire vira em uma loja on-line e sugerira que eu comprasse. Para mim, parecia muito sem graça. Preferia roupas mais chamativas, mas ela disse que era assim que as pessoas se vestiam em Paris. Bufei e concordei em comprar quando entrou em promoção. Era pesado na barra, o que o deixava com um caimento perfeito.

Sami veio e ficou observando enquanto eu me arrumava.

– Você não vai passar nenhuma maquiagem? – perguntou.

Dei de ombros e olhei para ele. Sami estava usando uma sombra azul-pavão com um certo brilho. Isso não o fazia parecer menos masculino, apenas destacava seus olhos escuros voluptuosos e lhe conferia uma aparência bastante moderna.

– Você é drag queen? – perguntei.

Uma coisa sobre ter que me virar em outra língua: eu nunca conseguia abrir espaço para sutilezas ou qualquer coisa diferente de ser muito franca.

Sami riu.

– Não. Só gosto de estar bonito – respondeu, e se olhou no espelho para se certificar de que estava bonito.

Eu nunca ouvira um homem falar assim antes. Ele vestia um terno preto bem justo que parecia muito caro, uma camisa branca novinha, uma gravata turquesa e um lenço também turquesa reluzente no bolso da frente e que combinava perfeitamente com a cor da sombra nos olhos.

– E está – afirmei.

Para mim Sami era como um pássaro exótico. Ele me virou pelos ombros e me colocou diante do espelho.

– Você parece meio cigana – disse ele, aprovando meu cabelo encaracolado sempre desgrehado. – *Arrêt!*

Então desapareceu e voltou com um estojo de maquiagem profissional enorme carregado de poções e cremes.

– Fique parada.

Eu me submeti a seu comando e fechei os olhos. Ao abri-los de novo, fiquei maravilhada com o que vi.

Sami tinha desenhado uma linha grossa bem em cima dos meus cílios, que continuava até bem além dos meus olhos. Isso pareceu aumentá-los, conferindo um tom esfumado. Depois passou pó e rímel por cima. MUITO rímel. De repente meus olhos pareciam enormes em meu rosto.

– Sem batom – opinou Sami. – É melhor assim. Passa a impressão de que você é misteriosa e está usando preto de propósito, e não porque tem preguiça de se arrumar.

– Não tenho preguiça de me arrumar! – protestei.

Não fazia muito sentido comprar roupas bonitas quando: (a) eu não podia pagar por elas e (b) precisava usar uniforme na fábrica de chocolates, então costumava colocar apenas uma calça jeans com uma camiseta. Era mais rápido e fácil, e eu não precisava pensar muito. Cath e eu gostávamos de nos arrumar para sair nos fins de semana, mas isso significava que eu sempre precisava de roupas novas, ou seja, tinha que comprar as mais baratas que conseguia encontrar para não usar sempre as mesmas. Fazia isso não por preguiça, mas para ser prática.

Porém, com o vestido preto justo (eu costumava escolher roupas que disfarçassem as partes do meu corpo que eu não gostava, sobretudo as costas), com os olhos enormes... de repente eu parecia alguém completamente diferente. Não a Anna adolescente, do fundão da sala, que não ligava para nada. E não a Anna mais recente, com a feição um pouco traumatizada, com linhas de cansaço e preocupação ao redor dos olhos. Não, eu parecia uma pessoa desconhecida e nova. Tentei sorrir, mas não combinou com meu novo look, que era mais misterioso e menos amigável.

Sami riu.

– Você está fazendo carão?

– Não! – respondi, corando.

– Está, sim! Você está amando se olhar no espelho.

– NÃO!

– Isso é bom! É assim mesmo que tem que ser. Agora. Venha. Martíni.

Eu o segui pela noite escura da cidade. Os turistas com mochilas coloridas e mapas de ponta-cabeça já haviam voltado para os hotéis e grandes restaurantes com seus cardápios cheios de fotos que lotavam a Place de la Concorde. A noite parecia ser nossa. Pegamos um ônibus que nos levou até o outro lado da ponte e subimos a colina ao norte, até Montmartre.

Claire me falara algumas vezes sobre Montmartre. Era seu lugar favorito na cidade. Ela contou que, em dias quentes, costumava ser o único local onde era possível sentir o vento ao subir os degraus e depois ao se sentar no topo da escadaria. Disse que costumavam estacionar o carro lá – algo atualmente inviável considerando as novas restrições de estacionamento – para fazer um piquenique no alto da escadaria.

Sami saltou do ônibus e me levou por um beco lateral e depois outro. Eu não fazia a menor ideia de onde estava. Às vezes, ouvia taças tilintando e trechos de conversas alegres, ou sentia o cheiro de alho e cebola sendo refogados ou o aroma de pão quente das padarias 24 horas. Por fim, ele parou e apontou para um prédio grande que estava em completo silêncio. Havia uma passagem estreita e foi por ali que Sami me levou. Na lateral tinha uma portinha, atrás da qual brilhava uma luz amarela.

Ele deu três batidinhas alegres e a porta foi aberta por uma garota vestida como uma vendedora de cigarros dos anos 1950. Uma onda de calor, luz e barulho veio em nossa direção e dei um passo para trás. A jovem aceitou dinheiro de Sami e nos conduziu para dentro.

Ao descer um lance longo de escadas acabamos num espaço subterrâneo em uma cripta enorme. Já devia ter sido algum tipo de depósito. De qualquer forma, agora fora transformado em boate. Em uma das extremidades havia um palco improvisado onde um grupo de músicos tocava freneticamente, dando tudo de si: um trompetista, um homem alto usando um chapéu fedora no contrabaixo, um baterista que parecia o Animal dos Muppets e uma mulher também alta de vestido fúcsia improvisando no microfone. As pessoas estavam dançando, ou sentadas em mesas dobráveis baratas de madeira. Muitas delas vestiam roupas estilo anos 1940. Percebi, horrorizada, que a maioria estava fumando. Eu sabia que na França também era proibido fumar em lugares fechados, mas ninguém parecia se importar e, ali embaixo, com uma única escada frágil e sem saídas de emergência à vista, era algo perigoso.

Em um canto havia uma portinhola usada para servir vinho e nada mais, também havia assentos mais afastados da banda. Sami logo viu um grupo que conhecia e que veio até onde estávamos para nos cumprimentar. Uma garçonete parou e perguntou se queríamos vinho, mas Sami exigiu que ela nos preparasse um martíni decente e, após revirar os olhos, a garçonete concordou.

Eu nunca tinha bebido martíni antes. Pelo menos não um decente, é claro. Tinha gosto de algo tirado de um tanque de gasolina. Engasguei e tossi a ponto de chamar alguma atenção, então tive que fingir que não havia nada errado.

Assim que nos sentamos, as pessoas começaram a rodear nossa mesa. Sami conhecia todo mundo ali, o que não era nenhuma surpresa. Descobri que pessoas que são muito amigáveis tendem a ser assim com todos. Confesso que me senti um pouco boba por ter pensado que sua insistência em me levar para sair tivesse a ver com algo interessante em mim. Na verdade, era só sua gentileza típica. Enquanto bebia meu martíni, observei Sami cumprimentar todo mundo com a mesma efusividade. Concluí que ele simplesmente precisava de plateia e gostava de todas as pessoas, sem ser muito exigente em relação a elas.

Bom, tudo bem, disse a mim mesma, enquanto ninguém sequer olhava na minha direção. Não fiquei surpresa, pois as garotas eram todas muito glamourosas com aquela sombra preta pesada que estava fora de moda no Reino Unido havia anos, em peles pálidas – nada de bronzeamento artificial por aqui –, e eram todas magérrimas. Os garotos mais ainda, e se vestiam melhor. Usavam óculos de armação pesada, e ninguém além de Sami ria ou gargalhava, só agitavam as mãos no ar. A certa altura, um dos garotos magrelos agarrou uma das garotas magrelas e foi dançar com ela. Ela fez um beicinho ainda maior que antes, o que claramente queria dizer que aceitava. Vi os dois sinuosos e elegantes e, de alguma forma, estranhamente deslocados no tempo desaparecerem na multidão suada.

Bebi mais um gole do martíni – na verdade, do segundo martíni, parecia que eu tinha terminado o primeiro – e me senti deslocada e sonhadora. O curioso era que, embora eu soubesse que aquele lugar era sofisticado, interessante e diferente – tudo o que eu tinha vindo aqui para descobrir –, também sabia que não tinha nada a ver comigo. Conseguia notar, olhando em volta, que não me encaixava. Eu não era parisiense, chique, magérrima e bem-vestida. Era velha demais,

provinciana demais. Era um mundo interessante de observar, de visitar, pensei, vendo Sami jogar a cabeça para trás, participando de quatro conversas ao mesmo tempo, virando o martíni e fumando com uma piteira. Mas aqueles boêmios relaxados... eu achava que não fazia muito sentido tentar me enturmar, mesmo que conseguisse entender uma palavra do que alguém dissesse. Olhei para o relógio. Estava tarde. Levantei.

– Preciso ir – falei a Sami.

Ele olhou para mim, surpreso. Devia haver mais do que apenas tabaco em seu cigarro, porque suas pupilas estavam enormes.

– Ir? Mas acabamos de chegar! E tem uma festa em um arranha-céu a que a gente simplesmente precisa ir mais tarde... daqui a pouco...

– Obrigada. Mas tenho que trabalhar amanhã.

– Como você vai para casa?

– Eu pego um táxi – respondi, com ousadia.

Eu não fazia a menor ideia de como chegar em casa.

Sami deu um aceno preguiçoso.

– Tudo bem, minha *petite anglaise* trabalhadora. Pessoal, se despeçam da Anna.

Um homem a quem eu não fora apresentada estava em pé por ali. Ele se virou para Sami e sussurrou algo.

– É claro que ela vai – rebateu Sami, irritado. – Querida, mais martínis, por favor. – Então ele parou. – É claro. Vocês dois precisam se conhecer.

Sami puxou o homem, que era alto e um pouco mais encorpado que a maioria dos *beau monde* jovens e atraentes do local. O desconhecido estava agarrado a um dos tipos magros com aparência de modelo e pareceu um tanto irritado por ser incomodado.

– Esta é Anna.

O homem pareceu completamente confuso com a informação. Em vez de me beijar nas duas bochechas, ou dizer “Enchanté”, como a maioria das pessoas que eu conhecera, ele estendeu a mão com certa indelicadeza sem me olhar nos olhos.

– Bom, olá – falei, surpresa com a reação dele.

Ele ainda se dirigia a Sami, com um tom irritado:

– Ela nunca vai conseguir achar um táxi.

– É claro que vai – disse Sami. – Ou um ônibus, ou um amigo.

O homem revirou os olhos.

– Vou ficar bem – afirmei.

Estava cansada e um pouco bêbada por causa dos martínis e de repente quis muito estar na minha cama. Não gostava daqueles estranhos falando de mim como se eu não estivesse ouvindo. De qualquer forma, o metrô ainda devia estar funcionando. Dei um sorriso breve.

– Boa noite.



Acontece que o jovem rabugento tinha razão. As ruas estavam desertas. Isso aqui não era para ser uma cidade grande com festa a noite toda? Já tinha ido a Londres duas vezes e, pelo que pude perceber, o Soho e a Trafalgar Square ficavam movimentados a noite inteira. Mas Paris estava praticamente em silêncio.

Todos os táxis que passavam estavam com a luz acesa, mas não paravam. Meu coração começou a acelerar um pouco. Talvez o sistema fosse diferente aqui. Talvez a luz acesa significasse que o táxi *não* estava livre. Então tentei acenar para alguns carros com a luz apagada, mas isso também não adiantou, até que um carro sem identificação e com um homem dentro começou a diminuir a velocidade para chegar perto de mim. Virei e me afastei depressa, subindo alguns degraus. Olhei para trás ansiosa, me perguntando até que ponto Paris era segura, afinal. Umas dez pessoas já tinham me alertado sobre batedores de carteira. Mas e em relação aos assaltantes em si?

Ouvi passos em algum lugar atrás de mim. Os postes de luz, por mais encantadores que fossem, de ferro forjado à moda antiga, lançavam círculos de luzes pitorescas e bastante fracas. Naquele momento, preferia uma luz bem clara, daquelas que quase cegam, de posto de gasolina. Eu mal conseguia enxergar o caminho à minha frente e não fazia ideia de onde estava indo. Comecei a andar um pouco mais rápido. Os passos atrás de mim aceleraram.

Ah, merda, pensei. Meu Deus. Eu tinha sido burra de sair sozinha. Tinha sido burra de sair de casa, na verdade, com um colega de quarto novo que mal conhecia. Devia ter ficado em casa e comido macarrão instantâneo e, sei lá, chorado ou algo assim. Acelerei ainda mais, tentando ver uma rua que levasse a algum lugar mais amplo com uma chance maior de haver alguma companhia, mas todas as ruas adiante pareciam igualmente minúsculas e misteriosas. Ah, droga.

À frente eu via o contorno de uma igreja enorme, a Sacré-Coeur. Decidi ir até lá, não por ter a ideia antiquada de que eu estaria protegida em um santuário, mas com a expectativa de que teria um jardim grande, algum lugar iluminado – dava para ver os holofotes do outro lado da cidade. Corri mais um pouco pelos degraus, e os pés atrás de mim ficaram mais rápidos também, estavam cada vez mais perto, meu coração quase pulando pela boca, minha mão procurando na bolsa algo que pudesse ser usado como arma. Agarrei a chave grande e antiga de ferro que abria a porta do prédio de Sami e disse a mim mesma que mirasse no olho do perseguidor.

– Ah!

A voz era grave e rouca, e percebi pelos passos que se tratava de alguém pesado. Merda. Tudo bem. É agora. Os passos se aproximavam. Eu estava em uma área de paralelepípedos ainda bem longe da basílica, cercada de lojas fechadas e prédios apagados. Será que alguém abriria para mim? Duvidei. Respirei fundo.

– AAAAAAH!!!!!!

Gritei com toda a minha força e pulei na figura escura e sombria, com a chave na mão, tentando acertar seu rosto. Ele estava desprevenido e caiu com força sobre os paralelepípedos. Caí em cima dele, ainda tentando acertá-lo com a chave e gritando as piores obscenidades que vinham à minha mente.

A princípio, não percebi o grito igualmente horrorizado que vinha de baixo de mim. Dois braços muito fortes tentavam me manter longe de seu rosto. Eu tinha voltado ao inglês e de repente o homem começou a falar inglês também.

– Pare, por favor, pare... por favor... não quero te machucar. Por favor.

Não absorvi suas palavras na hora, e me sentia tão louca de adrenalina que não sei até onde teria ido se uma pessoa de um apartamento não tivesse aberto a janela de repente e, sem aviso, jogado um balde de água sobre as nossas cabeças.

Isso me conteve. Ofegante, percebi que estava sentada em cima do cara rabugento do bar. Ele segurava minha mão com força, com o braço esticado, mas percebi que eu conseguira fazer um belo corte em sua testa. Ver o sangue me fez tremer.

– Ah... – falei, o choque e a fadiga tomando conta de mim.

Balancei e quase caí em cima dele. O homem logo colocou as mãos na minha cintura, me segurando.

– Mas o que... o que DIABO você estava fazendo? – perguntei, por fim, ainda arquejando, enquanto me levantava com esforço. Eu estava ensopada.

– Eu gritei para você. Você não ouviu? Não ouvi seu nome quando fomos apresentados.

– Você não pode seguir uma mulher assim!

– Bom, e você não pode sair andando em uma cidade estranha se não sabe o caminho de casa. Sami é uma boa pessoa, mas entre você e a festa ele sempre vai ficar com a festa.

Arrumei o vestido enquanto ele se levantava com dificuldade. Seu inglês era muito bom, quase não se notava o sotaque francês.

– Então você estava...

– Eu vim procurá-la. Estava exausto e vou para o mesmo lado que você, de qualquer forma. Não consigo acompanhar o ritmo de Sami.

– Posso imaginar – falei, o que foi o mais próximo que consegui chegar de um pedido de desculpas naquele momento, com o coração ainda acelerado a um milhão por hora. – Meu Deus, eu machuquei você.

Como se ainda não tivesse percebido, o homem colocou a mão larga no rosto, apenas para sentir o sangue escorrendo. Então afastou a mão e olhou para ela.

– Terrível – comentei, horrorizada.

Procurei um lenço na bolsa, mas não tinha nenhum.

– Que horror – disse ele, de repente parecendo um pouco trêmulo também. – Você me esfaqueou?

– É claro que eu não te esfaqueei – respondi, desafiadora. – Na verdade eu te chaveei.

Ele não entendeu até que eu mostrei a chave, então minha consciência voltou. Meu corpo, já ansioso, de repente tremeu com medo de que ele fosse ficar furioso. Em vez disso, para meu enorme alívio, ele balançou a cabeça, abriu a boca, revelando dentes branquíssimos, e começou a rir.

– Vamos, venha comigo.

O homem me guiou por um pequeno beco assustadoramente escuro. Tive mais um instante de pânico, e ele acrescentou:

– Por favor. É claro que eu não te atacaria agora.

– Eu tenho minha chave – respondi, rindo de nervoso quando a adrenalina enfim começou a deixar meu corpo.

Para minha total surpresa, o beco estreito dava em uma via larga e

bem iluminada, com carros passando acelerados e algumas cafeterias ainda abertas. O homem me levou até uma cafeteria minúscula, ocupada por vários homens turcos que fumavam narguilé e uma proprietária de olhos escuros com olheiras. Ela pareceu pouco convidativa a princípio, mas se mostrou proativa quando pedimos dois cafés e perguntamos pelo banheiro.

Fiquei sentada ali até que ele voltasse com a ferida limpa e segurando toalhas de papel contra a testa.

– Desculpe – falei, em voz baixa.

O café chegou. Quente, preto e mais ou menos metade era açúcar. Exatamente o que eu queria. Ele balançou a cabeça, então olhou para o relógio.

– Argh – fez ele.

– Não me mostre. Tenho que estar de pé em algumas horas.

– Eu sei.

Olhei para ele.

– Quem é você?

Ele deu um sorriso torto e percebi alguma coisa... vi algo em seu rosto.

– Sou Laurent – respondeu ele. – Você é a Anna, lembrei agora. Você trabalha para o meu pai.



1972

Thierry começava a trabalhar muito cedo, então decidiu que, ao meio-dia, fecharia a loja por três horas, e não apenas as duas horas habituais. Quando Benoît, seu assistente, sugeriu que isso seria um suicídio comercial, Thierry destacou que as lojas italianas fecham por quatro horas, e que as pessoas esperariam.

Claire colocava as crianças para dormir, sob a alegre supervisão de Inez, a empregada da casa, e saía. Madame Lagarde e Inez trocavam olhares.

Thierry e Claire atravessavam as pontes de Paris, uma mais bonita que a outra. Em um dia nublado, que deixou a cidade em um tom preto e branco, como numa fotografia de Doisneau, os dois passearam pela Pont Neuf. Para Claire, era como se cada pedra fosse suavizada por amantes que caminhavam sobre elas havia centenas de anos.

Thierry falava e falava – de sabores, métodos e dos aprendizados em Innsbruck, Genebra e Bruges –, e às vezes também se lembrava de perguntar a Claire sua opinião sobre as coisas, mas ela não fazia questão de falar muito. Claire ficava feliz em ouvi-lo, se alegrava por sua compreensão do idioma, que melhorava a cada dia, e se deleitava no calor da total atenção de Thierry, pois, quando ele voltava à loja, imediatamente ficava rodeado de pessoas que queriam um pouco dele: um acordo, uma conversa, uma ideia, parabenizá-lo pelo bom gosto ou perguntar sobre algo que tinha saído no jornal. Quando estavam em público, ele era de todos. Quando traçavam suas próprias rotas sinuosas por Paris, ele era só dela, e Claire era incapaz de pedir mais.

Nunca mais na vida de Claire o tempo lhe escaparia tão rápido quanto naquelas caminhadas, naqueles almoços. Três horas pareciam passar num piscar de olhos, e ela passava o resto da tarde flutuando, com um humor tão leve e agradável que Arnaud e Claudette se agarravam a ela, repetindo com alegria as músicas em inglês que Claire lhes ensinava, pronunciando a seu modo as palavras ao cantar “Râniiii, oh! Xúgarrr, xúgarrr...”.

Madame Lagarde ficou de olho na jovem e, quando achou que era a hora apropriada, entrou com naturalidade no quarto de Claire certa noite e se sentou na cama.

– Agora, chérie, por favor, me diga o que você sabe sobre contracepção – falou, com gentileza.

De todas as coisas chocantes e estranhas que aconteceram com Claire durante a viagem, nenhuma tinha sido tão bizarra quanto aquela mulher elegante e sofisticada falando sobre... bem... coisas. É claro que Claire tinha alguma ideia, havia aprendido quando trabalhou na Chelsea Girl. Sabia mais ou menos o que era uma camisinha, e as garotas comentavam sobre tomar pílula, embora ela achasse inimaginável a ideia de ir até o bom e velho Dr. Black, que a conhecia desde bebê, para pedir pílulas para fazer sexo e de discutir essas questões sob o teto do reverendo.

O fato de ter acontecido em outra língua ajudou, é claro. Mas a forma calma e confiante de madame Lagarde ao discutir higiene sexual como se não fosse mais ou menos importante que a higiene habitual (o que, para a madame, não era mesmo) abriu os olhos de Claire de várias formas. Primeiro, Claire não aceitou os preservativos que a madame ofereceu, mas prometeu que sempre se protegeria. Além disso, pegou o tom prosaico e o caráter imperturbável de madame Lagarde e o armazenou em algum lugar. Anos mais tarde, acabaria assumindo todas as aulas de educação sexual na escola, pois a maioria dos professores não era capaz de encará-las.

Estatísticos classificavam as taxas baixíssimas de DSTs e gravidez na adolescência naquela área de Kidinsborough, um lugar de privação considerável, como uma simples exceção.

Não era nada disso.



Eu percebi assim que as palavras saíram da boca dele. É claro que Laurent era filho de Thierry. O biotipo, os olhos castanho-escuros... Ele era muito mais bonito do que o pai jamais poderia ter sido, mas os dois eram bastante parecidos, até nos cílios pretos e longos e no brilho travesso no olhar. Naquele momento o pânico desapareceu.

– Você parece...

– Por favor, não diga que eu pareço uma versão magra do meu pai.

– Laurent olhou para baixo e deu uma batidinha na barriga com um olhar cansado. – Rá, não tão magro assim.

Na verdade, ele não era nada gordo. Só era grande, com o tórax alto e os ombros largos.

– Bom, você não é tão parecido assim com ele. Se fosse eu não teria te golpeado com a chave.

– Bom, a não ser que seja *muito difícil trabalhar com ele* – comentou Laurent, bebendo um gole do café. – Ah. Bem melhor. Minha aparência está melhor?

Seu cabelo encaracolado apontava para todas as direções e a barba escura estava por fazer.

– Você tem alguma reunião importante hoje? – perguntei.

– Tão ruim assim, é? Hum.

– Então por que Sami queria nos apresentar?

– Ah, Sami gosta de acreditar que conhece todo mundo. – Laurent pensou um pouco e corrigiu a afirmação: – Tá, ele conhece todo mundo. Sami achou que seria engraçado nos apresentar.

– Por quê?

– Bom... porque...

– Diga.

– Porque ele sabe que meu pai e eu... não nos damos muito bem.

Era difícil imaginar alguém que não se desse bem com Thierry, com aquele jeito dele de tio legal.

– Ah, não! Por quê?

Laurent deu de ombros.

– Coisa de pai e filho... nada de mais na verdade. Como ele está?

– Não sei – respondi, sem energia. – Thierry me parece bem feliz.

Laurent pareceu bastante agitado.

– É mesmo? É por isso que ele está tão desleixado? É assim que um homem fica quando está feliz?

– Bom, sua mãe parece mantê-lo na linha – falei, nervosa.

O rosto de Laurent assumiu uma expressão glacial.

– Alice não é minha mãe.

Pensei que eu já tinha falado demais por uma noite. Laurent terminou o café e olhou para mim, o sorriso tinha voltado e a agitação desaparecera.

– Desculpe – disse ele. – Acho que não causei uma primeira impressão muito boa.

– Tirando a tentativa de assalto e os problemas com seu pai, está se saindo muito bem. Você quer que além de tudo eu ainda pague o café?

Laurent pareceu um pouco chocado, até perceber que era uma brincadeira.

– Não. Você é boa? Com o chocolate, quero dizer. Não a violência.

Dei de ombros.

– Meu antigo chefe dizia que eu tinha um olfato bom, seja lá o que isso quer dizer. Mas seu pai faz as coisas de um jeito muito diferente. Vou me esforçar ao máximo. Eu... eu devo isso a alguém. Ficar aqui. E fazer o que estou fazendo. – Olhei para a rua em volta, ainda lotada de pessoas noturnas. – Ainda que vir para Paris pareça um pouco...

– *Un peu trop?* – sugeriu Laurent em voz baixa, em francês. Um pouco demais.

– Foi um dia longo.

– Vamos, então. Eu vim para levá-la para casa. E vou levar.

Eu o segui até a rua e me perguntei onde estaria o carro dele. Mas não havia um carro. Escondida sob uma ponte ferroviária uns cem metros à frente estava uma scooter azul-clara linda e reluzente.

– É o único jeito de se locomover nesta cidade – explicou ele, ao perceber que eu observava a scooter.

– É legal.

– É essencial!

Laurent destravou o assento e me entregou um capacete azul-claro que combinava com a moto. O dele era um preto vintage com óculos protetores à moda antiga.

– O que é isso, o capacete da garota? – brinquei, antes de perceber

que tinha cheiro de produto de cabelo.

Bom, é claro, Laurent devia ter uma namorada. Ou devia sair com um monte de gente. Eu me senti um pouco estranha ao colocar o capacete.

– Você já andou em uma scooter antes? – perguntou ele.

– Ah, não, nunca – respondi, ainda colocando o capacete. – É como andar de bicicleta?

– Não – falou ele, coçando a cabeça. – Não é, não. Hum. Só... certo, só se mexa quando eu me mexer, tá bom? Tipo, se eu me inclinar...

– Eu me inclino para o outro lado, para equilibrar – completei prontamente.

– Ah, não!

– Não?

– É o contrário. Quando eu me inclinar, você se inclina junto – explicou Laurent.

– Nós não vamos cair?

– É bem provável. Você se recupera rápido?



Andando pela escuridão parisiense, agarrada a um homem grande em uma moto minúscula (com uma bolsa masculina nos ombros – percebi que todos os homens franceses tinham uma; eles pareciam ver muito sentido nela), tentei seguir a dica dele em relação à inclinação. Era difícil prever, pois Laurent nunca dava sinal e não costumava respeitar o semáforo, apenas seguia em frente. Nas primeiras vezes, enterrei o rosto em sua jaqueta de couro macia. Depois disso, ao ver que ainda estava viva, tentei confiar nele e comecei a prestar atenção nos arredores.

Descemos pela Champs-Élysées, com as calçadas largas e os prédios altos brancos brilhando à luz do luar. Sempre que virávamos um pouco à esquerda, eu a via ali, nos seguindo como a lua: a forma inconfundível da Torre Eiffel, iluminada por holofotes. Eu não conseguia tirar os olhos dela, parada ali tão imponente. Nada em volta poderia diminuir seu impacto.

– O que está fazendo? – rosnou Laurent quando virei o corpo para olhar melhor.

– Vendo os pontos turísticos – respondi, metade da minha frase perdida no vento que passava entre nós.

– Bom, então pare. Me acompanhe.

Em seguida ele pegou meu joelho direito com força e o apertou mais contra sua cintura. Eu me agarrei a ele e deixei que as paisagens de Paris aparecessem para mim: uma igreja ali, com o campanário quadrangular inclinado; as vitrines enormes das lojas reluzindo sob a iluminação dos postes; o som de rap africano que vinha dos carros que passavam; em determinado momento, em uma esquina, um casal dançava lentamente uma música que só os dois ouviam. Uma lua crescente, o aroma suave das flores quando passamos pela Place des Vosges, o ar fresco, mas não gelado, contra minha pele, Laurent à frente ainda a uma velocidade que parecia assustadora, as luzes dos postes antigos passando por nós em lampejos.

De repente, embora eu não soubesse bem onde estava ou o que estava fazendo e provavelmente ainda sob efeito dos dois martínis, me senti incrível. Ninguém no mundo – além de Laurent, que não contava, pois eu tinha acabado de conhecê-lo – sabia onde eu estava nem o que estava fazendo. Não sabia o que me esperava, não sabia o que ia fazer pelo resto da vida, se ia prosperar ou fracassar, conhecer alguém ou ficar solteira, viajar ou voltar para casa.

Parece muito idiota se levar em consideração que eu tinha 30 anos, estava dura, tinha três dedos em um dos pés, alugava o quarto de um socialite gigante e possuía um emprego temporário. Mas, de repente, me senti livre.



Capítulo dez

1972

– Espaguete à bolonhesa.

– Não.

– Não é possível.

– Eu experimentei espaguete enlatado – disse Claire, deitada na grama.

– Eu não sei o que é isso.

– É ok.

– Ok. Ok. Por que você colocaria na boca algo que é só ok?

Claire riu. Os dois estavam fazendo um piquenique no Jardim de Luxemburgo. Parecia quase mágico para Claire o fato de que, apenas algumas semanas antes, ela estava observando os jovens amantes, tão orgulhosos e satisfeitos com suas cestas de vime, as bicicletas casualmente largadas e as garrafas de vinho vazias. Os casais faziam parecer muito simples. Claire ficou querendo aquilo para ela.

E agora ela estava ali também, deitada metade sobre uma toalha, metade na grama, sob um céu azul resplandecente. Os Lagardes tinham levado as crianças a Provença naquela semana. Originalmente, Claire iria junto. Quando madame Lagarde avisou que ela não precisaria ir, a jovem entrou em pânico e ficou preocupada que tivesse feito algo errado. Ser mandada de volta para o pai, humilhada, era mais do que seria capaz de suportar.

Marie-Noelle riu de sua expressão preocupada. Ela queria que Claire desse uma chance a sua vida amorosa, que vivesse a própria aventura. Não tinha passado despercebido que a menina estava se soltando mais, que estava mais amorosa e leve com as crianças, mais disposta a dar sua opinião. Estava com as bochechas rosadas e um leve bronzeado dourado, seu apetite estava bom, seus olhos brilhavam, o francês avançava a passos largos. Claire já não era mais a garotinha de uma palidez preocupante e

uma introversão desesperada que chegara dois meses antes. Agora, pensou madame, Claire também merecia umas férias.

Primeiro, Marie-Noelle a levou às compras.

– Como agradecimento – sussurrou, ignorando os gaguejos de Claire sobre eles já terem feito muita coisa por ela.

Ela a levou a seu próprio ateliê, que ficava pertinho do elegante bairro do Marais. A fachada era pequena, com uma única máquina de costura na vitrine e sem letreiro. Uma mulher em um vestido preto de tricô impecável até o joelho com uma gola branca engomada apareceu diante delas.

– Marie-France – cumprimentou madame Lagarde.

As duas trocaram dois beijinhos, mas sem nenhum carinho perceptível. Então a costureira voltou os pálidos olhos azuis a Claire, que se sentiu intimidada com o peso de tamanho escrutínio.

– As pernas dela são curtas – ralhou a costureira.

– Eu sei – concordou madame Lagarde, estranhamente humilde. – O que se pode fazer?

– Mas a parte de baixo da perna deve ter o mesmo comprimento da coxa.

Marie-France pigarreou e fez sinal a Claire, sem dizer uma palavra, indicando que a seguisse pela escada de caracol perigosa e estreita.

O primeiro andar, em contraste completo com a lojinha apertada lá embaixo, era um ambiente grande e arejado, iluminado por janelas enormes nas laterais. Em uma das extremidades, duas costureiras, ambas senhorinhas curvadas, se debruçavam sobre máquinas de costura sem levantar o olhar. Outra mulher minúscula prendia um tecido maravilhoso – uma faixa enorme e pesada de tafetá cinza-claro, que brilhava e refletia a luz como água corrente – a um manequim, detalhando o busto e então puxando o tecido em direção à cintura. Ela fazia pontos minúsculos e invisíveis com um punhado de alfinetes que tirava da boca tão rápido que era quase impossível ver o que estava fazendo. Claire ficou olhando para a mulher, fascinada.

– Tire a roupa – ordenou Marie-France, apática.

Se madame Lagarde achava aquilo minimamente estranho, não demonstrou a Claire nem mesmo com uma contração de lábios. Claire tirou o vestido de verão de algodão barato e ficou só de anágua e sutiã. Marie-France deixou claro com uma revirada de olhos que ela também devia tirar a anágua. Claire se sentiu irritada e um pouco trêmula. A mulher precisava mesmo ser tão grossa? Nunca havia tirado a roupa na frente de uma pessoa desconhecida antes. Isso a fez pensar em Thierry, e

Claire corou.

Marie-France a observou, impaciente, então pegou a fita métrica pendurada no pescoço como uma cobra branca e, na velocidade da luz, começou a medi-la, gritando suas medidas – em centímetros, é claro, Claire percebeu, dois segundos depois de se perguntar se tinha ganhado muito peso sem perceber – para a mulher que estava trabalhando com o tafetá e agora anotava as informações em um grande livro encadernado em couro azul-marinho.

– Belo peito reto – afirmou a costureira à madame Lagarde.

Claire certamente nunca ouvira uma descrição como aquela.

– E a cintura é pequena. Ótimo – acrescentou. Olhou para Claire e falou com ela em um inglês perfeito, embora Claire tivesse demonstrado que a entendia em francês. – É isso que a sua cintura deve medir pelo resto da sua vida. Está no livro.

Madame Lagarde sorriu. Claire olhou para ela.

– Isso é bom – sussurrou Marie-Noelle. – Se foi para o livro, significa que ela aprova.

Marie-France bufou.

– Nunca conheci uma garota inglesa que conseguisse manter esse tamanho de cintura. – Ela olhou para cima. – Os bebês vêm e elas pensam, arrá, agora tenho o direito de ficar deitada comendo sem parar.

Claire pensou na mãe, com o belo peito arredondado e os braços fortes e firmes. Sempre a achou bonita. Mas era difícil acreditar que ela e madame Lagarde tinham sido garotas na mesma época, que tinham a mesma idade. Madame parecia mais próxima da idade de Claire.

– Levante os braços...

Depois de anotar tudo depressa, Marie-France acenou com a cabeça para a assistente, que as conduziu a mais um lance de escadas acima. A sala era escura e apertada, forrada do teto ao chão e de parede a parede por todo tipo de tecido imaginável. Era como a caverna de Aladdin. Lá havia fitas douradas e sedas nos tons mais vivos: turquesa, rosa, escarlate. Havia muitos tons diferentes de preto e de azul, em todos os materiais possíveis, do mohair mais refinado e macio ao chiffon mais leve e delicado. De florais grandes e pequenos, alguns tão escandalosos que era difícil imaginar quem iria usá-los, a margaridas minúsculas gravadas em algodão pesado, tão pequenas que era difícil distingui-las. Havia voiles e rolos grandes de calicô para o corte de modelos, listras de todas as variedades imagináveis e, em um canto, protegidos por um pano empoeirado, rendas e cetins brancos, marfim e creme, para as noivas. Claire não se conteve e

soltou um suspiro. Marie-France quase contraiu os lábios em desaprovação.

– Vejo que está pensando no futuro – sussurrou.

Claire corou mais uma vez e se virou para elas.

– Agora – disse madame Lagarde, indo direto ao ponto. – Nada sóbrio demais. Ela não é francesa, e não queremos que pareça uma inglesa desajeitada a caminho de um velório.

Claire mal ouvia, ainda estava estudando a cor e a maciez dos tecidos que preenchiam aquela caverna do tesouro extraordinária. O barulho das ruas e do tráfego parisienses lá fora desapareceram, e ela se sentia como se estivesse em outro mundo.

Marie-France fungou.

– Ela nunca vai conseguir ser sofisticada.

– Não quero que ela seja sofisticada – rebateu madame Lagarde. – Chic é para garotas bobas e mimadas que nunca trabalharam um dia sequer na vida. Quero que Claire seja o que é: jovem, bonita e intocada.

– Por quanto tempo? – indagou Marie-France.

Claire se perguntou como uma mulher tão rude conseguia andar pelo mundo sem que ninguém tentasse matá-la, mas não teve muito tempo para pensar sobre isso, pois madame Lagarde, com seu olhar experiente, escolheu uma popelina creme leve com uma listra azul-marinho e uma seda verde-clara com uma barra de flores silvestres amarelas delicadas.

Segundos depois, para frustração de Claire, ela se encontrava de volta no ateliê principal, onde a mulher minúscula, que não disse uma palavra com a boca cheia de alfinetes, começou a drapear o tecido nela na velocidade da luz, enquanto Marie-France e madame Lagarde discutiam, brigavam, alongavam e encurtavam.

Não havia espelho a sua frente, então Claire deixou que os pensamentos vagassem... pensou no que Thierry diria ao vê-la com o vestido novo, e mais adiante, no que faria... no que poderia fazer... dali a uma semana, quando teria a casa toda só para ela. O pensamento fez com que seu coração acelerasse. É claro que Thierry já a convidara para ir ao apartamento dele, e é claro que ela recusara. Não parecia certo.

Também não parecia certo recebê-lo sob o teto de sua anfitriã, mas madame Lagarde fora tão franca e tão aberta sobre o que considerava ser um estágio saudável de desenvolvimento que... bem, Claire achava que ela não se importaria. Mordeu o lábio, nervosa. Ela pareceria atirada demais? Vulgar demais?

Mas sempre que Thierry tocava sua mão, segurava seu cotovelo para

guiá-la pela rua... Claire se sentia totalmente absorta, com calor, frio, incapaz de se concentrar em qualquer outra coisa. Já era agosto e, em poucas semanas, estaria a caminho de casa, de volta para Kidinsborough, para o reverendo e para a escola. Depois estaria rumo ao curso de secretariado ou ao prédio sombrio, subindo a rua onde ficava o curso de magistério, e não a caminho da universidade, opção tão incentivada pelos professores.

Claire ousaria?

– Bon – disse Marie-France, por fim, sem sorrir. – Terminamos por aqui. Você se portou bem.

– Ela gostou de você – afirmou madame Lagarde, quando as duas saíram para a rua quente.

Elas trocaram um olhar e logo começaram a rir. Por um instante, eram mais amigas do que patroa e au pair. Claire achou que nunca vira madame Lagarde rir daquele jeito. Estava parecendo ainda mais jovem.



Apenas uma semana depois, os vestidos ficaram prontos. Nervosa, Claire foi até a loja, onde a costureira muda fazia os ajustes finais. Marie-France ergueu a sobancelha e soltou um “Bonjour” rápido como cumprimento, então marchou escada acima. Desta vez Claire já tinha aceitado, ainda que relutante, o fato de que teria que se despir em público, e colocara a roupa de baixo mais branca que tinha. O primeiro vestido deslizou por sua cabeça como um rio correndo de forma leve e sedosa. Enquanto a costureira muda fechava o zíper lateral, Claire já percebia que o caimento estava perfeito. Por um breve segundo, Marie-France e madame Lagarde a observaram em um silêncio absoluto, a ponto de Claire ter certeza de que havia algo muito errado, ou de que o vestido não combinava com ela. Então Marie-France suspirou e disse, bem baixinho:

– Ah, se eu pudesse voltar a ser jovem...

E, com um aceno de mão, indicou à costureira que virasse o espelho comprido escondido atrás da parede. Com o sol atravessando a janela dos fundos, Claire de repente vislumbrou a própria imagem. Não era o reflexo que estava acostumada a ver no espelho do banheiro: a garota inglesa tensa e pálida com o nariz vermelho, a expressão queixosa, o cabelo sem cor e os ombros estreitos.

O sol do verão parisiense acrescentara um bronze dourado bem suave a sua pele e sardas minúsculas pelo nariz. O verde do vestido realçava a cor

de seus olhos e dava-lhes uma intensidade inédita. Seu cabelo estava com mechas claras e crescera abaixo dos ombros, e de repente notou que o corte do vestido tinha valorizado o corpo magro, o mesmo corpo que tantas vezes havia sido estigmatizado como o de uma pessoa doente. A cintura minúscula estava bem marcada, e seu quadril havia ganhado volume por causa da saia cheia – não estava na moda, mas que importância tinha se lhe caía tão bem? A fileira de flores amarelas na barra enfatizava as panturrilhas esguias, sem chamar atenção para o fato de que Claire era mais baixa do que a maioria das jovens.

Era lindo. Claire Forest, a filha única magrela e tímida do temível reverendo Forest, nunca fora elogiada por sua aparência na vida – o pai achava que era vaidoso e imoral se orgulhar da aparência –, mas hoje Claire também se sentia bonita.



Durante os meses seguintes, comecei a me adaptar. O trabalho era muito difícil e impiedoso, mas eu gostava e estava até começando a pegar o jeito de descascar e conchar. Frédéric era engraçado e conquistador (a cada semana uma garota diferente aparecia na loja à procura *dele*, todas bicudas e desdenhosas, do jeito que ele gostava – Frédéric me explicou que gostava de se prostrar completamente diante de uma mulher forte que controlasse tudo. Não era nenhuma surpresa que nosso flerte não tivesse dado em nada). Ele também era eloquente e bastante purista sobre todos os estágios do processo de fabricação do chocolate. Benoît seguia tratando o trabalho como um chamado monástico. Alice nunca perdeu o olhar de desgosto que assumia todos os dias ao me ver, mas Thierry gostava de mim e gostava de falar – por sorte, eu gostava de ouvir – sobre a vida e sobre chocolate, sendo este de longe o assunto que ele mais apreciava, é claro. Às vezes me levava para almoçar enquanto Alice trabalhava, aproveitando para me apresentar o melhor *croque-madame* ou me ensinar a forma correta de comer mariscos. Depois do trabalho, eu costumava sair com Sami, que se revelou o colega de apartamento pansexual argelino mais divertido que eu já tive, quando não estava reclamando sobre cantores de ópera que engordavam demais e orçamentos que diminuía mais ainda. Não vi Laurent muitas vezes depois daquela primeira noite. Sami disse que ele era um *boulevardier*, sempre com uma modelo diferente nos braços. Eu imagino que Thierry também fosse assim quando era mais jovem.

Pobre Claire.

Após dois meses nessa rotina, descobri que amava acordar muito cedo e acariciar Nelson Eddy, o cão que pegava o jornal todas as manhãs para sua dona que morava na nossa rua. Também gostava de ver os paralelepípedos recém-limpos ganharem vida, a água escorrendo pelos bueiros, as vans minúsculas e divertidas entregando bebidas e alimentos frescos, o aroma de pão assando por toda parte e a corrida frenética dos funcionários das cozinhas – a quantidade de restaurantes em Paris era impressionante, e Thierry parecia ter a intenção de visitar todos eles. Depois olhava para além dos telhados e dos pombos e analisava as nuvenzinhas flutuando a quilômetros de distância para ver se aquele seria mais um dia glorioso. Parecia que naquele verão todos os dias seriam bons. O que eu mais gostava era de me vestir e ir até a varanda assim que acordava. Toda a cidade estendida a minha frente como uma bandeja enorme de macarons brilhava em um tom rosé, e eu me lembrava da rua principal de Kidinsborough com o penhor e o negociador de ouro, e do canal que cuspiam bicicletas velhas para as margens quando chovia, e me sentia tão longe de casa quanto se tivesse aterrissado na Lua. Sami e eu geralmente nos cruzávamos às quatro da manhã, ele chegando e eu acordando para ir trabalhar, e parávamos para tomar um café (com conhaque para ele e sem nada para mim, pois sempre que o leite acabava eu tinha que descer seis andares no escuro para comprar mais e nunca parecia valer a pena, então aprendi a tomar café puro). Às vezes ele estava com rapazes e às vezes com garotas, às vezes sozinho e às vezes com uma festa inteira. Era muita sorte eu não cumprir horário comercial, senão isso poderia ter sido um desastre. O apartamento era minúsculo, não possuía uma cozinha funcional para além do café, não tinha chuveiro, e sim uma banheira, onde era preciso sentar com os joelhos no queixo.

Eu amava.

Percebi que estava começando a gostar de verdade quando mandei um e-mail para Cath. Acho que estava muito entusiasmada e precisava contar a alguém. Em retrospectiva, Cath provavelmente não foi a pessoa certa.

Oi, C.! Acabei de voltar da festa mais incrível em um barco no meio do Sena. Tinha malabares com fogo (meu colega de apartamento me levou, todo mundo que ele conhece faz alguma coisa idiota assim), e eles ateavam fogo em bebidas e as pessoas tentavam pular por cima delas. Então apareceram dois chefs de cozinha. Um deles é filho do meu

chefe, mas os dois não se falam. Enfim, eles usavam frigideiras pequenas para lançar crepes no ar, sobre as chamas, mas eles sempre caíam e a cena foi engraçadíssima e incrível.

Espero que esteja bem,
Anna

Querida Anna,

Terça passei quatro horas colocando apliques no cabelo de “Ermine” (o nome dela era Sal, lembra? Aquela deslumbrada) McGuire para a audição do *The X Factor*. A mulher ficou fumando o tempo todo. Ela queria vermelho, branco e azul e ficou falando que ia pegar o Simon Cowell. O processo levou a tarde toda e precisei deixar a porta aberta porque Ermine queria fumar. Acho que estou com bronquite. E perdi uma das minhas unhas postiças. Perguntei quem ela achava que era, a nova Michelle McManus? E Ermine me mandou calar a boca, mas eu tinha ficado em pé a porcaria do dia todo. Aí ontem ela voltou com os olhos vermelhos de tanto chorar e contou que ninguém a viu e que esperou nove horas na chuva e a cor tinha escorrido e que isso era culpa minha. Queria o dinheiro de volta. Eu mandei ela se catar e Ermine disse que ia me dar um soco na cara. Peguei a tesoura grande.

A polícia disse que não vai registrar a queixa, mas eu preciso devolver o cabelo em uma caixa. Eu falei que não ia encostar nele, que provavelmente tinha piolho. O policial Johnson sorriu e disse que saía às nove. Então estou indo.

Volte logo,
Cath

Minha intenção não era despejar aquilo na Cath, mas tinha sido mesmo uma noite divertida. Bem, começou de manhã. Thierry chegou bufando alguma coisa sobre refrigeração (ele estava furioso; mesmo que estivéssemos muito atrasados, nunca podíamos colocar o chocolate na geladeira, pois tirava o brilho). Enfim, a conta de luz tinha chegado e Alice estava vociferando e basicamente dizendo que devíamos trabalhar no escuro ou algo do gênero, então Frédéric mencionou as geladeiras e Thierry começou a bufar e a ficar vermelho, até que fez um sinal para Benoît, que no mesmo instante subiu a rua correndo e voltou com uma dúzia de ovos.

– Anna! Venha comigo! – gritou Thierry.

Eu era meio que protegida dele. Isso me deixava feliz, é claro, pois significava que eu não ia ser mandada para casa e com isso irritar Claire, mas sempre sentia o olhar penetrante de Alice me perfurando.

– *Pot de crème de chocolate* – prosseguiu ele. – Já que estamos pagando por toda essa eletricidade...

Ele olhou para as geladeiras grandes com raiva, então pegou os ovos e começou a separá-los em duas tigelas, com tanta velocidade e destreza que era fascinante assistir. Thierry me ensinou a bater as claras na velocidade da luz e me entregou uma tigela.

– Não podemos fazer isso na batedeira? – perguntei, hesitante, meus pulsos ficando cansados.

– Podemos comprar no supermercado – ralhou ele. – Você ia gostar disso? Ficaria satisfeita?

Em seguida, Thierry começou a derreter um pouco do chocolate fresco do dia em um dispositivo enorme de banho-maria, com muito cuidado, mexendo o tempo todo. Adicionou leite em pó e cacau em pó, então as claras, apesar do meu olhar de julgamento.

– Dê liga você mesma, se quiser. Não questione meus métodos – resmungou Thierry.

Mas ele sorriu, então eu sabia que estava tudo bem. Thierry transformou todo o conteúdo em um tipo de pasta, em seguida estudou a fileira do fundo da estufa por um bom tempo, cantarolando e balbuciando. Depois de mudar de ideia várias vezes, pegar e largar um saco grande de amêndoas, acabou se decidindo por metade gengibre e metade limão, salpicando-os nos dois tonéis e experimentando-os. Então, fazendo sinal para que eu fizesse a outra porção, despejou o conteúdo de um dos banhos-marias em doze ramequins pequenos. Sem querer arriscar, despejei o meu com uma concha grande. Alinhamos tudo sobre bandejas e Thierry abriu as portas da geladeira.

– Ta-dá! Agora vou te colocar para trabalhar, sua deusa gastadora de dinheiro!

Mas é claro que a geladeira na verdade estava cheia de leite e manteiga, por isso Benoît correu para liberar um pouco de espaço para colocarmos *les petits pots*.

Thierry saiu para tomar um digestivo matutino, e, quando voltou, o conteúdo dos potinhos tinha assentado, escurecido e assumido um brilho reluzente. Ele fez cara de irritado, resmungou algo para a geladeira e anunciou que elas só serviam para isso, isso e comer seu dinheiro. Pegou uma colherzinha de prata e me deixou experimentar o de limão. O sabor era extraordinário. Mais leve que o ar, batido até virar um nada derretido que deixava uma sensação esplêndida na língua e um desejo extraordinário de comer mais. Aquilo mal podia ser chamado de comer, estava mais para um sonho de sabor.

Ele estabeleceu um preço exorbitante para os potinhos. Vendemos tudo em quinze minutos. Eu o fiz prometer que me supervisionaria mais uma vez e Thierry disse que não tinha os quarenta anos necessários para me ensinar o que eu estava fazendo errado, mas

fiquei satisfeita assim mesmo.

Quando voltei no fim da tarde, Sami estava irritado. Estava fazendo figurinos para uma produção chamada *La Bohème* (ele falou como se deduzisse que eu nunca tinha ouvido falar daquilo. Não tinha, mas fingi, imponente, que conhecia. Acho que, para Sami, seria como se alguém dissesse que nunca tinha ouvido falar de Michael Jackson), e explicou que seus boêmios estavam boêmios demais e ele não conseguia fazer com que viessem para as provas. Assim, teria que ir até a casa deles, só que eles moravam em um barco.

A noite estava linda e Paris parecia reluzir a ouro.

– Imagino que você não queira ir – disse Sami, sarcástico.

Ele vivia me chamando para sair à noite e eu quase nunca aceitava, em parte por causa da timidez e principalmente porque estava sempre exausta e tinha vergonha do meu francês.

Mas eu estava empolgada com a cuidadosa lição do dia de Thierry, e feliz por perceber que aquilo estava fazendo com que me sentisse aceita. Além disso, pela primeira vez não me sentia tão exausta, então, para total surpresa de Sami, aceitei.

O barco onde os cantores moravam estava cheio de gente aproveitando a noite, bebendo, fazendo malabares e curtindo. Assumi meu melhor sorriso torto quando Sami foi engolido por cem de seus amigos mais íntimos e consegui uma taça de champanhe (fiquei bastante impressionada com o fato de que eles não tinham dinheiro para alugar um apartamento, mas nem sonhariam em reduzir a quantidade de champanhe que bebiam). Quando voltei da cozinha minúscula para o convés, alguém tinha ligado os motores e estávamos navegando pelo Sena. Não sabia se aquilo estava de acordo com a lei, e olhei em volta desconfiada quando a barcaça evitou por pouco uma das lanchas – os *bateaux-mouches* – que patrulhavam as águas. Fomos rio acima passando por baixo das pontes e pelas margens lotadas. Notre-Dame e a Torre Eiffel apareciam e desapareciam do campo de visão, e a festa foi ficando mais agitada. Quando atracamos perto da Île de la Cité, dois homens, ao som de rugidos de incentivo, arranjaram o que logo percebi se tratar de tochas enormes. No início fiquei horrorizada – achei que iam colocar fogo no barco e matar todos nós. Mas então pensei, bem, estava em outro país, tendo uma experiência EXTREMAMENTE estrangeira, e não tinha como sair do barco, então era melhor relaxar. Mas me certifiquei de ficar o mais longe possível da ação.

Os dois homens, ambos sem camisa, acenderam as tochas e começaram a fazer malabarismos com elas. O barco balançava de um lado para outro, mas eles mantinham o equilíbrio perfeito, e era engraçado e assustador ao mesmo tempo. As pessoas às margens do rio se reuniram para assistir. Sami dirigia o espetáculo, gritando e gesticulando.

De repente vi um rosto familiar, conversando em voz baixa com uma garota, mas, pelo que parecia, sem prestar muita atenção no que ela dizia. Ele passou os olhos pelo barco. Então me viu e abriu um breve sorriso ao me reconhecer e levantou a mão. Antes que eu pudesse perceber o que estava fazendo, eu já tinha sorrido e acenado de volta. Era Laurent, o filho de Thierry. No mesmo instante me senti culpada, como se aquilo fosse uma traição depois do dia incrível que tinha passado com o pai dele no trabalho. Mordi o lábio e Laurent sorriu e fez menção de voltar para a garota, mas não antes que Sami agarrasse seu braço e começasse a gritar com ele. A princípio, Laurent balançou a cabeça – não, não, definitivamente não –, mas de repente alguém colocou uma frigideira em sua mão, um chapéu branco de chef em sua cabeça, a música aumentou e todos batiam palmas. Ele ergueu as mãos em sinal de rendição e, em uma coincidência estranhíssima, começou a abrir ovos em uma tigela, os dedos hábeis e fortes se movimentando exatamente como os do pai. Fiquei hipnotizada. Alguém trouxe farinha e leite, e Laurent bateu tudo – mais uma vez, com os mesmos movimentos de Thierry –, em seguida os malabaristas abaixaram as tochas e reduziram consideravelmente o volume das chamas e, para meu espanto, Laurent derreteu um pouco de manteiga em uma pequena frigideira e começou a fazer crepes sobre o fogo. Cada um era arremessado no ar em um compasso quase perfeito com as tochas, e recebia aplausos, sobretudo o que saiu voando do barco e foi arrebatado imediatamente por uma gaivota enorme.

Era impressionante. A certa altura, tentando pegar um crepe que tinha jogado para cima, Laurent esticou o braço comprido à minha frente, perdeu o equilíbrio e quase caiu no meu colo.

– Opa! – disse. – *Bonsoir, mam'zelle.*

– Oi, Laurent – respondi.

Ele se endireitou depressa.

– A espia! – exclamou, mas seus olhos brilhavam de um jeito que eu já vira antes.

– Não sou espia. Como poderia ser? Vou roubar o quê? Uma receita

de crepe?

– Você vai dizer a meu pai que sou um festeiro inútil – respondeu ele, os olhos escuros enormes brilhando ao me fitar.

– Depende. O próximo crepe vai ser para mim?

Laurent olhou para o crepe, perfeitamente assado, então pegou uma garrafa de licor de laranja na lateral do barco e o despejou sobre ele. Enquanto o álcool fervia, um cheiro delicioso tomou o ar. Então ele pegou um guardanapo e, em um movimento que pareceu mágica, virou o crepe sobre o papel. Um milésimo de segundo depois, dobrou-o em um envelope para que eu pudesse comer.

– Vou dizer a ele que você é um ótimo garoto – afirmei.

O crepe estava muito quente, mas delicioso. Algo atravessou seu rosto naquele momento, algo que não tinha a ver com o fato de ele ser um garoto festeiro. Alguma dor lembrada.

– Não – sussurrou Laurent. – Não. Não diga nada.

Fiquei olhando para ele e me perguntei como as duas grandes personalidades que eram ele e o pai poderiam ter se desentendido de forma tão séria.

– Vá me fazer uma visita – sugeri, um pouco alegre, sem perceber o que dizia. Então, parei, horrorizada. – Não foi isso que eu quis dizer. Quero dizer, vá me fazer uma visita e poderá ver seu pai também. Nada de mais.

Laurent sorriu, estendeu a mão calejada e, do nada, tocou meu rosto. Fiquei completamente vermelha.

– Ah, nada de mais, é?

Lembrei de Frédéric e que os homens franceses eram assim. Paqueradores incorrigíveis e ridículos. Ah, mas eram bons nisso. Resisti a uma tentação súbita de estender a mão para tocar seu queixo com a barba por fazer e seu cabelo grosso encaracolado.

– Laurent! Laurent! Mais crepes! *Encore!*

As garotas chamavam por ele do outro lado do barco, o fogo das tochas ainda alto. Olhei para o relógio. Era tarde e eu tinha acordado cedo. Alguém aproximou o barco de um píer para que eu pudesse sair e um grupo de pessoas vestidas de arlequim pudesse entrar.

Laurent sorriu, como se soubesse exatamente o que estava passando pela minha cabeça, então me deu um beijo rápido em cada bochecha – perfeitamente normal aqui, eu sabia. Era um comportamento francês padrão, então não havia motivo para que o gesto fizesse minhas bochechas pegarem fogo – e sumiu entre a multidão, enquanto eu,

com um misto de alívio e arrependimento, atravessava o píer e voltava ao chão firme da Île de la Cité. As luzes, o fogo, as risadas e a música da barçaça iluminaram o rio por todo o caminho de volta para casa.



Capítulo onze

Não eram nem oito horas na manhã seguinte e eu já estava varrendo as cascas quando ouvi a campainha da porta da frente. Frédéric e Benoît se olharam, confusos. Estavam com o rádio ligado bem alto. Descobri que eu precisava aprender a gostar de música francesa pop. Frédéric baixou o volume no mesmo instante e gritou:

– *Bonjour!*

Parado à porta, sem Alice nem o movimento e o tumulto aos quais eu já estava acostumada, encontrava-se Thierry, o corpo avolumado delineado à luz ainda nebulosa da porta da frente, o sorriso torto habitual completamente ausente.

– Anna – chamou ele. – Venha, vamos caminhar.

Fiz o que Thierry pediu. O dia seria lindo, mas ainda havia uma pitada do friozinho do amanhecer. Não havia turistas pela rua naquela hora da manhã, apenas o barulho das grades, a água suja dos baldes escorrendo pelos bueiros, e a maioria das pessoas eram lojistas. O aroma de café e pão fresco por toda parte.

– Vamos caminhar – repetiu ele, sem dizer mais nada.

Olhei para ele e me perguntei se seus joelhos aguentariam. Thierry não parecia praticar qualquer exercício. Ele me viu olhando e sorriu, embora com menos entusiasmo que o habitual.

– Eu adorava caminhar – contou. – Ia a toda parte caminhando. Era o que mais gostava de fazer. Veja!

Ele me guiou pela rua de paralelepípedos que levava à Île Saint-Louis e depois pela bela Pont Neuf, cheia de cadeados de namorados. As pessoas os colocavam lá para simbolizar seu amor. Eram lindos. Um *bateau-mouche* seguia preguiçosamente rio abaixo e um bando de gaivotas decolava bem à nossa frente. Mais adiante ficava o muro sombrio e fascinante da antiga Bastilha.

– Paris muda demais – continuou ele, embora eu estivesse pensando justamente o contrário. Thierry apontou uma área enorme cheia de faixas na margem oposta. – Veja, vai ter um festival. Comida do mundo inteiro.

– Por que não montamos um estande lá? – perguntei, sem pensar. Ele olhou para mim.

– Porque não precisamos! Somos bons demais.

– Tudo bem. Era só uma ideia.

– A Chanel tem estande em alguma feira? E o Christian Dior?

Não comentei que era possível encontrar essas marcas no mundo inteiro, e decidi mudar de assunto.

– Por que você não caminha mais?

– Porque sou ocupado, e porque Alice não gosta de caminhar, ela acha que caminhar é para pobres mortais.

– Como assim? – indaguei, sem conseguir me conter.

– Bom, porque não é possível usar sapatos glamourosos enquanto se faz isso e porque passa a impressão de que a pessoa não tem dinheiro para comprar um carro decente.

Pensei que aquela talvez fosse a coisa mais estúpida que eu já tinha ouvido, mas, como já tinha insultado Thierry uma vez aquela manhã, decidi guardar o comentário para mim.

– Eu gosto – arrisquei. – É um bom jeito de conhecer um lugar.

– Exato! – exclamou Thierry, concordando com fervor.

Tínhamos chegado ao outro lado da ponte, os carros do tráfego pesado da manhã lutando para entrar na rotatória, mas ignoramos todos eles. Thierry se virou e apontou para o lugar que eu já considerava meu lar: a Île de la Cité, as torres quadradas familiares da Notre-Dame visíveis entre as construções.

– Veja! Uma cidade em miniatura perfeita. Tudo o que se pode querer está aqui.

“Exceto por um supermercado que abre na hora do almoço”, pensei, mas não falei.

– Seria possível permanecer naquela ilha para sempre. E as pessoas fizeram isso. Foi a primeira área habitada de Paris. Bem no coração do mundo – acrescentou.

Eu ri de sua certeza absoluta, então corri para alcançá-lo. Thierry caminhava com uma rapidez surpreendente para um homem tão pesado. Ele olhou para mim.

– Recebi outra carta de Claire. Ela está muito doente.

Não havia por que desconversar.

– Está – afirmei.

No mesmo instante me senti culpada. Sami tinha o notebook mais velho do mundo, e às vezes conseguíamos conectá-lo ao Wi-Fi do vizinho, mas eu não tinha mantido tanto contato quanto deveria. Claire não tinha muito com que ocupar seus dias, e um pouco de fofoca teria sido muito útil. Mais tarde ela me disse que ficara entusiasmada por eu estar ocupada e feliz demais para escrever, e foi tão convincente que quase acreditei. Eu ligava para meus pais todo domingo e contava sobre as coisas e as comidas que tinha experimentado, e os dois tentavam parecer interessados, mas não acho que estivessem de verdade. Eles me contavam sobre o cachorro (arame farpado na pata) e o Joe (aprendiz de construção, namorada nova). E Cath mandava mensagens ou e-mails de vez em quando. Mas eu estava muito imersa em minha vida nova. Jurei no mínimo me dedicar mais a conversar com Claire.

– O que aconteceu com você? – perguntou Thierry.

– Perdi dois dedos.

Ele fez uma careta de empatia dolorosa.

– Ah, veja. – Thierry me mostrou o dedinho. Não tinha a pontinha. Ele obviamente havia cortado fora. – Foi assim que soube que meu destino eram os doces. Não seria mais açougueiro. Não cozinaria para soldados enormes e famintos no deserto. Eca!

Assenti em sinal de empatia.

– Então... – prosseguiu ele. – E Claire... ela tem todos os dedos?

– Ela tem câncer.

– Sim.

Estávamos caminhando ao lado do rio, que corria rápido naquela manhã, e estava meio azul-escuro. Havia vários barcos indo e vindo, produtos e carvão chegando.

Thierry ficou virado para a água com o olhar perdido.

– Ah, o câncer – limitou-se a dizer. – É o atirador na festa. Todos estão felizes, e de repente... *bum*. – Seguimos de frente para a água. – Eles podem fazer muitas coisas boas em casos de câncer hoje em dia.

– Talvez. Mas Claire tem câncer em três lugares. É complicado quando a doença está espalhada assim. E ela é teimosa.

Thierry olhou para mim e logo desviou o olhar.

– Então é muito ruim.

– Talvez – falei, e dei de ombros. Não queria pensar naquilo.

– E a família dela é gentil?
– Os filhos são pessoas ótimas.
– Claire tem filhos, é?
– Dois.
– Ah, filhos... – comentou Thierry, e achei que ele estivesse pensando em Laurent. – Eles são gentis? Cuidam dela?
– Eles são maravilhosos – respondi.
Thierry pigarreou.
– O meu não chamaria os *pompier*s nem se eu mesmo estivesse pegando fogo. – Ele mordeu o lábio ao dizer isso. – Ah, minha pequena Claire... – falou, de repente, como se eu não estivesse presente. – Minha passarinha inglesa. Minha pequena Claire.



1972

– Você está... você está linda.

Claire deu uma risadinha. Nunca tinha visto Thierry perdido com as palavras, achava que não fosse possível. Ele tinha fome de palavras, ideias, informação nova e piadas tanto quanto de comida, vinho, chocolate, Paris e dela.

Os dois se encontraram no jardim da casa dos Lagardes, deserta desde que a família fugira para a Provença, deixando Claire sozinha em Paris. Parecia que todos tinham ido embora, en masse. A cidade inteira tinha se esvaziado, seus habitantes trocaram o calor pela brisa suave e pelas mimosas do sul. Lojas e restaurantes estavam fechados. Paris parecia uma cidade fantasma.

Em um gesto de coragem devastadora, Claire deixara um bilhete na loja, pela manhã, antes que Thierry chegasse. Pensara nisso muitas vezes. Fora à Papeterie Saint-Sabin, uma papelaria incrível, e gastara uma quantidade enorme de dinheiro no papel mais requintado. Eram todos tão bonitos que quase não conseguira se decidir. Por fim, acabara escolhendo um papel com estampa floral verde-clara e amarela, muito similar a seu novo vestido. O envelope creme encorpado tinha listras verde-claras e douradas. Era absolutamente primoroso. Com o coração na boca, entrara de fininho no escritório particular de monsieur Lagarde, com poltronas de couro e mobília pesada, e pegara emprestada uma das canetas-tinteiro. Tentando não borrar a tinta, limitou-se a escrever o horário e o endereço,

a mão tremendo de entusiasmo.

É claro que Thierry foi ao encontro de Claire, como ela planejava. Nos fundos da casa, ele tirou o chapéu, o rosto um pouco rosado pelo calor, e esfregou a testa. O jardim era cercado de árvores frutíferas, para conferir privacidade ao espaço. No gramado perfeitamente aparado, Claire montara um piquenique: o melhor queijo Morbier, que sabia que ele adorava; um pouco de patê e um pão pesado de fermentação natural da pequena padaria sulista da esquina; uvas grandes, brilhosas e cheias de sementes que Thierry gostava de abrir com uma faquinha, tirando as sementes com uma destreza extraordinária, considerando suas mãos enormes; presunto Serrano do açougue assustador onde tivera de reunir muita coragem para entrar; e, em um balde de gelo, uma garrafa de Laurent Perrier de 1968. Madame Lagarde dissera a Claire que pegasse o que quisesse. A jovem estava claramente abusando da boa vontade dos patrões, sabia disso, mas ela disse a si mesma que os recompensaria.

O sol parecia pesado e enorme, ondulando entre as árvores enquanto Claire procurava por alguma sombra. A luz dourada parecia espessa, quase como uma calda, enquanto ela esperava. Incapaz de se concentrar, mexia no cabelo, no vestido novo, na comida, na louça delicada que havia tirado com cuidado do armário alto da sala de jantar e no vasinho de flores frescas que colhera dos canteiros que ficavam atrás de outras plantas, na esperança de que ninguém percebesse. Ele deu a volta até a porta que levava ao pequeno beco nos fundos entre a rua principal imponente e a próxima, deu uma batidinha e entrou.

Claire se levantou. O sol iluminou seu cabelo claro, fazendo-o brilhar como se fosse dourado. O caimento do vestido de seda verde macia estava perfeito. Ela parecia uma criatura das águas, ou uma ninfa das árvores.

– Claire. Você está... você está linda – disse Thierry, suspirando.

Ela deu um passo em sua direção, e ele a puxou para perto e a sentou em seu colo à sombra das árvores. Nada foi consumido. As palavras não eram mais necessárias. Um tempinho depois, os pássaros alçaram voo em direção ao céu azul reluzente.



Thierry me levou até a esquina, onde havia uma pequena *boulangerie* cheia de mesas e cadeiras muito próximas umas das outras. Não dava mais para ver o rio, nem a Île de la Cité, sentada ao centro como um grande navio. Ele vociferou um pedido para o garçom, que voltou

apressado no meio de todas aquelas pessoas com dois cafezinhos, cada um com quatro torrões de açúcar, e dois *religieuses* enormes – dois profiteroles, um maior e o outro menor, ambos com o topo coberto de chocolate e unidos por um creme, um em cima do outro, ficando o maior embaixo. Thierry comeu o seu sem pensar, então levantou a mão pedindo mais um, como um caubói que vira doses de uísque em um bar.

Então ele parou e me observou comer. O doce era uma delícia.

– Era difícil – contou Thierry. – O pai de Claire... bem... nós éramos muito jovens. Era verão. Ela precisava voltar pra casa e eu fui convocado pelo Exército... – Ele olhou para mim e, de repente, por trás da aparência alegre e rechonchuda, vi muita tristeza em seus olhos. – Quando somos jovens, achamos que vamos ter muitas oportunidades no amor. Somos descuidados, desperdiçamos a juventude, a liberdade e o amor porque pensamos que teremos essas coisas para sempre. Mas elas não duram. Gastamos tudo para só depois avaliar se fizemos isso com sabedoria.

Thierry deu uma mordida mais reflexiva no segundo doce antes de prosseguir:

– Eu achei... Achei que teríamos tempo, sempre. Que o verão nunca acabaria, que as coisas nunca teriam que mudar... Porque sou um velho tolo, Anna. Não seja como eu.

– As coisas não estão tão ruins para você – disparei.

Ele sorriu.

– Rá. Obrigado. Você é gentil – falou, e inclinou o tronco para a frente. – Você acha... acha que eu poderia conversar com Claire?

Fiz um som de deboche.

– Você já ouviu falar em telefone? Pode conversar com ela quando quiser.

– Eu me sinto desconfortável ao telefone. Além disso, eu não sabia... E se Claire não quiser falar comigo?

– Vocês dois são piores que adolescentes!

Eu me lembrei de quando meu irmão Joe estava a fim de Selma Torrington e ficou enfiado no quarto por uma semana. Meu outro irmão, James, encontrou um poema que Joe tinha escrito, e nós dois ficamos tão surpresos com a seriedade terrível da situação que nem tiramos sarro dele por isso.

– Vocês são adultos. Ligue para ela. Ou escreva de volta – acrescentei.

Thierry foi tomado por uma expressão infeliz de novo.

– Eu não... não sou muito bom com cartas.

– Bom, você precisa fazer alguma coisa.

– Então vou fazer isso! Você acha que Claire vai ficar feliz de receber notícias minhas? – perguntou ele mais uma vez, fazendo sinal para que trouxessem a conta.

– MAS É CLARO! – respondi, irritada.

Thierry sorriu.



Ao meu lado, ele voltou saltitante pelas margens do rio, suando um pouco e parecendo cheio de uma energia inspiradora e renovada. Apontava para várias construções importantes e perguntava se eu achava que Claire podia viajar, e se ela gostaria de vir visitá-lo. Ele também imaginava que ela devia ter mudado um tanto ao longo de quarenta anos e fazia perguntas que eu não sabia responder, como, por exemplo, sobre o marido dela.

– Ahn... – Eu andava me perguntando quando seria um bom momento para tocar no assunto, mas não tinha encontrado uma brecha na conversa até então. – Conheci seu filho.

Thierry parou de repente e olhou para mim.

– Por quê? Como conheceu meu filho?

Não contei que achei que Laurent fosse tentar me atacar e roubar meu celular.

– Ahn, por aí – respondi.

Thierry semicerrou os olhos.

– Achei que fosse sua primeira vez em Paris – comentou ele.

– E é. É que tenho um colega de apartamento muito sociável.

Thierry pareceu descontente.

– Bom. Laurent é um vagabundo.

– Mas ele não tem um emprego? – perguntei, um pouco chocada.

Imaginei que tivesse. Vai ver esse era o motivo para Laurent ter uma moto tão pequena.

– Bom, se você considera trabalho fazer doces ridículos para uma empresa enorme que não é a do próprio pai e todos dizerem “Ah, então ele não trabalha com o pai malvado”... – respondeu, e seu rosto ficou vermelho.

– Sinto muito. Muito mesmo. Não sabia que as coisas eram tão

ruins assim.

Thierry balançou a cabeça.

– Ele diz que não fui um bom pai. E faz Alice fumar demais.

Pensei na auto-obsessão e no entusiasmo crítico de Thierry e decidi que provavelmente não eram características ideais para a paternidade.

– Talvez vocês sejam muito parecidos – arrisquei.

– Não somos nada parecidos. Laurent não ouve.

– Será que é melhor voltarmos?

Eu não queria que Benoît tivesse mais um motivo para ficar contra mim. Eles fechariam para o almoço em breve, e eu ainda tinha panelas para lavar.

– O garoto nunca me ouve, e sou pai dele – resmungou Thierry.

Ele deu um passo em direção à rua. Um carro deu uma freada brusca e desviou para não atingi-lo, e nós dois pulamos para trás, assustados.

– Idiota! – gritou Thierry, o rosto vermelho, agitando o pulso para o Peugeot cinza que desaparecia. – Monstro maldito! Você não pode dirigir! Você não devia ter permissão para dirigir!

O sinal abriu para os pedestres e eu o apressei pela rua de paralelepípedos enquanto ele continuava gritando ameaças e gesticulando para trás:

– Seu filho de um porco maldito! Você não olha por onde anda.

Tínhamos dado um passo na Pont Neuf quando aconteceu. A calçada estava movimentada, apinhada de pessoas indo para o trabalho no prédio enorme do Ministério da Justiça ou prontas para visitar a catedral no momento em que muitas delas tiveram o caminho bloqueado porque um homem enorme de repente parou no meio da calçada, segurando o peito e o braço esquerdo.



Capítulo doze

1972

Os Lagardes voltaram da Provença em meados de agosto, bronzeados e relaxados. As crianças estavam contentes por terem feito pouco mais do que remar pelo riacho nos fundos do jardim todos os dias, tentar pegar cobras com fronhas e cair no sono em restaurantes (principalmente a pequena Claudette, embaixo da mesa), enquanto os pais encontravam amigos – madame Lagarde destacou, rindo, que eram os mesmos que viam o tempo todo em Paris, só que vestidos de forma um pouco mais casual e discutindo os pratos locais com certa paixão. Mais de uma vez seus pensamentos se desviaram para Claire, e ficou se perguntando se fizera a coisa certa ao deixá-la sozinha com aquele homenzarrão. Fizera, decidiu. A garota tinha quase 18 anos e nunca experimentara um pingão de liberdade na vida. Era uma jovem sensata, ele era um homem gentil. Aquilo seria bom para Claire.

Seus olhos varreram a casa. Estava imaculada, tudo no lugar, Claire parada ali, com os olhos arregalados e nervosos. Era óbvio que ela tinha passado a noite em claro se certificando de que tudo estivesse organizado. Na geladeira havia uma torta (sem gosto) que Claire fizera para eles, e, aos olhos experientes de Marie-Noelle, a jovem parecia corada, feliz, bem e realmente apaixonada.

A própria Claire se sentia delirante. Por algum motivo achava que, quando ela e Thierry ficassem juntos – se é que ficariam... ela nunca conseguiu acreditar que realmente aconteceria –, isso de alguma forma a acalmaria, suprimiria a loucura em seu peito, a faria parar de pensar nele a cada momento do dia. Na verdade, talvez tivesse ficado até pior. A maciez de seu cabelo enrolado, o fogo e a ternura em seus olhos, sua corpulência... Os dois passavam todo instante que podiam juntos: comendo, conversando, fazendo amor, tudo realizado com o apetite

enorme que Thierry tinha pela vida. Ela sentia como se ele a tivesse trazido à vida, como se viesse levando uma existência em preto e branco e, com a chegada daquele francês exuberante, tudo tivesse explodido em cores. A casa do reverendo era Kansas, e Paris, para Claire, era Oz.

Madame Lagarde conversou com ela uns dois dias após o retorno da Provença. Claire andava mais que atenciosa com as crianças, ouvindo pacientemente a todas as suas histórias sobre peixes, caminhadas, redes e abelhas, brincando e pintando com elas e levando-as a novas exposições. Mas sua alma só acordava às cinco da tarde, quando corria até a loja e Thierry a carregava até a sala dos fundos, atrás dos enormes tonéis de cobre, e a beijava apaixonadamente, como se não a visse havia meses, insistindo que ela experimentasse isso ou aquilo: um sabor novo, um aroma novo, um restaurante onde a apresentava a escargot, foie gras, linguini com moluscos minúsculos que ela precisava tirar da casca, ou lagosta à thermidor, com garotas entusiasmadas ao fundo. Então ele a levava para seu conjunto de pequenos quartos sobre a Place des Arts, o barulho e as luzes da rua ainda vivos lá embaixo, as conversas francesas em alta velocidade e alguns carros passando esporadicamente, e os dois faziam amor, de novo e de novo. Em seguida, Thierry se vestia e a levava para casa, cortês, deixando-a antes da meia-noite com um beijo e a certeza de que fariam tudo outra vez no dia seguinte.

– Minha querida... – começou madame Lagarde, em voz baixa, enquanto Claire se arrumava para sair, desta vez com o vestido creme.

As costas de Claire se retesaram, como sempre acontecia. Havia algo dentro dela, bem lá no fundo, que achava que ela não merecia aquilo, que achava que estava fazendo algo errado. Aos olhos do pai, é claro. As cartas semanais educadas e formais que enviava aos pais, repletas de coisas sobre as crianças e os pontos turísticos de Paris, revelavam tão pouco que a mãe se preocupava achando que na verdade a filha estivesse muito infeliz e solitária, embora, claro, se estivesse assim, teria dado um jeito de fazer uma ligação internacional. Ellen fazia questão de sempre atender o telefone, caso fosse a operadora perguntando se aceitariam uma ligação a cobrar, a que o reverendo responderia que não.

– Está tudo bem – continuou madame Lagarde para as costas de Claire.

Claire estava colocando uns brinquinhos de esmeralda que Thierry lhe dera. Ela rira e dissera que ele não precisava lhe comprar nada, e Thierry respondera que, na verdade, gostaria de comprar-lhe diamantes, como os de Elizabeth Taylor, mas a loja ainda estava no começo e aquele par de brincos era só o que podia comprar. Eram muito pequenos, como

lasquinhas verdes, mas combinavam com os olhos de Claire e as pedras estavam lindamente colocadas sobre uma curva de prata antiga. Claire teria amado de qualquer forma, porque ele escolhera para ela. O fato de também serem de bom gosto fez com que ela desse pulos de alegria.

– Você não está em apuros – disse madame Lagarde.

Claire ficou aliviada. Era ridículo que sempre entrasse em pânico assim. Thierry achava aquilo hilário. Claire era uma mulher. Ninguém poderia reprová-la por estar feliz. Porém, ela não tinha tanta certeza disso. Deus estava sempre de olho. E tanta felicidade, tanto prazer. De alguma forma, não lhe parecia correto. Em algum lugar no fundo de sua mente, uma voz ficava lhe dizendo que ela estava sendo imoral.

Claire se virou.

– A senhora sabe que as crianças são realmente maravilhosas, madame Lagarde. A senhora fez um ótimo trabalho com elas.

Marie-Noelle fez um gesto desconsiderando o comentário. Em sua opinião, compartilhada por muitas mulheres francesas, as crianças se desenvolviam melhor quanto menos os pais interferissem.

– Eu só queria dizer, minha querida, que nos apegamos muito a você durante sua estadia aqui.

Claire sentiu o rosto corar. Como podiam gostar dela, se Claire... se saía todas as noites como uma gata de rua, dizia sua voz interior – que parecia muito com a voz do pai.

– Vamos ficar muito tristes quando você nos deixar... em duas semanas. – Madame Lagarde se esforçava para ser gentil. – Você vai voltar para a escola, non? Acho que é o certo. Você deve continuar os estudos, é muito inteligente. A vida universitária lhe cairia bem.

– Acho que não – respondeu Claire, balançando a cabeça com tristeza. Gastava a maior parte de sua energia tentando não pensar na partida. Duas semanas eram uma eternidade. Eram muito tempo. Ela se preocuparia com isso mais tarde. – Meu pai acha que a universidade é perda de tempo. Ele prefere que eu faça secretariado ou magistério.

Madame Lagarde franziu o cenho.

– Bem, você é ótima com crianças... mas não acha que existem outras coisas que pode fazer? Ou outras pessoas que pode conhecer?

Ela era muito prática.

Claire engoliu em seco, toda a sua felicidade sumiu. Ficou olhando fixamente para o piso de madeira, sem confiar em si mesma para falar alguma coisa. Madame Lagarde levantou a cabeça de Claire com gentileza e olhou nos olhos da jovem.

– Espero que tenha sido feliz aqui – disse Marie-Noelle, com bastante clareza e distinção. – E que, quando for para casa, leve muitas lembranças felizes.

Claire entendia, é claro que entendia. Era só uma garota. Thierry mal tinha 22 anos, estava no início da carreira. O que ela achava que ia acontecer? Que ia ficar em Paris e se casar?

É óbvio que, de certa maneira, bem lá no fundo, era exatamente o que achava. Tinha uma visão boba e infantil, ela com uma roupa do ateliê especial da loja de Marie-France, em um belo parque da Île de la Cité... não que fossem se casar em um parque, é claro, isso era ridículo. E não que Claire pudesse pagar por um vestido de noiva. E os dois se conheciam havia apenas algumas semanas. A coisa toda seria impossível, ela sabia, mesmo que Thierry tivesse mencionado qualquer coisa para além de agosto. E ele não tinha feito isso.

Claire não conseguia imaginar Thierry em Kidinsborough, pegando o ônibus número 19, caminhando até a loja asiática da esquina para comprar macarrão instantâneo para o jantar. Não conseguia imaginá-lo escorado na esquina do Crown, o pub local, bebendo um pint e falando com seriedade sobre quem ia ganhar o jogo de sábado. Ele nem falava inglês. Como engoliria os pães Yorkshire da mãe de Claire, que eram duros que nem pedra, ou seus legumes, que em geral pareciam uma papa? A primeira vez que Claire comeu cenouras no Maxims, ela se recusou a acreditar que era o mesmo legume que comiam em casa. Thierry não podia ir para lá. A ideia era ridícula.

Mas Arnaud e Claudette estariam na escola, Claire não seria mais necessária. Ela própria também precisava voltar para a escola. E embora Thierry pudesse se dar ao luxo de largar os negócios em agosto, na época em que não havia galas, festas e eventos sociais para atender, isso mudaria em setembro, quando teria que trabalhar mais do que nunca só para se manter. Não haveria lugar para ela naquilo tudo. Claire sabia disso.

Ela pensou nisso tudo na fração de segundo que levou para erguer a cabeça.

– Levarei – afirmou, retribuindo o olhar firme de madame Lagarde. – Levarei boas lembranças.



Thierry cambaleou para trás e os transeuntes pararam para abrir espaço. Segurei seu braço e, por sorte, um homem barbudo e forte me

ajudou a colocá-lo no chão. Thierry estava fazendo barulhos horríveis. Peguei o celular e disquei 999 várias vezes, mas a ligação não completava e me senti como se estivesse em um pesadelo terrível. O homem barbudo pegou o celular e me mostrou que eu tinha que discar 112 – não me ocorreu que o número da emergência pudesse ser diferente –, mas, quando o operador atendeu em francês, fiquei muda. Felizmente o desconhecido tirou o celular de mim de novo e informou nossa localização.

Atrás de mim, uma mulher que havia anunciado que era enfermeira colocou um lenço sob a cabeça de Thierry, que parecia ter perdido a consciência. Eu me agachei e segurei sua mão, sussurrando em inglês que tudo ia ficar bem, embora não tivesse certeza. Alguém surgiu e gritou:

– Thierry Girard!

Só muito mais tarde me ocorreu que apenas em Paris alguém reconheceria um *chocolatier* na rua.

Muitas outras pessoas pararam depois disso, parecendo preocupadas e sussurrando umas com as outras. Alguém tirou uma foto com o celular, e o homem barbudo rosnou e xingou, até que a pessoa se afastou, com a cabeça baixa. Então a enfermeira, graças a Deus, se debruçou sobre Thierry e começou a fazer compressões torácicas, e eu jurei com todas as minhas forças que ia fazer um curso de primeiros socorros, exatamente como sugeriam todos os anos na fábrica. A ideia de ter que fazer boca a boca no Sr. Asten, o socorrista, era tão repulsiva que nós só ríamos e debochávamos sempre que o assunto surgia. Agora eu jurei que faria e que obrigaria todos que conhecia a fazer também, desde que... desde que Thierry ficasse bem. Ele tinha que ficar bem.

Minutos depois, ouvi a ambulância. A enfermeira dissera que Thierry estava respirando e que os socorristas saberiam exatamente o que fazer. Porém, quando saltaram do veículo, eles olharam para Thierry, depois para a maca, então balançaram a cabeça e conversaram sobre alguma coisa. Eu queria gritar mandando que se apressassem, mas estava ficando cada vez mais claro que eles achavam que não conseguiriam colocá-lo na maca.

Por fim, um dos paramédicos e o homem barbudo chamaram outros seis homens que pareciam fortes entre a multidão. Eles levaram a maca de volta para dentro da ambulância, em seguida levantaram com cuidado o enorme corpo de Thierry e o puseram sobre a maca.

Enquanto isso eu soluçava, aliviada, ao mesmo tempo que ficava irritada por Alice e Laurent não terem feito nada para conter o apetite e a avidez de Thierry. Então eu lembrei que, naquela manhã, eu mesma o tinha visto comer quatro doces com creme e fumar três cigarros. Eu não conseguiria tê-lo impedido tanto quanto não conseguiria voar para a Lua.

O paramédico fez sinal para que eu entrasse na ambulância. Fiquei dividida. Precisava voltar para a loja e contar a todos o que tinha acontecido e – meu Deus – avisar Laurent. Mas é claro que eu também precisava ir com Thierry. Alguém tinha que fazer isso.



O cheiro dos hospitais não muda muito de um país para outro. Os paramédicos tinham telefonado e, quando chegamos lá, havia uma maca muito maior esperando. Segui atrás deles inutilmente, então fui puxada de lado por uma atendente que precisava de todos os dados do plano de Thierry, os quais eu não tinha, é claro. Eu nem tinha me tocado de que o sistema de saúde era diferente aqui, que você não podia simplesmente aparecer. A atendente deixou bem claro que eu era uma aproveitadora inútil que não devia ter atrapalhado sua manhã com o ataque cardíaco inconveniente do meu chefe, e me vi muito grata pelo fato de que, apesar de todos os defeitos, o Serviço Nacional de Saúde da Inglaterra dava um jeito em você sem antes pedir seus documentos aos berros. Fiquei morrendo de medo que me pedissem um cartão de crédito até que, por fim, uma das enfermeiras trouxe a carteira de Thierry, que ela vasculhou com facilidade até encontrar o cartão verde que era obviamente o que queria. Então me lançou um olhar como se eu soubesse daquilo tudo e estivesse escondendo dela.

Depois disso não havia muito o que fazer a não ser procurar por uma rede de internet, uma lista telefônica ou qualquer coisa que pudesse me colocar em contato com a loja, embora eu não quisesse me afastar muito de Thierry, caso algo acontecesse ou ele apenas precisasse de uma mão para segurar. De vez em quando uma médica jovem vinha e, em um inglês educado e lento, me perguntava se eu sabia o tipo sanguíneo de Thierry, se ele era diabético ou se eu podia assinar um termo de consentimento. Foi horrível. Eu não fazia ideia de qual era o número da loja para pedir essas informações e, depois de algumas tentativas, suspirei e quase joguei o celular no chão quando

mais uma barrinha sumiu e fiquei quase sem bateria.

No fim, só consegui pensar em uma alternativa.



Claire pareceu sonolenta e grogue quando atendeu o telefone. Porém, foi um alívio, primeiro que ela estivesse lá e depois que obviamente estivesse conseguindo dormir. Houve vezes durante o tratamento em que Claire não dormia nada.

– Anna! – exclamou, claramente feliz por estar falando comigo. – Como estão as coisas? Estive pensando em você! Como está se saindo? Está se adaptando?

– Vou te contar tudo – respondi rápido. – Mas agora estou em uma situação complicada e preciso te pedir uma coisa, e depois vou te ligar de volta, ok?

– Bom, sim, tudo bem – respondeu ela, soando um pouco surpresa. – Está tudo bem?

– Respondo isso depois. Mas, por favor, posso te pedir... você sabe o telefone da loja? É que eu saí sem ele. Será que você consegue descobrir?

Não houve nenhuma pausa. Nem um segundo de silêncio.

– 67-89-12-15 – recitou Claire automaticamente.

Não consegui desligar logo em seguida.

– Você sabe de cor?

– Ah, sim – respondeu ela, de repente parecendo aérea. Então se recompôs. – Bom, não havia celular naquela época. A gente precisava saber todos os números de cor.

– E você ainda se lembra de TODOS os números?

Houve uma pequena pausa.

– Não, de todos, não.

Engoli em seco.

– Preciso mesmo ir. Vou ligar de novo, prometo.

E desliguei antes que Claire pudesse fazer perguntas constrangedoras.



O telefone da loja tocou tanto que pensei que já tivessem fechado para

o almoço. Rezei para que não fosse isso. E para que Frédéric atendesse, não Benoît.

Por sorte, pela primeira vez minhas orações foram atendidas. Percebi o choque de Frédéric enquanto explicava da melhor forma que pude o que tinha acontecido – meu francês de repente ficou muito confuso, como se algo tivesse se desconectado em meu cérebro e eu tivesse esquecido completamente como falar. Quando ele me perguntou em que hospital Thierry estava, percebi que nem eu sabia, e tive que perguntar à atendente mal-humorada, que olhou para mim como se eu fosse a maior idiota que já tinha andado sobre a face da Terra.

– L’Hotel-Dieu – respondi.

– Certo – disse Frédéric. – É perto. Vou fechar a loja e avisar as pessoas... – Ele parou, e sua voz falhou um pouco. – Thierry... quer dizer, ele vai ficar bem, não vai? Os médicos estão cuidando de tudo.

– Não sei – respondi com sinceridade. – Realmente não sei.



Os médicos me convidaram a entrar e vê-lo enquanto Thierry era preparado para a cirurgia. De alguma forma, parecia absurdo me importar tanto com alguém que eu conhecia fazia apenas algumas semanas, mas vê-lo ali, inconsciente, sua imensa força vital estirada na cama, o bigode tristemente caído, coberto por um tubo enfiado em seu nariz... caí no choro no mesmo instante.

– Vamos fazer uma ponte – informou a jovem médica em inglês. – Esperamos... esperamos que funcione. É um paciente difícil.

– Ele é grande demais, você quer dizer? – perguntei.

A médica assentiu.

– Vai ser... vai ser difícil para nós fazermos o que precisamos.

Eu não a invejava por ter que lidar com todas aquelas camadas.

– Mas – me peguei dizendo – ele tem... ele tem um coração grande, sabe? Vai valer a pena.

Ela assentiu mais uma vez sem sorrir.

– Sempre vale – retrucou depressa.



Depois de apertar a mão de Thierry mais uma vez e vê-lo seguir para a sala de cirurgia na maca enorme, me sentei na recepção e fiquei folheando ociosamente uma revista cujo conteúdo não me despertava o menor interesse, tentando deixar o celular em paz porque ia mesmo ficar sem bateria se tocasse nele outra vez. Quando todos chegassem, eu ligaria para Claire e contaria o ocorrido. Embora eu estivesse um pouco em dúvida. Thierry era seu amigo havia muito tempo. Será que ela ficaria muito preocupada ao saber? Eu poderia apenas lhe dizer que estava perdida ou algo do tipo, arranjar uma desculpa. Mas isso seria justo? Pensando bem, era estranho que Claire tivesse ficado tanto tempo sem vê-lo. Os dois não deviam ser tão próximos assim, né?

Olhei para a entrada, esperando que alguém, qualquer pessoa, aparecesse. Tive a sensação de que nunca me sentira tão sozinha em toda a minha vida.



1972

Para Thierry, parecia perfeitamente simples.

– *Você é minha garota – afirmou ele. – Você volta, sim? Quando eu tiver folga? No Natal? Vai ser maravilhoso, Paris é sensacional nessa época. Eles iluminam as avenidas com centenas de luzinhas, e a Torre Eiffel reluz vermelha e verde. Talvez neve, e eu vou te aquecer em meu pequeno sótão, non? E vou fazer meu chocolate quente para você. É mexido mil vezes e cheio de creme para que derreta ao descer pela garganta, é como receber o abraço de um homem que te ama, hein, chérie?*

Claire tentou sorrir, enquanto ele chutava do caminho as primeiras folhas caídas do outono. Em quatro dias ela estaria vestindo o uniforme da escola, que certamente estaria pequeno demais. Claire tinha se desenvolvido, sabia disso. Suas bochechas estavam coradas. Viera para Paris uma garota, e agora se sentia, sem dúvida, uma mulher.

– *Não sei – respondeu ela.*

O Natal em Kidinsborough envolvia muita ajuda ao reverendo: visitar doentes no hospital, entregar Bíblias a famílias pobres que talvez preferissem comida ou brinquedos, além de fazer dever de casa, é claro. Os exames finais. Claire suspirou. Trouxera uma pilha de textos, achando que talvez conseguisse estudar enquanto as crianças estivessem dormindo. É

claro que isso não acontecera.

Ela segurou firme a enorme mão de Thierry e o vento gelado atravessou seu casaco fino, fazendo-a tremer. Por mais que tentassem fingir que o verão não tinha terminado, os dois sabiam que tinha.

Thierry olhou para Claire.

– Você está congelando, minha passarinha. Tenho uma nova receita de chocolate quente e você será minha primeira cliente. Venha comigo.

Claire ficou sentada no balcão de madeira onde Thierry a colocara enquanto ele trabalhava à sua volta, mexendo a mistura sem parar, despejando mais creme, acrescentando uma gotinha de rum, deixando ferver e então adicionando mais ingredientes. Ele não a deixou experimentar enquanto não acrescentou pitadinhas disso e daquilo, pensou na mistura, entrou e saiu pelos fundos da loja e gritou com Benoît. Considerou derreter outro lote de chocolate mas, por fim, acrescentou uma pitada de sal e se deu por satisfeito.

Assim que tomou o primeiro gole, Claire soube que Thierry tinha acertado. O chocolate se espalhou por seu corpo, aquecendo cada veia, fazendo-a curvar os dedos de prazer. Parecia algo que a Feiticeira Branca de Nárnia poderia oferecer a Edmund para que ele traísse sua família, e teria funcionado.

– Thierry! – exclamou ela, impressionada.

– Eu sei, eu sei – disse ele, distraído.

Thierry rabiscava anotações em um pedaço de papel – nunca escrevia as coisas de forma organizada – e tinha encontrado um pequeno jarro com tampa de rosquear, no qual estava entornando uma porção do líquido.

– BENOÎT! – rosnou ele para os fundos, enquanto o jovem corpulento entrava correndo. – Faça isso até ficar assim. Depois tranque a receita no cofre.

Benoît assentiu depressa e bebeu um gole. Ele parou, olhando para Thierry.

– Chef! – disse, em tom de admiração.

– Eu sei – respondeu Thierry, o rosto tomado por uma breve expressão de satisfação. – Eu sei. Eu consegui. – Claire sorriu, e Thierry se virou para ela. – E você! Você é minha musa! – Ele a beijou, lambendo a mancha grossa em seus lábios. – Ah, misturado com o seu sabor é ainda mais delicioso – disse, beijando-a mais uma vez. – Viu só? Você precisa voltar. Eu preciso de você. Você inspirou o que pode ser a minha maior criação.

Um dos clientes da loja se virou.

– Posso experimentar?

Thierry lançou-lhe um olhar austero.

– Não sei. Você é um homem bom? Até agora só pessoas boas experimentaram.

– Não sei se sou – respondeu o cavaleiro, que usava um chapéu homburg e um cachecol amarelo para se proteger do tempo frio que invadia a cidade –, mas sou jornalista do Le Monde.

Thierry encheu uma xícara grande até a boca e a entregou ao homem.

– Meu amigo! Beba e seja feliz.

Foi o que o homem fez. E então pegou o caderno.

Thierry lançou um olhar carinhoso para Claire.

– Viu? Você fez de mim um gênio.

Rindo de alegria, Claire nunca estivera mais perto de rasgar a passagem de volta, desfazer as malas e viver em pecado. Jogou a cabeça para trás e bebeu mais um pouco do chocolate surpreendente. Estava quase completamente feliz.

Mas se lembrou da carta da mãe, perguntando se ela tinha aprendido muitas coisas, mandando lembranças de amigos e parentes, falando com animação sobre o novo centro para jovens que fora inaugurado ao lado da igreja, sobre dar uma festa, e Claire sabia, um pedacinho dela sabia, que tinha que voltar, é claro que tinha.



A porta da sala de espera se abriu com um estrondo. Levantei a cabeça e percebi que estava cochilando. Parecia uma reação estranha ao estresse, mas eu estava ali havia mais de duas horas, a bateria do meu celular tinha acabado e eu tinha ficado sem opção.

Eu via Laurent de vez em quando, em geral com um grupo bastante fechado de jovens chefs e modelos. Sami preferia artistas e músicos, então era um pouco arrogante em relação a eles. Laurent muitas vezes estava com uma garota magricela de lábios carnudos nos braços – nunca era a mesma, pelo que eu reparava – e acenava com a cabeça para mim, pouco mais que isso. Eu o considerava irritante e obviamente superficial. Mas ele não parecia superficial agora e, sim, louco de preocupação.

O rosto de Laurent mais do que nunca parecia o do pai, só que bem menos arredondado. Sua pele era um tom de oliva mais escuro, os olhos eram enormes e expressivos, mas agora estavam alarmados e preocupados. Ele tinha uma boca larga e sensual. Ainda parecia bem

alto em comparação a outros franceses que eu tinha visto, e com uma compleição sólida não muito forte, mas de um tamanho reconfortante. Levantei de um salto, limpando a boca e desejando ter um chiclete.

– O que está acontecendo? Onde ele está? – gritou Laurent, parecendo furioso, como se a culpa fosse minha.

– Thierry está na sala de cirurgia – respondi, tentando parecer gentil e consoladora. – Os médicos disseram que pode demorar um pouco.

– Por quê? Por que vai demorar?

Dei de ombros.

– Acho que é difícil quando... quando o paciente é um pouco mais pesado...

– É por ele ser tão gordo? Burro desgraçado. Meu pai é um burro desgraçado. – Ele olhou em volta. – Cadê a Alice?

– O Frédéric não ligou para ela?

– Provavelmente não. Ele a odeia – disparou Laurent.

– Com certeza não a esse ponto.

Laurent ignorou meu comentário.

– O que ele estava fazendo? O que você estava fazendo com ele?

– Eu não estava fazendo nada com ele – respondi, indignada. Não era eu que tinha deixado Thierry comer além da conta. – Ele me convidou para dar uma caminhada, só isso.

– Só isso? Ele parou para tomar um conhaque?

– Se era minha função impedir que Thierry bebesse conhaque, acho que alguém devia ter deixado isso um pouco mais claro para mim! – falei, quase gritando.

Laurent parou.

– Me desculpe – sussurrou. – Me desculpe, estou sendo injusto. Eu só... Só estou chateado.

– Eu sei. É claro que está. Espero que os médicos nos digam algo logo.

Ele olhou em volta freneticamente.

– Ele não pode... ele não pode morrer...

– Anna – completei, para ajudar.

– Eu sabia – afirmou Laurent, passando as mãos no cabelo castanho grosso, distraído. – Sabe, não conversamos há meses... Ele não pode... não pode...

Balancei a cabeça.

– Thierry falou sobre você esta manhã – contei.

– O quê? Que sou estúpido?

– Sim, mas de um jeito amoroso.

O rosto de Laurent estava pálido.

– Cristo – disse ele, olhando para o relógio. – Onde estão esses médicos?

Engoli em seco.

– O que mais? – perguntou Laurent, de repente. – Por que meu pai estava se abrindo com você? Você acabou de chegar... uma garota inglesa... – Então seus olhos se arregalaram. – Você não... você não tem ligação com...

Fiz que sim com a cabeça, devagar.

– Eu vim por causa da Claire.

Ele pareceu tão furioso que achei que fosse cuspir.

– Aquela mulher...

– Ela não fez nada de errado – acrescentei depressa.

– Diga isso à minha mãe. Meu pai a trocou por uma bruxa inglesa magrela que o fazia se lembrar dessa Claire.

– A Alice não tem nada a ver com ela – afirmei.

– Bom, meu pai descobriu isso um pouco tarde, não foi? Já tinha destruído nossa família. Apavorado demais para estragar tudo de novo. Graças a Deus que ele não teve filhos com Alice.

Laurent bufou, então olhou de novo para a porta, como se isso pudesse fazer com que algo acontecesse.

Quando a porta enfim se abriu, Laurent quase ficou de pé antes que percebesse que era Alice. Ela estava absolutamente branca, o lenço preto que usava parecia um corte no pescoço pálido, os lábios desprovidos de batom se mostravam nus e finos, esticados em seu rosto. Uma veia se destacava em sua garganta. Pela primeira vez, Alice parecia velha.

– *O que você fez?* – foi a primeira coisa que disse, quase sibilando.

Não estava claro a quem de nós dois ela tinha direcionado a pergunta.

– O que *você* fez? – rebateu Laurent, levantando-se completamente desta vez. – Foi você que o levou a tantos almoços e jantares enfadonhos com seus amigos *beau monde* para exibi-lo, onde meu pai não tinha o que fazer, a não ser comer e beber demais. Você não podia apenas deixá-lo em paz, não é, fazendo o que ele faz de melhor: criando e se divertindo.

– Como é que você saberia disso? – escarneceu Alice. – Nós nunca

te vemos. Você está sempre ocupado de mais “traçando seu próprio caminho”, embora, é claro, ah, como é conveniente, tenha um sobrenome muito útil.

Laurent pareceu furioso, então se virou.

– Ah, sim, estamos todos muito preocupados com o bem-estar dele agora – continuou Alice, dois círculos rosados aparecendo em suas bochechas. – Um pouco tarde demais, não acha?

Entrei na conversa.

– Ahn, talvez seja bom nos acalmarmos? – arrisquei. – Não acho que Thierry ia querer que ficássemos discutindo sobre... um carma ruim?

Os dois se viraram para mim e, por um instante, pensei que iam me acertar no pescoço. Então Laurent ergueu as mãos em sinal de renúncia.

– Sim, sim, você tem razão – disse ele, e lançou um olhar duro a Alice. – Acho que devemos colocar nossas diferenças de lado por Thierry, você concorda?

Alice deu de ombros de um jeito tão francês que era impossível acreditar que não tinha nascido e sido criada lá, e pegou o celular.

Instantes depois, o clima melhorou um pouco com a chegada de Benoît e Frédéric, os dois de cabeça baixa, claramente tristes. Consolá-los me deu algo para fazer. Eles tinham fechado a loja, mas clientes preocupados já tinham aparecido perguntando se era verdade, e os jornais tinham telefonado. Ao que parecia, Alice estava lidando com essa parte. Ela andava de um lado para outro, falando ao telefone, como se o fato de se manter ocupada pudesse fazer alguma diferença. Eu me concentrei no piso de linóleo. Cada minuto que passava me deixava menos otimista.

De repente, a médica apareceu à porta, tirando a máscara. Seu rosto era completamente ilegível.



Claire apertou o braço da cadeira com apreensão. Tinha tentado retornar a ligação de Anna – sabia que havia algo errado, só podia haver, ouvira na voz de Anna –, mas ninguém atendia o telefone. Ela mordeu o lábio. Montserrat, sua cuidadora, estava alegremente ocupada nos fundos, arrumando as coisas, organizando os frascos de remédio para mais tarde, quando a enfermeira da comunidade viria.

Montserrat era ótima, mas Claire não queria entrar em uma conversa profunda sobre como se sentia e o que estava acontecendo.

Ao receber o diagnóstico, decidira não contar às pessoas. Não saberia explicar por quê. Não queria chamar muita atenção, para começo de conversa, e não suportaria ver a pena nos olhos alheios. Nunca suportou. Nem quando seu casamento acabou, nem quando foi mal nos exames do ensino médio. Era muito mais doloroso do que a quimioterapia jamais poderia ser. Ela sabia, em alguma medida, que isso era orgulho bobo, provavelmente herdado do pai, mas não fazia a menor diferença.

Além disso, o que Richard, seu ex-marido, poderia fazer? Largar tudo, voltar correndo e reconstruir suas vidas inteiras? E os garotos estavam ocupados. Quando a situação ficou insustentável e Claire teve que contar, todos foram maravilhosos, mas ela sempre tentou minimizar qualquer dor ou desconforto para que eles não se preocupassem demais. Gostava muito mais de ouvir histórias sobre o que as crianças estavam fazendo e receber, às vezes, cartões que elas mesmas desenhavam. Qualquer coisa que a tirasse de si mesma, que a ajudasse a parar de pensar “câncer, câncer, câncer”.

O projeto Anna era a melhor coisa que tinha surgido até então. Dissera a si mesma que se tratava somente de ampliar a experiência de vida da garota, de lhe mostrar um jeito diferente de fazer as coisas, como madame Lagarde fizera com Claire. Hoje em dia, só tinha as lembranças da garota adorável que fora (e podia olhar para trás sem falsa modéstia, porque fora mesmo adorável). Agora seu corpo eram apenas dobras pálidas, inchado de esteroides e remédios fortes, transformado pela gravidez e pela idade. Sentia que estava começando a se soltar dos ossos, os dentes amolecendo. Mas, naquela época, com 17 anos e cabelo loiro e viçoso, conseguia enxergar por que Thierry ficara tão atraído por ela, ainda que à época tivesse parecido totalmente inesperado.

Quando entrou na internet pela primeira vez (Claire tinha a sensação de que, embora estivesse morto havia muitos e longos anos, o pai não aprovaria isso nem um pouco), é claro que procurou por Thierry. E o encontrou em várias páginas da imprensa francesa ou em livros de culinária e guias de viagem. Sua forma física robusta a surpreendeu, embora Claire se lembrasse com prazer do apetite gigantesco que ele tinha por tudo: comida, chocolate, sexo, vinho, charutos e ela. Concluiu que não era assim tão surpreendente que

aquela tivesse sido a consequência. Ela, por outro lado, tinha levado uma vida sem culpa, dando aulas, preparando refeições saudáveis para a família, controlando o peso e sem fumar e sem beber em excesso, e olhe só como tinha acabado: em uma enfermaria com tubos saindo de seu corpo, com a sensação de que tinha 190 anos. Então, no fim das contas, isso importava mesmo?

Claire se perguntara muitas vezes o que aconteceria se escrevesse uma carta breve para Thierry – afinal, sabia onde encontrá-lo. Mas sempre se contivera. Era ridículo; uma paixão de tanto tempo atrás, uma relação surpreendente que durara dois meses. Duvidava que ele pensasse nela e não conseguia imaginar nada mais vergonhoso do que ressurgir na vida de alguém que tivesse se esquecido completamente da sua existência. Ela imaginava que ele, por educação, teria que puxar na memória para se lembrar dela. Que Thierry acharia terrível o fato de ela ter pensado nele durante toda a vida e por tanto tempo. Era uma ideia pavorosa. Até Anna lhe dar a desculpa perfeita.



1972

Claire se deitou em sua cama no antigo quarto, com os pôsteres ridículos do Davy Jones e de pôneis. Era o quarto de uma criança, totalmente idiota a seus olhos agora, e vê-lo só parecia confirmar que não se encaixava mais naquele lugar.

Tinha chorado durante todo o percurso do trem, da balsa e do trem de novo, lembrando-se das palavras fervorosas de Thierry – não se esqueça de mim, não vá embora, volte, volte. E havia prometido voltar, com toda a sinceridade, mas não tinha dinheiro nem esperança nem ideia do que fazer para cumprir com sua palavra. Estava presa em um quarto azul-claro com patos na lareira, dossel na cama e um uniforme escolar pendurado no armário.

Madame Lagarde segurou suas mãos na última noite, com uma tristeza genuína por vê-la partir. Arnaud e Claudette se agarraram a suas pernas.

– Espero que tenha aproveitado muito a sua estadia – disse ela.

Claire, com lágrimas nos olhos, jurou que sim, que nunca conseguiria agradecer o suficiente.

– Não quero ser condescendente – acrescentou a mulher –, mas é bom ter casos de amor quando se é jovem. E você terá vários, entende? Uma

andorinha não faz verão, sabemos bem. Você é confiante agora e aprendeu muitas coisas em sua jornada para se tornar uma mulher adulta, então leve essas lembranças, mas não fique presa a Paris. Você tem sua própria vida, seu próprio caminho a trilhar. É esperta demais para ficar por aí, esperando por migalhas, dependendo de outras pessoas, você me entende?

E Claire, atordoada pela tristeza, assentiu, guardou as palavras e soube, no fundo de seu coração, que era um conselho sábio. Mas, ah, não queria ouvir aquilo. Queria que madame Lagarde dissesse: “Não podemos viver sem você. Esqueça a escola, venha morar conosco até se casar com Thierry.” Só de pensar em algo tão ridículo, o rosto de Claire corou.

De volta em casa, a mãe ficou muito contente em vê-la, mas Claire se sentiu como uma estranha em seus braços. Como podiam ter se passado só dois meses? Ela era uma nova pessoa. Uma mulher independente, que trabalhava e depois passava as noites como queria. Como podiam esperar que se concentrasse em álgebra e conjugações verbais?

O pai a olhou dos pés à cabeça. Ele nunca gostara muito de vê-la crescer, embora ela fosse uma adolescente tão respeitosa e obediente quanto possível. Era evidente até mesmo para o olho inexperiente do pai que a filha estava se afastando dele mais do que nunca. Ele grunhiu.

– Espero que não tenha aprendido costumes extravagantes em Parri – disse ele. – Eles são metidos lá.

– Ela é uma boa garota – garantiu a mãe, acariciando o cabelo da filha. – Você parece ótima, querida. Marie-Noelle foi muito gentil em cuidar tão bem de você. Ela me escreveu.

– Escreveu? – perguntou Claire, parecendo alarmada.

A mãe deu um sorriso secreto. Estava claro para ela que Paris fora tudo o que esperava para a filha maravilhosa, mas séria demais.

– Não se preocupe, não houve nada de ruim. Aparentemente, Claire acrescentou muito à família, Marcus.

– Bom, espero que sim – disse o reverendo, parecendo um pouco amolecido. – Você odiaria não ter sido útil, não é mesmo, Claire?

Claire assentiu. Chovera durante todo o percurso do trem que a levou de volta para casa. Depois da luz dourada espessa de Paris se desdobrando sobre paralelepípedos antigos, parques verdejantes e igrejas grandiosas, os tijolos vermelhos e o ferro galvanizado de Kidinsborough, o cimento já gotejando do novo estacionamento e o shopping com os carrinhos tombados do lado de fora pareciam piores do que nunca. Ela não conseguia acreditar que estava mesmo de volta. Desejou ter uma amiga com quem se abrir.

A mãe tinha preparado carne moída com batatas e cenoura para as boas-vindas, antes seu prato favorito.

– Não estou com fome – afirmou Claire, se desculpando. – Acho que vou me deitar. Estou muito cansada.

– Sua mãe preparou uma boa comida – disse o reverendo. – Seria um pecado desperdiçar.

Então Claire teve que se sentar, usando as roupas de viagem deselegantes que tinha vestido pela última vez no início do verão – agora muito curtas nas pernas e bastante apertadas no busto –, e tentar engolir as cenouras cozidas demais e a batata mole demais. Tentou não pensar no camembert derretido que vinha em uma cestinha de madeira, assado no forno com ervas e servido sobre uma salada verde crocante (a única salada que Kidinsborough conheceu no início dos anos 1970 foram duas folhas úmidas de alface americana servidas sobre um tomate sem sabor cortado em quatro). Pensou também nos frangos assados dourados que compravam de um homem que os vendia em um espeto, tão quentes e temperados que a gordura acabava escorrendo pelo queixo. Thierry lambia e ela ria. Pegavam o restante do molho com um pão incrível, ainda quentinho. Thierry ensinou a Claire como saber quando o pão estava fresco pelo barulho que fazia ao ser partido, completando, presunçoso:

– Mas Pierre nunca me daria um pão que não fosse fresco.

Ela mal se lembrava daquela garota de antes. E, conforme os dias foram ficando mais curtos e a volta das aulas se aproximavam, Claire foi se sentindo como se estivesse presa no corpo de uma criança de quem esperavam que fizesse segundo lhe ordenassem.

Todos os dias ela acordava cedo, morrendo de medo de perder o carteiro. O pai não entenderia por que estava recebendo as cartas de Thierry, mas a mãe, sim, e o pai acabaria chegando às próprias conclusões, desaprovando a situação como um todo. Claire o observava como um falcão, não podia confiar que ele não a impediria de receber a correspondência. Porém o pai parecia apresentar a mesma irritação de sempre, resmungando sobre o jornal a respeito do estado deplorável de tudo e se queixando do fato de o Reino Unido estar se deteriorando e os sindicalistas serem “imorais, imorais”.

Ele começou a pregar isso também em seu púlpito, o que a população local de Kidinsborough, que mal conseguia manter as siderúrgicas, não aceitou muito bem. A congregação definhava, e homens do episcopado vinham à noite para conversar com o pai em voz baixa.

Com o passar dos dias, Claire foi estranhando cada vez mais o fato de

não receber cartas. Tinha voltado às aulas, olhava no espelho para a estranha que se tornara: não a garota despreocupada que caminhava alegremente pelo Bois de Boulogne, mas uma adolescente mal-humorada de saia cinza curta e camisa apertada demais que se parecia com qualquer outra garota.

Nas aulas, ela mal prestava atenção, a não ser na matéria de Francês, e ficava escrevendo cartas intermináveis para Thierry sobre quanto sentia sua falta e quanto odiava Kidinsborough. Escrevia dizendo que, no verão seguinte, ela encontraria outro trabalho e retornaria a Paris e, desta vez, não conseguiriam fazê-la voltar, ninguém conseguiria. Ela mandava as cartas para a loja, mas quem sabia onde ele estaria agora?

Não houve resposta.

Em novembro, Claire e os pais se mudaram.

A jovem chorou. Implorou. Suplicou. Não podia mudar de endereço. Ela passou por toda a gama de rebeldia adolescente: bateu portas, ficou fora até tarde, ficou emburrada, mas nada adiantou. As reclamações contra o pai aumentavam e os sermões antiquados do tipo “fogo e enxofre” estavam fora de moda.

– Hippies – reclamava o reverendo. – Eles destroem tudo.

Em resposta a isso, Claire saiu e comprou um incenso, o que o deixou quase apoplético de tão furioso.

Ela mandou uma última carta, dizendo a si mesma que esta certamente chegaria a Thierry.

Meu querido,

Meus pais horríveis insistem na mudança. Eu os odeio. Então, se você pensa mesmo em mim, por favor, me salve! Estou no The Pines, na Orchard Grove, 14, em Tillensley.

Se você não responder, entenderei que não me ama e não entrarei em contato de novo.

Meu coração, meu amor, venha depressa,

Claire

Nada aconteceu.



Capítulo treze

Acredito que existe algo na psique francesa que pode ser muito útil: a praticidade, ou seja, a capacidade de receber muitas informações sem ficar envolvido emocionalmente. É muito incomum que um francês dê pulos de alegria ou fique no fundo do poço de tanta tristeza. Eles não veem necessidade de ficar animados ou de serem muito educados se a ocasião não justificar.

Laurent começou.

– Como ele está?

Alice se virou e, sem dizer uma palavra, desligou o celular. O rosto da médica ainda estava impassível, e eu sentia o coração bater muito rápido, socando meu peito. De repente descobri que queria pegar a mão de Laurent e apertá-la. Só para ter alguém ali no momento de receber más notícias. Olhei para a mão grande e peluda dele, pendurada ao lado do bolso do paletó. Estava tremendo.

– Ainda não há nada certo – informou a médica, a voz imperturbável, soando na pequena sala sombria. – Operamos, inserimos os stents. Mas seu estado geral... – O tom de sua voz deixou muito claro que se tratava de uma repreensão. – Seu estado geral dificulta muito a previsão de qualquer resultado.

– Mas ele ainda está vivo – disse Laurent, seu rosto era um misto de esperança e horror.

Ela assentiu secamente.

– *Oui* – respondeu a médica. – Vai ficar inconsciente por um tempo.

– Quero vê-lo – pediu Laurent.

Ela assentiu. Todos seguimos o toque-toque de seus saltos pelo chão reluzente de linóleo, até que ela se virou.

– Não tantos – pediu.

No mesmo instante Frédéric e Benoît deram um passo para trás, e

eu também. Mas Laurent, quase sem perceber o que estava fazendo, puxou minha manga.

– Você vem – sussurrou ele.

Entendi mais tarde, é claro, que Laurent só não queria ficar sozinho com Alice e todas as coisas não ditas entre os dois. Porém, na hora pareceu mais do que isso: eu senti como se tivesse sido escolhida. Mas, ao mesmo tempo, também senti que, se Thierry morresse, a culpa seria minha.

– É claro – falei, tentando não demonstrar o nervosismo na voz.

– Por que ela vem? – indagou Alice, bem alto.

Laurent a ignorou. Eu só fiquei fora do caminho dela.



O quarto de recuperação era sombrio, com as luzes fracas. Máquinas apitavam e zumbiam. Olhei ao redor para garantir que não ia tropeçar em nenhum tubo ou fio essencial. Thierry formava um monte enorme na cama, como um ovo de Páscoa gigante. Para minha enorme tristeza, os médicos tinham raspado seu bigode para inserir tubos em seu nariz. Sem ele, Thierry parecia estranho, ultrajado, de alguma forma.

Sua pele estava cinzenta, completamente cinzenta, uma cor turva horrível para a qual era impossível ficar olhando. Alice tossiu e olhou para baixo. No entanto, Laurent ficou olhando para o peito nu alto de Thierry, que subia e descia.

– Papa! – chamou, indo em direção à cama, os braços bem abertos.

Parecia uma criança. A médica emitia um som de desaprovação, e ele deu um passo para trás, sem querer tumultuar, mas tinha lágrimas nos olhos. Laurent se virou para a médica e disse:

– Obrigado.

Ela deu de ombros.

– Não me agradeça ainda.

Depois de avisar pela quinquagésima vez que não podíamos tocar em nada, a médica saiu, e nós três, um trio estranho, ficamos sozinhos no quarto com Thierry deitado entre nós. Havia um silêncio rompido apenas pelo apito e pelo assovio do respirador, que subia e descia como um acordeão quebrado.

– Então... – começou Alice, por fim.

Laurent não estava ouvindo, pois estava sentado com o corpo

inclinado para a frente, olhando para o pai.

– É isso que precisa acontecer para que você visite seu pai?

Eu quis muito socá-la nessa hora. Parecia que ela tinha passado as últimas horas procurando pela coisa mais desagradável que poderia dizer. Laurent deve ter percebido minha expressão horrorizada, porque deu uma batidinha em meu braço.

– Está tudo bem, ela é sempre assim – explicou ele em inglês, o que foi inteligente, pois Alice fingia o tempo todo que tinha esquecido como falar o idioma. – Na verdade, não era meu pai que eu estava evitando, era você. Agora, você gostaria de fumar aqui dentro e deixá-lo pior? Ou talvez só queira levá-lo e levá-lo a uma de suas soirées.

Alice ficou muito pálida de novo.

– Na verdade, preciso organizar o negócio do qual você não quer fazer parte – rebateu ela. – Com aqueles dois idiotas e ela, o que quer que seja. Sozinha. Mas obrigada.

Fui paralisada por uma descarga de medo. Nunca me ocorreu que eu teria que trabalhar para Alice agora, mas é claro que ela estava certa. Ah, céus. Eu mal sabia o que estava fazendo e teria que fazê-lo sob o olhar reprovador daquela pessoa que claramente me desprezava.

– É claro que você pediria ajuda se precisasse – disse Laurent.

Então houve um impasse, nenhum dos dois disposto a ceder.



Também foi ficando cada vez mais claro que nenhum deles queria ser o primeiro a ir embora, caso Thierry acordasse. O quarto estava quente e, para meu horror, percebi que eu estava ficando muito sonolenta. Eles deviam precisar avisar um monte de gente, mas estavam obedecendo as placas que diziam que não era permitido usar celular perto dos equipamentos. Era como se houvesse uma disputa de poder entre eles, e isso me deixou muito irritada. De repente, não aguentei.

– Vou pegar café – avisei. – Alguém quer alguma coisa?

Alice levantou-se de um salto, claramente irritada por não ter pensado nisso.

– Não, eu vou – disse ela bruscamente, os dedos já remexendo a bolsa de grife atrás do isqueiro e do celular. – Volto em dois minutos.

Depois que ela saiu do quarto e sumiu pelo corredor, Laurent caiu de novo na cadeira e soltou um suspiro longo. Deixou que a cabeça

cacheada seguisse descendo, até ficar nivelada com a cama. Então deixou-a cair sobre os lençóis macios. Depois de alguns instantes testemunhando seus ombros tremerem, percebi que ele estava chorando.

Eu me levantei.

– Pronto, pronto – falei, acariciando suas costas. – Pronto, pronto. Thierry vai ficar bem! Olhe só para ele, todo vivo aí na cama.

Eu sabia que não estava falando nada com nada, só sussurrando clichês reconfortantes, mas parecia estar funcionando. Depois de mais um instante, sem erguer a cabeça, Laurent pegou minha mão e a segurou.

– Obrigado – disse ele, o rosto abafado nos lençóis.

Fiz carinho nele.

– Está tudo bem – afirmei mais uma vez. – Vai ficar tudo bem.

– Nunca está tudo bem – retrucou ele, vagamente.

Eu me ajoelhei ao seu lado.

– Bom, talvez esta seja uma boa hora de fazer as pazes com seu pai.

– O quê? Antes que ele passe dessa para a melhor? – indagou Laurent, virando-se para mim com um meio sorriso. – É, claro. Obrigado.

– Bom, muitas pessoas não têm a oportunidade de se despedir. De qualquer forma, você vai ter sorte. Pode ter certeza.

– Você é meu amuleto?

Sorri. Eu era a pessoa mais azarada do mundo. Laurent não sabia disso?

– Se você quiser.

Laurent endireitou o tronco e secou os olhos, então passou os dedos pelo cabelo.

– Meu rosto está vermelho? – perguntou. – Não quero que a bruxa malvada saiba que eu estava chorando.

– Talvez isso a amoleça. Talvez Alice veja quanto você se importa de verdade.

– Não seria possível amolecer aquela mulher nem com uma massagem de marshmallow – disse Laurent, irritado. – Eu acho mesmo que ela é feita de couro velho.

– Alice está em pânico. As pessoas dizem coisas estranhas quando estão preocupadas.

– Então ela está sempre preocupada.

– Prefiro acreditar que sim – concordei. Fiz carinho mais uma vez.

– Olha só, eu ainda não vi muita coisa, mas aprendo rápido, e aposto que Frédéric e Benoît podem fazer praticamente tudo. Vamos seguir com a loja por um tempo até que Thierry melhore. Acho que isto vai animá-lo, saber que seguimos em frente mesmo em sua ausência.

– Ou ele vai ficar arrasado ao perceber que é substituível – disse Laurent, com um sorriso malicioso no rosto.

Percebi que ele segurava a mão inerte do pai. Tirando o fato de que a mão de Thierry estava mais pálida e inchada, as mãos dos dois eram idênticas.

– Bom, a gente diz a Thierry que obviamente não é tão bom assim sem ele – sugeri.

– Ah, vocês não vão precisar fazer isso – observou Laurent, com ironia. – Meu pai acha que tudo é pior sem ele.

– Talvez ele tenha razão.

Neste instante Alice voltou com três copinhos de plástico com um líquido escuro em uma bandejinha. Apertei o ombro de Laurent.

– Vou voltar para a loja – falei. – Não sou muito útil aqui.

Laurent assentiu.

– Sim. Faça isso. E atenda o telefone. Você se importa?

– Não, nem um pouco. Eu digo que ele está... digo que ele está...

– Diga que Thierry vai ficar BEM – afirmou Alice, em um tom de voz que não admitia resposta. – Diga que ele vai voltar completamente recuperado, que a loja vai continuar e tudo vai ficar bem.

Laurent provavelmente diria que Alice estava só procurando preservar seu investimento. Mas eu não enxergava as coisas dessa forma. Eu achava que dizer que Thierry ia ficar bem era a forma de Alice mantê-lo vivo. E, ainda que não quisesse, fiquei positivamente surpresa.



Foi maravilhoso sair do hospital e perceber que o dia lindo de verão continuava lá. Minúsculas fitas de nuvens flutuavam pelo céu, e o sol da tarde caía quente nas costas e nucas de lojistas e turistas, todos eles, imaginei, felizes e despreocupados, sem nenhum problema.

Percebi que não fazia ideia de onde estava. Caminhei por um bom tempo, então notei que dava para ver a Torre Eiffel por sobre meu ombro esquerdo e que, portanto, eu me encontrava na margem esquerda e precisava atravessar o rio de volta. Estive na Île de la Cité

o tempo todo. Se esticasse o pescoço, conseguia distinguir a forma familiar da Notre-Dame, distante à minha direita. Teria sido muito mais rápido pegar um táxi ou o metrô – tudo em Paris é mais longe do que parece –, mas decidi que precisava caminhar para espairecer. Prestando atenção redobrada no trânsito, saí, os dedos do pé doendo mais uma vez. Talvez eles reagissem mal ao cheiro dos hospitais. Ou talvez um mau tempo estivesse a caminho, embora, em minha opinião, já tivesse acontecido tudo de ruim que poderia acontecer. Reduzi a velocidade ao ritmo dos turistas, em vez de seguir a marcha agitada dos parisienses, e segui em frente, obstinada, mantendo a Notre-Dame em meu campo de visão.

Havia algo em relação à grande catedral. Eu sabia que ela sempre fora um santuário, desde o tempo em que a cidade não era mais que uma ilha com sua igreja. Era impossível não pensar no Corcunda, na Esmeralda, ou olhar para as gárgulas e não estremecer ao pensar em um mundo onde as pessoas acreditavam nelas piamente. Um mundo em que o inferno estava a apenas uma piscadela ou um passo em falso, em que haveria dor por toda a eternidade e em que os monstros esculpidos na parede eram de verdade e estavam ali para acabar com você.

Não éramos religiosos na minha família, apesar de termos assistido a algumas aulas de religião no ensino médio e, por um tempo, ter sido moda – não me pergunte por que – frequentar a igreja. Talvez isso fosse visto como uma coisa inteligente a se fazer, ou como uma forma de se assemelhar aos colegas muçulmanos, que rezavam adequadamente e eram considerados muito mais descolados. De qualquer maneira, brinquei um pouco com a coisa da religião até questionar a Sra. Shawcourt sobre isso. Ela era a única professora mais ou menos descolada a quem podíamos fazer esse tipo de pergunta. Ela se mostrou um pouco séria e apenas respondeu:

– Ah, eu fui MUITO à igreja, acredite. O suficiente para me garantir por esta vida.

Fiquei muito menos comprometida depois disso.

Mas perto de Notre-Dame eu sentia algo diferente. Havia uma fila enorme de pessoas esperando para entrar – a maioria estudantes italianos rindo entre si, estudantes americanos conversando alto e casais de idosos vestidos quase exatamente iguais, riscando atividades dos guias turísticos. Mas entre eles havia pessoas diferentes: freiras e pessoas sozinhas que não pareciam nem um pouco estar de férias, mas

muito sérias e solenes. E as torres idênticas características da entrada faziam o lugar parecer especial, diferente de alguma forma.

Conforme me aproximava, percebi que só era preciso esperar na fila se você quisesse fazer uma visita guiada ou subir para ver os sinos. Se quisesse apenas dar uma olhada lá dentro, era possível entrar direto. Embora meus pés estivessem me matando e eu estivesse sem comer havia horas e só quisesse me deitar e descansar, me peguei subindo os degraus.

A catedral era enorme por dentro. Tinha um aroma leve de flores, de outra coisa que imaginei que fossem aqueles incensos que minha avó diz que os católicos usam e de piso encerado. Um órgão suave ecoava pelas caixas de som, o que era um pouco confuso. O lugar era imenso. E, se eu o achava imenso agora, na época dos arranha-céus, aeronaves jumbo e transatlânticos, não consigo imaginar qual teria sido a impressão das pessoas há centenas de anos. Os frisos enormes da Via Crucis cobriam as paredes em detalhes intrincados, e havia um vitral rosado enorme em uma das janelas.

Pontilhando os bancos, parecendo formiguinhas, havia pessoas, a maioria delas sozinha, só sentadas ali, em contemplação. Eu não podia me juntar a elas sem pagar uma taxa e não tinha um Deus com quem conversar. Mesmo que tivesse, não conseguia imaginar um Deus dando um tempo de massacres e da fome para ajudar um homem que estava envelhecendo e que eu mal conhecia. Mesmo assim, meu coração deu forma a um apelo silencioso:

– Por favor, só, por favor – pedi, de novo e de novo.

Eu me senti melhor.



A loja exibia o aviso “Fermé cause de maladie”, e algumas pessoas preocupadas que claramente tinham ido até lá pela situação circulavam do lado de fora. Bati com força na porta da frente. A oficina nos fundos teoricamente tinha uma saída de incêndio, mas eu não fazia ideia de onde ela dava, então continuei batendo até ouvir Frédéric.

– Estamos fechados! Vá embora! – berrou ele.

– Sou eu!

Ele abriu a porta no mesmo instante.

– Por que você não ligou? Onde esteve? – gritou Frédéric.

– Porque meu celular está sem bateria. E não consegui encontrar um telefone no hospital.

– Bom, isso não ajuda nada. Estávamos esperando. Alguma novidade?

– Não. Até onde eu sei, não. Mas nenhuma novidade é um bom sinal a essa altura.

Frédéric bufou.

– Não tenho tanta certeza.

Percebi uma coisa. Não havia barulho na loja.

– Por que as batedeiras estão desligadas? – perguntei.

Frédéric deu de ombros.

– Não podemos continuar sem o chef, *chérie*. É impossível.

– Como assim, é impossível? Vocês vão entrar em greve?

– Não, mas sem Thierry...

– Você está me dizendo que trabalharam aqui todos esses anos e não sabem o que ele faz?

Frédéric ficou irritado.

– É claro que *vemos* o que Thierry faz. Mas o que ele faz e o que nós faríamos... A conchagem não é exatamente igual. É a diferença entre pinceladas em uma parede e a tela de um artista. Não tem comparação.

Eu estava acostumada a trabalhar em uma fábrica, onde, considerando-se os processos industriais, até um macaco poderia produzir o mesmo chocolate todos os dias desde que se lembrasse da sequência de botões a apertar. Mas isso poderia significar uma grande produção de chocolate com banana.

– É claro que tem – insisti. – Benoît está aqui desde criança. Com certeza podemos honrar Thierry e continuar fazendo chocolate.

– É impossível – repetiu Frédéric, olhando para mim como se estivesse explicando algo muito simples para uma criança burra. – Não tem como ser igual.

– Bom, eu espero que tenha. Porque acho que Alice quer que a loja continue aberta. Se quer dizer não para ela, vá em frente, fique à vontade.

Frédéric ficou pálido.

– Alice não pode querer isso – disse ele.

– Ela quer. Eu a ouvi dizer no hospital.

Ele balançou a cabeça.

– Ela não entende.

Eu até concordava com Alice nessa questão. Os salários precisavam ser pagos, incluindo o meu, eu esperava. As pessoas continuariam vindo. Thierry cuidava sobretudo do movimento e das vendas na loja. Eu tinha quase certeza de que Frédéric e Benoît eram capazes de executar as tarefas na oficina. E achava que eu podia ajudar. Tinha observado o trabalho durante todas aquelas semanas, não tinha? Eu tinha um nariz bom para esse tipo de coisa.

Frédéric chamou Benoît e, em um grunhido determinado que pareceu ser emitido a cem quilômetros por hora – o que me fez perceber mais uma vez em que medida as pessoas mudavam o modo de falar quando conversavam comigo para que eu pudesse entendê-las –, começou a dizer que estavam todos loucos. Benoît, como sempre, fez pouco mais que rosnar em resposta, mas de um jeito que pareceu indicar mais desprazer que o normal. Ao final, a única observação que fez foi:

– *Les anglais*.

Isso me deixou indignada, pois ele claramente tinha me incluído no mesmo lado de Alice naquilo tudo.

– Não tem nada a ver comigo – rebati, me afastando. – Falem com a Alice, ok? Vocês precisam que eu limpe as coisas?

Benoît fez que não com a cabeça.

– Já terminamos – respondeu ele em um tom ameaçador. Então acrescentou, em inglês: – Acabou.



Capítulo catorze

Eu mal conseguia subir as escadas. Tudo o que queria era entrar no apartamento e dormir um pouco. Ah, Deus, e eu precisava ligar para Claire, é claro. Não tinha nem pensado nisso. Bom, tinha que carregar o celular primeiro, depois pensaria nisso. Talvez após um banho.

É claro que Sami estava lá. Vestia um xale com franjas azul-pavão sobre o tronco bronzeado e usava um delineador azul brilhante. É claro que estava esperando por mim.

– QUERIDA! – exclamou. – Fiquei sabendo da notícia terrível. Olha só, eu tenho conhaque. É bom para o choque.

Naquela altura, conhaque não parecia uma má ideia, embora eu não tivesse uma ideia muito clara do que era na verdade. Sami gostava de estar por dentro das fofocas boas.

– Só se fala nisso em Paris! Onde vamos tomar chocolate quente agora? Você sabe, o tenor Istoban Emerenovitz só canta aqui se tiver um abastecimento constante! Agora vamos perdê-lo para o Met, em Nova York, e o mundo vai lamentar.

Eu não tinha certeza se o mundo lamentaria algo assim, mas dei um meio sorriso e disse a ele que não se preocupasse, que tudo ia ficar bem. Era estranho como, no espaço de algumas horas, eu tinha me tornado a fonte das informações.

– E você estava lá? – perguntou Sami, a gentileza brigando com sua curiosidade. – Pobre passarinha. Foi terrível?

Pela primeira vez desde a corrida digna de pesadelo até o hospital e todas as lembranças relacionadas, apenas relaxei e caí no choro.

– Ah, minha passarinha – disse Sami, me abraçando com um cheiro um pouco estranho. – Você quer que o tio Sami a leve a uma festa? Quer? Vamos a uma festa e você vai poder contar a todo o mundo o que aconteceu e vai se sentir muito melhor.

Naquele exato momento, não havia nada que eu quisesse menos. Expliquei isso a Sami, que fez a mesmíssima expressão de cachorro confuso que Frédéric fez quando dei a ideia de imitarmos as receitas de Thierry, mas acabou me deixando em paz.

Eu quase não tinha dúvida de que Alice conseguiria o que queria – ela era esse tipo de pessoa –, então eu passaria as próximas semanas bastante ocupada. Só esperava estar à altura da tarefa.



1972

Embora estivesse completamente absorta ao voltar à escola (a mesma escola, infelizmente, eles não tinham mudado de distrito), por fim chamou a atenção de Claire o fato de que havia algo diferente em outra garota. De início, ela não sabia o que tinha mudado em Lorraine Hennessy. Então todos começaram a fofocar e sussurrar: a pobre Lorraine não conseguia mais fechar a saia. Foi isso: ela estava grávida, segundo alguns diziam, de um garoto que viera a Kidinsborough naquele verão para trabalhar no parque e a fizera rodar rápido demais nas xícaras.

Já não estavam mais na época em que as mulheres eram mandadas para lares especiais para garotas desencaminhadas, mas essa época não tinha sido há tanto tempo assim. E Lorraine tinha chegado até o último ano... Você chega tão longe e acha que, a partir de então, tudo serão flores, fofocavam as esposas no mercado. A pobre Lorraine havia se dado mal por um garoto de olhos brilhantes e sem um dente, com unhas sujas e cabelo cacheado comprido e rebelde. Ela deixou a escola no outono, no meio do período, e a maioria das pessoas seguiu a vida como se nada tivesse acontecido.

Mas Claire ficou obcecada. Não conseguia parar de pensar naquilo, até mesmo quando o reverendo abordou o assunto no jantar, com total reprovação e julgamento. Ela se imaginou carregando o bebê de Thierry, um pequeno querubim redondo, gordinho, de bochechas rosadas e risonho. Claire observava a barriga com atenção todos os dias, só para garantir. Sim, eles tinham usado proteção, mas, como o reverendo dissera em um de seus sermões pungentes, a contracepção era quase a mesma coisa que nada. A única proteção verdadeira era a castidade e o amor de Jesus Cristo.

Ela desejava que eles tivessem sido menos cuidadosos. Quando

encontrou Lorraine na rua principal – a mãe, ciente de que os espíões do pai poderiam estar por perto, tentou apressá-la –, Claire parou e a cumprimentou. Não conseguiu evitar. Apreendeu todas as características da forma arredondada de Lorraine: os seios retos agora fartos, a barriga estreita e proeminente – era inimaginável que lá dentro estivesse outro ser. Notou também o olhar trêmulo e desafiador no rosto da jovem.

– Boa sorte – disse Claire.

No decorrer dos dois minutos que estiveram ali, as duas ignoraram os sussurros dos transeuntes.

– Sim – falou Lorraine, cuja mãe, ao seu lado, parecia ter envelhecido dez anos.

A jovem não parecia orgulhosa, diferente de seu corpo fecundo e reluzente. Claire era a única garota da Kidinsborough Modern que a invejava, que não participava das conversas desagradáveis disfarçadas de preocupação. Ela teria ido direto para a balsa e aparecido tarde da noite no sótão de Thierry, que ficaria encantado ao vê-la. Ah, será que Thierry estaria lá ou estaria explorando algum outro lugar? Mesmo que estivesse lá, havia a possibilidade de que ele ficasse pasmo quando Claire chegasse, confuso, ou de que houvesse outra garota em sua cama... Ela não tinha a ilusão de que ele não tivesse oportunidades. Não, Thierry ia pular, com aquele sorriso largo maravilhoso no rosto, o bigode fazendo cócegas em sua barriga, que ele beijaria e beijaria sem parar, e os dois ficariam a noite toda fazendo planos para o pequeno e falando sobre como ele seria o bebê mais lindo e bem alimentado de toda Paris, até que o nascer do sol iluminasse os terraços da rue de Rivoli e a manhã clara e rosada transformasse as ruas brancas em um mar de rosas com a promessa de um dia novo e dourado...

– Você parece distraída.

Era a Sra. Carr, a professora de francês. Ela se surpreendera, com certa indelicadeza, com a melhora do francês de Claire durante as férias e a vinha incentivando bastante para que melhorasse ainda mais. Claire era inteligente, podia ir para a universidade, virar tradutora, viajar o mundo... A distração e a falta de interesse de Claire a deixavam louca. Anos mais tarde, Claire se dedicou aos alunos sonhadores mais que a quase qualquer outro. Crianças levadas precisavam de limites e direção. Isso era fácil. Crianças motivadas eram ainda mais fáceis, é claro. Mas as que mantinham a cabeça nas nuvens, a quilômetros de distância, eram muito difíceis de alcançar. Era impossível saber o que se passava na cabeça delas.

Para a Sra. Carr, Claire era especialmente frustrante. Ela era também a

melhor falante de francês que já passara pela escola, mas não se importava em fazer o dever de casa, às vezes faltava à aula e mal parecia estar presente quando aparecia. A Sra. Carr tentava fazê-la perceber a importância dos exames finais, mas parecia não estar adiantando nem um pouco. A professora suspeitou que fosse culpa de algum garoto – tantas jovens promissoras podiam se perder por completo naquela idade; vide Lorraine Hennessy –, mas Claire sempre fora uma garota tão ajuizada, criada em um lar religioso... Ah, a quem ela estava enganando, essas garotas eram sempre as piores.

Claire tinha 62 libras em sua conta no Correio, o que era mais que suficiente para ir à França. O problema era como retirar o dinheiro. Ela não podia sacar por conta própria até o aniversário de 18 anos, e ainda faltavam cinco meses. Para Claire, era como se fossem cinco anos, ela não conseguia nem imaginar.

Os dias se passaram e o tempo ficou muito fechado: cinza, ventoso e úmido. As crianças usavam casacos com capuz que fechavam na altura do rosto e encobriam completamente sua visão, pareciam monstrinhos avultando-se na escuridão.

Claire sabia que estava indo mal na escola e não conseguia se importar com isso. O pai gritava com ela, e Claire ficava ali, submissa, aguentando, sem ouvir, na verdade. Isso só o irritava mais, porém ela o escutava discursar em fúria no púlpito havia muito tempo para não permitir que isso a incomodasse. Quando os formulários da universidade chegaram, a mãe os guardou silenciosamente no aparador. Claire nem olhou para eles.

O peso que ganhara em Paris desapareceu, e o bronzeado desbotou. A própria experiência começou a parecer um sonho que Claire tivera, ou uma história que lera, ou um filme. Ela não era aquela garota que saltitava pelo Bois de Boulogne; que comia abacate fresco com molho de tomate, a acidez escorregadia fazendo seus olhos se arregalarem, Thierry rindo de seu espanto. Aquela Claire desaparecera e a que havia permanecido parecia ainda mais jovem do que antes: pálida e frágil, tentando se manter aquecida nos fins de tarde escurecidos, arrastando-se por Kidinsborough como um fantasma.

Suas amigas e conterrâneas estavam aproveitando a vida, entrando escondidas em bares, bebendo sidra em festas dentro de casa, dando beijos e fazendo outras coisas perto do canal. Claire ficava sentada no quarto e escrevia em seu diário. Ela saiu escondida certa manhã e encontrou, nos fundos da pequena tabacaria, a mesma marca de cigarros de embalagem azul brilhante que Thierry fumava. Nervosa e um pouco assustada, entrou

no bosque e acendeu um. O cheiro a fez cair no choro, mas acabou voltando várias vezes para fumá-los, no frio e no vento.

Mais tarde, Claire pensou que, se não fossem os anos 1970, provavelmente algum orientador teria percebido, ou até mesmo seus pais. Ela descobriu, depois de muitos anos como professora, que não era muito incomum encontrar um adolescente deprimido. Normalmente era só uma fase: problemas em casa e a incapacidade de perceber que todo mundo se sentia bastante nervoso e desajeitado em relação à adolescência e à sexualidade. Claire era sempre paciente e gentil com esses alunos, com as mangas compridas demais para seus braços, segurando as extremidades, resmungando as respostas de um jeito bem irritante. Ela sabia pelo que estavam passando e quanto era significativo para eles. Também sabia a importância de não deixar que aquilo os puxasse para baixo. As maiores decepções de sua carreira como professora nunca foram fracassos acadêmicos, mas emocionais.

Na época, todos permitiram que Claire seguisse daquela maneira, e o mundo úmido, cinza e a sensação de estar afastada dele e de todos por uma tela metálica começou a parecer normal. Até que conheceu Richard.



Capítulo quinze

Quando acordei na manhã seguinte, por um instante não pensei em nada, a não ser em quanto me sentia renovada pela boa noite de sono. A luz da manhã entrava pela veneziana e lançava retângulos de um amarelo amanteigado no lençol branco e no edredom azul antigo.

Então eu me lembrei, e meu coração parou. Meu Deus. Pulei da cama e corri apressada, sem saber o que fazer primeiro. Bom, eu precisava falar com Laurent – mas, estupidamente, eu não tinha seu telefone. Sami talvez tivesse, mas não sairia do quarto até o meio da tarde. Tudo bem, primeiro as coisas mais importantes. Vestir-se. Café. Coloquei o roupão e saí cambaleando, quase tropeçando no convidado mais lindo que dormia no sofá, que parecia estar usando asas de anjo. Eu recuperei o equilíbrio a tempo e preparei uma pequena xícara de expresso, cheio de açúcar, e a bebi na sacada. Eu com certeza estava ficando acostumada com aquilo.

Observei a manhã parisiense. Lá longe, do outro lado do rio, vi um conjunto de cavalos da polícia ser levado para fazer exercícios. Um pequeno grupo de crianças uniformizadas já se amontoava no ponto do *bateau-mouche*. Do outro lado da rua, uma mulher recolhia as roupas penduradas em um varal na janela. Sorrimos uma para a outra. Eu achava muito estranho pensar que, em algum lugar na cidade, Thierry era mantido vivo por máquinas apitando e por tubos que entravam e saíam de seu coração. Eu me perguntei se Laurent ainda estava lá, segurando a mão do pai, a cabeça pesada de exaustão. Tive certeza que sim. Alice, por outro lado... Eu tinha a sensação de que veria Alice hoje. Suspirei e iniciei a loteria diária de descobrir se havia água quente ou não. Então me lembrei. Ainda não tinha ligado para Claire. Eu me senti muito culpada. Olhei para o relógio. Eram cinco da manhã no Reino Unido. Ela ainda estaria dormindo, eu esperava. Não

podia incomodá-la àquela hora. Ligaria da loja.

Tomei um banho morno, dei mais uma olhadinha no Cupido adormecido – Sami sempre providenciava sofás aleatórios para vários jovens artistas – e saí em silêncio. Meus dedos – não, não meus dedos. Eu sempre esquecia. Devia dizer, segundo o psicólogo do hospital, “o lugar onde meus dedos costumavam ficar”, ou eu não conseguiria me livrar deles psicologicamente. Enfim. Esse lugar doía um pouco, mas estava melhor do que no dia anterior, o que dava no mesmo. Tive a sensação de que o dia ia demandar toda a minha energia. Nada poderia me abalar.



Claire se sentou à janela, olhando para fora, para o telefone e para fora de novo. Ela não queria fazer mais nada. Tentou dormir, mas o sono não veio. Quis ligar para Anna, mas ficou nervosa demais ao tentar. Se fossem más notícias... poderiam ser? O que seria? O tom de voz de Anna parecia muito assustado. Talvez ela só estivesse perdida, deve ter sido isso. Perdida e preocupada... mas por que ela não ligou de novo para dizer que estava bem? Por que não? Onde Anna estava? Claire sentiu que não suportaria se o fato de ter estimulado Anna a ir a Paris viesse a se revelar o segundo maior erro de sua vida. Respirou fundo e procurou pelo cilindro de oxigênio. Ouviu Patsy, a nora, subindo a entrada depressa trazendo a lixeira. A nora era muito prestativa, uma verdadeira salva-vidas. Claire não aguentava ser um fardo para os filhos e suas famílias, mas o que podia fazer? Mais que tudo, não suportava a expressão das netas. Patsy e Ricky tinham duas filhas, Cadence e Codie, e Claire achava que, aos 57 anos, devia estar de joelhos brincando com elas, cortando bonecas de papel, brincando de se arrumar, cantando e contando histórias engraçadas e sobre a infância do pai delas.

Em vez disso, as netas olhavam horrorizadas para seu rosto cinzento envelhecido e horrível, e para a máquina de oxigênio. Claire não as culpava. Então Patsy as cutucava, irritada, e as duas entregavam os desenhos que tinham feito e um lenço novo para sua cabeça, mas, na verdade, eram novas demais para se lembrar dela como mais do que uma velha doente e com aparência de bruxa, e isso partia o coração de Claire.

– Oi, mãe! – disse Patsy, abrindo a porta com a própria chave.

Claire não gostava que as noras a chamassem de mãe, isso a fazia se sentir como se tivesse um milhão de anos, mas nem sonhava em reclamar disso. A nora prosseguiu:

– Vou só colocar a chaleira no fogão. Montserrat vem te dar banho, não vem? Ótimo. O que posso fazer por você?

Claire ficou olhando para o telefone no colo. Se perguntou se havia algo a ser feito naquele momento.



Frédéric e Benoît estavam parecendo rebeldes, e nem fumando estavam. Então olhei com mais atenção, só então compreendendo ao ver a figura fina e comprida de Alice abrindo a porta. Os garotos levantaram a mão para mim e eu acenei de volta, tímida. Não tinha certeza se os dois me enxergavam como inimiga ou não.

– Como Thierry está? – perguntei depressa a Alice em inglês.

Ela me olhou de canto de olho.

– Igual – respondeu. – Estável.

– Ah. Bom, pelo menos ele não está pior – falei, sem graça.

Porém, estável. Eu não gostava dessa palavra. Aprendi isso no hospital. Crítico era ainda pior. Muito ruim mesmo. O estado ideal era o “se recuperando”. Estável só queria dizer igual a ontem, o que, no caso de Thierry, significava que sua vida estava por um fio. Eu não gostei nada daquilo.

– Hum – fez Alice. Então ela me deu seu celular e acrescentou: – Fique com isso. Está tocando toda hora e não quero lidar com isso agora.

Eu não tinha a menor ideia do que Alice esperava que eu fizesse com ele. Fiquei tentada a jogá-lo no Sena, mas, em vez disso, coloquei-o para vibrar e guardei-o no bolso do avental, onde começou a vibrar sem parar. Ignorei-o.

Alice abriu a última porta de aço e se virou de frente para nós.

– Neste momento a loja vai continuar como antes.

Frédéric levantou as mãos.

– Madame, é impossível. Uma orquestra não pode tocar sem o maestro. Uma cozinha não pode funcionar sem o chef. Vamos vender produtos abaixo do padrão.

Alice ficou pálida.

– É o que Thierry deseja.

Frédéric e Benoît trocaram um olhar de desconfiança tão descarado que ela não teve como não perceber. Alice mordeu o lábio, furiosa.

– Anna, você pode conchar o chocolate?

Frédéric e Benoît me encararam, mas eu tinha muito medo de Alice para não responder. Foi um erro que viria a se provar fatal.

– É, bom, sim, posso tentar, mas...

– Ótimo. Você vai fazer isso.

Benoît respirou bem fundo.

– Mas eu acho que devemos esperar até que...

– Besteira. Quem não quiser trabalhar aqui pode ir embora agora mesmo. Se vocês acham que não é isso que Thierry ia querer, podem ir lá tirar satisfação com ele, mas talvez não tenham um emprego esperando quando voltarem. Sou sócia deste estabelecimento. Não achem que sou mole como Thierry.

Nenhum de nós achava isso. Ela prosseguiu:

– Eu me livraria de todos vocês rapidinho se achasse que isso manteria a loja aberta e o negócio vivo. Em um segundo. Então não me testem.

Todos ficamos olhando para o chão.

– Entrem. Abram a loja. Ajam normalmente. Anna vai aromatizar. NÃO estraguem tudo. Estarei muito ocupada e não quero que vocês sejam mais uma preocupação para mim – completou Alice.

Então ela jogou as chaves para Benoît, se virou e saiu pela rua antes que eu pudesse lembrá-la de que ainda estava com seu celular.



Nenhuma palavra foi dita enquanto entrávamos na loja escura e seguíamos até a oficina. A luz piscou e então acendeu. Benoît ligou a cafeteira, mas só fez duas xícaras, para ele e Frédéric. Pigarreei.

– Me desculpem – falei em voz baixa.

Frédéric olhou para mim.

– Se não nos unimos, não somos nada – rebateu, irritado.

– Eu sei, eu sei – respondi. – Mas acho... acho que talvez Alice tenha razão. Acho que Thierry ia querer que a loja continuasse em vez de dar férias ou algo do gênero para todos nós.

Benoît resmungou algo incompreensível.

– Quer dizer, podemos tentar – completei.

– E perder a reputação da loja para sempre? É isso que vocês,

ingleses, não entendem sobre nós, franceses. Vocês acham que devem trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar e abrir aos domingos e escravizar mães e pais com famílias em supermercados às três da manhã e fazer as pessoas deixarem a casa, a igreja e os filhos para fazer compras aos domingos.

– As lojas deles abrem aos domingos? – perguntou Benoît, surpreso.

– Sim! Eles fazem as pessoas trabalharem aos domingos! E durante o horário de almoço. Mas para quê? Para comprar lixo da China? Roupas baratas produzidas por mulheres pobres na Malásia? Por quê? Para poderem ir ao KFC com mais frequência se encher de frango frito? Vocês preferem ter seis barras de chocolate ruim do que uma barra de chocolate bom. Por quê? Por que seis coisas ruins são melhores do que uma boa? Eu não entendo. Não somos iguais, você e eu.

– Eu sei disso – respondi, de repente sentindo que estava prestes a cair no choro. – Eu sei de tudo isso. Mas ainda acho que devemos pelo menos tentar. Tentar fazer algo bom, com tanto amor e cuidado quanto Thierry faria. – Os dois ficaram me encarando. – Além do mais, acho que não temos muita escolha.



No fim, decidi usar menta, certamente o mais simples dos sabores. Frédéric e Benoît beberam o café e me observaram indiferentes enquanto eu limpava os tonéis, varria o chão e começava a reunir os ingredientes.

– Vou fazer tudo sozinha? – perguntei a certa altura, com o rosto vermelho e suado pelo esforço, ficando mais irritada, com mais calor e mais ressentida a cada minuto que passava.

– A escolha foi sua – respondeu Frédéric, o que me deixou furiosa.

Mas Benoît me surpreendeu. Ele se levantou, foi lá para fora e fumou um cigarro. Quando voltou, trouxe consigo toda a manteiga e o creme de leite fresco. Quase caí no choro. Depois disso, Frédéric fez algumas coisas também, mas de maneira muito superficial, como se precisasse ficar o tempo todo nos lembrando de que só estava lá por obrigação. Não teríamos tanto tempo de sobra, então não poderíamos deixar o chocolate descansar. A remessa teria que ser resfriada. Era produção de chocolate às pressas. Bati e quebrei coisas, suei muito e chorei a certa altura, quando não consegui acertar a conchagem.

Foi desajeitado, turbulento e desordenado, mas, no fim, o chocolate foi para a geladeira.

Por fim, mais ou menos às onze e meia, meia hora depois do horário que a loja deveria abrir, os primeiros chocolates saíram das formas.

Nós três ficamos olhando o resultado com bastante atenção. Com delicadeza, cortei um pedaço com a faca. A consistência parecia boa, não muito perfeita e talvez um pouco mole.

– Bem, vamos nessa – falei, em inglês, para os homens, que fingiam não estar tão interessados.

Peguei um pedaço, fechei os olhos e comi.



Bom. Ninguém vomitou, eu já tinha comido piores. Certa vez em Kidinsborough, por exemplo, um pouco de leite em pó vencido acabou indo para a mistura e tivemos que jogar fora 20 mil quilos. Antes de jogar fora, porém, todos fomos obrigados a provar como controle de qualidade para tentar garantir que nunca mais acontecesse. Esse chocolate não era tão ruim quanto aquele.

Mas eis o que ele não era: não era o paraíso. Não era o prazer levemente batido, derretendo e surpreendente que o chocolate de Thierry era.

O que eu tinha feito? Nós batemos do jeito certo, conchamos, usamos os mesmos ingredientes fresquinhos. Mas observar alguém criar e fazer você mesmo são duas coisas muito diferentes. Algo estava faltando. Era a diferença entre a obra de um grande mestre e uma reprodução amadora.

Fiz uma careta. Os garotos se levantaram de um salto. Aqueles desgraçados, os dois estavam contentes! Acho que passaram o tempo todo morrendo de medo que eu acabasse me revelando boa naquilo.

– Isto está deplorável – opinou Frédéric, experimentando.

– Não está tão ruim assim – respondi.

Benoît simplesmente cuspiu o pedaço em um lenço de tecido grande e encardido. Revirei os olhos.

– Qual é, gente. É a minha primeira vez!

– Não podemos vender isso – disse Frédéric.

– Não está tão ruim assim – repeti.

Ele deu de ombros, como se quisesse dizer que, se eu não entendia

em que medida aquilo estava ruim, não havia por que tentar me explicar.

O sino soou na loja, e erguemos a cabeça. Ah, meu Deus, era Alice.

Ela entrou batendo os pés. Para minha total e absoluta surpresa, Alice claramente tinha ido fazer o cabelo. Estendeu a mão para que eu lhe desse o celular, e o peguei dentro do bolso do avental. Reparei que o último número que tinha ligado era o de Laurent. Meu coração começou a disparar. Ele tinha notícias? Estava no hospital? O que era? Quando ela se distraiu por um instante, enviei o número dele para mim mesma, para o caso de alguma emergência.

Alice mordiscou um cantinho do chocolate.

– Está bom – declarou ela.

– NÃO está – disse Frédéric, mas Alice lhe lançou um olhar ameaçador.

– Vá vender – retorquiu ela, em tom de advertência. – Ou o almoço está cancelado. – Isso pareceu causar um terror scandalizado nos dois. – Certo. Vou ao hospital.

– É, acho que Laurent ligou.

Alice pareceu irritada ao checar as ligações.

– Mas o hospital não. Então não deve ser tão sério.

– Você não vai ligar para ele? – perguntei, quando ela colocou o celular de volta na bolsa.

Alice olhou para mim sem expressão.

– Vamos logo, abram – respondeu ela, em inglês.



Havia uma multidão ainda maior que o habitual na loja quando enfim abrimos as portas. A doença de Thierry fora mencionada na imprensa, e muitas pessoas conheciam sua reputação de só vender chocolate fresco, então estavam ansiosas para saber o que ia acontecer e, imaginei, curiosas quanto ao controle de qualidade. Suspirei, nervosa. Elas estavam prestes a descobrir.



Ninguém disse nada, é claro, embora Frédéric ficasse me lançando olhares significativos do outro lado do balcão. As pessoas saíam,

experimentavam e se entreolhavam. Se era a primeira vez delas na loja, pareciam estar dizendo: caramba, me pergunto por que o fuzuê, parece qualquer chocolate desses de supermercado.

Se eram fregueses habituais, era muito, muito pior. Experimentavam um pouco com a ponta da língua, como policiais na TV experimentam cocaína, acenavam com a cabeça uns para os outros como se confirmassem seus maiores medos, descartavam o restante e saíam depressa. Foi horrível. E o tempo todo Frédéric manteve uma expressão que dizia Eu Avisei. Durante o horário de almoço, fui até um lugar tranquilo – quase impossível de encontrar na Île de la Cité – e chorei de soluçar. Então eu me lembrei de alguém para quem não tinha ligado.

– Claire?

– Ah, graças a Deus.

Ela falou com a voz delicada, mas o alívio era nítido, e me senti culpada por não ter ligado antes.

– Me desculpe – falei. – Minha bateria acabou, e aí acabou ficando tarde.

– Mas você está bem?

– Si-sim – respondi, relutante.

– O que foi?

– É o Thierry.



Claire soube no ato. Soube que, apesar de todos os ditados sobre como as antigas feridas cicatrizam com o tempo e as pessoas crescem e seguem suas vidas; de todas as coisas que tinha ouvido, aprendido e levado a sério e nas quais tinha fingido acreditar durante tantos anos, ainda que tivesse criado os filhos e sido esposa de um homem e ex-esposa de outro... Apesar disso tudo, o modo como a eletricidade atingiu seu coração significava que 1972 poderia ter sido ontem. Os anos simplesmente desapareceram. Nada tinha mudado, nada mesmo.

– O que tem ele? – perguntou Claire, agarrando o cilindro de oxigênio, nervosa.

– Está tudo bem, mãe? – Patsy gritou alegremente da cozinha.

– Tudo bem, obrigada!

– Quer uma xícara de chá?

Claire fez que não com a cabeça, aborrecida.

– Então... O quê? O que aconteceu? – quis saber Claire.

Um nó doloroso se formou em sua garganta. Thierry não podia estar... ele não podia estar morto. Não podia. Veja bem, *ela* quase estava, pensou consigo mesma com amargura. Mas não Thierry, com tanta vida pulsando nele.

– Ele teve um ataque cardíaco – respondi, com a maior franqueza possível. – Está no hospital.

– Um ataque cardíaco? Foi grave?

– Sim.

– Ah, todo aquele chocolate, toda aquela manteiga. Ele está... ele está... Senhor...

– Eu não sei. Thierry está no hospital. Passou por uma cirurgia para colocar stents. Os médicos não sabem se ele vai ficar bem.

– Mas se ele fez a cirurgia...

– Sim, mas é complicado... – Não sabia muito bem como dizer. – Thierry está muito gordo.

– Ah! – A voz de Claire tremeu. – Ah! Mas ele ainda está vivo, né?

– Bom, sim, mas está muito doente.

Houve uma pausa.

– Ah, eu gostaria muito de vê-lo... – confessou Claire.

Eu não sabia o que responder. Como ela ia pegar um avião para Paris? Claire não conseguia dar três passos sem ficar sem ar. Era impossível. Senti muita pena.

– Talvez quando Thierry estiver melhor ele possa ir até você – sugeri. – Eu o obrigo.

– Não, não faça isso. Não. Mas me mantenha informada, sim?

– É claro. Eu te ligo.

– E você? – perguntou ela, de repente. – Como está? Está gostando de Paris?

Eu meio que sorri para mim mesma enquanto limpava uma mancha preta de rímel embaixo dos olhos. Não ia ser a portadora de mais notícias ruins.

– Sim... A vida aqui é agitada – respondi.

– *Tout va bien apart ça?*

– *Oui, apart ça.*



Quando desliguei, percebi que esperava que Claire fosse minha

salvadora, que eu pudesse derramar minhas mágoas sobre ela – é claro que Claire entenderia. Já tinha sido uma jovem em Paris. Eu não era mais tão jovem, mas ela era a responsável por eu estar aqui.

Não esperava que Claire fosse ficar tão abalada com a notícia. Achei que fosse ficar preocupada – mas a distância. Durante a minha recuperação, as más notícias de outras pessoas não me abalavam tanto, eu era egoísta e estava centrada demais em mim mesma para me importar assim. Mas Claire reagiu de forma muito diferente, como se Thierry fosse alguém que ela ainda conhecesse muito bem, intimamente, como se aquela notícia sobre alguém em quem não colocava os olhos havia quarenta anos de alguma forma fosse de grande importância.



1972

Claire já tinha visto Richard Shawcourt por ali. Ele usava óculos com armação marrom de chifre que lhe conferia um ar sério demais para um estudante, e às vezes andava com um estojo de música. Estava carregando-o naquele dia quando passou pelo bosque.

Claire estava matando aula. Em alguns dias, se sentia triste; em outros, sonhadora. Naquele dia se sentia rebelde. Tinha perdido a paciência várias vezes com a mãe à mesa do café (não havia motivo para provocar o reverendo se quisesse voltar a sair de casa) e saiu furiosa, quase se esquecendo de checar o correio. Estava indo em direção à escola – tinha teste oral de francês naquela manhã, e era muito boa nisso –, mas no meio do caminho viu uma multidão enorme de garotas, incluindo Rainie Collender, dando risadinhas, gritando umas com as outras e rindo de Mary Pateta, uma garota desajeitada da turma delas que sempre andava sozinha e nunca falava. É óbvio que estavam sendo cruéis com a jovem, embora Mary claramente tivesse uma deficiência intelectual, perguntando se ela tinha um namorado e para qual boate o levaria, e isto revirou o estômago da Claire, as crueldades idiotas e sem sentido da vida escolar. Ela se perguntou o que Thierry faria. Ele não aceitaria aquilo, Claire tinha certeza. Sua atitude benevolente em relação ao mundo não permitiria.

Então se dirigiu até elas.

– Quantos anos vocês têm, 11? – indagou, sem hesitação nenhuma na voz. – Pelo amor de Deus, vocês vão se formar no verão e ainda estão por

aí provocando os outros.

– Se toca – retrucou Rainie Collender, que já pintava o cabelo.

– Ah, é o animalzinho de estimação da madame francesa, ah, je t’aime – caçoou Minnie Evans, a ajudante do mal de Rainie.

Todas elas começaram a rir, mas Claire se virou para Mary e perguntou:

– Você está bem?

E a jovem pareceu bastante confusa, como se nem tivesse entendido direito o que estava acontecendo, e se afastou. O grupo de garotas tinha se reconfigurado e agora falava alto, em tom de surpresa, coisas como:

– Bom, eu não sei quem ela pensa que é...

– Pelo jeito ela acha que é melhor que todo mundo...

Claire suspirou, revirou os olhos e foi para o bosque pisando firme.

– Ah, apavorada demais para ir à escola? – gritou Rainie.

Claire a ignorou.



Claire se sentou no galho de sua árvore preferida no bosque atrás da escola e acendeu um de seus preciosos cigarros Gauloises – mal inalando, só deixando que o aroma da fumaça a acalmasse e a impedisse de chutar uma árvore.

O barulho de alguém se aproximando fez com que se abaixasse e apagasse o cigarro, tentando não ser vista.

– Desculpe – disse Richard Shawcourt, parecendo sem jeito e um pouco envergonhado, as calças já curtas demais, mesmo ainda no início do ano letivo. – Não queria assustá-la. Só queria parabenizá-la e ver se você está bem. Eu nunca ousei enfrentar os valentões, eles quebram meus óculos.

Ela o avaliou de cima para baixo e, em seguida, perguntou:

– E então, o que tem nesse estojo de música?



Era pior do que eu tinha imaginado. Quando voltei, Frédéric e Alice estavam tendo uma discussão acalorada em frente à loja. Gritavam coisas com tanta rapidez que eu não conseguia acompanhar direito, mas parecia razoavelmente óbvio, pelo modo como me olhavam furiosos, que tinha muito a ver comigo e com minhas fraquezas recém-

percebidas. É claro que Frédéric seguia insistindo em fechar a loja. Alice parecia não querer adotar essa solução. Os dois olharam para mim cheios de expectativa.

O bom do lugar em que ficávamos na Île de la Cité era que tinha vários becos minúsculos bons para se esconder. Eu me escondi em um deles. Então liguei para o número que tinha furtado do celular de Alice.

A voz que atendeu falava baixo e rápido.

– *Allo?*

– Laurent? Sou eu, Anna.

Ele soltou o ar devagar.

– Anna, estou no hospital. Acabei de sair do quarto para pegar um café, mas não posso ficar falando agora. Não é uma boa hora.

– Eu sei, eu sei, me desculpe... Como Thierry está?

Laurent suspirou.

– Ainda nenhuma novidade. Essas máquinas malditas estão fazendo meus ouvidos arderem. E preciso voltar ao trabalho. Quer dizer, preciso mesmo. Eles não conseguem se virar sem mim.

Essa era a pior notícia que eu poderia ter recebido. Eu precisava muito dele, então disse:

– Por favor. Eu preciso de você. Preciso que me ajude com a loja. Não vou conseguir sozinha.

– Mas você não trabalhava com chocolate?

– Bom, sim, mas nunca vou ser tão boa quanto seu pai, vou?

– Não – respondeu ele, um pouco rápido demais para o meu gosto.

– Preciso de ajuda. Está tudo dando errado. Frédéric e Alice estão brigando.

– Alice brigaria com um cachorro morto em uma prefeitura – comentou Laurent.

Imaginei que fosse algum ditado francês que eu não conhecia. Ele suspirou e depois ficou em silêncio por um bom tempo. Eu podia ouvir os apitos e o barulho de um respirador no fundo.

– Tudo bem – disse Laurent, por fim. – Vou sair para cumprir meu turno e depois voltar ao hospital. Você pode me encontrar no trabalho? Algumas dicas, só isso, tudo bem?

Assenti.

– Onde você trabalha?

– No Pritzer – respondeu ele. Eu nunca tinha ouvido falar naquele lugar, mas Laurent falou como se eu já conhecesse. – Me encontre na

entrada dos fundos. Te vejo às três.

– O que eu digo à Alice?

– Diga à Alice que você vai salvar a loja e também que ela pode ir mijar em uma tesoura.

Meu francês ainda precisava evoluir muito.



Alice apontou o nariz comprido para mim.

– Bom, Thierry não vai gostar disso. Ele jamais permitiria que os preparos – ela pronunciou a palavra como se fosse venenosa – de Laurent chegassem perto de seus clientes.

– Eu sei disso – falei. – Mas acho que pode ser melhor...

– O que estamos fazendo aqui é CALCÁRIO! – exclamou Frédéric de repente, em tom de provocação. Ele havia parado de gritar por um instante quando fui até os dois, mas estava com os ouvidos vermelhos. Benoît não estava em lugar nenhum. – É uma farsa! Um pecado!

– Hum, será que podemos não exagerar tanto? – sugeri. – Não ficou tão ruim assim.

– Não ficar tão ruim assim é a mesma coisa que ficar horrível. Nesta loja – respondeu ele.

Alice mordeu o lábio e pensou por um instante.

– A loja precisa continuar – afirmou ela. – Precisa. Temos contas e compromissos. Não podemos fechar agora, é a estação de maior movimento... Você pode vender o restante do estoque desta manhã? – perguntou a Frédéric.

Ele se endireitou, assumindo toda a sua altura – cerca de 1,70m –, e respondeu:

– Posso, mas não vou fazer isso, madame.

Alice revirou os olhos.

– Tudo bem – disse ela, e então se dirigiu a mim. – Vá. E, da próxima vez, é bom que faça direito, ou vai descobrir que as leis francesas de proteção ao emprego não contemplam você.



Capítulo dezesseis

Descobri que o Pritzer era um hotel muito chique da Place de la Concorde, perto do luxuoso hotel Crillon. Era uma construção de belas pedras amareladas e parecia um castelo, com pequenos toldos e sacadas em todas as janelas. Do lado de fora havia dois carregadores em libré e usando cartola, cada um ao lado de um galo de topiaria. Um tapete vermelho impecável descia as escadas até a calçada, onde um homem grande com óculos de sol e uma mulher bem pequena que parecia feita de açúcar saíam de um carro preto enorme. Os dois se ignoravam por completo. A mulher segurava um cachorrinho como se fosse um bebê. Os carregadores saltaram para ajudá-los.

– Com licença – falei, quando tinham terminado –, onde fica a entrada da cozinha?

Atrás do hotel, tudo era muito diferente. A entrada da cozinha ficava em um beco cheio de lixeiras. Os fundos da construção eram de tijolos brancos velhos e uma saída de incêndio suja se encontrava aberta. Ali, vários funcionários de avental branco e chapéu alto fumavam loucamente. Fiquei nervosa, mas passei por eles. Logo depois da entrada havia um velho com um quepe e um paletó verde, sentado a uma mesa ao lado de uma pilha enorme de folhas de ponto. Isso fez com que eu me sentisse em casa, pois lembrei da fábrica. Informei ao homem quem eu estava procurando e ele fez uma ligação.

Um corredor comprido se estendia à minha frente, com uma fileira de carrinhos de roupas de cama conduzidos por mulheres de vestido preto e avental branco de um lado. Do outro lado havia enormes portas vaivém com painéis redondos de vidro, que obviamente levavam às cozinhas, e foi de uma delas que Laurent surgiu. De branco, ele parecia imponente e bastante impressionante, disparando uma lista de instruções atrás de mim ao sair e parecendo não muito

feliz em me ver. Eu não podia culpá-lo por essa reação. Desde a minha chegada, eu só lhe causara problemas.

– Olá – sussurrei.

– Sim, venha comigo – disse ele. – Pode prender o cabelo?

Apertei o rabo de cavalo, esperando que fosse o suficiente. Ele soltou um grunhido, agradeceu ao porteiro e apontou para o desinfetante de mãos que ficava na parede do lado de fora das portas.

Eu nunca havia entrado em uma cozinha tão grande. Parei para observar por um instante, não pude me conter. Era como uma colmeia em plena atividade, homens (e eram quase todos homens) marchando para lá e para cá, muito rápido. A maioria deles usava dólms brancos com calças xadrez azul e tamancos, embora alguns, como Laurent, usassem calça branca e tivessem o nome bordado no dólma. Imaginei que isso significasse algo importante.

Os níveis de ruído eram inacreditáveis. As pessoas gritavam em várias línguas. Panelas e frigideiras tilintavam e eram arremessadas. No canto, quatro homens mais jovens, de camiseta, enchiam e esvaziavam lava-louças freneticamente, e dois estavam com as mãos enfiadas em panelas. À minha direita, um garoto que parecia ter cerca de 16 anos picava vegetais com entusiasmo. Eu nunca tinha visto alguém picar alguma coisa tão rápido, a mão dele era um borrão.

À minha esquerda, havia uma fila comprida de saladas impecáveis, sobre as quais um homem picava pedaços rosados de pato perfeitamente cozidos, todos idênticos e com espessuras muito precisas. Outro homem, mais velho, se aproximou e o repreendeu furiosamente por não cortar fino o suficiente. O funcionário mais jovem, em vez de responder, ficou ali de cabeça baixa até a bronca acabar e então recomeçou, se desculpando.

Laurent me pegou olhando e deu um meio sorriso.

– Nunca viu uma cozinha em funcionamento antes?

Fiz que não com a cabeça. Nunca vira nada assim. Era como um campo de pouso enorme, mas, quando você se acostumava com o tamanho, o barulho, o número de pessoas andando para lá e para cá e as gotas de vapor ocasionais, tudo parecia fazer muito sentido. Era organizado, como colônias de formigas, não o caos que tinha parecido de início.

Laurent me levou até o fundo da cozinha, onde dois homens sovavam pão. Eles tinham antebraços enormes, musculosos e pareciam mineiros ou operários, não padeiros. Um homem quase comicamente

grande encontrava-se do outro lado do balcão, decorando pequenos doces. Seu tamanho era meio desproporcional à tarefa que desempenhava.

A estação de Laurent era perto da janela, com vista para o Sena. Ele tinha uma panela enorme de cobre, muito parecida com os tonéis que o pai usava na loja, borbulhando no fogão, o chocolate derretido soltando um aroma glorioso. Mas em vez de laranjas e menta, havia todo tipo de especiarias espalhadas por sua bancada de trabalho. Fileiras verdes e vermelhas de pimentas minúsculas, manjerona amarela e florezinhas de abóbora ao lado de agulhas de pinheiros e sal marinho.

– Isso parece o laboratório de um cientista maluco – comentei.

– Vou tomar isso como um elogio – respondeu Laurent, com rispidez. – Tem mais alguma novidade? Você parece ser a primeira a saber de tudo.

– Isso não é verdade. Mas preciso te pedir um favor.

Ele checkou uma das panelas menores que estava mexendo.

– Experimente isto – disse Laurent.

Abri a boca com vontade e ele sorriu.

– Você só podia trabalhar com chocolate mesmo. Ok, espere.

Laurent soprou para esfriar.

– O que é?

Ele balançou a cabeça e em seguida colocou o conteúdo em minha boca.

Meu primeiro instinto foi cuspir. Era terrível, não era nada doce. Era forte, amargo e tinha um sabor quente estranho que não consegui identificar. Laurent estava com o dedo em riste, um aviso para ter paciência.

– É novo – explicou ele. – Você precisa dar um tempo.

– Parece comida de gato!

Parei de falar quando o calor do chocolate se espalhou gradualmente pela minha boca. Era a sensação mais extraordinária e rica. Não se parecia com nada que eu já tivesse experimentado. Também era um pouco horrível, mas, assim que terminei, quis mais no mesmo instante.

– Uau, o que é isso? – perguntei, por fim, olhando esperançosa para a panela.

– Chocolate com chili de tomate assado lentamente – respondeu Laurent, orgulhoso. – Se não usar o feijão mais amargo possível, você

vomita. É muito difícil acertar.

– Não é nada doce.

– Não. Espere só para ver o que eu faço com o pato.

Fiquei atordoada.

– E seu pai não achou isso legal?

– Meu pai só queria fazer as coisas do jeito dele.

– E você não?

Laurent deu de ombros.

– Bom, talvez seja melhor que pais e filhos não trabalhem juntos.

Um homenzinho bem jovem tinha aparecido diante dele e agora levava bandejas de chocolates que endureciam depressa para as geladeiras enormes. Laurent fez uma careta e olhou para o relógio.

– *Alors*, preciso ir para o hospital. O que posso fazer por você?

Dei pra ele um pedaço do chocolate que eu tinha feito. Ele o movimentou pela boca exatamente como o pai fazia e ficou boquiaberto.

– Ah... – fez ele.

– A loja precisa que você me ajude. Não vou conseguir.

– Estive pensando nisso. Não acho que seja possível. Mudei de ideia. Não quero ofender, mas você trabalhava em uma fábrica de produção em massa. Não tem os genes certos nem a experiência certa.

– Não por isso – falei, irritada. – É só que eu acabei de chegar.

– Mesmo assim.

Laurent começou a lavar as mãos, deixando o fogão para que outro homem assumisse seu posto. Aquilo era ridículo, não tinha nenhuma mulher trabalhando ali?

– Nós precisamos de você – implorei. – Não dou conta ainda. Não observei seu pai o suficiente. Mas aprendo rápido, prometo.

Ele olhou para mim e gesticulou para a cozinha.

– Você sabe quanto tempo levei para chegar até aqui? Em quantas cozinhas trabalhei, quantas pessoas gritaram comigo, quanta merda aturei de todo mundo, quanta provocação tive que aguentar por causa da fama do meu pai? Sabe quanto olhei, me concentrei, aprendi e observei? E você quer o quê? Que eu desista de tudo isso e volte a colocar menta em chocolate ao leite? É isso que você quer que eu faça?

– Não é o que *eu* quero que você faça. É pela loja. É pelo seu pai.

Laurent soprou a franja grossa dos olhos.

– Bom, isso é interessante, porque na última vez que falamos disso

ele disse que não queria que eu entrasse por aquela porta nunca mais. Falou também que eu era um completo fracasso que nunca aprendia nada.

Estendi o braço, mas não o toquei.

– Isso foi antes.

– Mas se eu aceitar ajudar, vocês vão me deixar fazer as coisas do meu jeito? Seguir meu estilo? Não, é claro que não. Alice vai insistir em fazer tudo como antes e eu vou ficar limitado de novo, como escravo do meu pai, exatamente como ele quis a vida inteira. Não vou cozinhar lá!

O barulho geral da cozinha foi a única coisa que impediu que as pessoas se virassem para ver Laurent gritando. Fiquei corada assim mesmo. Não suportava aquilo. Fiquei olhando para o chão para que ele não visse que eu estava furiosa. Mas Laurent percebeu mesmo assim e não deu a mínima.

– Preciso ir para o hospital. E não posso perder este emprego. Não agora. Não existem... Não existem empregos como este. Trabalhei muito para chegar até aqui, e já estão me dando muito mais tempo de folga do que dariam a qualquer outra pessoa, só por respeito ao meu pai.

– Entendo – falei, sem emoção.

Ele estava me acompanhando até a saída agora, pegando o capacete da parede.

– Meu pai não quer o que eu tenho a oferecer – afirmou Laurent. – Ele deixou isso bem claro... Vou voltar para o jantar – avisou ao homem à porta, batendo o cartão. Ao ver meu rosto infeliz quando saímos para a tarde clara e nublada, prosseguiu: – Olha. Só... tente mais algumas vezes. Não é difícil aprender o que meu pai faz, acredite. Só precisa de um pouco de prática.

– Mas eu não tenho os genes.

– Você não tem os genes para inventar. Mas até um macaco acaba conseguindo imitar uma receita.

Olhei para ele irritada.

– Acho que isso soou mais indelicado do que eu pretendia – acrescentou Laurent, com uma expressão de arrependimento.

– Bom, não seria a primeira vez.

– Você quer uma carona?

– Não, obrigada – respondi, secamente.

Ficamos ali nos encarando, os dois irritados.

– Transmita meu amor a seu pai – falei, por fim. – Depois nos avise como ele está. Frédéric está subindo pelas paredes.

Laurent deu um meio sorriso.

– Sim, era de esperar que estivesse. Mas é em Benoît que vocês precisam ficar de olho.

Assenti.

– É, bom, obrigada pelos conselhos – falei, irônica.

E ele subiu na scooter e acelerou.



Capítulo dezessete

Nas noites seguintes, com a loja fechada durante o que felizmente acabou sendo um feriado prolongado, não fui mais para casa. Fiquei por lá. Cozinhei, mexi, experimentei, acrescentei, tirei e fiz a porcaria da conchagem: de novo, de novo e de novo. Testei o pistache – um desastre –, a violeta e a avelã. Tudo, incluindo as nozes, foi um fracasso retumbante.

De repente, depois de trabalhar até dormir em pé, enfim consegui entender. Se eu focasse em apenas dois sabores simples e usasse os ingredientes certos, que Benoît já tinha separado, teria sucesso. Bom, não sucesso, não era esse o caso. Mas conseguiria produzir os dois chocolates mais simples que vendíamos – de laranja e de menta –, que ficavam quase, mas não exatamente, tão bons quanto os verdadeiros. Bons o suficiente, pelo menos, para enganar a maioria dos turistas, que procuravam mais por um souvenir do que por um item gourmet. Ou seja, nada de nougatine, nada de caramelo, nada de escultura, nada de chocolate líquido nem de fazer testes com chocolate amargo, para o qual eu simplesmente não tinha paladar.

Derreti, misturei, derramei de novo e de novo, deixando o rádio ligado e bebendo quantidades incalculáveis de expresso para me manter acordada. Segunda à noite eu estava exausta como nunca estivera na vida. Às três da manhã, meu celular tocou.

– *Allo?*

– Você vive! Você está viva! Posso cancelar o resgate e a Interpol!

– Sami? – perguntei, e me dei conta de que não tinha falado com ninguém o fim de semana todo. – É você? Você não ligou para a Interpol de verdade, ligou?

Ele riu.

– Onde você está? Descobrindo Paris e experimentando uma

aventura erótica?

– Ei. Você é muito indelicado. – Olhei ao redor da oficina. – O que está fazendo?

– Estamos em uma festa do Cirque du Soleil. Os ginastas tendem a ficar um pouco selvagens.

– Ah. Vocês podem passar na loja se estiverem com fome. Tenho muitas amostras de chocolate sobrando.

– *Vraiment?*

Foi assim que, meia hora depois, me encontrei bebendo uma coisa completamente suspeita de uma garrafa que Sami me disse que era pastis. O sabor me lembrava o chocolate de Laurent, pois no início era terrível, mas logo em seguida ficava uma delícia. Também, dado meu estado de exaustão e desnutrição, fiquei incrivelmente bêbada muito rápido, enquanto observava pessoas jovens e belas, cujo gênero eu não conseguia determinar com precisão, atacarem o chocolate com o entusiasmo típico de quem fica pendurado do teto de cabeça para baixo durante quatro horas seguidas. Quando o sol começou a nascer, o chocolate estava quase acabando e a oficina estava limpa e arrumada, e percebi que também não fazia sentido tentar dormir agora.



O cheiro do cigarro de Frédéric subindo a rue Chanoinesse dispersou as belas criaturas circenses douradas como num sonho. Ele deu uma fungada desconfiada ao entrar.

– Há quanto tempo você está aqui? – perguntou ele.

Dei de ombros.

– Quis praticar no fim de semana – respondi.

Frédéric olhou ao redor e ergueu a sobrancelha, desconfiado. Então avançou sobre a bandeja restante na prateleira de resfriamento. Encarei-o, ansiosa. É claro que os bailarinos tinham amado, mas eles amariam qualquer chocolate a qualquer hora do dia. Frédéric era quem sabia das coisas.

Ele bebeu um gole grande de água para limpar o paladar, depois pegou um pedaço pequeno da bandeja. Levantou-o contra a luz e esmiçalhou um pouco entre os dedos para checar a consistência. Por fim, colocou tudo na boca. Prendi a respiração. Eu tinha tentado de tudo e aquilo era... bom, para ser completamente sincera, era o

melhor que eu poderia fazer. Nós dois esperamos até que o chocolate derretesse e toda a riqueza do sabor subjacente fosse liberada. Enquanto isso, Benoît me surpreendeu ao aparecer silenciosamente ao lado dele e assistir ao processo.

Então Frédéric se virou para mim. Ele não estava nas nuvens. Eu não era um gênio recém-descoberto. Mas Frédéric assentiu de forma rápida e firme.

– Podemos... podemos trabalhar com isso – sussurrou ele.

Embora estivesse exausta, um sorriso se espalhou pelo meu rosto.

– *Merci* – falei, encantada.

Benoît pegou um pedaço e enfiou na boca, e depois, do nada e sem dizer uma palavra, veio até mim e beijou minhas duas bochechas.



– Isso é tudo que você tem? – perguntou Frédéric.

– Sim – respondi. – Achei melhor tentar acertar apenas um ou dois.

– Boa ideia. – Ele checkou o celular. – Alice não te ligou? – Quando fiz que não com a cabeça, acrescentou: – Nem Laurent?

– Não acho que Laurent queira saber de mim – falei, com tristeza.

– Bom, estamos apenas mantendo o negócio deles vivo – disse Frédéric. – Por que eles iam querer nos manter informados?

O lado bom era que se Thierry tivesse piorado com certeza saberíamos. Fui até a frente da loja para tomar o ar fresco da manhã e lavar o rosto no banheiro. Não havia nem sinal de Alice.

– Bom, vamos nos preocupar com isso quando acontecer. O que importa é que hoje temos uma loja para abrir – afirmou Frédéric.

E, quando voltei do banheiro, Benoît tinha preparado uma xícara de café para mim.



Claire olhou para Patsy.

– Patsy, decidi que quero fazer uma viagem.

O rosto de Patsy foi imediatamente tomado pelo pânico, como se Claire de repente tivesse enlouquecido. Claire se perguntou se a nora pensou se tratar de uma viagem como uma longa jornada na noite, suicídio assistido ou algo do gênero. Ou só de uma viagem mesmo.

Algo muito diferente.

Ricky trouxera um filme para Claire chamado *Antes de partir*. Era horrível – idosos em uma ala para pacientes de câncer se divertindo muito –, mas o conceito ficou martelando em sua cabeça.

– Tem algo que eu quero fazer. Antes... antes que seja tarde demais.

– Não fale assim – Patsy se apressou em dizer.



1972

O dia a dia familiar de Richard Shawcourt era muito diferente do de Claire. Para começar, ele vivia em uma casa própria e não em algo ligado à igreja. Uma casa bonita, independente. Mas agora isso não a intimidava mais. Sabia um pouco sobre casas bonitas. Antes, ela mal teria olhado duas vezes para Richard, por ter muita certeza das diferenças entre os dois. Na verdade, teria rido dele. Pouquíssimos jovens como Richard frequentavam a Kidinsborough Modern, ainda mais carregando um clarinete. Claire se lembrou naquele instante de que ele começara bem pequeno, quando era apenas um saco de pancada, mas agora, ela via, Richard crescera no último ano e estava pronto para ir embora para um lugar melhor. Atrás dos óculos de armação de metal estilo John Lennon, era até bem bonito, com o cabelo escuro ondulado e as sobrancelhas grossas. Não que Claire estivesse interessada, é claro. Ele a acompanhou do bosque até a casa dela naquele dia, fazendo perguntas sobre ela, às quais Claire respondeu vagamente. Depois disso, Richard parecia estar por toda parte.

O Natal chegou, passou e Claire recebeu um cartão de madame Lagarde cheio de notícias sobre as crianças, com uma nota eloquente sobre quanto sentiam sua falta e esperavam que ela estivesse (Claire pensou, com razão, que isso fora deliberadamente mencionado) se dedicando bastante à sua educação. Não havia menção a Thierry.

Então, quando Richard lhe deu um buquê grande de rosas vermelhas e um broche em formato de sapo e a levou ao baile de Natal, Claire deixou que ele a beijasse encostada na parede do ginásio, em meio a todos os outros casais dando amassos. Queria mostrar ao mundo, a Thierry, a madame Lagarde e a Rainie Collender que ela não se importava mais.



Quando Claire foi mal em todas as provas, exceto na de francês, foi Richard que a consolou e garantiu que ela ainda assim seguisse a carreira de professora. Foi Richard – o bom e firme Richard, que ia estudar engenharia na Leicester – que convenceu o reverendo a deixar que ela saísse de casa. Foi com Richard que Claire dormiu no quartinho moderno da faculdade que cheirava a macarrão instantâneo, incenso e haxixe, chocando-o e excitando-o com sua destreza, confirmando para si mesma que Thierry era único, diferente dos outros homens. E depois de sair com alguns dos rapazes de cabelos compridos do campus, autoconfiantes com suas calças boca de sino, falando sem parar de Hermann Hesse e Nixon em um tom excessivamente ponderado, Claire foi percebendo que Richard era tão bom quanto qualquer homem que poderia conhecer: gentil, sensível, estável e com uma boa situação. Havia tanto sentido em continuar apaixonada pelo seu primeiro amor quanto em achar que ia se casar com o cantor Davy Jones.

Muito, muito mais tarde, quando estavam se divorciando – após a devastação inicial, eles mantiveram as coisas tão civilizadas quanto possível, esperando até que os dois filhos saíssem de casa e estivessem bem encaminhados, com muito pouco rancor de ambos os lados –, Richard, em um momento raro de espontaneidade, disse:

– Você nunca me amou de verdade, não é? Nunca fui eu. Eu achava que você era incrível, diferente e misteriosa, mas agora me parece que você só estava pensando em outra pessoa esse tempo todo. – Ele balançou a cabeça, atordoado. – A questão, para mim, Claire, é que eu passei vinte e cinco anos com alguém que eu amava. Com alguém que amava do fundo do meu coração. Mas você... eu não sei com que diabo você desperdiçou sua vida.

E Claire deu um sorriso rígido, assinou os papéis que o advogado dele enviara, esperou até ouvir o barulho familiar do carro de Richard virando a esquina, caiu de joelhos e simplesmente desabou. Ela se transformou em uma massa tremulante de lágrimas e muco – jorrando emoção e encharcando o tapete chique que tinham comprado juntos.

Embora não acreditasse, diferentemente de algumas pessoas, que o câncer era algum tipo de força ou castigo maligno que se infiltrava em seu corpo se você estivesse infeliz ou chateada, ela não conseguia deixar de pensar que, se a doença era um espírito das sombras, tinha visto aquele dia – e as noites, as muitas noites que o seguiram – como uma oportunidade

ideal para contaminar uma alma que não enxergava mais nada além da escuridão mais profunda.



– Como assim uma viagem? – indagou Patsy, ao ver Claire apertar os lábios e perceber que a sogra não estava brincando e muito menos disposta a ser dissuadida.

Claire ficou olhando para seu cateter e suspirou. Isso seria bastante complicado, irritante, trabalhoso e perigoso. Ia chatear seus filhos, e muito possivelmente Anna, que, Claire agora percebia, tinha ido parar em Paris motivada por uma vontade egoísta dela. Causaria despesa, problema e talvez fosse em vão. Ela agia exatamente como sempre fora, de acordo com o reverendo, Richard e todo mundo que a conhecia bem: uma pessoa egoísta, difícil e com desejos impróprios.

Claire respirou fundo. Às vezes pensava que havia mais do pai em si do que qualquer pessoa jamais suspeitaria.

– Quero ver Paris uma última vez – respondeu ela.

Patsy franziu o cenho.

– Tem certeza?

A nora não sabia nada sobre o passado de Claire, porque nem mesmo Richard sabia mais que um detalhe ou outro. Claire se certificara de que nunca fossem à França, mesmo de férias. Garantia que seu sotaque parecesse menos carregado do que era na verdade e nunca participava de nenhuma conversa sobre Paris, embora lhe perguntassem sobre a cidade com frequência. Sabia que o marido descobriria em um instante, sabia que o motivo pelo qual ele tinha se interessado tanto por ela fora o ar diferente que emanava dela depois daquele verão. Então Patsy a tratou com condescendência, como se o pedido fosse algum tipo de capricho.

– Tenho certeza – disse Claire. – Vou cuidar de tudo. E posso pagar.

Ela podia. Richard tinha sido muito justo, e a aposentadoria de professora era boa. Claire dispunha de uma pensão em que nunca tinha tocado, o que, percebeu friamente, era ótimo para a empresa de seguros e o país como um todo.

– Bom, agora dá até para ir de trem – comentou Patsy. – Ricky e eu fomos quando estávamos namorando. Mas sabe, eu não gostei nada de Paris. Muita grosseria, as pessoas sempre esbarrando em você, tudo muito caro e eu nem achei a comida tão boa assim. Foi impossível

conseguir um curry decente, vou te contar. Ou um táxi.

Claire de repente se sentiu exausta. Ela amava a nora, mas nunca poderia lhe explicar por que pegar um táxi em Paris não era uma boa ideia. Ou talvez tudo tivesse mudado. Talvez eles tivessem reconstruído a cidade por completo, como o novo shopping de Kidinsborough, que em cinco anos tinha se transformado em uma boca de fumo abandonada. Ou a praça, que agora era usada principalmente como o lugar onde as pessoas ficam doentes no fim de semana. Era onde as ambulâncias estacionavam.

Sob a Torre Eiffel, havia um carrossel à moda antiga. Não girava muito rápido, rangia bastante e tocava música. As crianças adoravam, tinham seus cavalos favoritos e amavam o segundo andar, para onde se subia por uma escada curva tamanho infantil de ferro forjado, embora girasse ainda mais devagar do que o andar de baixo. Claire se perguntou se o brinquedo ainda existia.

– Bom, ainda assim, quero ir.

– Vou consultar a Eurostar. Eles devem ter um jeito de levar pessoas doentes.

– Não quero ir de trem – rebateu Claire, em um momento de percepção súbita. – Preciso ir de balsa.

– Mas demora muito e é muito mais perigoso – argumentou Patsy. – Quero dizer, se você pode pagar, melhor ir de primeira classe.

Claire viu Montserrat chegando e tentou acenar. De alguma forma, só de ter feito planos ela já se sentia melhor.

– Não – disse Claire. – Vou pegar a balsa. Tenho amigos em Paris. Acho que eles podem ajudar.



Capítulo dezoito

Felizmente, Alice ficou muito agradecida por tudo. Ah, como era insuportável... Para ser sincera, conseguir arrancar um sorriso dela seria como conseguir fazer com que comesse alguma coisa. Sua boca era uma zona proibida.

– Está melhor? – perguntou Alice, despreocupada.

– ELE está melhor? – exigiu Frédéric, como se fosse manter todo o chocolate refém até que fosse informado.

Por trás dos óculos escuros enormes, Alice parecia esgotada.

– Thierry está... está um pouco melhor. Bem, não está pior. E parece que os stents não foram rejeitados e, bom... – Ela curvou um pouco o lábio. – Todo dia ele perde um pouco de peso. Mas eu queria... – Alice desviou o olhar. – Queria que ele acordasse e dissesse alguma coisa, droga.

Isso não parecia ideal. Eu sabia, por experiência própria, como era acordar em um hospital e sabia, cortesia do Dr. Ed, que, quanto antes isso acontecesse, melhor as coisas seriam, em geral. De repente, fiquei tentada a ligar para o Dr. Ed, descobrir se aquela conduta amigável era tudo o que prometia ser. Mas não liguei, é claro, ele nem se lembraria do meu nome.

– O que a médica dele diz? – perguntei.

– Por que, você é profissional? – retrucou Alice.

Sempre que eu lhe dava um desconto por estar estressada, ela conseguia usar tudinho e ainda gastar minhas reservas escassas de respeito.

– Não, mas passei muito tempo internada – respondi.

– O que você teve? – indagou Alice, sem rodeios.

Todos olhavam para mim.

– Nada, não importa – disparei.

Eu não gostava quando as pessoas falavam da minha lesão cômica hilariante. Não tinha a mínima graça para mim.

Alice suspirou.

– A médica diz “Temos que esperar, madame, temos que esperar”. Como se eu tivesse opção de fazer qualquer outra coisa. E depois ela saiu para almoçar. – Olhou ao redor. – Enfim. Enquanto vocês conseguirem evitar que isso se transforme em um desastre completo, suponho que seja o suficiente.

Alice foi embora.

– Ela nunca foi tão simpática assim conosco – comentou Frédéric, cuja atitude alegre estava quase restabelecida e estava quase fazendo surtir nas clientes o mesmo encantamento que Thierry provocava nelas.



Eu, por outro lado, estava quase perdendo as estribeiras. O fato de a doença de Thierry ter saído nos jornais deixou a loja mais movimentada do que nunca. Mesmo quando Frédéric disse bruscamente às pessoas que elas podiam escolher entre laranja, menta ou nada. Todos pareceram apenas concordar como se aquela declaração fosse uma coisa francesa aceitável a se dizer.

Esfreguei, limpei, cozinhei e misturei – Benoît me ajudou muito e em silêncio nos fundos da estufa –, e, às sete da noite, estava pronta para cair na cama. Se Sami estivesse dando um baile de máscaras improvisado ou algo do tipo, eu ia matá-lo.

Fui a última a sair. Estava trancando a grade da loja com a chave pesada de metal – parecia muito a porta de um elevador antigo enorme – quando ouvi o rugido de uma scooter subindo a rua. Não dei atenção no início – havia muitas por aqui –, até que ela parou bem atrás de mim.

– *Merde* – soou uma voz grave.

Eu me virei. Laurent se encontrava parado ali, parecendo desesperado. Virei de volta. Estava cansada dele e de sua rixa idiota com um homem inconsciente em uma cama de hospital.

– Todo mundo já foi?

– Sim – respondi, o mais sarcástica possível. – Todo mundo já foi. Todo mundo que importa já foi.

Ele piscou algumas vezes enquanto eu terminava de fechar a loja.

– Ah. É que... É que... meu pai acordou.

Eu me virei de novo. Embora estivesse completamente exausta, imunda e irritada por ver Laurent, não pude evitar: um sorriso torto enorme tomou conta do meu rosto.

– Sêrio?

– Sim. Não está dizendo muita coisa, mas está xingando e exigindo doces.

– Ah! Isso é incrível!

– Não está fora de perigo – falou Laurent, com gravidade. – Bom, é o que M. le Medecin diz. Mas ele parece... parece bem menos cinza, não parece mais um elefante morto.

– Thierry sabe que você o chama assim?

Laurent franziu o cenho.

– Não sei. Fui embora antes que ele me visse.

Joguei as mãos para cima, com raiva.

– Você está BRINCANDO!

– Não. Alice estava me olhando torto, e meu pai ficou dizendo a ela que estava com fome e ela respondeu que ele não ia mais poder comer como antes, e a conversa parecia estar virando uma discussão enorme menos de dois minutos depois de ele ter recobrado a consciência. Logo me dei conta do motivo pelo qual me mantive afastado dos dois para início de conversa. – Laurent fez uma pausa. – Vou vê-lo amanhã, prometo. Pare de olhar para mim como se eu fosse o lobo mau.

Então reparei que ele parecia mesmo um pouco o lobo mau, com o cabelo escuro, as sobrancelhas grossas e os dentes brancos reluzentes.

– Promete? – perguntei.

Laurent assentiu e olhou ao redor.

– Além disso, eu queria ter chegado antes que todos tivessem ido embora... eu me senti mal por aquele dia.

– Que bom. Você de fato não foi nada razoável.

– Eu sei, eu sei. É por isso que estou aqui. Eu só... Tudo estava desmoronando sobre mim, sabe? Estava passando todas as noites no hospital... Estava cansado.

– Então você veio pedir desculpas?

– Meu Deus, não. Eu vim para te ensinar a fazer alguma coisa.

– Bom, talvez eu já saiba fazer alguma coisa.

Laurent fez uma careta.

– Alice levou ao hospital um pouco daquela coisa de menta que você fez esses dias. Ela achava que estava ok. Mas na verdade estava

nojento. Os funcionários não conseguiam acreditar.

Aquela tinha sido minha primeira tentativa.

– Você é TÃO grosseiro! – exclamei.

– Não. Eu só acho que você talvez não entenda como estava ruim.

Por isso estou aqui agora.

– Bom, chegou atrasado.

Ele ergueu as sobrancelhas para mim.

– Duvido.

Suspirei. Embora estivesse exausta e tivesse passado as dezenove horas anteriores sonhando com um banho, e no que faria com Sami se ele tivesse usado toda a água quente de novo para tirar a maquiagem, peguei as chaves do bolso do avental.

– Entre, então – falei, cansada.

Dentro da loja, tudo estava sombrio à luz do crepúsculo. Laurent olhou em volta com seu olhar experiente enquanto eu me arrastava pela estufa para acender as luzes por lá. Não podíamos acender as luzes, ou as pessoas pensariam que a loja estava aberta e começariam a bater à porta como zumbis famintos por chocolate.

Laurent não veio atrás de mim. Eu me virei para olhar para ele, que passava uma das mãos no cabelo grosso e encaracolado.

– Eu não... não entro aqui há...

Ergui as sobrancelhas.

– Bom, há muito tempo – prosseguiu Laurent. – Anos. Talvez dez.

Até eu fiquei chocada com isso.

– Você não entra aqui há dez anos?

Ele de repente pareceu muito infeliz.

– O cheiro aqui dentro... Não mudou nada. – Laurent passou a mão sobre o balcão longo de madeira, liso pelo desgaste ao longo dos anos.

– Não mudou nada – repetiu, pensativo, balançando a cabeça. – Sabe, às vezes eu passo por alguém na rua comendo um chocolate daqui. Sou capaz de sentir o cheiro a um quilômetro de distância. Não tem o cheiro do chocolate comprado em qualquer outro lugar. Sempre que sinto o cheiro, ou vejo a sacola... é como levar um soco no estômago.

Balancei a cabeça e liguei a cafeteira.

– Sabe, as famílias se desentendem por diversos motivos – falei. – A mãe da minha amiga Cath ficou sem falar com a irmã por dezesseis anos por causa do furto de um lenço do Jubileu de Prata. Mas brigar por discordar a respeito de colocar ou não pimenta no chocolate... – Pensei um pouco mais. – Talvez todos os desentendimentos familiares

sejam idiotas – concluí.

Parecia que Laurent ia discordar, mas, em vez disso, ele me seguiu até os fundos. Soltou um “Ah” involuntário de nostalgia, e até eu consegui perceber que a estufa não mudava havia décadas.

– Eu vinha aqui às vezes quando era garoto – contou ele, inspirando aquele aroma delicioso de plantas e cacau, como uma floresta de chocolate. – Benoît corria atrás de mim em volta dos tonéis.

– Ele continua aqui.

– Eu sei. Isso não me surpreende. Meu pai é muito leal aos funcionários que nunca o contrariam. – Laurent foi até uma das bancadas de trabalho e, com um salto, se sentou sobre ela. – Vamos lá – disse, em um tom desafiador.

Eu estava tão cansada, tão sonolenta e tonta com tudo o que tinha acontecido que pensei, só por um instante, que Laurent estava me convidando para subir ali com ele. Ele parecia tão confortável e à vontade, as pernas compridas abertas enquanto analisava o lugar que um dia chamara de casa, que eu quase me vi atravessando a oficina, deixando que ele me puxasse e me colocasse em seu colo. E então...

Então eu me dei conta de que Laurent estava querendo um pouco do chocolate que eu tinha feito. Fiquei vermelha, afobada, certa de que meu rosto tinha me entregado, mas ele não estava prestando atenção. Encontrei alguns quadrados de laranja que tinham sido mal embalados e postos de lado mais cedo. Laurent olhou para mim e sorriu.

– Vamos, não fique tão nervosa. Onde está o chocolate novo? Você deu o seu melhor, e agora vou te ajudar, está bem?

Ele achou que meu nervosismo era por causa do chocolate. Eu tinha quase me esquecido do chocolate.

Ofereci alguns em um prato. Laurent pegou um e o colocou na boca. O conteúdo fora aprovado por Frédéric, mas Laurent nunca ficaria satisfeito. Ainda assim, era uma oportunidade.

Ele fechou os olhos. O silêncio na oficina era total, com apenas o tique-taque do relógio de parede e o leve ronco do metrô sob as ruas de paralelepípedo. Depois do que pareceu uma eternidade (durante a qual o estudei: os cílios longos lançando uma sombra em sua bochecha, os cachos indisciplinados, a barba que começava a crescer em seu maxilar alongado, os lábios bastante pronunciados para um homem), Laurent enfim abriu os olhos e olhou diretamente para mim.

Em sua expressão havia algo diferente da combinação habitual de irritação e entusiasmo, algo que parecia estranhamente próximo do respeito.

– Você fez isso?

Assenti.

– Sozinha?

Assenti mais uma vez. Ele olhou para o lado.

– Sabe, não está... quero dizer, não é um Girard.

Assenti novamente.

– Mas... eu já comi piores.

– Já comeu piores? Na verdade, isso não é um elogio.

– Ah, é, sim. É, sim. Você definitivamente tem... algo. – Laurent comeu mais um pedaço. – Muito bem. Bom, aqui está faltando pimenta-do-reino. Precisa dela para destacar as notas fundamentais. E um pouco menos de manteiga, tá? Isso não é para crianças nem americanos. E mexa um pouco menos, você bateu demais. Isso bagunça os componentes.

Olhei ao redor, procurando um pedaço de papel para anotar tudo isso. Ele parou de mastigar por um segundo e completou:

– Mas, no geral, você se saiu muito bem.

Eu não queria dizer que tinha levado quase o fim de semana todo, mas Laurent deve ter visto minhas pálpebras pesadas.

– Olha só, vamos ficar assim por enquanto, e venho falar sobre a menta outra hora, ok? Quer comer alguma coisa? Estou completamente exausto e imagino que você também esteja.

Assenti com gratidão – mais uma noite inteira na estufa àquela altura teria acabado comigo – e o segui até a porta da frente, trancando a loja de novo e deixando que ele me conduzisse por um pequeno labirinto de becos que eu ainda não tinha dominado. Depois de virar em três esquinas, estávamos de novo em frente a uma daquelas portas escuras que pareciam surgir do nada. Tive pena dos turistas nos restaurantes enormes ao ar livre à beira do Sena ou no Bois de Boulogne, pois eles nunca teriam como saber da existência desses lugares. Os habitantes locais tinham ciúmes e eram egoístas em relação a eles, não tinham nenhum interesse em compartilhá-los. Paris pode ser bem difícil para um recém-chegado. Esse restaurante não tinha nada além de um cogumelo minúsculo pendurado na porta como aviso de sua existência.

Laurent bateu à porta, que foi aberta por um homem corcunda com

um pano sobre o ombro. Por um segundo, ele ficou parado olhando. Então deu um passo para trás.

– Laurent? – perguntou, incrédulo.

– Sim, Salvatore, sou eu.

O velho, que parecia prestes a chorar, lançou os braços em volta do pescoço de Laurent, beijando-o três vezes em cada bochecha.

– Pensei... Deus me ajude, pensei que fosse o fantasma do seu pai. Você se parece tanto com ele.

– É o que dizem.

– Não vemos você desde... – O homem balançou a cabeça. – Faz muito tempo. Muito tempo.

– Eu sei.

– E agora. Enfim. Você está aqui para cuidar da loja. E seu pai?

– Está se recuperando – respondeu Laurent, com firmeza. – Só estou ajudando.

O velho me olhou com atenção.

– E esta é sua mulher? Sua namorada?

Laurent fez que não com a mão.

– Ah, não. Não é isso. Ela trabalha para o meu pai. Ei, *signor*, pode nos arranjar algo para comer?

– É claro, é claro – respondeu Salvatore.

O velho abriu a porta de madeira, que dava para uma passagem da qual emergiram os aromas mais surpreendentes de cogumelos refogados no alho e na manteiga, com pimenta-branca e inúmeras outras coisas que não consegui identificar.

Porém, mal reparei nos aromas incríveis. Estava tão cansada e fraca que de repente fiquei furiosa por Laurent ter se referido a mim de maneira tão desdenhosa. Quero dizer, eu sabia que ele tecnicamente tinha razão, e que eu não passava de uma funcionária, mas... depois de tudo o que tínhamos passado ele não podia ao menos dizer que éramos amigos?

Ao mesmo tempo que Laurent me levava para dentro de um restaurante minúsculo, não muito maior que a sala de uma casa e também decorado como tal, com fotografias de família, bugigangas e com quase todas as mesas ocupadas por pessoas muitíssimo concentradas no processo de comer – enquanto uma senhora baixinha desviava das mesas carregando pilhas altas de pratos como se estivesse dançando –, percebi que, se eu fosse completamente sincera comigo mesma, talvez nos visse como algo mais que amigos. Que, se fosse

honestas, sabia que gostava um pouco dele. Suponho que tenha a ver com a intensidade das circunstâncias que estávamos vivendo nos últimos dias e com o fato de eu estar sozinha fazia tanto tempo que acabara focando no primeiro homem disponível.

Mas também havia algo em Paris que tinha me despertado. Depois do acidente, depois de minha doença, tudo em Kidinsborough parecia muito frio, cinza e sem vida. Eu via as semelhanças entre mim e Claire, embora ela tivesse quase o dobro da minha idade. Claire percebia também e me mandara para cá para me trazer de volta à vida. Mas eu tinha esquecido como as coisas funcionavam. Tinha esquecido como as pessoas se interessavam umas pelas outras e ficavam juntas. Raramente é porque uma delas acha que a outra é responsável pelo pai ter sido internado ou porque a outra é uma cozinheira terrível. Mordi o lábio. Meu Deus, eu era uma idiota. Me sentia muito idiota.

– Anna?

Laurent estava perguntando não o que eu gostaria de beber, mas sim se eu queria o vinho tinto que Salvatore trouxera. Dei de ombros e deixei que ele me servisse uma tacinha.

– Vamos comer o risoto, é claro – afirmou ele. – Marina, mudou alguma coisa?

Quando viu Laurent, a senhora teve a mesma reação que Salvatore, mas seus beijos foram ainda mais efusivos. Ela falava um francês com sotaque italiano carregado que eu mal conseguia acompanhar, mas entendi sua resposta.

– Não, é claro que continua exatamente igual. Não mudaríamos nadinha. Se você muda qualquer coisinha quando tem algo perfeito, fica tudo errado! Errado, horrível e um desastre.

Laurent piscou para mim, mas eu estava infeliz demais para retribuir o flerte. Só assenti, de repente me sentindo muito cansada. Ele tentou iniciar uma conversa, mas eu estava tão insegura que mal consegui resmungar as respostas. Laurent também acabou ficando em silêncio até a comida chegar. Então ele fechou os olhos e inalou o vapor. O aroma era inacreditavelmente rico e saboroso, cheio de cebola, creme, caldo e coisas boas.

– Eu comia isso quando era criança. Sempre que vinha aqui, insistia em comer o risoto – contou ele. – Não importava se o dia tinha sido bom ou ruim na loja. Ou mais ou menos. Meu pai só dizia “Vamos todos para o Salvatore”, e pegávamos aquela mesa – Laurent apontou

para a maior mesa, que ficava em frente à lareira e tinha cadeiras bambas que não combinavam entre si – ou, se estivesse quente, íamos para o terraço... – Ele parou. – Ei, Salvatore. O terraço ainda existe?

– Querem ir para lá?

– É claro, está muito quente aqui, não?

Salvatore deu de ombros – ele claramente tinha passado a vida toda nesse ambiente –, mas pegou os pratos enquanto Marina pegava as taças antes que tivéssemos tempo de ajudá-la, e os dois desapareceram por uma portinha lateral que eu ainda não tinha visto. Fomos atrás deles. Senti a dor em meus dedos quando subimos três lances de uma escadinha em espiral, passando pelo que devia ser o apartamento deles. No fim, chegamos a mais uma porta e saímos do prédio antigo como rolhas de uma garrafa.

Era maior do que a minha pequena lasca de sacada, e o prédio antigo se projetava para a lateral da ilha, então acabamos sentados bem acima da água. Marina tinha levado uma vela, que colocou no meio da mesa solitária. Luzinhas decoravam a borda do terraço, mas não havia nenhuma outra luz, só a escuridão do rio que corria depressa e o brilho da margem esquerda, que parecia completamente alheia a nós. À distância, havia um mundo diferente das pedras antigas de nossa ilha. A hera que cobria a lateral do prédio tinha sido grosseiramente cortada, o que me dava a sensação de estar em um conto de fadas. Pensei, de forma sombria, que seria um conto de fadas se eu não estivesse tão chateada com tudo.

Salvatore e Marina, dando umas risadinhas, nos deixaram a garrafa de vinho e desapareceram. Estava estranhamente silencioso ali em cima, longe dos barulhos cotidianos de Paris. Laurent me ignorou durante no mínimo cinco minutos enquanto mergulhava a cara no prato e comia com uma velocidade surpreendente, com um apetite enorme e um prazer evidente. Esperei um instante, então, percebendo que ele nunca me notaria, comecei a comer.

Eu não admitiria nem sob tortura, mas nunca tinha comido risoto antes. Comi arroz instantâneo, mas é claro que não era a mesma coisa. Acho que se eu sugerisse isso em casa, meus pais ficariam um tempo olhando para mim até meu pai dizer: “É, podemos experimentar”, e minha mãe responder: “Ah, não, deve ser muito difícil, vou fazer errado, é um pouco estrangeiro demais para mim, querido”, e ela logo prepararia um sanduíche de peixe empanado antes que eu contra-argumentasse. Eu sabia cozinhar um pouco – fazia carne assada e torta

–, mas um risoto jamais passaria pela minha cabeça. E assim que comi a primeira garfada, soube que nunca aprenderia a fazer aquele prato, porque isso exigiria ter nascido em uma outra família. Seriam necessários anos para aprender cada detalhezinho sobre o equilíbrio sutil entre o vinho, o parmesão envelhecido, as cebolas translúcidas que desmanchavam e os cogumelos pré-cozidos em uma fornalha enorme de pedra para que ficassem perfeitamente selados e um pouco crocantes. A coisa mais derretidamente saborosa que eu já tinha comido. Na verdade, eu descobriria mais tarde, os ingredientes eram colhidos frescos nos campos ao redor de Versalhes toda semana. Cresciam perto do pasto do melhor gado orgânico e de uma floresta medieval original, então de fato não havia a menor chance de eu colocar as mãos neles.

Experimentar aquele risoto extraordinário e primoroso me fez compreender pela primeira vez o que Frédéric, Laurent e Thierry sentiam a respeito do chocolate que faziam. Que havia um jeito certo e um jeito errado e ponto final. Como alguém que tinha trabalhado durante onze anos na Braders, meu paladar se acostumara ao que era abaixo do padrão. Mas agora eu finalmente entendia.

– Ah! – exclamei, depois de algumas garfadas. O prato de Laurent já estava vazio. – Como você consegue comer assim? – perguntei, irritada. – Não tem mais nada!

– Eu sei – disse Laurent, olhando arrependido para o prato vazio. – Não consegui me segurar. Meu Deus, que saudade que eu estava disso!

Ele olhou para o meu prato.

– Nem pense nisso – falei. – Vou comer cada garfada, saboreando cada uma, antes de lamber o prato algumas vezes.

Laurent abriu um sorriso de repente, voraz, e encheu nossos copos.

– Você gostou?

– Acho que é a coisa mais gostosa que já coloquei na boca.

Laurent ergueu as sobrancelhas, meio maroto, mas não me importei. Sabia o que eu era para ele, então podia ignorá-lo. Dali em diante, podia me concentrar em aproveitar o que a volta à vida tinha me proporcionado. Durante a minha recuperação em Kidinsborough, eu comia alimentos cada vez mais apimentados para me forçar a sentir alguma coisa, tentando desesperadamente despertar minhas papilas gustativas e fazê-las gostar de algo. Não havia sabor de batata chips que fosse ridículo a ponto de eu não querer experimentar. Naquele momento percebia que minha estratégia fora um fracasso total, apenas

acrescentando centímetros a minha cintura e uma sensação de leve estupefação.

Limpei o molho do prato com um pão maravilhoso que estava em uma cestinha à nossa frente. Mal conseguia enxergar o que comia à luz da vela. Um *bateau-mouche* passava lá embaixo, e vi flashes dispararem. Suspeitei que as fotos da catedral ficariam um pouco borradas e decepcionantes.

Levantei a cabeça e vi Laurent olhando para mim.

– O quê?

– Nada – respondeu ele.

– Não vou te dar nada do meu prato.

– Não é isso. É só que... É legal ver uma garota comer. Nunca tinha visto uma garota comendo de verdade.

Escolhi não responder com “É porque você sai com francesas magrelas que não sabem desfrutar as coisas” e limpei a boca com o guardanapo. É claro que não limpei tudo. Laurent pegou o guardanapo da minha mão e esfregou o outro lado da minha boca, olhando para mim com atenção.

– Gosto de garotas que sentem fome – comentou ele.

Olhei para a água. Em quaisquer outras circunstâncias isso seria muito sexy. Mas se Paris estava trazendo minha alma de volta à vida, estava – embora um pouco tarde – trazendo meus instintos também. Eu não era uma mulherzinha qualquer que trabalhava para o pai dele. Bom, eu até era. Mas era mais do que isso também.

– Essa é a cantada mais cafona que eu já ouvi na vida – falei, balançando a cabeça. – Mas aposto que sempre funciona.

Laurent levantou as mãos.

– Não foi uma cantada!

– Ah, tenho certeza de que funcionaria com as outras garotas. Mas agora eu preciso ir.

Isso me deu uma sensação boa. Não colocar meu amor-próprio em risco por um pouco de consolo. Não me entregar a alguém cujo rosto envergonhado eu já conseguia imaginar pela manhã, quando ele voltasse a seu mundo de modelos magrelas e delicadas que não desequilibravam a traseira de sua scooter.

De repente Laurent me olhou como se me visse pela primeira vez, e percebi que eu tinha razão. Ele estava mesmo atrás de sexo casual. Eu me lembrei de que nunca o vira com a mesma garota duas vezes.

– Está cedo – falei, olhando para o relógio. – Quer que eu te mande

uma mensagem avisando onde Sami está?

– Não, estou muito cansado.

– Eu também – concordei, e me levantei.



Quando saímos, Laurent mergulhou nos cumprimentos calorosos de Marina e Salvatore mais uma vez, enquanto os dois diziam que tinha sido por conta da casa e pediam:

– Traga seu pai na próxima vez.

Parei para conversar com Marina.

– Isso foi... foi lindo – agradeci. – Foi uma das refeições mais encantadoras que já tive. Muito obrigada.

Ela deu um sorriso educado. É claro que Marina devia ouvir isso todas as noites.

– Você vai cuidar de Laurent? – perguntou ela, em um inglês hesitante.

– Ah, Laurent não é meu para que eu cuide dele – respondi, tentando não entregar a oscilação em minha voz.

Marina me olhou, balançou a cabeça e falou:

– Sabe, você é a primeira garota que ele traz aqui.



Capítulo dezenove

O e-mail chegou na manhã seguinte, enquanto eu saía cambaleando da cama. Felizmente, tinha dormido dez horas, mas ou ainda não era o suficiente ou tinha sido demais, pois eu me sentia trêmula e tonta. Sami estava de boqueira na cozinha.

– Sami, o que está vestindo?

Ele olhou para baixo.

– Ah, isto?

– SIM, isto! Não quero ver isso a essa hora da manhã!

Sami vestia uma sunga minúscula e apertada turquesa. Era indescritivelmente horrorosa.

– Isso – rebateu ele, num tom severo, fazendo uma pose que realçava o quadril – é porque você não pega ninguém. Estou indo ao Lido.

Sami tinha uma tatuagem enorme de uma águia abrindo as asas na virilha. Imaginei que, quando estava pelado, devia parecer um ninho e uma minhoca.

– Não por falta de opção – menti.

– Eu topo, se quiser – ofereceu Sami, com ousadia. – Não sou muito exigente.

– Alguém não muito exigente está mesmo no topo da minha lista, obrigada, Sami. Me considere absolutamente encantada.

Ele deu de ombros.

– Mas você é francesa agora, *chérie*. Não quer tentar viver como os franceses?

– Transando com um pansexual gigante vestindo uma sunga minúscula?

– Desfrutando a vida. Desfrutando o sexo sem se preocupar se seu corpo é perfeito.

– Ah, claro – falei.

Eu me perguntava se seria possível para uma pessoa com oito dedos nos pés transar sem se preocupar se seu corpo era perfeito. Ainda não tinha certeza se iam me achar atraente assim.

– Você precisa superar as paranoias britânicas, sabia? Dormi com uma britânica mês passado. Ou era um cara?

Revirei os olhos.

– Sami, vista uma ROUPA. Você tem muitas.

– Gastei uma fortuna em champanhe só para conseguir que ele, sim, com certeza era um cara, entrasse no clima. Aí ele bebeu demais e desmaiou no táxi.

– Olha só, de onde eu venho chamamos isso de uma boa noite – resmunguei, olhando rápido para o relógio.

Precisava me apressar. Olhei para o laptop velho de Sami sobre a mesa, onde, de vez em quando, se tivesse sorte, dava para roubar o Wi-Fi de alguém do prédio que se chamava “Francoisviolao”. E ali estava um e-mail de Claire. Eu nem sabia que ela conseguia usar o computador. Cartas à mão pareciam ser muito mais o seu estilo.

Querida Anna,

Espero que esteja bem.

Gostei do fato de ela manter o estilo geral de uma carta formal.

Tomei uma decisão: vou visitar Paris mais uma vez. Espero que, enquanto escrevo, Thierry esteja se recuperando. Não desejo vê-lo, mas gostaria, enquanto ainda posso, de visitar minha amada Île de la Cité. Tenho certeza de que ela mudou muito, mas eu também mudei, tudo mudou. Alors, talvez eu até coma uns chocolates. Se você puder me ajudar a organizar isso, ficaria muito grata. Por favor, não incomode Thierry com esta notícia, posso garantir que ele não ficaria muito interessado.

A propósito, seus pais vieram me visitar. Foi muito gentil da parte deles. Sua mãe me pediu que não te contasse isto, mas ela se preocupa muito com você e com a sua adaptação. Eu disse a ela que, pelo que vi, você se adapta às mudanças muito bem.

Com os melhores cumprimentos,

Claire

Fiquei olhando para a tela.

– Boas notícias? – perguntou Sami. – O namorado está vindo tirar seu atraso?

Olhei feio para ele.

Fossem as notícias boas ou ruins, tive uma sensação estranha de que isso ia significar muito trabalho para mim. E por que Claire pediu

que eu não contasse a Thierry? Com certeza ela só pediria que não contasse a ele se isso de fato significasse alguma coisa. Eu provavelmente devia contar a Thierry. Queria visitá-lo mesmo.

E passei tanto tempo achando que Claire era só minha antiga professora sem graça de francês.



Nelson Eddy, o cão, estava com um ar arrogante enquanto marchava pela rue Chanoinesse essa manhã. Era mais um dia deslumbrante de derreter o coração, o céu de um rosa e azul nublado nas fendas entre as casas lá em cima. Eu estava com o vestido de verão mais leve que tinha e percebi que o caimento estava mais folgado. Tirando o risoto, eu me dei conta de que mal tinha comido nas últimas semanas. Talvez eu devesse inventar uma dieta que envolvesse experimentar pedacinhos de chocolate o dia todo e nada mais. Pensando bem, provavelmente faria muito sucesso. Cath fez aquela com pimenta e xarope de bordo, até irmos ao happy hour de um bar com coquetéis e ela desmaiar sobre um parapeito que tinha por lá. Tive um acesso repentino de culpa pela quantidade de frutas e vegetais que não estava comendo e resolvi ir até a feira comprar melões. Tiras frescas e geladas eram disponibilizadas para degustação, e aquilo era o paraíso. Será que havia algum jeito de colocar melão no chocolate? Laurent saberia, pensei. Então fiz uma careta ao lembrar do jantar constrangedor da noite anterior. Bom, eu não seria nenhum objeto de consolo para ele enquanto o pai estivesse doente.

Mas pensei também no que Sami dissera a respeito do prazer que é ser desfrutado aqui em Paris. Não teria sido tão ruim assim terminar o vinho tinto encorpado, deixar que Laurent lambesse o restante do molho do risoto dos meus dedos, me agarrar a ele na moto a caminho de casa e...

Meu devaneio foi interrompido, como sempre, pela imagem de Laurent gritando “Ah, meu Deus, que DIABO é isso?” ao ver meu pé desfigurado.

– *Bonjour, bonjour!*

Os rapazes estavam muito simpáticos essa manhã.

– Você acha que consegue fazer de novo? – perguntou Frédéric.

– Quero me ater ao de laranja – respondi, e então recitei o que Laurent dissera na noite anterior.

Ele assentiu, sério.

– Sabe, os clientes vão enjoar desse de laranja – comentou Frédéric.

Ele não precisava me dizer isso, porque até eu ficaria muito feliz se nunca mais precisasse chegar perto daquilo.

Mas mexi com mais delicadeza, acrescentei pimenta-do-reino, diminuí a quantidade de manteiga e, embora um purista nunca confundisse o conteúdo com o chocolate verdadeiro, ficou perceptivelmente melhor, o suficiente para que eu não precisasse encarar os olhares fulminantes de todos.

Porém, Alice não estava lá e eu não sabia o que isso queria dizer. Novidades, imaginei. Boas ou ruins.

Na hora do almoço, anunciei que ia ao hospital. Frédéric olhou para mim.

– Não vai levar um pouco do seu chocolate não, né?

Dei de ombros. Na verdade eu tinha, sim, pensado em fazer isso.

Frédéric pegou minha mão.

– Não estou dizendo que não avançamos muito – disse ele. – Mas não queremos que Thierry fique chocado e acabe voltando cedo demais.

– Você acha mesmo que ele pularia da cama aterrorizado e voltaria para a loja assim que sentisse o cheiro? – perguntei, ofendida.

– Melhor garantir – respondeu Frédéric. – Me avise se ele estiver acordado. Eu não consigo... Depois que perdi meu pai, é difícil frequentar hospitais.

– Pode deixar.



Em um mundo ideal eu teria evitado encontrar Laurent ou Alice. E, pela primeira vez, nessa manhã tive sorte. O grande prédio branco do hospital atrás da Place Jean-Paul-II estava reluzente e silencioso quando sussurrei o nome de Thierry à recepcionista, que me mandou seguir por corredores intermináveis até chegar a uma porta com “Girard” rabiscado em um quadro branco com canetinha. Olhei ao redor, não vi mais ninguém, então bati. Sem resposta, empurrei a porta devagar.

Thierry não se encontrava mais na UTI. É claro que o quarto estava equipado para casos de alta dependência, mas não era tão assustador. O monitor cardíaco ainda apitava, mas a silhueta na cama não estava

mais ligada a uma máscara de oxigênio. Ele parecia estar dormindo. As persianas estavam abertas, e a vista do oitavo andar era linda à luz do sol, quase ofuscante, embora o quarto estivesse gelado com o ar-condicionado. Fiquei de costas para o sol, meio cega. A forma na cama se mexeu.

– Claire?

Quase pulei de susto.

– Oi – falei, baixinho, em inglês, constrangida pelo coração acelerado. Piscando para tirar o sol dos olhos, me aproximei. – Thierry?

Ele olhava para mim, confuso.

– Claire? Você veio?

– Não é a Claire, Thierry. É a Anna, lembra? Sou a Anna.

Cheguei mais perto. Seu rosto ainda parecia confuso – e mais magro. Embora estivesse no hospital havia apenas cinco dias, ele parecia ter perdido muito peso.

Acariciei sua mão.

– Anna.

Thierry apontou para a água na mesa ao seu lado. Servi um copo e me sentei ao seu lado, ajudando-o a beber. Quando terminou, ele piscou com força e pareceu voltar a si.

– Como se sente? Quer que eu chame alguém? – perguntei.

Thierry olhou para mim.

– Achei que você fosse a Claire.

– Eu percebi.

– Você é Anna – disse ele, por fim. – Está trabalhando na loja.

Fiquei muito aliviada por Thierry estar se lembrando. De repente tinha ficado preocupada, achando que ele tivesse sofrido um derrame ou algo do tipo.

– Sim! Sim! Sou eu.

Thierry franziu o cenho.

– Como está a loja?

– Não se preocupe com isso agora – respondi, política. – Escute, falei com a Claire.

Os grandes olhos escuros e os cílios compridos faziam com que Thierry parecesse um filhote grande e um pouco indefeso. Agora que estava um pouco mais magro, eu conseguia ver a semelhança entre ele e Laurent com muito mais clareza.

– Ah, é?

– Ela quer... ela quer vir a Paris.

Seus lábios de repente se estenderam em um sorriso largo. Estavam rachados, e eu lhe dei um pouco mais de água.

– Ela vem?

– O que DIABO aconteceu entre vocês dois? – explodi de repente, pensando na raiva de Laurent, na insistência de Alice em ser francesa e no silêncio de Claire.

Com dificuldade, Thierry subiu um pouco o tronco nos travesseiros brancos e altos.

– Cuidado – falei.

– Eu sei. Mas acho que vou melhorar. Sabe o que a minha médica disse? Que quer me ver caminhando por aí hoje. Caminhando por aí!

– Você gosta de caminhar.

– Eu gosto de caminhar até um café ou para pegar um aperitivo. Gosto de caminhar, discutir e argumentar sobre os problemas do mundo. Caminhar sobre pontes, em parques e pela Champs-Élysées em uma manhã de sábado para ver moças bonitas e cachorrinhos. Não quero caminhar pelos corredores de um hospital com um vestido que deixa todos verem minhas partes.

Assenti com empatia.

– Sei como é. Já passei por isso.

– Já?

Thierry ficou olhando para mim.

Assenti outra vez. Então, embora a situação fosse bastante peculiar, tirei o sapato.

Ele apertou os olhos a princípio, então olhou de novo.

– Você só tem... *un, deux, trois...*

– É. Eles também me fizeram caminhar bastante.

– O que aconteceu?

– O mesmo que aconteceu com você – respondi. – Só uma coisa qualquer.

Ele sorriu e assentiu.

– Só uma coisa qualquer?

– Sim.

– E você superou?

Pensei na pergunta.

– Em grande parte, sim – respondi. – A gente não é bem o mesmo depois que sofre um acidente. Mas em grande parte, sim.

– Se eu caminhar.

– Sim. Se você caminhar.

Thierry suspirou.

– Mas sabe de uma coisa? Já perdi sete quilos.

– Ótimo!

– Bom – disse ele, sorrindo –, quero estar bem quando encontrar a Claire.

– Me fale sobre ela – pedi mais uma vez.

Mas, naquele instante, a porta foi aberta com tudo e Alice entrou pisando firme, com um café bem pequeno na mão e um exemplar da *Paris Match*. Vestia um blazer azul-marinho impecável com um cachecol vermelho e uma calça branca muito justa. Parecia que ia participar da competição “Quem é mais francesa?”.

Ao me ver sentada na cama, ela parou. Ah, pelo amor de Deus, eu quis dizer (em inglês). Não, não estou tentando me dar bem com seu parceiro de 60 anos que está no hospital depois de ter sofrido um ataque cardíaco grave, tá bom?

– Ah, Anna – disse ela, como alguém diria (e, em Paris, diziam de fato): “Ah, cocô de cachorro na rua.”

– Oi, Alice. Só vim ver como Thierry está.

– Por quê?

Tive dificuldade para responder sem trair Claire.

– Frédéric e Benoît querem saber. Frédéric tem medo de hospitais.

Alice riu com desprezo.

– Bom, diga a eles que Thierry está se recuperando. Como estão as vendas? Espero que não estejam em queda.

– Quero experimentar o que vocês estão fazendo – pediu Thierry.

– É melhor não – respondi. – Além do mais, você não pode comer chocolate.

Eu ainda não tinha certeza se ele não ia jogar as cobertas longe e marchar até a loja horrorizado caso experimentasse o que eu tinha feito.

Os dois olharam para mim.

– É melhor eu voltar – falei, me sentindo constrangida.

– Sim, faça isso – disse Alice, mexendo na cama de Thierry.

Thierry olhou para mim com uma expressão cômica de súplica, e percebi que dizer o nome de Claire na frente de Alice era tão proibido quanto eu imaginava que seria. Peguei minha bolsa e fui em direção à porta. Nesse meio-tempo, ouvi Thierry perguntar:

– Nenhuma notícia de Laurent?

– Ah, não – respondeu Alice.

Parei. Thierry não sabia que Laurent estivera ao seu lado noite após noite? Que ele não dormia havia dias? Que tinha saído do trabalho um dia para ir até a loja me ajudar? Ele precisa saber.

– É claro que Laurent esteve aqui – afirmei, antes de sair do quarto.

Alice se virou para mim, com os olhos em chamas, enquanto Thierry se sentava na cama.

– *Oui?*

– Anna, uma palavrinha – interveio Alice, em inglês, e me acompanhou até o corredor. – Você não tem compaixão? Como ousa interferir em minha família? Laurent não voltou desde que Thierry recobrou a consciência e só Deus sabe quando vamos vê-lo. Não seja cruel a ponto de dar falsas esperanças a um homem doente. Vai ser muito melhor se isso estiver resolvido e os dois ficarem cada um em seu canto.

Parecia que isto estava se tornando uma constante: o fato de Thierry não ver as pessoas que amava.

– Vou pedir para Laurent voltar aqui – afirmei, com ousadia.

– Pode falar o que você quiser para ele, não vai adiantar. Na minha opinião, se quer continuar nesse emprego, é melhor não se intrometer nos nossos assuntos familiares. Digo isso como amiga.

Alice não dizia nada como amiga.

– Estou indo – falei.

– Obrigada. Vou dizer a Thierry que você se enganou. Obrigada por vir ao hospital. Não acho que será necessário que isso se repita.

Alice se virou e fechou a porta. Olhei para o corredor interminável e me perguntei, não pela primeira vez, se aos 30 eu ainda não tinha amadurecido. Havia todo um mundo adulto que eu era incapaz de compreender e ponto final. Era confuso demais para mim.



Às quartas a loja fechava cedo e eu pude ir para casa. Pela primeira vez, por incrível que pareça, o apartamento estava vazio. A grande estreia de *La Bohème* se aproximava, e eu tinha prometido a Sami que iria, embora não tivesse certeza de que ia gostar de ópera. Era um pouco pretensioso para mim. Eu gostava de Coldplay.

Subi as escadas cantarolando. Talvez tirasse um cochilo e depois entraria na internet para ver se conseguia resolver alguns detalhes da

viagem de Claire. Tinha falado com ela no caminho de volta à loja depois de visitar Thierry, e concordamos que eu iria para casa e ajudaria a organizar a viagem dela. Essa parte de Claire querer vir de balsa não ajudava. Vir de Londres de trem seria um milhão de vezes mais conveniente do que levá-la até Dover, mas daríamos um jeito.



– Mãe, você precisa entender que não tem como. Não é certo.

Claire olhou pela janela mais uma vez. A enfermeira havia acabado de trocar seu curativo e tinha lhe dado um sedativo leve, então tudo meio que só atravessava sua cabeça levemente. Ricky estava falando com ela – ele era tão bonito, Claire pensou. Era incrível como ela e Richard tinham conseguido gerar filhos tão bonitos, no fim das contas.

– Não posso tirar folga, Ian também não, mas nem é só isso. Uma jornada como essa. Só ano que vem, talvez. Daqui a uns dezoito meses. Quando você estiver bem e forte o suficiente. Atravessar o canal em uma balsa no seu estado... é ridículo. Para começar, não conseguiríamos nem fazer um seguro-viagem.

Ricky trabalhava com seguros, o que Richard achava incrível, e Claire, embora o filho tivesse tirado notas maravilhosas, frequentado uma boa universidade, se casado com uma garota adorável e sido, a vida inteira, nada menos do que um orgulho para eles, secretamente às vezes achava uma pena. Ela amava os filhos incondicionalmente, mas os dois eram muito parecidos com o pai. Claire talvez teria gostado de ter uma filha volúvel, ambiciosa e irritante com quem poderia brigar, discutir e criar laços, ou um filho excêntrico, intenso e inteligente que acabasse trabalhando com pesquisa nuclear, ou projetando coisas bizarras para a internet, ou que tivesse uma banda e desaparecesse durante meses. Ian era advogado, dos bons. Eles eram homens respeitáveis, pilares da comunidade. De certa forma, era uma pena que o reverendo tivesse se interessado tão pouco pelos netos quando nasceram, teria orgulho deles. Os dois eram muito, muito ajuizados.

Ela olhou para Ricky, se sentindo um pouco tonta.

– E você está no meio do tratamento... isso não é razoável. Você não está forte o bastante. Precisa entender isso.

– Não estou forte o bastante para nada – rebateu Claire.

– Mãe, não fale assim. Você só tem 57 anos.

– Tenho 57 anos e câncer em três partes diferentes do corpo. Não sou como aqueles maratonistas e escaladores de 57 anos que você vê na televisão, está bem?

Ela não tinha a intenção de parecer mal-humorada. Na verdade, detestava isso. Mas tinha passado um ano inteiro – não, se pensasse bem, boa parte da vida – se permitindo fazer apenas o que os outros queriam que fizesse, seguindo gentilmente seus caminhos, sendo uma boa garota, fazendo o que mandavam. E aonde isso a levava? Presa a uma poltrona sob a janela, com os filhos irritados com ela, depois de ter partido o coração de um homem decente e maravilhoso.

– Eu quero fazer isso – afirmou Claire, com cuidado para não parecer alterada. Sabia que soava como alguém tentando fingir que não estava drogada. – Minha amiga Anna vai ajudar.

– A que teve os dedos cortados? Ela saiu no jornal – comentou Ricky. – Ela não recebeu a indenização que merecia. Foi louca. Devia ter processado a fábrica.

– Eu acho que Anna só queria esquecer tudo isso. Enfim, isso não importa. Não vou incomodar vocês. Não precisam fazer nada, nós duas vamos organizar tudo.

– Não é pela organização – disse Ricky, o rosto pálido de repente. – Não é isso, mãe. A questão é se isso não vai te deixar mais doente.

Eles não sabiam, pensou Claire. Não teriam como saber, com seus corpos atléticos, famílias jovens, pensando no carro novo, na hipoteca e no destino das férias do próximo ano e do ano seguinte. Embora cada pessoa da Terra esteja morrendo um pouco a cada dia, ter certeza da morte iminente era outra história... Por mais que os filhos quisessem acreditar que haveria novos tratamentos, novas formas de cuidar dela, mais quimioterapia, sempre mais quimioterapia, ela sabia. Que já não havia mais muita areia na ampulheta, que a hora se aproximava. Que, se houvesse algo que quisesse fazer, tinha que fazer logo. Eles estavam com medo de perdê-la... bom, *estavam* perdendo. Só não tinham enfrentado ainda a questão. Claire tinha.

Só havia uma coisa que queria fazer. E era isso.

Ricky olhou para o rosto rebelde da mãe.

– Vou contar ao papai – disse ele, como se estivesse falando com Ian e os dois tivessem 9 e 7 anos de novo.

Claire deu de ombros.

– Não há muita coisa que seu pai possa fazer agora, eu diria.

Ela e Richard eram sempre corteses, embora Claire soubesse que

era mais fácil para ela do que para ele. Também gostava bastante da nova esposa de Richard, Anne-Marie, e da filha dela. Anne-Marie, por sua vez, estava tão aliviada por Claire não ser um pesadelo terrível, do tipo que ainda ligava para o ex-marido de cinco em cinco minutos e que virava os filhos contra a madrasta, que vinha sendo bastante gentil. Mandava-lhe revistas sobre estrelas da televisão que não faziam muito sentido para Claire, embora, em seus momentos mais soturnos, Claire gostasse de ver as fotos coloridas de vestidos de pavão e mergulhar em um mundo no qual perder ou ganhar peso era consequência de rompimentos e romances, não de quimioterapia e esteroides.

– Bom, então vou ligar para aquela garota.

Claire ergueu as sobrancelhas. Tentar convencer Anna a fazer qualquer coisa que ela não quisesse fazer era um desafio interessante, na melhor das hipóteses.

– Como queira.



Considerarei ligar primeiro. Eles devem ter alguém que possa ajudar. Levei o telefone para a sacada. A voz metálica de computador explicou que minha ligação para a DownSouthNetRail era importante e pediu que eu continuasse aguardando. Enquanto eu respondia que é claro que não era importante, senão eles contratariam uma pessoa para atender o telefone, lembrei que estava falando com uma máquina e me perguntei se alguém ouvia o outro lado da linha. Presumi que não. Depois comecei a ficar impaciente, irritada e tive dúvidas se conseguiria fazer aquilo mais tarde.

Então pensei em Claire, em sua aparência magra e fraca na última vez que nos vimos; e em Thierry, seu rosto grande de repente transformado pelo sorriso enorme no instante em que eu disse o nome dela. Era tão estranho para mim... Nunca tinha sentido aquilo por alguém. Quer dizer, Darr era legal, mas, sabe como é. Não acho que ver Darr estaria no topo da lista de alguém, a não ser que alguém estivesse sem muitas opções. Então suspirei e aguardei.

– Sua ligação é importante para nós...

Era estranho o que era importante, pensei, olhando para a rua lá embaixo, onde as pessoas já começavam a se reunir sob o sol para aperitivos. Pequenas taças de vinho Pernod foram levadas a mesinhas

bambas do lado de fora do bar em frente ao prédio, com um pote de azeitonas e um prato de carne. Bons clientes, pelo visto. Eram um homem e uma mulher, de meia-idade, envolvidos em uma conversa animada e intensa. Eu me perguntei sobre o que falavam. Que gostoso. Seria ótimo chegar a essa idade, ainda estar juntos e ter tanto a dizer. Qualquer um que olhasse para os meus pais pensaria a mesma coisa, mas, na verdade, eles estariam no meio de uma discussão ferrenha argumentando se meu pai devia levar a capa de chuva para o clube de pesca ou não. Para quem vê de fora, parecia muito mais exótico e interessante. Provavelmente, para quem está participando da conversa pode não ser nada disso.

– Por favor, continue na linha...

Os grandes sinos da Notre-Dame soaram a hora: três da tarde. Pensei em Laurent no trabalho, pulverizando o chocolate com selante de forma delicada para que não ficasse esbranquiçado e aguentasse até o último café da noite no jardim de inverno do Pritzer, cada quadradinho perfeito com a marca do hotel. Será que todos sabiam disso? As pessoas, em seus travesseiros, sabiam quanto cuidado e quanta atenção eram dedicados ao chocolate? Talvez na França elas soubessem.

Eu me senti ansiosa e impaciente, inquieta. Sei o que Sami diria: você precisa transar. Mas eu não queria transar. Nessa cidade grande, encantadora e assustadora eu queria fazer o mesmo que Thierry e, provavelmente, Alice, Claire e todo mundo: queria me apaixonar.

– Alô? Desculpe a demora.

A voz era feminina e tinha o sotaque reconfortante do norte. Ela parecia maternal e genuinamente pesarosa pelo mau funcionamento do sistema, o que, imagino, se analisássemos bem, não era culpa dela.

– Olá. Será que você pode me ajudar?

Expliquei a situação, e a atendente reagiu com interjeições do outro lado da linha.

– Bom, ela vai ter que mudar de trem em Crewe ou Londres – disse a mulher, por fim.

– Crewe talvez seja melhor, você não acha?

– Mas eu não acho... quero dizer, não assumimos a responsabilidade por pessoas doentes no trem.

– Ela estará acompanhada – respondi, um pouco impaciente. – Só quero saber se um guarda pode nos encontrar no trem para garantir que a gente consiga pegar o segundo trem com tranquilidade. Vai ser

bem estressante para ela.

– Não seria melhor ela ir de avião? – perguntou a atendente, hesitante. – As companhias aéreas têm cadeiras de rodas e coisas do tipo.

– Vocês são uma empresa de trens! – exclamei, irritada. – Vocês mandam os doentes viajarem de avião?

– Você não precisa gritar. Só estou dizendo que não costumamos fazer isso. O Departamento de Saúde e Segurança não vai permitir.

Bufei, bem à maneira dos franceses.

– Você não pode fazer nada? Olha só, qual é o seu nome?

– Aurelienne.

Era um nome muito incomum para uma mulher tão comum e com um tom tão consolador.

– Sério?

– Sim – respondeu ela, a voz suavizando um pouco. – Meu pai era francês.

– É lindo.

– Obrigada.

– Bom, então você vai entender.

Contei-lhe toda a história, sobre Claire e Thierry terem se apaixonado e como esperaram a vida inteira para se verem. Agora estavam doentes e o único desejo dos dois era de se encontrarem, mais uma vez, em Paris. Exagerei um pouco, admito. No fim, a atendente ficou em silêncio.

– Bom, é uma história bonita – afirmou ela.

– Vai ser. Com a sua ajuda. – Eu estava toda animada agora, certa de que a convenceria a ver o lado romântico da coisa, certa de que conseguiria tocar seu coração francês latente. – Vai sair nos jornais – menti.

– Eu só não... – começou ela, então completou: – Sabe, eu nunca fui a Paris.

– Nunca? – perguntei, chocada. – Você é metade francesa.

– Ah, o nome é tudo o que eu tenho, na verdade. Ele largou minha mãe – contou Aurelienne. – Ela odeia os franceses.

– Ah.

– Deve ter acontecido a mesma coisa no seu caso.

– Não. Eles apenas ficaram longe um do outro.

– Hum – fez Aurelienne.

– E agora querem ficar juntos de novo.

- Hum.
 - E você vai ajudar a fazer isso acontecer.
- Houve uma pausa longa.
- Sabe, não entendo por que ela não vai de avião.



No fim, usando o cartão de crédito da Claire, reservei duas passagens de trem na primeira classe, pensando que pelo menos o assento seria mais confortável para ela, e que talvez houvesse um guarda disposto a nos dar uma mãozinha com a baldeação em Crewe. Pelo preço, eles deviam nos deixar conduzir a droga do trem. Aurelienne provavelmente tinha razão quanto ao avião. Talvez Claire concordasse em voltar de avião. Eu nem sabia se ela tinha planejado a volta. Será que Claire tinha seguro-saúde? É claro que não. A vida parecia ficar mais complicada a cada instante. Talvez Sami tivesse razão. Talvez eu precisasse mesmo de algo um pouco mais simples.

Bem nessa hora, meu celular tocou. Atendi.

– *Allo?*

– Onde você está? Não atende o celular há uma era! – exclamou Laurent.

– Por quê? O que aconteceu? Alguma coisa errada?

– Não.

Meu coração pulou no peito mesmo assim.



Laurent ralhou consigo mesmo. Ele mal tinha reparado na nova garota da loja – bom, é claro que reparou quando ela o atacou na rua, mas não devidamente. Andava irritado por Anna ter ficado próxima de seu pai tão rápido, mas ela não passava disso, uma mera turbulência em seu itinerário de trabalho, hotel, boates e diversão em geral.

Então, no dia anterior, Laurent não pôde evitar: ficou impressionado. Genuína e verdadeiramente impressionado. Primeiro pela dedicação de Anna à loja. Ele sabia que uma carreira em cozinha gourmet precisava começar bem cedo, mas ela vinha tentando ajudar Thierry com muito afinco.

E depois no jantar da noite anterior... Voltar lá fora uma decisão

tomada no calor do momento, mas, quando estavam acomodados, Laurent olhou bem para Anna à luz das velas e percebeu como o rosto dela era bonito. Os traços eram suaves e dóceis, os olhos azuis redondos, as sobrancelhas grossas e os lábios rosados e bem cheios que a faziam parecer mais jovem do que era. E o colo generoso se derramando sobre o belo vestido floral. Anna era completamente diferente das francesas magras e de peito em pé com quem ele costumava sair. Reparou, naquele instante, que não era por ela ser menos atraente, mas porque não era arrogante, não olhava as coisas de cima. Não passava a impressão de uma beleza intocável e de um requinte natural, diferente das garotas parisienses mais comuns, e, certamente, não era requintada, isso estava claro. Mas era gostosa e sexy justamente porque, ele percebera, Anna não sabia quanto era sexy.

No instante em que chegava a essas conclusões, ela olhou para ele fixamente, declarou que não estava interessada nele e que não era para ele pensar que ia conseguir o que queria com ela.

Se alguma coisa era capaz de deixar Laurent Girard muito, muito interessado, era isso.



Olhei para o celular, surpresa. Não achei que fosse ter notícias dele de novo.

– Bom, estou ocupada. O que foi?

Laurent teve que pensar rápido. Ele não fazia ideia do motivo pelo qual estava ligando.

– Você tem visto meu pai? – perguntou depressa.

– Ahn, sim – respondi, antes de analisar se era prudente responder ou não.

Alice tinha me avisado para ficar longe da família. Mas eu tinha mesmo medo da Alice? Pensei sobre isso e me lembrei de que sim, tinha. Mas era tarde demais.

– Viu mesmo?

– Sim.

– Como ele estava?

– Sentado. Falando. Rindo.

– Comendo?

– Rá, ainda não – respondi. – Mas tenho certeza de que ele vai

pensar nisso mais cedo ou mais tarde.

– Espero que não – disse Laurent, furioso. – Eu mato Alice se ela deixar isso acontecer de novo.

Houve uma pausa.

– Você não vai visitá-lo?

Eu esperava que ele reagisse com a negativa furiosa de sempre, mas, em vez disso, ficou quieto por um tempo.

– Eu devia ir, não devia?

– SIM! – exclamei.

– E se meu pai jogar todas as mágoas em cima de mim?

– Bom, então você aguenta como um bom garoto, depois agradece mais uma vez por ele ter te dado as ferramentas para que você construísse a própria vida.

– Uma vida que ele não respeita.

– Eu sei. A diferença entre fazer chocolates artesanais de alta qualidade em uma loja e em um hotel é incrivelmente grande. Não sei como vocês dois aguentam.

– Todas as garotas inglesas são tão sarcásticas quanto você?

– Todos os homens franceses são tão bobos quanto você?

De repente a voz de Laurent mudou e ficou mais intensa.

– Você acha que eu sou bobo?

A distância, um alarme de incêndio disparou. Combinou tanto com o que acontecia em meu coração que eu quase ri. O céu estava mudando agora, tons de rosa e roxo se misturavam ao azul. As ruas estavam cada vez mais cheias de jovens animados, lambretas e bicicletas. Todos saíam para curtir a noite em busca de aventura, encontrar os amigos, conversar e rir. Era como um rio de vida cheio de cores lá embaixo, e aqui estava eu, em meu ninho alto, como um pássaro assistindo à vida dos outros passar.

– Não – respondi, baixinho.

A voz dele agora estava completamente monocórdica.

– Eu posso ir aí te mostrar como sou sério.

Não era uma provocação, uma brincadeira. Eu nunca tinha ouvido um homem ser tão direto na minha vida.

Olhei ao redor do apartamento minúsculo – só esperando que Sami entrasse com tudo, vestido como a ave de rapina que ia personificar naquela noite – cheio de luz e música. Ele estava vivendo a vida. Claire também, com seu esquema ridículo. Eu tinha 30 anos, estava no coração de Paris e um homem muito atraente tinha acabado de me

fazer uma oferta muito atraente.

Será que eu conseguiria enrolar, flertar com Laurent, ganhar tempo? Eu poderia. Imaginava que ele perderia o interesse bem rápido. Mas, na verdade, será que isso era tão importante assim, considerando que cada segundo desde que eu chegara tinha enchido minha vida com novas experiências e expectativas que eu nunca havia imaginado? Mordi o lábio. Então parei de me preocupar.

– Quando? – perguntei, e também não havia vestígio de brincadeira em minha voz.



Capítulo vinte

Laurent precisava finalizar seu turno, o que me deu várias horas para andar de um lado para outro, entrando em pânico e mudando de ideia a cada dois segundos. Talvez eu devesse simplesmente sair. Aquilo era loucura. Talvez devesse desligar o celular e sair para uma caminhada ou algo do tipo, ou me esconder por algumas horas.

Mas aí ele me acharia uma idiota, uma criança. E, afinal, o que eu queria que acontecesse?

Liguei para Cath, embora ela pudesse recomendar que eu dormisse com um andarilho qualquer no parque Bois de Boulogne se fosse para que eu transasse com alguém. Ao invés disso, ela gritou animada:

– O homem faz chocolate! Meu DEUS! Você vai passar o resto da vida comendo chocolate e transando. Em Paris. Eu ODEIO minha vida. Uma velha veio ao salão hoje e pediu um permanente roxo. UM PERMANENTE ROXO.

– Bom, não é tão simples assim – falei.

– Eu que o diga! O roxo reage com o produto do permanente! Metade do cabelo caiu e ela não era exatamente a Beyoncé para começo de conversa.

– Então... – interrompi, tentando voltar ao assunto. Caminhava de um lado para outro no apartamento minúsculo, me sentindo muito ansiosa. – Você está dizendo que eu devo fazer isso?

A voz de Cath assumiu um tom mais atencioso.

– Ele é um babaca?

– Acho que não – respondi. – Laurent é um pouco... problemático.

– Ah. Porque, sabe, babacas podem ser incríveis na cama, mas problemáticos podem começar a chorar em cima de você.

– Tenho certeza que ele não vai fazer isso.

– Ele é gostoso?

– Sim – respondi, sem hesitar. – Muito francês. Mas maior.
– Hum. Ele tem, tipo, um nariz grande?
– Sim!
– Excelente. Gosto disso. – A voz dela ficou séria. – A questão, Ans, é que uma hora você vai ter que voltar à ativa, não é?
– Sim – falei, com má vontade.
– Quer dizer, você não vai ficar sem para sempre, vai?
– Acho que não.
– Dê uma chance a ele, então. Além disso, Darr andou me sondando, perguntando quando você voltaria.
– Sério? O que houve? Ele já enjoou de todas as solteiras?
– Parece que sim.
De repente, comparado a Darr, Laurent pareceu ainda mais atraente.
– Tudo bem. Vou fazer isso.
– Isso, garota! – exclamou Cath. – Guarde um gostosinho francês para mim, aliás. Já peguei todos os homens de aparência decente daqui, e todos são um lixo.



Sami foi ainda mais direto quando voltou com um baú cheio de figurinos. Ele estava mesmo dando duro, para variar.

– Bom – disse ele, suspirando. – ISSO não vai funcionar.
– O quê? – perguntei.
Eu tinha vestido blusa e saia pretas, o que não era muito sexy, na verdade, mas foi o melhor que eu pude fazer com a minha malinha. Estava nervosa demais para comprar alguma coisa. Eu provavelmente compraria a primeira coisa que visse, mesmo que fosse uma minissaia de borracha e botas de cano alto.

– Parece que você trabalha no mercado financeiro – respondeu Sami. – Não parece sedutora.
– Não sou sedutora.
Sami arqueou a sobancelha bem-feita.
– Bom, você é alguma coisa. Eu não vejo Laurent no bar Buddha há semanas.
– Será que é porque o PAI DELE ESTÁ NO HOSPITAL?
– Talvez – disse Sami.
Ele me olhou de cima a baixo, então mergulhou em seu quarto.

– Não vou usar sunga! – gritei.

– Fica quieta! – exclamou Sami, com a voz abafada. Depois de cinco minutos, ele voltou. Além de uma braçada de roupas, trazia babylliss e chapinha. – Agora, deixe *tonton* Sami trabalhar.

– Ah, não. Não me faça parecer jantar de cachorro. Se eu ficar toda pintada como uma rameira...

– Ah, garotinha inglesa assustada – rebateu Sami. – Não vou fazer nenhuma dessas coisas. Só vou garantir que você pareça e se sinta o melhor possível. Só quero que aproveite.

– Todos querem – comentei, triste. – Isso dificulta bastante as coisas.

Ele pegou uma blusa ciganinha vermelha linda.

– Da cena do ático – explicou. – Você tem um sutiã vermelho?

Eu tinha, mas não havia trazido. Nem usava fazia meses, percebi. E ele era dos bons.

– Bom, rosa serve – continuou Sami. – Na verdade, é até melhor. Mais dado. Agora, você tem PELOS?

Eu tinha depilado as pernas no banheiro, desejando que Cath estivesse lá. Ela me depilava com cera bem baratinho em casa. Além disso, depois que as depilei, percebi quanto estavam brancas. Em Kidinsborough, eu fazia bronzamento artificial, mas os franceses não pareciam fazer isso aqui, eu não vira nenhuma propaganda. De qualquer forma, todas as francesas tinham uma pele cor de oliva perfeita e não precisavam de nada. Mais uma onda de medo me atingiu. Céus. E se Laurent recuasse horrorizado com a minha brancura?

– Acho que preciso de uma bebida – falei.

– *Non* – respondeu Sami, para a minha surpresa. – Não beba. Você não vai aproveitar tanto.

– Não vou aproveitar nem um pouco se não reunir coragem.

Os olhos pretos enormes de Sami suavizaram.

– Querida. Querida. É só prazer. Felicidade. Como se fosse chocolate, sim? Ele não existe para fazer com que você se sinta culpada, triste ou envergonhada. Existe para se aproveitar. Olha só para mim. O mundo inteiro tentou fazer com que eu sentisse vergonha de quem sou. Mas não conseguiu.

Olhei para Sami. Ele usava um boá roxo brilhante no pescoço, e a habitual sombra de um azul forte nos olhos. Nunca me ocorrera antes que Sami fosse corajoso. Só achava que ele era meio doido. Mas agora

eu entendia.

– Tudo bem – falei.

Sami colocou a blusa vermelha em mim. Era encantadora. Com um jeans, para que eu não parecesse arrumada demais (e pudesse subir na scooter), a combinação era bonita, leve e despreocupada.

– Eu acrescentaria um lenço, mas... – opinou ele, e fez um beicinho.

– Lenços fazem com que eu me sinta como uma política.

– Tem razão. As inglesas não podem usar lenço. Exceto a rainha. Ela é *magnifique*.

Sami pegou uma caixa de maquiagem grande, que parecia um pouco suja, fez eu me sentar e começou a trabalhar, aplicando os produtos com uma mão e saltando a cada poucos segundos para terminar o cigarro que deixara aceso na sacada.

– Você vai me deixar com cheiro de fumaça – reclamei.

– Poucas coisas são mais atraentes para um francês. – Ele sorriu para mim.

Enfim, estava pronta, e Sami deixou que eu me olhasse no espelho. Sorri feliz e surpresa. Ele tinha domado magicamente meus cachos rebeldes, que agora formavam caracóis largos e macios, presos em uma fivela prateada antiga, e, em vez de uma bagunça nebulosa, meu cabelo exibia um estilo elegante dos anos 1920. Meu rosto estava bem simples, exceto pelos lábios, que foram pintados com o mesmo vermelho da blusa.

– Uau! É um pouco forte.

– Está incrível – disse Sami, absorto. – Ele vai querer beijá-la imediatamente.

Fiquei de pé.

– Agora – continuou Sami –, sapatos. Não sei por que você usa essas alpargatas o tempo todo. – Diante do meu silêncio, ele perguntou: – O que você tem?

– All Star.

– Hum. Continue.

– Tenho uma sapatilha.

– Vamos ver.

Levei a sapatilha para inspeção.

Era uma das coisas mais bonitas que eu tinha, e comprei logo antes do acidente. Era azul-marinho, com um lacinho de fita um pouco mais claro e um forro listrado. Não tinha nada a ver com o tipo de coisa

que se via em Kidinsborough, onde todo mundo usava salto ou tênis o tempo todo. Eu nem sabia onde ia usá-la. Seria inútil para sair para dançar ou para ir ao pub, onde ela seria destruída e todo mundo ficaria conversando dez centímetros acima da minha cabeça. Também não era muito útil para caminhar: uma chuvinha e ela ficaria arruinada. E eu tampouco podia usá-la para trabalhar ou para ir a um festival de música.

Mas a sapatilha era tão bonita e fofa! A vendedora a enfiou em um saco de pano antes de colocá-la dentro da caixa, depois embrulhou tudo em papel de seda listrado fechado com um adesivo vintage lindo. Eu levei a sapatilha para casa, a guardei no armário velho e pensei na festa imaginária em um jardim para a qual um dia seria convidada.

Então me acidentei e acabou. Nunca a usei. A sapatilha não oferecia proteção suficiente para o meu pé, e eu podia até escorregar.

Sami olhou para o par.

– Sim, esta. É fofa. Vai parecer uma estrela dos anos 1950 em Cannes.

Revirei os olhos.

– Vou lá calçá-las.

– Não pode fazer isso aqui mesmo? – perguntou Sami.

Então me ocorreu que ensaiar mostrar meu pé a um homem talvez não fosse má ideia. Suspirei, sentei e tirei a alpargata.

Sami não percebeu de início. Então seus olhos se arregalaram.

– Uau!

– Eu sei – falei. Será que algum dia eu me acostumaria com isto, a linha diagonal precisa que atravessava o lugar onde meus dedos costumavam ficar, os tocos vermelhos vivos. – Eu sei, é horrível.

– Querida... Minha garota. – Sami acariciou meu ombro.

– Laurent vai vomitar.

– Bobeira, ele mal vai notar – disse Sami, lançando mais um olhar preocupado em direção ao meu pé. – Desde que não seja um desses fetichistas. Bom, desde que não tenha fetiche por pés. Se Laurent tiver fetiche por amputação, você se deu bem... Ah, querida, não chore.

Não consegui me conter. Estava me sentindo tão nervosa e emotiva que o comentário foi o que faltava para eu desabar.

– Pare! Toda a maquiagem invisível vai escorrer e você vai chamar muito mais atenção! – argumentou Sami, enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Não sou o tipo de pessoa que chora bonito. – Tudo bem. Tudo bem. Vou preparar um martíni para você. Um bem

pequeno.

O conceito de martíni bem pequeno para Sami correspondia a uma piscina para mim, mas fiquei grata. Nós nos sentamos na sacada admirando o céu que escurecia – eu fungando –, e ele ouviu com muito carinho a história toda, balançando a cabeça nos momentos certos.

– Bom, veja bem – comentou Sami, por fim –, foi uma coisa boa porque te trouxe a Paris.

Balancei a cabeça.

– Você está me dizendo que valeu a pena ter perdido meus dedos para vir para cá?

Sami pareceu pensativo.

– Eu perdi minha família inteira – respondeu ele.

– Eles teriam muito orgulho de você – falei, com sinceridade.

Ele riu.

– Minha família teria orgulho de um contador bem-sucedido em Argel com esposas e muitos, muitos filhos e um quintal, ok? Não disso.

– Bom, eu tenho orgulho de você – afirmou, batendo minha taça na dele.

– Você não tem coragem nem de transar – brincou Sami, e bateu a taça de volta, no instante em que a campainha alta tocou.

– Ah, meu DEUS! – gritei, levantando de um salto e derramando o resto da bebida em cima de mim. Ótimo, agora ia cheirar a uma pessoa que passou a tarde no bar.

– Calce os sapatos! – berrou Sami.

– Sim, sim!

Peguei a bolsa. Não conseguia decidir se seria praticidade ou promiscuidade levar uma calça limpa e uma escova de dentes, então as escondi no compartimento inferior.

– *J'arrive!* – gritei no interfone, e fui até a porta. Virei para trás antes de sair. Vi a silhueta de Sami em pé na sacada, terminando a bebida, analisando seu domínio parisiense como se estivesse decidindo qual lugar aterrorizaria naquela noite. – Obrigada.

– *De rien* – respondeu ele, com o sorriso grande e reluzente. – Agora, divirta-se ou eu vou mesmo te apresentar a um cara que tem fetiche por amputação.

– Estou indo, estou indo!



Vi a porta do apartamento do primeiro andar se abrir. Era a velha que tinha ficado irritada quando toquei sua campainha por engano. Será que ela nunca saía?

– *Bonsoir* – falei, corajosa, tentando reunir uma confiança que não sentia, mas não houve resposta e a porta se fechou no escuro, o que me desanimou. Afastei esse sentimento e saí para a rua.

Laurent estava parado ali com uma camisa amarela macia e gasta, que era casual mas parecia cara, e uma calça jeans. Ele não sorriu ao me ver, mas me analisou, como se estivesse me vendo pela primeira vez. Tentei não corar sob seu olhar.

– Você está bonita – elogiou Laurent.

– Obrigada – respondi.

Desejei que ele estivesse tão nervoso quanto eu, mas Laurent não parecia nada nervoso.

– Está com fome?

Eu não estava. Eu preferiria encher a cara logo, mas isso não ajudaria. Isso não era como cair de boca no Dave Hempson no Ford Sierra da mãe dele.

Fiz que não com a cabeça.

– Então o que acha de uma caminhada? Passei o dia todo debruçado sobre o fogão.



Eu não precisava ter me preocupado com a sapatilha. Era leve, mas encaixava perfeitamente, mesmo na ponta do pé esquerdo, e me senti caminhando nas nuvens. Atravessamos a Pont Neuf e fomos em direção ao Louvre. Enquanto caminhávamos, as lâmpadas dos postes antigos de ferro se acenderam – pop-pop-pop – sobre nossa cabeça, e os fios compridos das luzinhas que acompanhavam o Sena ganharam vida, brilhando sob o crepúsculo.

– Amo essa hora da noite – confessou Laurent. – Todos os trabalhadores já foram para casa e todos os turistas já desapareceram no... bom, aonde quer que os turistas vão, não faço ideia.

Era verdade. Sobre o cheiro de escapamentos, vasos de plantas e alho refogado em frigideiras de milhares de restaurantes havia um quê de entusiasmo, da noite começando. Falando sobre comida, restaurantes e coisas do tipo, perdi o equilíbrio e quase tropecei. Laurent ofereceu o braço sem nem pensar, e eu aceitei. Passamos sob

um arco de pedra enorme, e não pude deixar de suspirar. Embora soubesse de sua existência, e já tivesse visto em filmes, é claro, nunca estivera ali antes: estávamos na Place du Louvre. A pirâmide de vidro enorme – com outra um pouquinho mais distante – estava acesa e tinha um brilho branco e prateado, como se tivesse chegado flutuando ao século XVIII vinda do espaço sideral.

– Não é lindo? – disse Laurent.

Àquela hora da noite, o museu já estava fechado, e havia apenas algumas pessoas aqui e ali, tirando fotos das fontes e da construção surpreendente. O espaço enorme parecia pertencer a nós dois. No céu, as estrelas começavam a surgir.

– Me deixa tão orgulhoso, tudo isso.

– Então você é mesmo do tipo de pessoa que se orgulha, não é? – perguntei, provocando-o.

Ele deu de ombros.

– Não.

– Bom, que tipo de pessoa você é?

– Sou dedicado, você sabe. Eu me importo muito com meu trabalho. Sim, dele eu tenho orgulho. Quero que seja o melhor, o melhor que puder ser. Do contrário, qual é o sentido, entende?

Assenti.

– Você também sente isso?

Pensei na questão. Desde que tinha chegado a Paris, passei a entender o desejo pela excelência, por uma vida que não se contenta com o bom, com o suficiente. Mas também vi o preço disso – pai e filho sem se falar, Thierry doente, Alice amarga e implacável.

– Eu só quero ser feliz – respondi, tranquilamente.

Às vezes parecia uma aspiração de pouca importância. Laurent me olhou de esguelha.

– E você é?

Olhei para ele, pensativa. Então me virei e admirei a vista gloriosa que se estendia diante de nós. Avancei em direção à pirâmide com os braços abertos.

– Acho que é possível ser feliz em Paris.

– Cuidado! – gritou Laurent de repente. – Você vai disparar os alarmes! Vão pensar que está aqui para roubar a *Mona Lisa*.

– Sério? – falei, recuando de um salto, quase em pânico.

– Hum, não. Mas gosto de ver você assustada. – Quando eu me virei em direção a ele, Laurent acrescentou: – Sua boca forma um O grande

e seus olhos se arregalam. Gosto disso. Eu...

Então, como se tivesse perdido o fio da meada, ele andou os poucos passos até onde eu estava, me segurou em seus braços e me beijou intensamente sob os refletores. Senti a lanterna de um segurança nos iluminar antes de me entregar por completo à boca firme e faminta de Laurent, sua mão em minha nuca me aproximando, e simplesmente parei de pensar.



Claire pensou no que levar. Era verão, é claro, mas ultimamente sentia frio, sempre sentia muito frio. Como uma criança que precisava de seu cobertor aonde quer que fosse. Ricky e Ian não queriam ajudá-la – estavam irritados com a situação – e Montserrat também não estava muito animada com o plano. Anna tinha enviado alguns horários de trem por e-mail, mas não mencionara quando voltaria para buscá-la. Ela estava trabalhando, é claro. Seria pedir demais.

Sim, Claire estava pedindo demais. E era uma velha teimosa e egoísta. Mas mesmo assim.

Subiu as escadas com cuidado e abriu a porta do armário. Era tarde, ela não conseguia dormir. Nunca conseguia dormir na hora certa. Durante o dia, cochilava pela casa toda, mas as noites eram muito longas. Tinha tomado os analgésicos, que costumavam nocauteá-la, mas, nessa noite, se sentia levemente animada, mais ágil do que vinha se sentindo havia algum tempo. Pensou consigo mesma que a perspectiva da viagem é que poderia estar lhe dando a energia extra, a força extra. Essa sensação a motivava. Não havia ninguém dormindo ali naquela noite, como faziam durante a quimioterapia. Essa noite era só dela. Devia estar se recuperando, se preparando para mais uma cirurgia. Em vez disso, estava fazendo as malas para uma viagem. A ideia a fez estremecer de ansiedade.

A doença fazia a pessoa envelhecer muito. A mãe de Patsy era mais velha do que Claire, uma mulher saltitante de 62 anos. Tinha aplicado botox, feito clareamento nos dentes, fazia hidroginástica e cuidava das crianças dois dias por semana, quando Patsy trabalhava como gerente de RH para o sistema prisional. Ela era, na verdade, o tipo de avó que Claire gostaria de ter sido, mas em vez de parquinhos, cinema e doces, Claire gostava de pensar que seria a avó das galerias de arte, da cultura, das histórias, das bibliotecas e dos restaurantes. Conversaria

com as crianças sobre política e o lugar delas no mundo e nunca as deixaria pensar que Kidinsborough era o limite de seus horizontes. A mãe de Patsy achava que Claire era uma grande esnobe. Claire imaginava que talvez fosse mesmo.

Ali estavam eles, um atrás do outro. O listrado creme e o floral verde, os dois desbotados e fechados em sacos plásticos. Se tivesse uma filha, ela teria gostado dessas roupas? Claire se perguntou. Tão bem-feitas... – e o vintage andava na moda. Embora, de repente pensou consigo mesma, tivesse perdido tanto peso por causa da doença que talvez ela própria coubesse neles. A ideia a deixou com vontade de rir pela morbidez. Corcunda, curvada, nas roupas de uma adolescente... Claire piscou, agora menos certa de que queria mesmo fazer as malas. Ao lado dos vestidos de Paris estava seu vestido de noiva. Nunca conseguira se desfazer dele. Olhar para ele neste momento lhe dava uma sensação de culpa terrível, ao lembrar quão impaciente tinha sido com a costureira de Kidinsborough, que fazia um rebuliço em volta dela, a espetava com alfinetes e nem chegava aos pés das costureiras eficientes de madame Lagarde.



Claire deixara que a mãe escolhesse o vestido. Era ridiculamente espalhafatoso, com cauda de náilon, mangas compridas e gola alta de babados, para não ofender alguns dos antigos paroquianos do reverendo.

Ela gostava de Richard, de verdade. Ele era gentil, vinha da universidade de carro na sexta à noite, impressionava sua mãe, era educado com seu pai e o chamava de senhor. Quando saíam para jantar, ele contava a Claire seus planos de abrir um negócio e a incentivava a se dedicar mais aos estudos. Ela se dedicava, ia concluir o magistério. Richard estava muito satisfeito e interessado em Claire e, depois de três anos, perguntou, nervoso, se ela gostaria de se casar com ele. Claire estava tão ocupada fazendo tudo parecer normal à sua volta e se esquecendo de Paris que acordou um dia e viu que tinha funcionado: que a grande fenda tinha enfim se fechado e que, na verdade, se casar com Richard, ter uma casa bonita, uma vida boa e talvez sair de Kidinsborough poderia ser bem divertido.

E o mais estranho era que, a princípio, foi. Foi divertido. Quando os garotos eram pequenos, Richard e Claire abarrotavam o carro e iam até Cornwall ou Devon e passavam as férias se abrigando da chuva e comendo

batatas fritas à beira-mar. Depois se mudaram para uma casa bonita – Richard acabou abrindo um negócio na cidade, então o sonho dela de sair de Kidinsborough não se realizou –, e os garotos faziam aulas de música, escolinha de futebol, tinham amigos, festas de aniversário e tudo era tão bom quanto poderia ser. E ela se perguntou “É isso? É isso mesmo?”. Bom, muitas pessoas se sentiam assim, ainda mais mulheres com filhos no fim dos anos 1970, e professores no início dos anos 1980, então atribuiu o pensamento ao tédio natural.

Quando os garotos foram para a universidade, Richard teve um caso com uma jovem do escritório, e a culpa o atormentou tanto que Claire não conseguiu acreditar nem por um segundo que ele tivesse desfrutado o suficiente da situação para fazer valer o incômodo. Richard estava tremendo e encharcado de suor na noite em que chegou em casa e confessou a traição. Claire estava fazendo salada de carne curada com molho. Ela odiava carne curada, foi o que lhe ocorreu. Os garotos gostavam, então Claire serviu o prato toda terceira quinta do mês por cerca de vinte anos. A lembrança avassaladora da noite em que Richard soluçou e implorou por perdão provocava uma sensação curiosa de alívio por ser a desculpa ideal para nunca mais ter que comer carne curada outra vez.

Foi quando ele olhou para ela, desesperado por seu perdão, por consertar tudo ou mesmo desejando que Claire começasse a rasgar suas roupas em um ataque de ciúme mortal, atacando-as com a tesoura, que Richard percebeu. Ele foi percebendo aos poucos que, no fim das contas, a traição não tinha importado tanto assim para Claire, porque ela não o amava, não de verdade. Nunca tinha amado. E foi aí que Richard ficou com muita raiva.



Claire passou os dedos pelo vestido. Ela *tinha* amado Richard, à sua maneira, o máximo que podia. Mas isso não bastava, não em um casamento. Porém, considerava-se sortuda. Ele fora minuciosamente justo no acordo do divórcio, sempre mantendo o amor e a atenção com os filhos. Muitas de suas amigas não tiveram a mesma sorte. Muitas delas, que tinham se casado em pleno calor do amor desesperado e eterno, almas gêmeas, depois vieram a odiar os parceiros e se tornaram amargas, vivendo em uma infelicidade muito pior do que a vivenciada por ela e Richard. Não havia nada que garantisse que ela e Thierry, com todas as diferenças de classe e

cultura, não acabassem destruindo um ao outro em desespero, arruinando os filhos no processo, considerando que Ricky e Ian eram tão bem-ajustados quanto podiam ser. Do jeito que o mundo estava agora, quem poderia afirmar que o companheirismo compatível e equilibrado não era o modo ideal de manter um casamento?

Ainda assim, tocou o vestido com tristeza. Ah, nunca houve uma explicação para o coração humano... E qualquer pessoa que olhasse para Claire agora nunca veria outra coisa além da cabeça careca, da falta de sobrancelhas e da perda de peso. Não veria mais a noiva hesitante, a amante adolescente explodindo de felicidade, a dona de casa insatisfeita ou a mulher de meia-idade que gostava de morar sozinha, sem cuecas para lavar nem grandes jantares para fazer.

Era um vestido horrível. Uma filha nunca desejaria usá-lo. Claire suspirou. Talvez devesse partir para a gaveta de lenços. As amigas tinham lhe dado inúmeros lenços alegres para cobrir a careca. Ela odiava todos. Odiava ter que fingir ser alegre quando tudo o que queria fazer era vomitar. Mas era muito gentil da parte delas. Demonstrava que estavam pensando nela. E as pessoas gostavam que os doentes fossem alegres, isso fazia com que elas se sentissem menos assustadas e constrangidas. Então era melhor colocar alguns na mala.

Sentiu, pela última vez, a bainha do vestido verde com suas margaridas minúsculas. *Alors*, pensou. Sempre que pensava em Thierry, era em francês, como se adicionasse uma camada de decodificação a seus segredos mais íntimos. Era absurdo pensar que, em algum nível, estava tentando esconder os pensamentos. De quem? Do pai? Mas o reverendo nunca falou nenhuma outra língua.

Alors. Thierry ficaria chocado quando a visse. No entanto, pelo que parecia, ele também tinha mudado bastante. E isso importava, no fim das contas?



Nós nos afastamos. Laurent sorriu para mim, completamente entregue. Não pude me conter, havia algo muito atraente no fato de ele não se importar nem um pouco com o que estávamos fazendo ou se alguém nos veria. Isso também fazia com que parecesse voraz.

– Venha comigo – disse ele.

Eu sorri. Parecia um pouco tarde para bancar a difícil, agora que eu estava com o sutiã rosa e tudo. Mas meu coração batia com força, um

misto de excitação e nervosismo.

– Eu não devia – falei. – Você está me transformando em uma agente dupla.

Laurent riu.

– Eu preciso de uma agente dupla. Não. Esqueça isso. Preciso de você. – Então pegou minha mão na dele, enorme. Era difícil acreditar que aqueles dedos grossos pudessem fazer coisas tão delicadas de açúcar, cacau e manteiga. – Vamos ver quem chega primeiro na moto.

Era tarde agora, e as ruas ao redor da Île de la Cité estavam quase desertas, com as multidões comendo no bairro de Marais ou mais ao norte.

– Não posso correr – expliquei.

Na verdade, não tinha tentado.

– É claro que pode – rebateu Laurent, olhando para mim com seriedade. – Talvez você bambeie um pouco, mas eu gosto disso.

Fiz uma careta para ele mostrando a língua.

– Em suas marcas... Preparar... – continuou ele.

– Não!

– Já!

Disparamos pela grande Place du Louvre, minhas solas finas esmagando o cascalho. Fazia muito tempo. O vento suave da noite soprava em meu rosto, meu cabelo voava atrás de mim. Laurent era muito rápido para um homem tão grande, e parecia muito jovem, virando a cabeça para trás de vez em quando para rir na minha direção, o vento fazendo os cachos baterem em seus olhos.

– *J'ARRIVE!* – gritei, redobrando os esforços.

Embora estivesse sem ar, correr, correr de verdade, no limite de minhas capacidades, de repente pareceu muito libertador. Eu não tinha percebido que sentia tanta falta disso nem me lembrava de já ter corrido assim. Tinha arquivado a corrida junto com as sandálias e a minha juventude. Mas agora eu erguia as mãos para o ar em sinal de pura alegria.

Quando chegamos à lateral da ponte, tentei saltar um degrau difícil. Eu me lancei no ar e de repente percebi, em um piscar de olhos, que não ia conseguir. Meus dedos não conseguiam se movimentar da forma adequada e eu não tinha estabilidade daquele lado. Caí nas escadas com tudo, o lado esquerdo primeiro, minhas pernas se dobrando sob meu corpo, batendo a lateral do pé esquerdo e a ponta onde antes ficavam meus dedos bem forte contra a pedra

dura.

Eu me contorci, e as lágrimas encheram meus olhos, embora contra a minha vontade. A dor foi um inferno absoluto.

Laurent virou para trás imediatamente, o rosto cheio de preocupação. Correu para me ajudar, ao mesmo tempo que outra pessoa que estava passando parava para ver se eu estava bem.

Pisquei com força, tentando respirar direito e não cair no choro como um bebê.

– *Merde!* – exclamei. – Isso doeu demais.

Laurent se agachou aos meus pés e, naquele instante, percebi que é claro que, com a força do impacto, meu lindo sapato tinha caído e estava a meio metro de mim, salpicado de sangue.

– *MON DIEU!* – gritou ele.

Coloquei a mão sobre a boca.

Ah, Deus, Laurent achou que a queda tinha, de alguma forma, arrancado meus dedos. Olhei para baixo e não era uma visão bonita. Meu pé estava todo ralado por causa das pedras.

– Não, não, está tudo bem – sussurrei, me sentindo a maior aberração do mundo.

Comecei a tentar levantar sozinha, Laurent estava meio em choque. Então ele se lembrou de sua educação e deu um passo à frente, mas seu toque pareceu hesitante quando pegou meu braço.

– É... É que... Eu sofri um acidente – continuei, com o rosto muito vermelho.

Queria que o chão me engolisse. Tudo o que eu temia, tudo o que me preocupava em ser uma aberração, impossível de despertar o interesse de alguém, parecia estar se tornando realidade.

– É claro – disse Laurent.

E, antes que pudesse se conter, seus olhos percorreram meu corpo de cima a baixo, como se calculassem que outras partes de mim poderiam estar faltando. Era como um tapa na cara.

– Eu... eu perdi os dedos – acrescentei.

A cor voltou um pouco para as bochechas dele.

– Desculpe, eu só fiquei um pouco chocado.

– Sim, eu sei. É estranho – murmurei.

Era tão ruim quanto eu pensei que seria.

– Não, não, é... está tudo bem.

Mas não estava. De repente senti com muita clareza que não me sentia confortável, que eu não podia ser o tipo de garota europeia

despreocupada que tentava ser. Eu tinha voltado à Terra em um tombo, literalmente.

Por fim, Laurent sorriu para mim, nervoso.

– Ahn, quer ir até a minha casa e me contar tudo?

Mas o beijo extraordinário de tirar o fôlego de minutos antes tinha evaporado. Agora ele parecia constrangido, e eu estava coberta de sangue e precisava me limpar. Eu me sentia um pouco tonta, e Laurent percebeu.

– Você está bem? Posso ajudar?

Ele colocou o braço sobre meus ombros.

– Pode só me levar para casa? – pedi, me encostando em seu grande tórax consolador. – Vou ficar bem, eu só... preciso trabalhar amanhã.

– Vamos, então – disse Laurent, me oferecendo apoio. – Você não pode ir pulando até lá.

Em parte, eu estava morrendo de medo que ele fosse se oferecer para me levar no colo, mas só ficamos apoiados como dois bêbados, e falamos amenidades como duas pessoas que tinham acabado de se beijar, mas como se outro beijo, por algum motivo (por exemplo, falta de dedos), estivesse fora de cogitação. Laurent não me perguntou como tinha acontecido, o que foi ótimo.

À porta do meu prédio, tentei me livrar dele o mais rápido possível.

– Posso ajudá-la a subir as escadas? – perguntou Laurent, galante.

– Não, não, estou bem. Foi ótimo ver você – falei, de repente parecendo ter saído de *Downton Abbey*.

Ele ficou surpreso. Depois, como quem tinha acabado de tomar uma decisão, se aproximou e me beijou muito suavemente nos lábios.

– Talvez qualquer hora você possa me contar o que aconteceu – sugeriu Laurent.

Então, sem dizer mais nada, ele se virou e se afastou, desaparecendo na noite. Fiquei ouvindo até a scooter acelerar com seu ruído habitual, e entrei, por fim deixando as lágrimas caírem.

Nem me incomodei em acender as luzes enquanto mancava até o sexto andar, soluçando alto, sem me importar se alguém ia ouvir. A certa altura, pensei ter ouvido uma porta se abrir, mas não me virei para ver.

Sami estava se analisando no espelho. Imaginei que não tivesse feito mais nada desde que eu tinha saído.

– *CHÉRIE!* – gritou ele ao me ver. – *Chérie...* – Então notou a minha

cara arrasada, as lágrimas estragando a maquiagem lindamente aplicada horas antes. – O que aconteceu?

– Laurent viu meu pé e entrou em choque. Não posso nem dizer que o culpo.

– Você não avisou?

– Avisar o quê? Que sou deformada?

– Sim!

– Não, não tive oportunidade. Eu caí e meu sapato saiu.

Sami bateu na testa com a palma da mão, depois desapareceu na cozinha, reaparecendo logo em seguida com uma bacia de água morna, um pano macio e uma taça cheia de um líquido transparente com três azeitonas.

– *Dirty martíni* – afirmou ele. – É o único jeito.

Enquanto Sami mergulhava meu pé na bacia com delicadeza, bebi um gole da taça e quase me engasguei. Levou uns cinco segundos para chegar à minha corrente sanguínea.

– Meu Deus, como isso ajuda – falei, sentindo o calor se espalhar pelo corpo. – É como remédio.

– E é. Eu sou médico.

Forcei um sorriso, depois caí no choro de novo.

– Ninguém nunca vai me querer com esse pé – choraminguei.

– Não seja boba! Você quase pegou um cara muito gato. Todas as garotas amam Laurent. Ele tem um ar de mistério.

Bufei.

– Não tem nada de misterioso nele. Laurent só é meio mal-humorado. Bom, às vezes. Então ele se anima e, bem, ele é muito interessante.

Sami suspirou.

– Sim. Será que o seu descaso faz com que Laurent goste de você?

– Não. Ele não gosta de mim – respondi, triste. – Por que não podem todos gostar de mim e eu só escolher os que eu quero?

– Ah, sim. As grandes beldades têm vidas muito felizes. Enfim, você está arrumada. Venha comigo.

– Aonde você vai?

– Você vai gostar. É um ensaio.

– É disso que preciso. Um ensaio. Não, espere... – falei, a bebida fazendo efeito. – Era para Laurent ser meu ensaio, para que eu então pudesse ir atrás de algo real. E eu estraguei tudo.

– Não importa.

Sami se olhou mais uma vez no espelho, satisfeito, e vestiu um colete prata e um lenço rosa para combinar com a calça muito justa.

– Ah, céus! – exclamei.

– Querida, como se alguém fosse pensar que você está comigo.



Eu o segui pela rua e ele desapareceu no mesmo instante – eu achava que ninguém em Paris realmente caminhava pela rua; para mim era como se houvesse ruas para os turistas e atalhos para os demais – atrás do nosso prédio, onde fiquei surpresa ao ver um jardim coberto de vegetação, depois atravessou uma avenida principal até a Pont Saint-Michel. Entramos em um prédio grande que parecia algum tipo de estação de rádio e descemos alguns degraus. Chegamos por uma porta lateral, onde um funcionário tirou os olhos preguiçosamente do *France Soir* e sinalizou que podíamos seguir. Adentramos o que claramente era um espaço de teatro e gravação. Tinha poltronas de veludo vermelho, paredes grossas, carpete macio e um palco enorme levemente iluminado. Havia seis ou sete pessoas à frente do palco, duas delas fumando. Uma levantou o braço para Sami, que acenou de volta de forma enérgica.

– Anna está sem sorte no amor – anunciou Sami ao grupo, que emitiu sons empáticos e se levantou para que nós nos sentássemos no meio.

No palco, um homem de aparência ansiosa com cabelo grisalho comprido e uma bengala falava em um walkie-talkie. Então ele deu duas batidinhas rápidas com a bengala no chão, se virou e gritou para alguém em uma caixa escura sobre nossa cabeça. No mesmo instante, uma valsa exuberante começou a soar de um sistema de som enorme. Surpresa, tive um sobressalto na poltrona. As luzes mudaram no palco e de repente era como se fosse iluminado por milhões de velas bruxuleantes. Figuras começaram a aparecer das coxias; homens da esquerda, mulheres da direita. Os homens vestiam paletós desabotoados, as mulheres usavam crinolinas amplas e tinham o rosto pálido. Pareciam ter vindo de outra era. Com perfeição absoluta a meus olhos, os dois grupos se uniram, as mulheres deslizaram para os braços dos homens e eles começaram a dançar. Era de uma beleza sublime estar tão perto deles, enquanto giravam e flutuavam pelo chão com a música, as saias farfalhando quando os homens

levantavam aquelas mulheres minúsculas no ar como se fossem penas. A música mudou e ficou mais lenta, mas os bailarinos, ao contrário, aceleraram, girando cada vez mais rápido. Parecia incrível que nenhum dos casais se esbarrasse ao se deslocar pelo palco, e eu fiquei fascinada.

– *NON NON NON NON NON!* – O homem de cabelo grisalho bateu a bengala no chão mais uma vez. – Está terrível! Façam de novo, mas certo.

A música parou e os bailarinos ficaram em fila. Ainda pareciam etéreos para mim, como algo saído de um sonho.

– Estánojento, estão ouvindo? Como dezesseis vacas pisando o prado.

– Eles são incríveis – sussurrei para Sami, que assentiu.

– São do Ballet Nationale de Paris, então passaram o dia ensaiando para outro espetáculo. Agora estão cansados. Mas, sabe como é. Eles precisam comer. Essa vai ser a cena do baile de *La Bohème*.

– Bailarinos não são bem pagos? – perguntei, realmente surpresa.

Quando a música começou e eles voltaram a deslizar no palco, não pude deixar de apreciar cada graciosa extensão de braço, cada perna rotacionada com perfeição. Já tinha visto bailarinos em pantomimas, mas nunca nada assim, tão primoroso. As garotas eram minúsculas, como passarinhos frágeis, os ossos delicados eram visíveis a ponto de eu ficar preocupada. Eu me perguntei, enquanto elas subiam na ponta dos pés, se não ter dedos poderia me oferecer alguma vantagem.

Enquanto os observava dançar repetidas vezes, totalmente hipnotizada, comecei a notar aos poucos as minúsculas diferenças em ritmo que talvez fizessem com que parecessem menos que perfeitos e resultassem nos gritos indignados do professor. No entanto, como recrutas acovardados, eles nunca respondiam ou faziam outra coisa além de seguir as ordens humildemente. Por fim, a música tocou uma última vez, e até o porteiro que tinha nos deixado entrar e agora estava varrendo o fundo da plateia parou para assisti-los rodopiar, flutuar, voar em um movimento gloriosamente sincronizado, como se eles não fossem dezesseis pessoas distintas, mas um único círculo giratório, com partes componentes. De repente me dei conta de que também pareceria perfeito visto de cima.

Todos sentiram. Havia harmonia e alegria no ar enquanto eles dançavam e giravam cada vez mais rápido e a música ficava cada vez

mais lenta, até as saias brancas e largas virarem quase um borrão, e os homens levantarem as mulheres no ar e as passarem de um para outro até não conseguirmos mais distingui-los. Era arrebatador. O homem de cabelo grisalho deixou que continuassem até o final, e eles terminaram com perfeição, quase silenciosamente, e no segundo seguinte desapareceram do palco tão rápido que pareceu um truque.

Embora fôssemos apenas oito, aplaudimos entusiasmados. Os bailarinos voltaram ao palco, rosados, satisfeitos, e também aplaudiram uns aos outros. Sami estava certo: era exatamente o que eu precisava para tirar o episódio com Laurent da cabeça.

– Muito bem! Jantar! – gritou Sami, começando a reunir todo mundo. – Vamos ao Criterion. Eles não vão se importar.

Olhei para o relógio. Era quase meia-noite e eu tinha um dia cheio pela frente.

– Não vou me juntar a vocês – falei.

De repente fiquei distraída ao ver uma das bailarinas tirar a sapatilha. Havia sangue em seus dedos. Ela era maravilhosa, mas seu pé um horror, coberto de caroços esquisitos, calos, joanetes e com os dedos todos deformados e amontoados. Não consegui tirar os olhos deles até notar que ela percebera que eu estava encarando, e então desviei o olhar.

– Eu sei – comentou ela, sorrindo. – São um horror, *non?*

– Os meus também – respondi, de repente me sentindo um pouco animada por ter algo em comum com aquele grupo extraordinário de alguma forma. – Olhe.

Mostrei meu pé. Ainda havia sangue na minha sapatilha.

– Meu Deus! – exclamou a garota. – Bom, quem é que quer usar saltos, não é?

Sorri para ela, que retribuiu. Ela devia ter cerca de um metro e meio de altura.

– Isso aí – falei.

Fui até Sami para lhe dar um beijo de boa-noite e agradecer.

Ele me beijou de volta na bochecha.

– Não se preocupe, *chérie*. Vai ficar tudo bem.

– Obrigada – falei.



Capítulo vinte e um

Nas semanas seguintes, as filas da loja definitivamente diminuíram um pouco. Entrei em pânico. Frédéric tentou me convencer de que isso era normal em agosto, que Paris esvaziava e a maioria das lojas fechava. De fato, nós também fecharíamos durante duas semanas no fim do mês. Não tinha ideia do que faria. Imaginei que devesse ir para casa, visitar meus pais. Ou talvez convidá-los para vir a Paris, embora eles tivessem que reservar um hotel e a coisa toda talvez deixasse minha mãe muito ansiosa. Se conseguisse falar com Thierry, que estava preso em uma cama de hospital pelo que eu achava ser tempo demais – os franceses, ao que parecia, faziam as coisas de um jeito bem diferente –, eu então poderia definir a data exata para a chegada de Claire. Eu achava que quanto antes melhor, embora soubesse que os períodos de humor de Claire oscilavam muito. Era difícil cronometrá-los com exatidão.

Liguei para ela tarde da noite.

– Alô?

– Anna!

Tentei avaliar o tom de sua voz. Parecia um pouco mais ofegante, mas não muito.

– Você estava correndo?

– Rá, sim, muito engraçada. Como anda seu sotaque?

Sorri em segredo para mim mesma. Na verdade, as pessoas quase tinham parado de falar comigo em inglês, como faziam no início – todos os parisienses pareciam falar inglês perfeitamente e tinham muito prazer em demonstrar, desrespeitando por completo o francês dos outros no processo. Mas nas últimas semanas, como eu vinha passando cada vez mais tempo na parte da frente da loja, isso tinha começado a mudar. Eu nunca seria como Alice, que quase passava por

francesa. Tudo em mim, do cabelo ao sapato, gritava de onde eu era. Mas as pessoas não mudavam mais para o inglês assim que me viam e até esqueciam de diminuir a velocidade quando estavam falando comigo. Eu considerava isso o maior dos elogios (embora, como consequência, eu tivesse que pedir que repetissem o tempo todo).

– *Super bien merci, madame* – respondi, atrevida.

Quase consegui ouvi-la rindo do outro lado da linha.

– Eu escrevi para Thierry – anunciou Claire. – Avisei que estou indo para aí. Com você, é claro. No dia 30 de agosto. Como a loja vai estar fechada espero que não seja um problema para você.

– Perfeito – falei.

Thierry já deveria estar de pé até lá.

– Será que ele... Bom, eu gostaria que ele me encontrasse em Calais.

Pensei comigo mesma que Alice ia preferir que Thierry escalasse o Monte Everest sem oxigênio, mas não disse isso.

– Tudo bem – comecei, com cautela. – Quer dizer, ele passou por uma cirurgia séria. É... só me preocupo um pouco com você, as malas e tudo mais... bem, tenho certeza de que consigo te ajudar, mas não sei se Thierry conseguiria ir a Calais.

Claire bufou.

– Rá! Ninguém quer que eu vá. Nem uma só pessoa. Todo mundo acha que você está tentando me matar.

– Eu quero que você venha! Estou indo buscá-la! Reservei as passagens. Mas não sei se consigo fazer um milagre.

Eu me perguntei por um instante se todo mundo não estaria certo, então afastei esse pensamento da mente. Se *eu* ficasse muito doente... Bem, acho que todos ficaremos algum dia, não tem como fugir disso. Mas se eu ficasse muito, muito doente, e houvesse algo que eu quisesse muito, muito fazer, eu gostaria bastante que alguém me ajudasse, mesmo que todos achassem que era uma ideia idiota. Se quer saber o que eu acho, a ideia idiota era o câncer. Era uma ideia muito idiota, mas não era minha culpa.

Claire se acalmou no mesmo instante.

– Sinto muito – disse ela. – Só estou ficando agitada. Não se preocupe. Eu deixei... Bom, se alguma coisa acontecer, você não vai ter responsabilidade nenhuma.

– Ah, tudo bem – falei, sem ter certeza de como me sentia a esse respeito.

Laurent não tinha entrado em contato o dia todo, o que me deixou um pouco irritada, mas depois feliz por não ter passado a noite com ele, uma vez que provavelmente daria no mesmo e, independentemente do espírito libertário de Sami, isso teria me deixado infeliz.

Como Alice também tinha mandado que eu me afastasse, era muito difícil descobrir como Thierry estava e quanto ele sabia sobre o plano de Claire. Alice aparecia na loja de vez em quando e resmungava irritada ao verificar o caixa, mas, para minha frustração, mantinha a boca fechada sobre o progresso de Thierry. Tudo o que eu sabia era que ele ainda devia estar no hospital, porque, como Frédéric sugeriu, se tivessem deixado que Thierry saísse por um segundo que fosse, ele teria voltado à loja antes mesmo que tirassem o intravenoso.



Capítulo vinte e dois

Claire estava pronta. Prontíssima. Tudo na casa se encontrava imaculadamente organizado. O oncologista tinha ficado irritado a princípio – como todos os médicos, Claire supunha, ele gostava de gratidão e obediência irracionais. Bem, como todas as pessoas. Mas foi se acostumando aos poucos com a ideia, adiou a próxima rodada de quimioterapia e prescreveu vários analgésicos fortes de emergência só para garantir. Alertou-a várias vezes de que ela não estaria segura na França, que o cartão do seguro-saúde não a ajudaria com a condição preexistente e que Claire podia ter problemas graves, mas ela claramente não estava se importando. Então, no fim, ele sorriu e desejou tudo de bom e lembrou o tempo em que era um jovem estudante de medicina e entrou escondido na Folies Bergère e passou a melhor noite de sua vida. Claire sorriu de volta. Paris comovia muitas pessoas.

Sua mala estava pronta. Os dois filhos tinham vindo, soltado longos suspiros, reclamado e implorado que Claire mudasse de ideia, mas é claro que não adiantou. Fazia mais de um ano que ela não ficava com as bochechas tão coradas.



Pegar o trem de volta para o Reino Unido foi uma revelação. Não conseguia acreditar em quanto me sentia nervosa e ansiosa quando estava a caminho de Paris. Em como ainda me sentia doente, de corpo e mente. Como estava convencida de que seria um desastre e eu seria expulsa por ser uma fraude, ou ficaria sentada no quarto alugado durante três meses sem falar com ninguém porque todos seriam muito

grosseiros comigo e eu não conseguiria falar o idioma.

Antes de entrar no trem, se eu tivesse feito um balanço sobre a minha passagem por Paris, concluiria que tinha acontecido mais coisas ruins do que boas. A doença de Thierry, o flerte com Laurent que não deu em nada, meu aprendizado lento demais para fazer um ou dois tipos de chocolate que só agora eu estava começando a apreciar de verdade.

Mas no trem, ao sentir o aroma falso horroroso da máquina de chocolate quente – que nunca tinha me incomodado antes – e observar as garotas britânicas embarcando com o cabelo pintado de loiro e as roupas chamativas, com os peitos fartos, sorrisos prontos e pequenas garrafas de gim e tônica nas mãos, percebi que eu tinha mudado. Eu me sentia mais confortável, mais confiante – considerando não só o tempo desde o acidente, mas talvez a vida toda. Tudo bem, eu não tinha exatamente arrasado em Paris, mas fizera amigos, mantivera meu trabalho e comera coisas incríveis... acariciara um vestido simples cinza-claro da Galeries Lafayette, para o qual eu nem teria olhado três meses antes, mas agora achava que caía muito bem em mim. Ouvi os avisos de segurança, me sentindo bastante à vontade com ambas as línguas, peguei minha revista, recostei a cabeça para trás e percebi que estava muito feliz por voltar para casa, mas também que adoraria retornar a Paris.



Não liguei para Laurent por vários motivos, o principal era o fato de eu ser uma baita covarde louca que odiava olhar as coisas de frente, mas mandei um e-mail, avisando quando chegaríamos a Paris, com todas as datas, na esperança de que Claire conseguisse ver Thierry. Fiz isso na esperança de que Laurent facilitasse a situação com Alice, mas não coloquei nesses termos.

Enfim, eu estava tirando completamente da cabeça os pensamentos bobos relacionados ao idiota do Laurent. Como se estivesse desafiando o que ele ou qualquer outro francês poderia pensar, fui direto até o carrinho de comida e pedi um pacote grande de batata chips – de queijo e cebola – e comi, direto do pacote, em público, algo que nenhum francês que tinha conhecido até então faria. Tomem, pensei.



Minha mãe caiu no choro ao me ver. O que eu sei que deveria ter me deixado feliz. É bom ser amada, é claro, sei que tenho sorte, mas, sabe como é, MÃ-ÃE. Além disso, odiava ter a impressão de que ela tinha certeza absoluta de que eu não seria capaz de sair de casa sozinha sem ser comida por crocodilos ou sequestrada por traficantes. Para ser sincera, era um pouco ofensivo ela derramar lágrimas de alívio por sua filha inútil não ter morrido ao viajar para o país estrangeiro mais próximo de Kidinsborough que existe (a não ser que consideremos Liverpool. HAHAHA, brincadeira).

Eu não disse nada disso, é claro, só enterrei minha cabeça em seu ombro, muito contente por estar em casa. Meu pai deu uns tapinhas nas minhas costas à sua maneira alegre.

– Olá, garota – cumprimentou ele.

– Oi, pai.

Me vi engasgando um pouco, o que era ridículo, pois tinha ficado fora só dois meses, mas eu não era como Jules, minha ex-colega de classe, que tinha ido para a universidade a quilômetros de distância e depois trabalhado nos Estados Unidos e viajado por toda parte. Eu não era daquele jeito. Nunca fui.

Observei Kidinsborough criticamente pela janela do carro. Mais uma loja de penhores aberta. Mais um café fechado. As pessoas pareciam andar tão devagar... Eu me perguntei, de maneira quase abstrata, se tinha me tornado uma esnobe, mas não era isso. Para quem acreditava nos jornais (que eu nem entendia mesmo), o Reino Unido ia bem e a França praticamente respirava por aparelhos, mas não dava para dizer isso ao comparar uma rua de Kidinsborough com, digamos, a rue de Rivoli.

Por outro lado, isso não era justo. Eu tinha certeza de que havia muitas antigas cidades industriais decadentes na França, entulhando a fronteira com ferrovias enferrujadas e caminhões trambolhentos. Observei uma mulher gritando com o carrinho de bebê. Vestia duas regatas, ambas sujas, nenhuma das duas chegava a cobrir toda a barriga. Ela empurrava um carrinho carregado de sacolas plásticas através das quais dava para ver claramente os sacos de batata chips.

Estremeci. Eu estava, sim, me tornando uma esnobe.



– ANNA! Por acaso você se transformou em uma esnobe completa?

Era Cath ao telefone. Eu estava muito feliz em falar com ela.

– SIM! – gritei de volta. – Não consigo evitar. Não sei o que fazer. Sou meio maldosa agora.

– Todo mundo na França é maldoso – afirmou ela, com toda a autoridade de alguém que tinha levado uma bronca de um operador da balsa em um passeio da escola à França em 1995. – Todo mundo sabe disso. Eles comem cachorros e tudo.

– Eles não comem CACHORROS – retruquei, irritada. – Onde foi que você ouviu isso?

– Bom, cachorros, cavalos ou algo do tipo.

– Hum.

– Ah. Meu. Deus. É verdade. Eles comem cavalos?

– Bom, se você come vacas, eu não vejo muita diferença...

– Meu Deus do céu, isso é nojento. Você comeu um cavalo? Ah, cara, não acredito.

Comecei a me sentir menos esnobe.

– Se arrume – acrescentou Cath. – Vamos sair.

Era bom estar em casa.



Cath entrou em meu quarto sem pedir licença, armada com secadores de cabelo e babyliiss. Ela travou assim que me viu.

– O que foi?

– Não sei – respondeu ela, mas não parecia contente. Cath tinha uma mecha vermelho-sangue reluzente no topo da cabeça que a fazia parecer uma vampira muito animada. – Você está... diferente.

– É porque não estou em uma cama vomitando sangue e chorando – anunciei.

– Não, mesmo depois que já tinha se recuperado.

– Bom, não estou sem trabalho e chorando pela manhã.

Ela balançou a cabeça.

– Nhé. É mais do que isso.

Cath abriu a mala de cabeleireira e tirou duas garrafas de vodca.

– Ahn, Cath, a gente tem 30 anos – comentei. – Você não precisa

entrar com bebida escondida. Meupai pode preparar um martíni se pedirmos com jeitinho.

– O sabor é melhor assim – retrucou ela. – Posso fumar perto da janela?

Revirei os olhos.

– Sim.

Cath ficou animada e subiu na minha cama, observando-me de perto.

– Você emagreceu – disse ela, em tom de acusação.

Na verdade, eu tinha perdido bastante peso no hospital, depois recuperei tudo ficando em casa deprimida e comendo frango extra-apimentado do KFC. As últimas semanas tinham sido tão corridas que eu nem tinha percebido que estava sem comer direito, o que, admito, não era meu habitual. Minha calça jeans de fato parecia mais solta, mas eu ainda me considerava mais gorda do que a maioria das pessoas em Paris. As mulheres eram muito magras. Talvez eu estivesse apenas me adaptando.

– Você está magrela como uma francesa – observou Cath. – Hum. Agora você fuma e não come mais nada além de pernas de sapo e cachorro o dia todo?

– É cavalo.

– Eu sabia! – As sobrancelhas dela teriam se arqueado se não tivesse aplicado aquele botox barato do qual nem precisava. – É aquele homem, não é? O que faz chocolate.

– Não – respondi. Tomei um gole da bebida azul. Sempre foi assim tão repugnante? Eu não tinha certeza. – Ele viu meu pé e surtou.

Cath largou a garrafa.

– Sério? – perguntou, baixinho.

– Tudo bem – falei, bebendo mais um gole. Não foi muito melhor que o primeiro, mas insisti. – Não importa.

– Que imbecil!

– Ah, não, não foi culpa dele, na verdade... Meu sapato caiu e Laurent achou que meus dedos também tinham caído.

Ela ficou em silêncio por um instante, então de repente nós duas caímos na gargalhada.

– Que idiota! – disse Cath, quando parou para respirar. – Ainda bem que você não tinha penteado o cabelo, senão ele teria pensado que sua cabeça estava caindo.

As bebidas azuis deviam estar fazendo efeito, porque achamos isso

muito engraçado também, e de repente percebi que, embora estivesse aprendendo muitas coisas novas e tendo outras experiências, eu não dava uma boa gargalhada havia séculos.

Fomos para a Faces e havia muita gente lá que eu não via fazia muito tempo. Todos foram muito gentis, nos pagaram bebidas e parabenizaram Cath por ter se livrado daquela acusação de furto em uma loja. Ela simulou um olhar celestial e fingiu que não estava nem um pouco surpresa. Além disso, vários caras com quem estudamos estavam lá e isso foi muito engraçado, os casados estavam com uma expressão cansada e os solteiros todos se exibiam e se gabavam de seus carros. Algumas bebidas azuis depois e tudo voltou a parecer engraçadíssimo, até acabei dando uns beijos no Darr pelos velhos tempos. Bom, ele estava lá, e eu achava que precisava praticar um pouco, mas percebi que ele era um lixo comparado a Laurent, então logo coloquei um fim naquilo. Por fim, eu e Cath marchamos de volta para casa de braços dados cantando uma música do Robbie Williams e era exatamente daquilo que eu precisava.

Mas ainda me sentia diferente. Como se fosse uma forasteira, observando. Como se estivesse brincando de ser uma garota de Kidinsborough, em vez de ser uma de verdade. Mas eu era, não era? É claro que era.



Foi muita gentiliza de Claire ligar só no dia seguinte à tarde.

Na verdade, foi mais que gentileza, foi uma bênção. Eu estava sentada em frente à lareira a gás, assistindo à televisão – minha mãe tinha gravado vários reality shows. Ela gosta de qualquer coisa em que as pessoas tenham um fim constrangedor – e comendo torrada com molho Marmite (ninguém acreditava quando eu dizia que os franceses nunca tinham ouvido falar de torradas e comiam uma coisa pré-queimada crocante e indigesta). Meus irmãos tinham deixado que eu comesse um pouco do estoque imenso de batata chips, o jeito deles de dizer que estavam felizes em me ver, e meu pai na verdade não dizia muito, só enfiava a cabeça no vão da porta de vez em quando, sorria e desaparecia de novo. Tinha esquecido como era gostoso estar em casa. Também tinha esquecido que no dia seguinte minha mãe e eu já estaríamos nos levando à loucura e eu estaria em uma loja de varejo implorando por um emprego...

E eu tinha promessas a cumprir. No instante em que vi a cadeira de rodas, soube que seria uma tarefa mais complicada do que eu imaginava. Era... bom, era enorme.

– Eu sei – disse Claire. – Eu também odeio.

– É que é tão...

Claire estava sentada no sofá e nós duas olhávamos para a cadeira de rodas horrenda e imensa do Serviço Nacional de Saúde que conhecíamos tão bem dos passeios pelos corredores do hospital até as salas de cirurgia e departamentos de exames. Os passeios eram acompanhados por guias alegres que sempre tinham uma palavra animadora. Mas agora era diferente.

– Bom, é claro que consigo dobrá-la – falei, sem certeza nenhuma.

Tenho só 1,60 metro e sou um pouco instável em um dos lados.

– E as pessoas vão ser gentis – afirmou Claire.

Olhei para ela. Tinha perdido ainda mais peso e os ossos do rosto faziam com que parecesse aquelas bailarinas da ópera. Veias azuis estavam visíveis sob sua pele, exceto nos braços, onde repetidas agulhadas tinham feito com que se retraíssem e se escondessem. A história era que Claire tinha parado a quimioterapia com o objetivo de ficar bem o bastante para passar por uma cirurgia. Ela insistia que era o caso, mas eu discordava. Totalmente.

Não usava lenço ou turbante em casa, e inspecionei sua cabeça. Estava coberta por uma penugem macia, como a de um filhote de pato.

– Acho que Cath conseguiria dar um jeito nisso – comentei, mas Claire não sorriu. Percebi que ela não queria se afastar muito do intravenoso, o que em geral indicava que estava com dor. – Como está se sentindo? – perguntei, com delicadeza, mesmo sabendo que era uma pergunta que lhe faziam noventa vezes por dia.

– Bom, eu estaria um pouco melhor se todo mundo não ficasse me dizendo para não ir – respondeu ela, em tom quase irritado para alguém que nunca se irritava, nem mesmo com minha incapacidade de entender o subjuntivo (um modo verbal muito idiota que em francês só serve para gritar com as pessoas).

– Vamos ficar bem – falei, com vigor renovado. – Vamos encantar todos os carregadores daqui até a Gare du Nord.

Claire deu um sorriso rápido e sua mão tremeu um pouco tocando o pescoço.

– Ele... ele parece feliz por eu estar a caminho.

– Sim, eu sei – respondi. – Foi a primeira vez que o vi sorrir desde o ataque cardíaco.

Não contei a ela sobre Alice e Laurent. Lidaria com isso depois.

Olhei para a mala grande que Patsy tinha feito, sob coação. Continha um cilindro de oxigênio que precisaríamos declarar na alfândega. Eu estava morrendo de medo disso e da possibilidade de precisar usá-lo. Estava morrendo de medo, ponto. E se não nos deixassem ir? Talvez fosse até melhor, parte de mim pensou. Então poderíamos dizer que tentamos ao máximo e foi isso. Claire e Thierry poderiam conversar como pessoas sensatas, no Skype, e eu poderia voltar e cuidar da loja para Thierry. Depois disso... bom, voltaria para casa, imagino. Alugaria um apartamento com Cath, daria um jeito. Deixaria para me preocupar com isso quando acontecesse. Mas, por enquanto... uma coisa de cada vez.

– Só tenho uma mala pequena – comentei, embora minha mãe tivesse me carregado de bacon, cheddar e qualquer outra coisa que tinha ficado sabendo que não era fácil de conseguir na França.

Minha mãe achava que eu estava fugindo. A ideia de trocar de trem em Londres me aterrorizava, eu não conhecia a cidade e lá não eram receptivos a pedestres como em Paris. Bem, também deixaria para me preocupar com isso depois.

Sairíamos terça de manhã. Domingo, almocei na casa dos meus pais, joguei conversa fora com meus irmãos, passei um bom tempo com Cath e tentei convencê-la a me visitar – imaginava que ela e Sami se dariam bem, ainda que não falassem a mesma língua –, mas Cath ficou estranhamente tímida.

– Não – disse ela. – Acho que não é para mim.

Estávamos caminhando à beira do canal segunda à noite, procurando alguma coisa para fazer. Ainda estava quente.

– Você ia amar Paris. Tem festa toda noite, champanhe em todo lugar, é muito bonita e eu moro bem em cima de uma casa antiga meio assustadora.

Ela se virou para mim com tristeza.

– Você é muito corajosa, isso sim. Todos acham que você é a quietinha, mas, na verdade, não é assim.

– Não seja tonta. Foi você que pulou no canal de roupa naquele Ano-Novo. Eu achei que você fosse morrer.

Cath balançou a cabeça.

– Ah, uma coisa é curtir por aqui. Lá fora... não. Seria como me

levar para a floresta amazônica. Aqui é meu lugar, Anna. Com o carrinho de compras de merda no canal, Gav, minha mãe e tudo o mais. Você não é assim.

– Claro que sou!

– Não. Você é a corajosa.

Então demos os braços e voltamos para casa juntas.



Às sete da manhã, meu pai estava com o carro ligado em frente à casa de Claire. Tinha esfriado de repente e ele parecia bastante irritado. Nosso trem era só às 8h20, mas eu decidi que era melhor garantir, o que foi bom, pois estava dando bastante trabalho dobrar a cadeira de rodas e colocá-la no porta-malas do carro. Eu estava começando a me arrepender disso tudo e a me perguntar se a primeira meia hora era um tempo aceitável para desistir completamente da viagem.

Meu pai saiu e me ajudou, enquanto Claire ficou sentada no banco da frente, o cinto de segurança quase reto de tão magra que ela estava. Eu tinha trancado a casa dela – estava impecável, a geladeira vazia, o que achei um pouco desconcertante. Claire voltaria em três dias. Mas eu não ia discutir com Patsy (de novo).

Claire nos observou pelo retrovisor, meu pai e eu xingando e suando enquanto tentávamos, sem sucesso, abaixar os bancos traseiros para enfiar a cadeira de rodas no porta-malas. Pelo jeito íamos chegar em cima da hora para pegar o trem. E o trem de Londres saía da plataforma mais distante. Eu estava começando a entrar em pânico.

– Tem certeza de que sabe o que está fazendo, querida? – perguntou meu pai, em voz baixa.

Ao que só pude responder:

– Não faço a menor ideia, pai.

Sendo meu pai, ele só deu um tapinha em meu ombro e isso era o melhor que podia ter feito. Ainda assim, a coisa não ia bem.

De repente, um carro grande e bastante silencioso surgiu deslizando pela rua deserta. Não era frequente ver um daqueles em Kidinsborough, um Range Rover enorme, de um preto reluzente. O motorista diminuiu a velocidade atrás de nós e um homem de aparência distinta, com um paletó de tweed elegante, desceu do veículo.

Claire olhou ofegante no espelho, então, bem devagar, abriu a

porta da frente e, se segurando com cuidado, saiu do carro sozinha.
– Richard? – indagou Claire.



Claire jamais esperava vê-lo. Ficou olhando para ele, estupefata.
– Richard – repetiu.

Às vezes ela achava que ele mal tinha mudado, que ainda era o garoto desajeitado com o estojo do clarinete e os óculos de aros grossos. Seus óculos ainda tinham armação de chifre, mas Claire sempre gostara do estilo, então ele nunca trocou. Richard ainda tinha todo o cabelo, e ter uma esposa nova e uma enteada fazia com que se cuidasse mais do que se elas não existissem. Claire ainda se lembrava do tom de admiração de anos atrás. Richard nunca a tirara daquele pedestal. Esse fora o problema, na verdade. Não, Claire se repreendeu. *Ela* fora o problema. Ela sempre tinha sido o problema.

– O que está fazendo aqui? Eu vou, você sabe. É gentil que os garotos se preocupem, mas eu acho mesmo que é uma coisa que tenho que...

– Não – Richard limitou-se a dizer, erguendo a mão. – Estou aqui para ajudar.



Num primeiro momento eu não fazia ideia de quem era aquele sujeito – era charmoso para um cara mais velho, com certeza –, mas isso ficou claro para mim muito rápido. Olhei para o Range Rover enorme.

– Por que vocês não vão comigo? – perguntou Richard. – Assim não precisam trocar de trem.

Pensei em todo o dinheiro que Claire tinha gastado com passagens de primeira classe, mas não disse nada.

– Ótimo! – exclamei, sincera, com um alívio enorme.

A cadeira de rodas dobrada coube no porta-malas com facilidade, e ajudei Claire a subir o degrau alto. Nunca tinha entrado em um carro tão chique antes.

Meu pai ficou olhando, um pouco abatido. Eu me senti mal.

– Olha, é bom que Richard esteja nos ajudando – falei.

Meu pai olhou para o próprio carro, um Peugeot velho.

– Eu gosto do seu carro – acrescentei. – Esse carro aqui é idiota. Vai destruir o planeta e matar todos nós. AAAH, olha, tem uma televisão no banco traseiro!

Meu pai deu um sorriso melancólico.

– Você está indo de novo, então – disse ele.

– Não vai ser por muito tempo.

Depois de passar dias de pijama e uma minissaia neon infeliz, eu estava de volta com o uniforme parisiense.

Meu pai balançou a cabeça.

– Sua mãe acha que vai ser por bastante tempo. Ela acha que você está indo de vez.

– Não seja bobo – respondi, com a voz falhando um pouco. – Aqui sempre vai ser meu lar.

Meu pai me abraçou.

– Sempre vai ter um lar para você aqui. Bom, não é bem a mesma coisa. Enfim, você tem 30 anos, querida. É hora de começar sua vida, não acha?



Eu me senti como uma criança no banco de trás, mas não me importei. Havia uma pilha de DVDs em um pequeno suporte, claramente para os netos, e Richard se ofereceu para colocar um para mim.

Claire não falara muito sobre o ex-marido no hospital, embora os filhos se mostrassem ótimas pessoas e fosse de imaginar que deviam ser parecidos com o pai. Eu sabia que o casamento havia terminado e que os dois tinham uma relação amigável, mas não fazia ideia da causa nem do motivo para o término. Concluí que era melhor colocar os fones de ouvido e deixá-los se acertar.



Claire lançou um breve olhar a Anna no banco traseiro, completamente envolvida pelo filme como uma criança, e sorriu para si mesma. Sentia um pouco de dor – as juntas estavam doloridas, como se estivesse gripada, e uma dor de cabeça rondava e ameaçava atacar, mas, por sorte, não estava vomitando. Sentia-se grata por esse pequeno alívio.

Richard perguntou por que Claire não queria ir de Eurostar, mas ela foi categórica. Queria ir de balsa de novo. Não gostava de ser resolvida dessa maneira, mas, sim, ir de balsa era importante para Claire.

Ela e Richard jogaram conversa fora – sobretudo em relação aos filhos. Era engraçado como voltavam rápido aos velhos hábitos quando estavam juntos. Claire olhou para a mão dele no câmbio. Richard sempre fora um bom motorista, levava a direção a sério, ficava chateado se ela amassasse o carro ou riscasse a lateral. Isso costumava ser uma questão.

Quando chegaram aos longos trechos de rodovia, quase sozinhos entre a hora do rush e o tráfego do feriado, ele acionou o piloto automático e relaxou um pouco no banco. Claire ouviu os joelhos de Richard estalarem. Ela não era a única que estava envelhecendo.

– Então – disse ele, calmamente. – Quem quer que tenha sido, que você pensou que eu não soubesse... é ele?

Claire assentiu. Richard balançou a cabeça.

– Foi muito, muito tempo para não resolver essa chama acesa, Claire.

– Eu acho que... quero dizer, é tarde demais agora. Eu sei disso.

Ela baixou a cabeça. Sempre lhe pareceu mais fácil conversar no carro, quando dava para olhar pela janela. Quando não estavam cara a cara.

– Sabe o que eu queria? – tornou ele, as mãos firmes no volante. – Logo depois que nos conhecemos, quando você era toda sonhadora e distante, eu queria ter te questionado. Queria não ter fingido que isso se devia ao fato de você ser algum tipo de fada mística nem ter tido tanto medo de te perder. Queria simplesmente ter perguntado “Quem é ele?” e deixado você ir. Aposto que em um ano o brilho teria se apagado.

– Talvez – respondeu Claire.

– E você talvez tivesse voltado para o Reino Unido e ficado feliz por estar comigo.

– Sempre fui feliz por estar com você.

Richard olhou para Claire achando que ela estava sendo sarcástica. Uma leve rajada de chuva atingiu o para-brisa.

– Bom, agora é tarde demais.

– Sei que você quer que eu peça desculpas – disse Claire. – Mas não posso fazer isso. Criamos dois garotos adoráveis. Passamos vinte anos

juntos. É mais tempo do que muitas pessoas ficam juntas. Não era minha intenção fazê-lo infeliz.

– Eu sei. E eu não devia ter feito o que fiz.

Ela deu de ombros. Eram águas passadas.

– Os garotos não me dizem muita coisa... Bom, também não sei quanta coisa você conta a eles. Você é tão fechada, Claire... – A irritação de Richard ameaçou transbordar, mas ele conseguiu se controlar, e acelerou para ultrapassar um caminhão que balançava de forma precária na pista central, a água escorrendo de suas correntes. – Quero dizer... Quero dizer...

– Está muito grave?

Richard assentiu, como se fosse incapaz de dizer as palavras em voz alta.

Claire se virou para ele. Tinha passado um bom tempo vivendo com aquilo, e era por isso que gastava tanto tempo pensando no passado.

– Hum, o câncer se espalhou de novo – informou ela calmamente, o único som no carro era um zumbido leve dos fones de Anna e o vaivém do limpador de para-brisa. – É por isso que meu cabelo está crescendo de novo. Eu disse aos garotos que estou descansando, mas não é verdade. Nós... adiamos a próxima rodada de quimioterapia.

Richard respirou fundo.

– Meu Deus!

– Eu sei. Você não imagina a luta que foi para conseguir isto. – Claire abriu a mão e revelou um pequeno frasco de diamorfina. – Sshh – fez ela, quase sorrindo.

– Mas você parece tão... quer dizer, parece você mesma, só que mais magra.

– Eu diria que estou passando por altos e baixos. No momento, me sinto um pouco melhor. Acho que meu corpo está satisfeito por não ter mais quimioterapia. Mas não sei quantos dias bons terei.

– Quanto tempo?

Claire simulou o tom solene do oncologista ao responder:

– Bom, senhora Shawcourt, eu não diria meses.

Richard deixou um silvo de ar escapar pela boca. Então disse a única palavra que Claire nunca o ouvira dizer na vida:

– Merda.



Capítulo vinte e três

Laurent ficou olhando para o e-mail de Anna e leu tudo mais uma vez. Era ridículo, não fazia sentido. O pai tinha acabado de ir para casa, segundo ouvira dizer, mas sob controle restrito de dieta e movimentos por pelo menos mais três meses. Alice não ia ajudar em nada que tivesse a ver com Claire, isso era certo. E o próprio Laurent mal podia ajudar. Mesmo que o pai aceitasse olhar para ele, ainda precisava trabalhar e a logística seria terrível. Tudo por causa daquela mulher.

Embora ela estivesse velha agora, Laurent sabia, e doente. Bom, quando ela e Anna chegassem a Paris, ele talvez tentasse organizar alguma coisa. Sim, seria melhor esperar elas chegarem.

Pensou em Anna. De repente percebeu que era a cara dela fazer isto: entrar de cabeça em uma tarefa impossível para ajudar uma senhora. Anna também não pensou duas vezes em relação a visitar o pai dele ou a tentar manter as coisas funcionando na loja ou...

Laurent se amaldiçoou mais uma vez por ter surtado ao ver o pé dela. Tinha ferido os sentimentos de Anna por algo que ela obviamente não tinha como resolver, e odiava ter feito isso. Ela não era como as parisienses duronas que ele conhecia, nem um pouco. Não era refinada e magricela, não sabia que lugares frequentar ou o que vestir. Era agradável e macia e...

Então ele teve uma iluminação ofuscante. Anna sabia o que fazer. Simplesmente sabia. E era isso que a diferenciava. Ao contrário de Laurent, que era um covarde burro que se afastava das coisas no instante em que elas ficavam difíceis. Precisava de Anna.

De repente quis mais do que tudo que ela estivesse de volta a Paris. Olhou para o e-mail mais uma vez. Anna chegaria no dia seguinte. Clicou em responder e percebeu que não sabia como dizer o que queria. Não sabia o que queria dizer nem o que ia fazer. Ficou

olhando para a página em branco, então fechou a janela e fez o que sempre fazia quando as coisas ficavam difíceis. Foi trabalhar.



Acordei sem a menor ideia de onde estava. Chovia lá fora. Eu estava deitada em um banco traseiro tão confortável que parecia um sofá enorme de couro. Levantei a cabeça. Estávamos em um posto de gasolina. Claire dormia no banco da frente.

Richard voltou para o carro. Os olhos dele estavam vermelhos e ele esfregava um pouco o nariz, e eu não quis incomodá-lo. Além disso, é claro, eu nem o conhecia. Indiquei que fizesse silêncio quando ele olhou para Claire, então Richard foi até o porta-malas, pegou um cobertor – é claro que ele era o tipo de pessoa que tem um cobertor no carro – e a cobriu muito gentilmente.

Isso me fez pensar. Quer dizer, Thierry era ótimo, engraçado e deixava a vida melhor, mas eu não conseguia imaginá-lo nem por um segundo cobrindo Claire como se ela fosse de porcelana. Eu conseguia imaginá-lo falando sobre a questão, pedindo a outra pessoa que o fizesse, sugerindo e fazendo uma piada. Mas não cobrindo-a com calma e precisão, com o maior respeito.

Sem querer fazer barulho, sorri para Richard e ele sorriu de volta.

– Comprei um sanduíche para você – sussurrou. – Não sabia do que você ia gostar, então comprei um de cada.

Abri outro sorriso.

– Obrigada! Posso ficar com o de presunto e tomate?

Ele me passou o sanduíche, uma garrafa de água com gás e uma barra de chocolate da Braders.

– Me desculpe, eu não sabia se você comia toneladas disso ou se era praticamente alérgica. – Richard entrou e ligou o carro, sempre com muita gentileza. – Posso comer, se não quiser.

– Não – respondi, analisando com cuidado a embalagem marrom familiar.

A fábrica tinha enviado (além de inúmeras cartas que pareciam oficiais e os isentavam da responsabilidade) uma cesta enorme de produtos Braders enquanto eu estava no hospital. Eu não conseguia nem olhar para eles em uma banquinha desde então.

Peguei o chocolate.

– Acho que está na hora – falei, mas Richard já estava dando sinal

para entrar na rodovia.

Abri um canto da embalagem e senti o cheiro, com toda a atenção, como Thierry tinha me ensinado. De repente estava de volta à fábrica com Kyle e Shaz, batendo o cartão, fazendo hora extra na Páscoa, recebendo a visita da duquesa de Cambridge aquela vez que todos ficaram muito animados e eu me senti como uma impostora malsucedida.

Mas de repente percebi, animada, que sentia mais do que isso. Conseguia distinguir os aromas na minha cabeça. Sentia o óleo vegetal, o toque de aditivos que encobríamos com mais açúcar, o grau do açúcar e a fraqueza dos grãos de cacau. Foi emocionante perceber que, se quisesse, eu provavelmente conseguiria fazer um lote daquele chocolate em casa. Pisquei várias vezes. Frédéric teria rejeitado o chocolate em terror absoluto, como se fosse uma cobra viva, disse eu não tinha dúvidas. Em vez disso, fechei os olhos e dei uma mordida.

O estranho foi que, embora eu soubesse que o processo de fabricação era o mais barato possível para vender em grandes quantidades, que não tinha nada a ver com os produtos puros e sofisticados que fazíamos na Le Chapeau Chocolat e que era feito para paladares genéricos, projetado para ser aceito com facilidade, o chocolate ERA delicioso. Ele derreteu na mesma hora em minha língua e preencheu minha boca. O sabor era doce e cremoso, embora eu soubesse a quantidade exata de creme que havia ali (zero), e se partia em pedaços macios e quebradiços. Era completamente inebriante. Não sabia qual seria o sabor para quem não tivesse sido criado comendo aquilo, mas para mim era bom, britânico, reconfortante e revigorante. Quis que Richard tivesse comprado um monte para eu esconder embaixo da minha cama em Paris para quando as degustações fossem demais.

– Hum... – sussurrei.

Richard abriu um sorriso ao volante.

– É como ter as crianças de volta – disse ele, mas não de maneira maldosa.

Uma placa dizia que estávamos a menos de 160 quilômetros de Dover.



Olhei para o céu, desconfiada. Em quais condições as balsas paravam

de funcionar? Nossas passagens eram para aquela noite, e eu tinha planos de encontrar um hotel barato próximo ao terminal do outro lado e fazer o último trecho no dia seguinte, quando estivéssemos descansadas.

De qualquer maneira, meus planos haviam mudado agora. Tínhamos passagens de trem, mas eu não fazia ideia do que Richard pretendia fazer. Ele ia nos levar até Paris? Não quis perguntar – já tinha percebido que ele era um perfeito cavalheiro – para que Richard não se sentisse obrigado a nos levar até lá. Talvez ele nem estivesse com o passaporte. Decidi esperar e ver o que ia acontecer.

Claire não acordou nem no controle migratório. Achei que os oficiais pudessem suspeitar e nos obrigar a acordá-la, mas não pareceram se importar muito e fizeram sinal para que seguíssemos. Richard saiu e comprou uma passagem de balsa para o carro com tanta rapidez e naturalidade que eu mal percebi, e quando agradei e tentei oferecer dinheiro, ele recusou.

– Se Claire te pagasse por isso seria meu dinheiro, de qualquer forma – destacou Richard, mas sem ser grosseiro.

Nós dois estávamos começando a ficar preocupados com o sono tão profundo de Claire. Ela me garantira que o médico estava completamente de acordo que ela controlasse a própria medicação por três dias, mas agora eu não tinha tanta certeza.

– Claire – chamou Richard, com delicadeza, enquanto seguíamos para a balsa, que tinha.

Ela estava cheia de turistas alegres, os carros lotados com chapéus de sol, cadeiras infláveis, barracas, bicicletas e crianças animadas, desesperadas para começar a correr. O trem podia ser mais conveniente, pensei, mas duvidei que fosse tão divertido para os mais novos.

Claire assentiu e se mexeu um pouco, e Richard a cutucou mais uma vez, quando já tínhamos sido levados para o convés inferior e desligado o carro.

– Claire?



Claire insistira havia muito tempo e Thierry lhe dissera para não ser ridícula, pois só turistas queriam subir a Torre Eiffel, e ela respondera que, bom, era turista, e ele afirmara que Claire não era turista, era musa. Sem

dúvida, aquela era a coisa mais emocionante que Claire tinha ouvido a vida inteira, então pulou nele, travou as pernas em volta de sua cintura e Thierry soltou sua risada enorme, estrondosa, e concordou. Por isso, durante uma hora de almoço muito quente, quando todos estavam comendo adequadamente, como pessoas normais faziam, segundo ele – era muito rígido com as refeições, como quase todo mundo que ela conhecera lá –, Thierry a levou pela linha nova do metrô e até a base da enorme estrutura de metal. Entraram na fila naquele calor e Thierry ficou secando a testa com um lenço grande.

– Amei – disse Claire.

– É para as caixas de chocolate – zombou Thierry.

– É. Você devia colocar isso nas caixas de chocolate.

Thierry franziu a sobancelha para ela enquanto esperavam o elevador, que os levou como um foguete até lá em cima, deslocando-se sobre um plano inclinado, é claro. Claire estremeceu, entusiasmada, enquanto subiam o premier, deuxième, troisième andar. Ele notou que ela não ficaria totalmente satisfeita enquanto não chegassem ao topo e sorriu ao ver o entusiasmo da amada.

Embora Paris lá embaixo estivesse quente e tranquila, lá em cima o vento soprava de um lado para outro e estava bem fresco. Thierry tirou o casaco no mesmo instante e o colocou sobre os ombros de Claire. Porém, ela não quis. Preferia sentir a brisa depois do calor da cidade. O cabelo claro caía sobre os ombros enquanto ela se virava e sorria para Thierry. Ele, por sua vez, conseguiu, com uma presença de espírito rara, pegar a câmera e rapidamente tirar uma foto de Claire, que estava com os lábios vermelho-escuros – era a mesma cor que madame Lagarde usava, e ela criara esse hábito – em um sorriso enorme e alegre enquanto tentava segurar o grande chapéu de palha na cabeça. Quando deram a volta até o outro lado, olhando para o rio e as planícies adiante, o vento enfim levou a melhor e o chapéu foi embora, soprando, dançando nas correntes fora de alcance.

– Nãooooo! – gritou Claire, tentando pegá-lo, e então virou-se para Thierry, mais uma vez se curvando de tanto rir.

– Chapeuzinho! Chapeuzinho! Vou salvá-lo! – gritou Thierry, fingindo que ia subir a balastrada de ferro até um guarda vir e lhe dizer que parasse imediatamente o que estava fazendo.

– Vou te comprar chapéus – alardeou Thierry, quando decidiram ir embora depois de esgotar todas as vistas e examinar os instrumentos do próprio monsieur Eiffel. – Vou te comprar cada chapéu da Galeries

Lafayette e você vai ficar com aqueles que preferir. Quanto aos outros, voltaremos aqui e deixaremos que saiam voando. E espero que quem quer que encontre seu chapéu seja tão feliz quanto nós somos.

E Claire o beijou durante toda a descida no elevador, enquanto o ascensorista desviava o olhar. La Tour Eiffel costumava fazer isso com as pessoas.

As caixas de presente da Le Chapeau Chocolat levam uma marquinha discreta de chapéu no cantinho desde então.



– Claire!

Claire sentiu uma mão em seu ombro, levantou a cabeça e notou que Richard e Anna a encaravam, ansiosos.

– Ufa – disse Richard.

– Está tudo bem – afirmou Claire. Tinha a boca muito seca e sabia que era efeito colateral dos remédios. Por sorte, Anna já estava oferecendo uma garrafa d’água. Que garota querida era aquela. Claire pegou a garrafa e tentou sorrir, mas seus lábios racharam dolorosamente. – Só estava cochilando.

Tentou engolir. Um pouco da água escorreu pelo pescoço. Ela percebeu que dormir no carro tinha deixado seu corpo muito rígido. Não sabia se conseguiria se mexer. Tudo doía. Anna limpou a água e a ajudou a virar a garrafa, que era do tipo esportiva, com bico, como mamadeira de bebê. Claire se perguntou por que diziam que era esportiva quando era óbvio que a garrafa fora projetada para bebês e inválidos.

De repente, o grande motor da balsa ganhou vida. O convés, que já estava balançando, começou a se movimentar e tremer. Claire olhou em volta. Lembrou-se do acidente da *Herald of Free Enterprise* de repente, e imaginou como devia ter sido assustador. Uma voz surgiu no sistema de som, anunciando em inglês e francês que as condições não eram ideais e aconselhando os passageiros a deixar os carros e ficar na parte interna do barco, pois havia previsão de águas agitadas. Claire subitamente se deu conta de onde estava.

– Quero subir ao convés superior – anunciou ela.

– A balsa tem um salão – disse Richard, parecendo preocupado.

Havia um elevador para cadeiras de rodas, mas a balsa estava se mexendo tanto que ele não tinha certeza se conseguiria tirar a cadeira

do porta-malas do carro sem que ela se deslocasse com violência. Todos os outros passageiros tinham saído dali, subido pelas escadas coloridas e entrado no salão.

Claire balançou a cabeça.

– Não. Quero subir.

Ela viu Richard e Anna se entreolharem e quase chorou de frustração. Seu corpo idiota e miserável não era capaz de fazer nada que ela desejava.



Claire parecia péssima. Ela mal conseguia beber água de uma garrafa. Tínhamos que subir, mas eu não tinha ideia de como faríamos isso. Fui até a traseira do Range Rover gigantesco. Mal conseguia segurar a maçaneta, balançando com a embarcação que parecia estar dando a volta. Eu não andava de balsa desde que tinha 13 anos, com Cath, mas na ocasião estávamos muito ocupadas cantando músicas do Oasis para perceber.

Enquanto tentava abrir a fechadura, senti os olhos de Richard em mim. Olhei para ele, que deu de ombros e em seguida foi até a porta de Claire, soltou o cinto de segurança dela e, com gentileza, como se ela fosse uma criança – Claire era tão leve quanto uma, pude perceber –, levantou-a em seus braços. Eu peguei o cobertor.

– Richard! – protestou Claire.

Ouvi a dor em sua voz, mas acho que nós três sabíamos que aquela era a melhor forma. Com cuidado, Richard subiu a escada estreita.

– Tudo bem aí, senhor? – perguntou um marinheiro alegre, e Richard resmungou algo sobre não querer tirar a cadeira de rodas, ao que o marinheiro respondeu: – Então me avise se precisar de uma mão.

Ele falou de um jeito que me fez querer viajar com aquela empresa e nenhuma outra pelo resto da vida.

O andar de cima da balsa estava claro e movimentado, como um terminal de aeroporto. Havia lojas, bares, uma loja duty-free e um fliperama já cheio de crianças gritando e batendo nas luzes que piscavam e nas campainhas. Senti cheiro de batata frita e olhei para o salão grande, cheio de cadeiras, as reclináveis já ocupadas por viajantes frequentes, que claramente sabiam o que estavam fazendo. Atraímos alguns olhares curiosos, mas ignoramos e abrimos caminho

até o canto mais tranquilo que pudemos encontrar, onde Richard acomodou Claire com gentileza, depois fingiu não estar sem ar.

– Vou pegar uma boa xícara de café para todos nós – sugeri.



Alice estava parada à porta da casa de braços cruzados quando Laurent chegou. Atrás dela, ele viu enfermeiras particulares que pareciam cobrar caro se movimentando em silêncio sobre o piso de madeira polido. Havia orquídeas frescas no canto.

– Ele não está aqui – informou Alice.

– Não seja ridícula – rebateu Laurent. – Olha só, ele não precisa falar comigo. Mas precisa ter a oportunidade de escolher.

– Não. E ele não quer falar com você.

– Tudo bem. Eu dirijo em silêncio então.

– Não – repetiu Alice.

– Sim – disse Thierry, saindo da antessala, onde uma lareira ardia apesar do calor da tarde.

Vestia um roupão enorme. Se Laurent não estivesse tão tenso, talvez tivesse sorrido.

Alice olhou para os dois, os dedos retesados e as maçãs do rosto tensas e rosadas.

De repente, os olhos de Alice e Laurent se voltaram para o prato onde ficavam as chaves perto da porta. Sem pensar, Laurent esticou o braço comprido e pegou as chaves. Alice ofegou, horrorizada. Laurent, igualmente horrorizado pelo que tinha acabado de fazer, recuou em direção à van. Thierry foi atrás do filho.

– Não! – gritou Alice, mas era tarde demais.

Ela não podia fazer mais nada além de ficar ali e ver a van se afastar. Então xingou baixinho. Em inglês.



Quando voltei com os cafés, percebi que Richard e Claire estavam no meio de uma discussão. Reparei que Claire nem tinha se mexido. Remexi sua bolsa de remédios à procura da pomada Tiger Balm. Eu me lembrei de quanto ela gostava dessa pomada e, em silêncio, comecei a passá-la em seus ombros. Não havia nada em Claire, senti.

Só pedaços de músculos nodosos, lutando sozinhos. Os tufos de penugem – o lenço tinha escorregado mais uma vez – me deram vontade de chorar.

– Não vou levar você lá em cima – afirmou Richard.

Dava para ver pelas escotilhas as ondas subindo e descendo. Havia um leve cheiro de vômito no ar, como se o movimento já tivesse afetado alguns dos passageiros. O mar parecia uma mistura estranha de verde e preto, e jatos de água do mar e da chuva batiam nas janelas. Embora a faixa a ser atravessada fosse curta – céus, as pessoas atravessavam esse trecho a nado –, não parecia. Parecia que estávamos no meio do oceano.

– Preciso de ar fresco – implorou Claire, a voz baixa agora.

Olhei para o remédio. Ela tinha tomado um pouco mais, mas parecia estar sob total controle. Eu me perguntei até que ponto ele teria o poder de combater a dor da víbora hedionda: o tumor que crescia dentro dela, se espalhava, enchendo-a de escuridão, esvaziando-a de si mesma. Seu rosto continuava sereno, belo até.

– Não é certo – explicou Richard. – Você não quer voltar a ver os garotos? E Cadence e Codie?

Claire desviou o olhar.

– É claro que quero. Existem... existem algumas coisas que quero voltar a ver, sim.

Seu queixo parecia rígido.

– Você vai pegar pneumonia.

– Já tive coisa pior. Tenho coisa pior.

Richard colocou os dedos no topo do nariz e esfregou, com força.

– Você não precisava ter vindo – acrescentou Claire, usando toda a sua vantagem. – Eu não pedi que viesse. Anna e eu ficaríamos muito bem sozinhas.

Tentei parecer discreta e não apontar o óbvio, ou seja, que Richard tinha tornado as coisas um milhão de vezes mais fáceis, e que, se não fosse por ele, talvez ainda estivéssemos na estação Crewe, ou mais provavelmente em casa.

Richard olhou para o relógio.

– Tudo bem – disse ele. – Quando estivermos chegando a Calais. Não antes. Está bem?

Claire assentiu fracamente. Richard pegou o celular e saiu em disparada antes que ela pudesse aborrecê-lo ainda mais.

Massageei com cuidado os cotovelos e os pulsos de Claire.

- Está doendo muito? – perguntei, baixinho, ao senti-la estremecer.
- Não importa – respondeu ela.

Eu me perguntei se Claire sentia o mesmo que eu: medo e arrependimento por termos seguido com aquele plano.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, depois de eu ter levado Claire ao banheiro e termos feito o possível naquele cubículo oscilante, Richard reapareceu, mais uma vez com comida, que nenhum de nós queria. A tempestade não recuara, e até as crianças felizes e gritalhonas de férias tinham se acalmado.

- Ainda está decidida a fazer isso? – perguntou ele, ríspido.

– Sim – afirmou Claire, com dignidade. – E acho que consigo até andar agora.

Seus músculos haviam se soltado com os remédios e a massagem. Assim, com bastante cuidado e fragilidade, ela se levantou da cadeira, e Richard e eu a seguramos, um braço de cada lado, e começamos a avançar, bem devagar, saindo do salão em direção à escada nos fundos da embarcação.

Havia um marinheiro ali também, mas dissemos que queríamos muito subir. Ele olhou bem para nós e nos avisou para tomar cuidado, mas explicou que não impediria ninguém, só crianças.

Passando as portas vaivém, o vento nos pegou na mesma hora e quase nos jogou para o lado. Era muito forte, as nuvens estavam pretas. Gaivotas gritavam no ar, procurando desesperadamente por batatas fritas descartadas e outras migalhas deixadas por humanos. A esteira do navio agitava as ondas já espumosas, deixando um longo vinco.

Então nós nos viramos para a frente, e Richard soltou um assovio baixo.

Bem adiante, onde as praias e falésias de Calais se espalhavam, na pequena parte antiga da cidade que ficava no topo da colina, o tempo estava aberto. Era como se alguém tivesse traçado uma linha no meio do céu entre o Reino Unido e a França. Quase não havia nuvens sobre Calais, e o sol do fim da tarde irrompia para iluminar a cidade.

– Você fez isso de propósito – resmungou Richard, mas Claire não estava ouvindo.

Ela estava caminhando para a frente, sozinha, com a mão no corrimão, mas a passos firmes. O convés encontrava-se deserto. Claire contornou os botes salva-vidas e as boias até chegar à proa.

- *Ma belle France* – murmurou, baixinho, enquanto eu corria para

acompanhá-la.

Nós duas avançamos o máximo possível, enquanto o vento diminuía e a chuva parava, e aos poucos as coisas entravam em foco e o porto ficava cada vez mais próximo. Bem na extremidade do deque mais distante, vimos duas figuras, uma de pé e a outra em uma cadeira de rodas. Minha visão mais aguçada as enxergou primeiro.

– Olhe – falei para Claire, pegando sua mão para apontar para a mesma direção, como se ela fosse uma criança. – Olhe ali.



Capítulo vinte e quatro

Quando o sistema de som voltou à vida, instruindo todos a voltarem aos veículos, Richard manteve a porta do salão aberta para nós.

– Vocês vão por ali – informou ele, indicando uma fila de passageiros a pé que se organizavam com bicicletas e mochilas.

– Como assim? – perguntei.

Richard balançou a cabeça.

– Eu vim... eu vim o mais longe que podia.

Percebi então que ele tinha visto as figuras no deque.

– Está tudo bem – acrescentou Richard, ao ver meu rosto. – Eles sabem que vou voltar.

Notei que, em tão pouco tempo, acabei confiando a ele a tarefa de ser o adulto.

A balsa jogava água, manobrando para chegar à plataforma.

– Vou pegar a cadeira de rodas e as malas – disse Richard. – Vocês vão ficar bem.

Seu rosto estava sério e cheio de tristeza quando ele desapareceu escada abaixo. Fiquei observando enquanto uma rampa comprida se estendia até o deque para que os pedestres pudessem sair. Havia uma cabine de controle migratório com um homem que parecia mal-humorado e encalorado dentro – eu ainda não conseguia acreditar naquela mudança brusca de tempo. Era como se uma longa linha pontilhada, como em um mapa, separasse o Reino Unido do resto do continente. As pessoas piscavam sem parar devido à luz do sol. O aroma de quitutes fritos, perfume borrifado e carpete úmido da balsa recuou quando respiramos o ar fresco.

– Ah! – exclamou Claire. – Acho que preciso me sentar.



Claire ainda não conseguia acreditar que Richard tinha feito aquilo tudo por ela. Ele abriu a cadeira de rodas como se tivesse trabalhado com isso a vida inteira, e não projetando guindastes de carga.

– Obrigada – disse Claire, se sentindo ao mesmo tempo fraca e muito nervosa.

Não havia conseguido comer nada, o que sabia que não era bom, mas tinha pavor de vomitar e não poder limpar a sujeira por conta própria. Não suportaria. O câncer era uma doença muito nojenta, além de tudo. Às vezes, desejava ter algo pelo menos um pouco romântico – tuberculose, talvez, como em *La Bohème* –, algo que a permitisse ficar deitada em um sofá, tossir em um lenço por um tempo e depois morrer com elegância, sem vômito, diarreia, calvície e todas aquelas irritações.

Mas seu coração acelerou. Sua visão não era mais a mesma, e ela não tinha visto as figuras na plataforma, embora Anna tivesse pulado, gritado e batido palmas, animada. Teria que confiar na palavra dela. Talvez Thierry também estivesse quase cego. Isso poderia ser útil. Claire tentou olhar para fora da balsa, que agora esvaziava depressa, mas era difícil enxergar à luz clara do sol.

De repente Richard se agachou ao seu lado. Ele emitiu um barulho discreto ao se abaixar. Agora estava cara a cara com ela. Esse era o lado bom de sua visão ruim, pensou. Richard não parecia muito diferente para Claire agora do que quando frequentavam a escola, o cabelo espesso, os óculos de aros grossos. Ela sorriu. Ele não sorriu de volta. Pegou a mão dela.

– Só consigo vir até aqui – explicou, baixinho.

Claire assentiu. Ela compreendia.

– Obrigada – falou, do fundo do coração.

– Ah, não foi nada.

Claire ficou irritada por ele não entender o que ela estava dizendo.

– Não. Obrigada. Obrigada por tudo. Obrigada por me incentivar a seguir com o magistério, por me levar para longe do reverendo e por se casar comigo, ainda que soubesse que eu não... Obrigada pelos filhos maravilhosos e por fazer com que eu me sentisse segura.

– Eu teria preferido fazê-la feliz – disse Richard, de repente com os olhos brilhando cheios de lágrimas.

Ela não o via chorar desde aquela noite horrível há tanto tempo quando ele confessou a traição. Claire balançou a cabeça.

– Eu não... Eu acredito que era burra demais para perceber. Mas

acho que fui feliz. Boba, tola, a cabeça cheia de bobagens...

Eles sorriram um para o outro, um sorriso de compreensão, então os dois olharam para a costa francesa. Claire teve uma lembrança repentina... Os garotos deviam ser muito pequenos, e os quatro estavam em uma praia enorme. Era cedinho, não havia quase ninguém por perto, exceto algumas pessoas passeando com os cachorros, mas Ian sempre acordava assim que o sol nascia, mesmo nas férias. Os meninos já estavam com a roupa de banho e mergulharam de cabeça na água, então guincharam como porquinhos ao perceber quanto estava fria. E em vez de rir deles ou ignorá-los, Richard percebeu seu dilema e também entrou direto na água congelante com entusiasmo, pegando um filho embaixo de cada braço e jogando-os de um lado para outro até que se acostumassem à água e passassem a jogá-la um no outro e a rir sem parar. Saíram roxos de frio e tagarelando, e Claire envolveu os três em toalhas, serviu café quente da garrafa térmica para Richard e ele declarou que aquela era a melhor coisa que já tinha bebido.

Como podia ter esquecido de tudo isso?

– E tivemos uma vida feliz. Cheia de episódios felizes. Tivemos. Eu só queria ter aproveitado mais naquela época...

Richard apoiou a cabeça de Claire em seu ombro e ela sentiu um cheiro que não sentia havia anos.

– Sssh, querida. Sssh – fez ele.

Richard acariciava a penugem dela, e então Claire percebeu o que ele realmente estava dizendo, e que era um adeus. Em seguida, pressionou o rosto contra o dele, já marcado pela barba recém-crescida, e os dois ficaram assim até os funcionários começarem a se aproximar com olhares pesarosos. Anna percebeu que também estava olhando para eles com preocupação, mas isso não importava agora. Claire apertou a mão de Richard bem forte e disse que o veria em breve. Ele fez uma careta e não respondeu.

Um dos jovens e simpáticos marinheiros ajudou a empurrar a cadeira rampa abaixo, e Anna seguia logo atrás, puxando a mala de rodinhas. Claire tentou virar a cabeça, mas seu pescoço estava rígido, e o sol brilhava tanto que achou que nem teria conseguido enxergar dentro da embarcação, de qualquer forma. E ela conhecia Richard. Ele não teria esperado, não era esse tipo de homem. As duas passaram pelo controle migratório e Anna assumiu o controle da cadeira de rodas. Havia duas figuras esperando, bem ao lado da saída, e o

coração de Claire começou a bater mais rápido do que seu oncologista gostaria.



Claire estava muito enganada em relação a Richard. Ele ficou observando até elas desaparecerem atrás dos portões de arame farpado do terminal. Viu os turistas felizes e queimados de sol entrarem na balsa. Assistiu enquanto jogavam as cordas e a grande embarcação acelerava outra vez. Ficou no convés olhando a costa da França se distanciar cada vez mais na escuridão da noite que caía.

Dirigiu para casa na noite chuvosa, chegou às duas da manhã e sorriu ao ver os sanduíches de rosbife e mostarda que Anne-Marie tinha preparado e deixado para ele. Então se sentou na sala e ficou bêbado como pouquíssimas vezes na vida.



Capítulo vinte e cinco

No início Claire pensou, bastante assustada, que Thierry estava em pé à sua frente. Ele estava exatamente igual: o cabelo espesso encaracolado, os olhos reluzentes. Sem bigode, mas...

Então se deu conta de que devia ser Laurent, de quem Anna tinha falado. Ele era muito atraente. Ela quis olhar para Anna e ver sua expressão, mas sabia, sabia... precisava olhar para a pessoa sentada à sua frente. Claire se concentrou.

Tentou não estremecer. Era Thierry, é claro que era, mas ele parecia... não parecia nada bem. Ela estava ciente da ironia disso, diante das circunstâncias, mas ainda assim. O rosto dele estava cinzento, e a pele parecia amarrugada e mal-ajambrada. Havia um cilindro de oxigênio preso à sua cadeira de rodas.

Mas o bigode estava voltando a crescer e, sob as sobrancelhas pesadas, os olhos pretos eram os mesmos.

Ele também olhou para ela durante um bom tempo. Claire percebeu com dor no coração que ele parecia horrorizado com o que ela havia se tornado. Ela apertou a mão de Anna, com força.

De repente, Thierry caiu na gargalhada. Naquele instante, Claire se lembrou dos olhos brilhantes, da risada contagiante, e sorriu. Era impossível não sorrir.

– Olhe só para nós! – gritou ele. – Olhe só para nós! Somos os últimos burros do abatedouro, Claire! Os piores!

Com grande dificuldade, e com o filho lhe oferecendo o braço com uma expressão hesitante, Thierry se levantou com as pernas trêmulas. Claire reparou que ele vestia uma calça de linho clara e elegante e uma camisa rosa-clara. Sempre estiloso.

Sem querer ficar para trás, ela deu o braço a Anna e se levantou dolorosamente. Foi até ele, e Thierry a tomou nos braços.

– Minha passarinha! – exclamou ele. – Você está ainda menor do que era!

– Você não – disse Claire, a voz abafada pela camisa de Thierry.

De repente ela sentiu a pressão em seu braço desaparecer. Recuou, virou-se e viu Anna correr em direção a Laurent, jogar os braços em volta do pescoço dele e beijá-lo.

Thierry olhou para ela, erguendo as sobrancelhas que Claire conhecia tão bem.

– Rá, a vida continua – afirmou ele, em sua voz estrondosa.

Claire ficou tão surpresa e contente que riu e se jogou na cadeira com um baque.



Não pude evitar. Não ao vê-lo. Achava que Laurent estava sendo petulante com o pai, difícil. Eu o subestimara. Não imaginei que é claro que ele daria um jeito, mudaria e reorganizaria todos os seus planos, lidaria com Alice – céus, Alice, eu me preocuparia com ela depois – e os temíveis médicos franceses. Aquilo era praticamente um sequestro. Fiquei bastante perplexa. E comovida também, concluí mais tarde. Não conseguia acreditar que Richard e Claire tinham se divorciado. Se eu tivesse um homem decente e bonito que cuidasse de mim daquele jeito... bom, não tinha, então não havia motivo para pensar no que eu faria.

Deixando isso de lado, o belo rosto de Laurent, aquela boca carnuda e beijável, aquela cabeleira encaracolada... Eu precisava admitir: ele não era um caso qualquer como Sami imaginara. Não era um romance de férias, uma história da qual eu ria com Cath na Faces. Laurent me lançou um olhar, um meio sorriso que dizia, tão claro quanto uma carta diria, que estava arrependido e que aquela era a sua oferta de paz... Naquele instante, sob o sol do fim da tarde, eu me esqueci completamente de Claire e Thierry, esqueci de tudo que não fosse a vontade louca de beijá-lo.

Quando enfim voltei a mim e recuei, corada e um pouco sem ar, Laurent deu aquele sorriso largo.

– Bom, também estou feliz em vê-la – afirmou ele.

Então abracei Thierry, sugeri a ele que protegesse o pescoço do sol e perguntei como era ver Claire outra vez. Ele sorriu e respondeu que ela continuava bonita. Claire corou como uma garotinha e disse que

não continuava nada. Thierry rebateu que, bem, ela estava melhor do que ele, e Claire riu e afirmou que sim, era verdade. Perguntei se Laurent tinha sequestrado Thierry e ele torceu o nariz e respondeu que sim e que era melhor não cruzarmos com a polícia. Laurent pareceu um pouco estranho.

Então sugeri que, se quiséssemos voltar a Paris naquela noite, era bom que nos mexêssemos – o sol estava se pondo –, mas Thierry riu da ideia e disse que é claro que tínhamos que comer primeiro e que ele sabia de um lugar incrível. Eu ri do fato de tanto Thierry quanto Laurent terem ficado horrorizados com a ideia de não jantar antes de ir embora dali.

Calais não era muito glamourosa nem cheia de hipermercados que vendiam bebidas e cigarros baratos, nem de hotéis que ofereciam tarifas semanais. Laurent nos levou até a van branca da Le Chapeau Chocolat, colocou Thierry e Claire com cuidado na frente (eu fui empoleirada atrás), saiu da autoestrada e entrou em uma rede de estradas rurais e campos verdes até chegarmos a uma pequena casa de fazenda que mal parecia um restaurante.

Laurent entrou confiante e um homem gordo surgiu, resmungando com um sotaque do norte que achei difícil de entender, mas logo percebi que Laurent tinha basicamente lançado mão de um “você sabe com quem está falando?” e insistido que eles alimentassem o famoso *chocolatier*, como um jogador de futebol ou uma estrela do rock talvez tivesse feito na Inglaterra. Quando Laurent tirou Claire do carro, ela soltou um “ah”, como se reconhecesse o local.

O homem ficou nervoso e preocupado com os visitantes idosos. Eu estava tensa por causa de Claire, ela parecia muito frágil e mal tinha comido o dia todo, mas no restaurantezinho – que estava completamente cheio; o garçom teve que nos acomodar do lado de fora, sob a sombra de uma castanheira – eu pedi uma bisque de lagosta para ela e tirei seus sapatos para que os pés descalços tocassem a grama. O campo mais próximo tinha vacas que voltavam do pasto, a grama cheia de papoulas, inevitáveis no norte da França e da Bélgica, abelhas zumbindo ávidas à nossa volta, nos lembrando de que o outono se aproximava. Thierry pediu escargot e parecia prestes a pedir mais um prato, porém Laurent lhe lançou um olhar firme e ele pediu peixe no lugar. Todos bebemos uma tacinha medicinal de vinho tinto.

No início, foi difícil engatar uma conversa. Por onde começar depois de quarenta anos? Mas Claire conseguiu tomar a sopa. Eu

também tomei uma, estava sensacional, e depois comi um peixe que nunca teria ousado pedir alguns meses antes, com cogumelos colhidos no próprio local. Não era de se estranhar que o lugar estivesse tão cheio.

– Então – começou Claire, por fim, largando a colher. – Onde você estava? Eu mandei cartas para a loja, mas você nunca respondeu.

Thierry parou de usar o pão para limpar a manteiga de alho do escargot. Alice teria um trabalho duro pela frente.

– Beirute – respondeu ele, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

– Beirute? Mas eu achei... Achei que você fosse só marchar em volta da Place de la Concorde algumas vezes. Você foi convocado?

– É claro que fui convocado – resmungou Thierry, irritado. – Todo mundo foi convocado.

Claire cobriu a boca com a mão.

– Para ir a Beirute?

– É claro. Houve uma insurgência. Por acaso os jornais ingleses não relataram isso?

Claire passara aquele ano inteiro em devaneios e se concentrando apenas em si mesma. É claro que não lera os jornais.

– Não sabia – respondeu ela. – Achei que você estivesse em Paris.

– Eu estava com os documentos no bolso quando nos despedimos.

– Paramos aqui no caminho – lembrou Claire, com a voz fraca, brincando com os dedos dos pés na grama.

– Paramos, sim.

– Você me fez experimentar merluza.

– Vou te fazer experimentar de novo já, já.

Ela deu um sorriso fraco.

– Mas... as cartas...

– É claro, eu sou péssimo com papéis... Mas madame Lagarde tinha seu endereço... Eu escrevi do deserto. Ela não encaminhou as cartas a você?

A mão de Claire voou para a boca. Ela se lembrou da mulher elegante outra vez: “Leve essas lembranças, mas não fique presa a Paris.”

– Eu achei que fosse meu pai – sussurrou ela.

– Eu achei que você tinha voltado para a Inglaterra... casado... tido filhos.

– E eu achei que você tinha conhecido outra pessoa.

De repente todos olharam para Laurent, que estava fazendo contas furiosamente. Laurent resmungou alguma coisa e pediu licença para sair da mesa.

Eu estava preocupada com Claire, com medo de que ficasse muito cansada e agitada. Preferia que estivesse na cama, mas ela era muito determinada.

– Ah – fez Claire, baixinho.

– *Oui* – concordou Thierry.

Eu quase xinguei em voz alta. Não era de se admirar que Laurent estivesse tão irritado com o pai... e que sua pele tivesse aquele tom de oliva típico de Beirute.

– Eu... eu não podia ficar – continuou Thierry. – Eu era um soldado. E de repente não era mais. E era muito jovem e tinha uma loja para administrar.

Nós duas estávamos olhando para ele. Senti pena de Thierry: tão jovem, e uma mulher local, grávida e envergonhada...

– Mas eu mandei buscá-lo – Thierry apressou-se a dizer.

– Você não mandou me buscar – observou Claire, com a voz suave e triste, assentindo para si mesma.

– Laurent te perdoou por isso? – perguntei.

– Acho que não – respondeu Thierry.

Fomos interrompidos de repente. O proprietário apareceu e retirou os pratos e a merluza e se foi. Café e *eau de vie*, ou conhaque, apareceram do nada. Eu estava tentando explicar que não tínhamos pedido aquilo quando o homenzinho colocou sobre a mesa um prato cheio de chocolates Chapeau.

Todos ficamos boquiabertos, pasmos.

– Onde consegui isso? – indagou Thierry.

O custo do envio era astronômico, Alice garantiu que fosse assim, e Thierry relutava em atender pedidos particulares. Preferia que tudo fosse consumido no dia. Para durar mais tempo seria necessário colocar menos creme e um pouco de conservante, que ele odiava usar.

– Eu guardo – explicou o homem. – Para os clientes mais especiais. Que vocês certamente são.

Ele insistiu em tirar uma foto com Thierry. Alguns outros clientes vieram dar uma olhada no que estava acontecendo e, ao perceberem de quem se tratava, também foram tão efusivos em seus elogios que o proprietário precisou abrir mais uma caixa de chocolates. Thierry teve que prometer que enviaria outra e que assinaria a fotografia.

Quando o burburinho enfim cessou, Thierry virou o rosto gentil e destruído para Claire.

– *Chocolat* – disse ele. – Só sirvo pra isso, na verdade. Entende o que eu estou falando?

Claire assentiu e colocou a mão no braço dele.

– Você – afirmou ela, com a voz suave. – Era só para você que eu servia. Isso também não facilitou as coisas para mim.

Thierry colocou a mão enorme no bracinho fino de Claire e a manteve ali, enquanto os grilos começavam a cantar na noite e as estrelas enormes e reluzentes surgiam no céu uma a uma.



Saí de fininho para encontrar Laurent. Ele estava terminando uma cigarrilha preta e fina perto das árvores, repletas de insetos.

– Me desculpe – disse ele ao me ver. – Um hábito terrível.

– Não me importo – falei, e era verdade. A fumaça ganhava um aroma exótico naquela noite quente de verão. – Eu até gosto.

Ficamos em silêncio.

– Então agora você sabe – afirmou Laurent.

– Thierry era muito jovem.

– Minha mãe também era. – Ele olhou para a mesa. – Claire... ela está muito, muito doente.

Tive um sobressalto, me sentindo culpada por ter me afastado.

– Sim. É melhor eu ir checar como ela está.

Laurent passou a mão em meu rosto com gentileza.

– Você gosta de consertar as coisas – comentou ele, com a voz suave. – Você pode me consertar, Anna Tron?



Capítulo vinte e seis

Eu teria preferido que passássemos a noite lá, mas Thierry tinha prometido voltar para casa e Laurent estava ansioso para ir embora. Minha maior preocupação era com Claire. Sua respiração parecia fraca e irregular, e tinha sido um dia longo. Thierry também estava exausto. Laurent e eu trocamos olhares preocupados enquanto entrávamos na van, apoiando-os um no outro da melhor forma possível. Claire tomou mais uma dose de morfina, e observei disfarçadamente, tentando imaginar quanto do remédio seria demais, antes de balançar a cabeça pensando na loucura daquilo tudo. Enquanto Laurent corria pela estrada em alta velocidade, Thierry e Claire apoiaram-se um no outro, a cabeça dela aninhada sob o braço dele, como se dormissem assim todas as noites havia quarenta anos.

Não conversamos. Eu sentia que qualquer coisa que eu pudesse dizer seria errado. Laurent dirigia muito rápido, focado apenas na estrada. Olhei para ele, me perguntando por que ainda não conseguia conversar com o pai. Mas tirei esse assunto da cabeça.

Em vez disso, tentaria apenas apreciar o fato de os dois terem vindo nos buscar, a expressão de Claire na plataforma e o beijo que dei em Laurent. Toquei minha boca brevemente. Laurent beijava muito bem. Aqueles lábios... mas como eu não tinha notado que ele não era francês? Ele devia ter um sotaque estranho que eu não tinha percebido porque meu francês não era bom o suficiente. Ao pensar nisso, me ocorreu que Sami também devia falar de um jeito bem diferente. Que estranho o fato de eu nunca ter reparado, aglomerando tudo o que encontrara em Paris apenas como muito estrangeiro, sem considerar exatamente em que medida.

Fiquei olhando para os cachos pretos brilhantes dele à luz fraca do painel enquanto avançávamos em alta velocidade pela estrada escura.

Laurent estava totalmente concentrado na direção, e me senti tão segura que também caí no sono.

As luzes suburbanas de Paris me acordaram ao se refletirem no para-brisa, e me espreguicei, desconfortável. Tinha reservado um hotel muito bom para Claire perto do apartamento, e praticamente a carregamos até o quarto. Garanti que ela estivesse bem instalada e respirando, mas Claire mal se mexeu. Eu teria que ficar. O quarto era pequeno e me sentei em uma poltrona ao seu lado. Ela virou a cabeça.

– Está tudo bem – disse Claire, ofegante.

– Está. Tudo vai ficar bem.

Acariciei sua mão. Com dificuldade, ela balançou a cabeça.

– Não. Você não precisa ficar. Já fez o bastante. Vá para casa dormir um pouco.

– De jeito nenhum – falei.

Claire sorriu.

– Pelo amor de Deus, Anna. Eu prometo não morrer esta noite. É o bastante? Agora faça o que a sua professora pede e vá descansar um pouco. Tem muitas coisas que quero fazer nos próximos dias e não vai ajudar se você estiver zumbindo em cima de mim como uma abelha irritante.

– Eu não sou uma abelha irritante! – protestei.

– Xô!

Levantei, hesitante, sem saber ao certo o que fazer, até que ouvi a respiração de Claire suavizando conforme ela pegava no sono, e ela parecia melhor, o sono estava normal. Fiquei observando-a por um tempo, até ouvir a voz mais suave:

– Pare de olhar para mim.

Então saí do quarto. Voltaria assim que amanhecesse.



Alice estava esperando em frente à loja, no meio da rua, parecendo completa e absolutamente furiosa. Laurent e eu saímos da van, os dois exaustos, e ela entrou no veículo sem dizer uma palavra, deu a partida e desapareceu.

– Ela vai esquecer – resmungou Laurent.

– Você *roubou* a van?

– Mandeí uma mensagem pedindo desculpa pelo furto. Tenho certeza de que vai ficar tudo bem.

– Hum.

Vagamos pelos paralelepípedos desertos e viramos a esquina. No apartamento minúsculo, vi as luzes acesas. Ah, céus, Sami devia estar dando uma festa. De todas as coisas que eu não estava com vontade de encarar, essa com certeza estava no topo da lista. Fiquei arrasada.

– Bom, boa noite, então – falei a Laurent, me perguntando se conseguiria dormir.

– Boa noite.

Laurent fez menção de continuar andando, então, de repente, parou. A rua estava em total silêncio, a não ser por uma música calipso que julguei estar vindo do apartamento.

– Não – disse ele, quase para si mesmo, e se virou em minha direção. – Não, não, não, não, não. – Ele me pegou em seus braços e me beijou mais uma vez, um beijo profundo e intenso, até que senti, como mágica, o cansaço evaporar e um desejo inebriante e libidinoso dominar meus membros. – Venha comigo. Por favor, não quero ficar sozinho esta noite. Venha comigo.

– Eu tenho que ficar – respondi, rindo um pouco. Estava ridiculamente tarde. – Preciso ver como a Claire vai acordar e preciso trabalhar amanhã.

– Bom, não vai adiantar tentar dormir agora – provocou ele, em um tom desafiador.

Aquele era o Laurent que eu conhecia. Percebi que estava ficando corada. Não pude deixar de pensar que as últimas pessoas que me viram nua tinham sido cerca de cento e cinquenta estudantes de medicina, uma série de enfermeiras, minha mãe e, em uma ocasião embaraçosa durante minha recuperação, meu pai. Eu estava na seca fazia muito tempo.

– Suba – disse Laurent, dando a partida na scooter.



Essa jornada pareceu diferente da última vez que ele tinha me levado para casa, quando eu estava muito perdida e confusa. Foi rápida, passando pelos turistas que bebiam na Place de la Concorde, as luzes dos grandes hotéis tornando-os tão reluzentes quanto transatlânticos na noite e ouvindo trechos de músicas de orquestra que saíam pelas janelas abertas na noite quente. Eu me aconcheguei e senti o cheiro quente e denso de Laurent em sua camisa. Era melhor que qualquer

perfume que eu conhecia. Mais uma vez fomos para o norte, de volta a Montmartre, onde nos conhecemos, as vias largas diminuindo conforme as ruas ficavam mais tranquilas até que enfim a scooter estava quicando nas pedras e eu precisei me segurar para não perder o equilíbrio nas esquinas onde agora sabia que precisava me inclinar.

Meu coração batia forte, e a presença de Laurent preenchia meus sentidos. De vez em quando, ele tirava a mão do guidão para acariciar meu joelho de um jeito reconfortante e, sempre que fazia isso, eu sentia um arrepio se espalhar pelo corpo. Tentei não entrar em pânico. Era só sexo. Eu fazia isso o tempo todo. Tudo bem, eu fazia com Darr, depois de ter bebido algumas doses, mas isso era diferente. Agora, embora tivéssemos bebido vinho, eu estava completamente sóbria, com certeza mais sóbria do que em todas as vezes em que dormira com alguém pela primeira vez, e não gostava de nenhum deles tanto assim. Meu cérebro estava um turbilhão. Mal vi o parque de diversões pelo qual passamos, ainda iluminado, e com as luzinhas penduradas entre os postes antigos de iluminação.

Se Laurent sabia o que se passava em minha cabeça, ele não falou nada. Paramos em uma ruazinha lateral que nem era uma via, mas uma pracinha triangular que ficava em torno de um banco. Os prédios não eram daqueles grandiosos tradicionais e, sim, mais antigos, feitos de pedra cinza, que combinava com a cor dos paralelepípedos da rua. Pareciam ter sido transplantados de alguma outra parte da França. Muitos tinham trepadeiras crescendo pelas paredes, com sacadas apenas no último andar. Laurent me levou a um desses prédios, com uma porta larga bem no meio, pintada de vermelho vivo.

– Isso não é um prédio – falei, desconfiada. – Onde estamos?

Ele pareceu um pouco constrangido e pegou um molho grande de chaves antigas.

– Nunca trago ninguém aqui. Bem-vinda, eu acho, minha tímida mademoiselle inglesa.

Então piscou para mim para mostrar que não estava tão nervoso assim, girou a maçaneta antiga e fez sinal para que eu entrasse.

Entrei em um corredor formal que levava a uma antessala enorme com painéis que não ficariam deslocados no palácio de Hampton Court. Um candelabro grande e abstrato com velas pontilhadas de forma aleatória reforçava essa impressão. Esse cômodo ficava nos fundos da casa, longe da pracinha, e sua parede dos fundos era inteira de vidro. Do lado de fora havia um jardim iluminado em vários níveis

diferentes, impecavelmente varrido, com fileiras de ervas e vegetais, com caminhos de cascalho correndo entre elas. Observando através do vidro, à direita eu via outra parede de vidro que obviamente delimitava a cozinha, toda de aço inoxidável reluzente, muito profissional.

– UAU! – exclamei, incapaz de dizer qualquer outra coisa.

Do corredor, degraus flutuantes levavam para cima, presumivelmente para os outros andares. Prateleiras de livros cobriam uma parede do cômodo enorme cheio de painéis, e na outra havia uma lareira imensa, com uma tigela de vidro grande com limões no centro sem uso.

– Por que você fica pouco aqui? – perguntei, minha voz ecoando. – Se eu morasse aqui, nunca sairia, nunca.

Laurent pareceu um pouco constrangido.

– Hum. É... é uma coisa minha.

– Como assim? Você tem uma scooter velha bem capenga.

– Eu sei... não gasto muito dinheiro, na verdade. Então vai tudo para a casa.

Olhei para ele, um meio sorriso brincando em meus lábios.

– Seu pai não comprou essa casa para você?

Laurent pareceu furioso.

– Como se eu fosse aceitar um centavo.

– Bom, é linda.

– Você aceitaria uma casa dos seus pais?

Pensei na pergunta.

– Não consigo imaginar nada que deixaria meu pai mais feliz do que poder me comprar uma casa.

Ele estremeceu.

– Meu pai ofereceu...

– Arrá! – falei, triunfante. – Então Thierry não é totalmente mau?

– Eu era muito orgulhoso – respondeu Laurent, a quilômetros de distância, olhando para o jardimzinho. – Queria mostrar a ele que também era capaz... que era melhor.

Dei um tapinha em seu ombro.

– Você vai me odiar por dizer isso, mas vocês são muito parecidos.

Laurent deu um meio sorriso e me levou para a cozinha. Achei incomum – em minha experiência, para um homem – o fato de a geladeira estar cheia de manteiga, queijo, ovos e vegetais. Fiquei impressionada e fiz uma nota mental de nunca convidá-lo para jantar

no Sami. Ele pegou uma garrafa de champanhe. Fiquei animada no mesmo instante.

– Quando meu pai se mudou para Paris de Lot-et-Garonne, ele morava em um quartinho em um sótão sem água quente nem calefação. Dormia com todas as roupas que tinha durante o inverno. E trabalhou muito para chegar aonde chegou. Ouvi essa história um milhão de vezes... Geralmente da boca de Alice. – Laurent bufou.

– Então é claro que você tinha que fazer o mesmo?

Ele assentiu e abriu um sorriso.

– Pareço um idiota?

Dei de ombros.

– É uma casa muito bonita – falei.

O rosto de Laurent se iluminou.

– Obrigado!

Parado ali, iluminado pela geladeira, que ainda estava aberta, com as luzes do jardim iluminando seus cachos e a sombra dos cílios compridos em sua bochecha, achei que ele era a coisa mais maravilhosa que eu já tinha visto.

Eu me aproximei para beijá-lo e Laurent retribuiu o beijo, sem o desinteresse descontraído que demonstrara antes, mas com um fervor total e envolvente. Foi feroz e fantástico.

– Agora podemos parar de falar do seu pai? – perguntei, quando enfim paramos para respirar.

Ele largou a garrafa de champanhe no balcão.

– Vou te carregar lá para cima – declarou Laurent, me agarrando pela cintura. Meus olhos se voltaram para a garrafa que ele havia largado. – Ah, minha inglesinha – disse Laurent, rindo. – Acha que precisa ficar bêbada para se divertir comigo?

Eu me esquivei, com o rosto vermelho.

– Não bêbada exatamente. Mas um pouco de coragem não faria mal.

Ele pegou minhas mãos com seu pulso firme e me encarou intensamente.

– Você, minha maravilhosa Anna, vai subir comigo. Vamos fazer amor, se é isso que você quer, e você vai estar completamente sóbria e vai curtir cada segundo. *Oui ou non?*

Senhor!



O sol estava nascendo. Brilhava através das cortinas leves e claras em direção à cama, onde eu me encontrava deitada nos braços de Laurent. Ele estava apagado, mas eu não tinha dormido nada, e estava com aquela sensação leve e onírica de quando não temos certeza do que é real e o que é sonho. Eu me virei e beijei seu cabelo. No início, Laurent tinha acariciado suavemente meus dedos. Tinha acariciado levemente cada pedacinho de mim. Em seguida se tornou menos gentil. Bem menos.

– Ah, Anna – murmurou sua forma sonolenta.

– Preciso ir – sussurrei.

– Não.

Um braço enorme e peludo surgiu e me prendeu.

– Eu preciso. Preciso trabalhar.

– Ah, céus! – exclamou ele, se levantando como um raio e procurando pelo relógio. – Eu também. Eu disse que ficaria com o primeiro turno.

– Mas com certeza não começa tão cedo assim, né?

– Você nunca trabalhou em um hotel, né?

– Não.

Laurent sorriu e me beijou.

– Você é ainda mais deliciosa pela manhã. Ah, meu amor. Fique mais um pouco.

– Você não tem que ir trabalhar? De qualquer forma, não. Estou preocupada com Claire. Não devia tê-la deixado sozinha ontem à noite.

– Ela estava feliz e dormindo. E, afinal, você não gostou do que acabamos fazendo?

Ele sorriu.

Sorri de volta, me sentindo corar de novo. Laurent colocou a mão em meu rosto.

– Gosto quando você fica vermelha.

– Cala a boca! – Peguei minhas roupas (era estranho pensar que eu tinha vestido aquelas roupas em Kidinsborough, precisava desesperadamente de um banho) e fiz menção de ir embora. Não queria. Eu sentia como se estivesse navegando em um mar de felicidade. – Ah, Deus, não sei como vou sobreviver a este dia – falei, e ri. – Vai ser ainda pior do que o habitual.

– Só se concentre, você vai ficar bem.

– Tudo bem. – Olhei para ele. – Uma coisa que você não me falou.

– Tem um milhão de coisas que não te falei – respondeu Laurent, sorrindo. – Agora acho que vamos ter tempo de nos conhecer.

Eu retribuí o sorriso.

– Sim, por favor. Mas, Laurent, e a sua mãe? Ela não gostaria de saber de Thierry? Não gostaria de vê-lo? – No instante em que as palavras saíram da minha boca eu soube o erro terrível que tinha cometido. A janela se fechou quase imediatamente. – Me desculpe – sussurrei. – Outra hora?

– Isso é...

Pensei no Laurent que eu via pela cidade: bonito, charmoso, mantendo tudo leve.

– Estou indo rápido demais? – perguntei.

Ele respondeu no mesmo instante *non, non, non*, mas fui embora mesmo assim. Fiquei tão irritada por ele não ter vindo atrás de mim que, quando passei pela scooter, minha vontade foi de chutá-la.



Capítulo vinte e sete

Claire estava sonhando. Sonhando que se encontrava em Paris e a luz que refletia dos prédios de pedra branca em seu rosto era aquela que só surgia quando estava lá. Sentia-se mais leve que o ar. Movimentava-se com toda a liberdade que desejava. Por que achava que estava doente? Não era verdade, ela se sentia ótima, todos os médicos tinham errado. Médicos tolos, ela estava tão bem que podia voar, olhe.

De repente, no próprio sonho Claire se deu conta de que é claro que não podia voar e, aos poucos, começou a flutuar até a superfície, a decepção tão amarga quanto as cinzas em sua boca, ainda capturada, ainda presa em seu corpo impregnado de escuridão, inutilidade e vergonha. Sentia-se assim todas as manhãs: arrancada dos sonhos e jogada na dureza de mais um dia de luta na realidade.

Piscou duas vezes. Mas uma coisa estava diferente. Era aquela luz. Com uma explosão de pura felicidade, Claire se lembrou. Estava em Paris. Tinham conseguido. Ela estava lá.

Ouviu uma batida à porta, e Anna entrou, com duas xícaras de café que trazia da recepção e um saco de croissants frescos, crocantes e ainda quentinhos entre os dentes. Fez uma careta sorridente – parecia exausta, Claire percebeu, mas muito bem – e foi até a janela, onde abriu a cortina grossa revelando uma floreira cheia de rosas brancas e uma vista que ia até a Torre Eiffel. Era encantadora.

– Nada mau, hein? – disse Anna, largando o café e beijando o rosto de Claire. – Bom dia. Como está se sentindo?

Claire deu de ombros.

– Na verdade – respondeu, parecendo surpresa –, não tive uma noite ruim.

Ela costumava acordar três ou quatro vezes ao longo da noite,

muitas delas se sentindo sufocada.

Anna a ajudou a ir até o banheiro e a vestiu, pediu desculpa por chegar tão cedo, mas falou que não sabia a que horas Claire ia acordar e achou melhor garantir, em seguida desapareceu rumo à loja. Claire a observou partir com um sorriso no rosto. Ela era dedicada, aquela garota. Estava certa sobre Anna. Ela ia se sair bem.

Então se sentou com o exemplar de cortesia da *Paris Match* à janela que Anna tinha aberto e ouviu, pela primeira vez em quarenta anos, os ruídos de Paris acordando enquanto bebericava o café forte e doce, mordiscava o croissant e sentia o sol quente nos ossos doloridos.



Era o primeiro dia depois do recesso e cheguei mais cedo que Frédéric ou Benoît naquela manhã, um fato inédito. E veja só: os dois provavelmente conseguiram dormir, o que já era uma vantagem em relação a mim. Fiquei por ali sozinha – Frédéric tinha as chaves – desejando ter algo para fazer com as mãos, como fumar.

A van chegou antes dos dois. Meu coração parou e soltei um palavrão. Agora teria que lidar com Alice sozinha.

Alice quase caiu do assento do motorista. Pela primeira vez, não tinha o rosto impecavelmente maquiado. Vestia as roupas do dia anterior e o cabelo estava preso em um rabo de cavalo. Não parecia ela mesma e mal a reconheci.

– Alice?

Ela olhou para mim. O rímel do dia anterior escorria em seu rosto. Seu estado era deplorável.

– Você está bem? – perguntei, assustada.

Pela primeira vez desde que nos conhecemos Alice me respondeu em inglês.

– Nã-ã-ão – disse ela, tremendo, lançando-se pelos paralelepípedos e se sentando na calçada. Então explodiu em soluços altíssimos.

– O que foi? – O medo tomou conta de mim. – Thierry está bem? A viagem foi demais para ele?

Incapaz de falar, Alice balançou a cabeça.

– Não, não é isso... Ele está melhor – respondeu ela, com amargura, quase cuspiendo as palavras. Olhou para mim com uma raiva inconfundível. – Como você pôde... como pôde tirá-lo de mim? – indagou Alice, então começou um novo fluxo de lágrimas.

– Como assim?

Eu estava genuinamente confusa. Ela não podia estar falando de Laurent, certo? Não, claro que não. Não, isso seria absurdo. Ainda assim, fiquei ruborizada. Ah, meu Deus, aquela criatura, eu odiava o efeito que Laurent tinha sobre mim.

– Meu Thierry – respondeu Alice, como se eu fosse uma idiota. – Você pegou MEU homem, MEU parceiro, e o levou para encontrar uma fantasia do passado, como se eu nem existisse... quer dizer, como é que eu vou competir com isso? – Ela soava engraçada em inglês, não parecia tão refinada, parecia alguém de Essex. Esfregou os olhos, furiosa. – Bom, muito obrigada. Sou só aquela que manteve tudo funcionando, que cuidou da contabilidade, que manteve os fornecedores felizes, que manteve todo mundo distante para que ele pudesse se concentrar em fazer o que faz de melhor... e é assim que me agradecem.

Fiquei sem ação. Era verdade, Alice estava completamente certa. Eu não tinha considerado os sentimentos dela, só tentei ficar fora do seu caminho. Mas é claro que eu não tinha o objetivo de usurpá-la. Estava tentando ajudar outra pessoa. Não sabia como explicar.

– Sinto muito – falei, sem saber se isso ia funcionar. – Não era a minha intenção... – Eu me ajoelhei. – Você tem ideia da gravidade da doença dela?

Alice olhou para cima.

– Thierry contou que ela estava doente, mas está muito feliz em vê-la, parece um garotinho. Está fazendo os exercícios de fisioterapia, depois de ter dito ao médico que não faria de jeito nenhum. Está comendo vegetais e fazendo planos e... fazia muito tempo que eu não o via tão animado assim. – Ela olhou para mim. – Ele vai me deixar.

– É claro que ele não vai te deixar – afirmei, pensando para mim mesma que, considerando o temperamento horrível de Alice, se ele tivesse essa intenção já o teria feito bem antes. – Escute – continuei, me sentando ao lado dela na calçada –, nós duas sabemos que Thierry é um otimista, não é?

Alice riu um pouquinho.

– Pode-se dizer que sim.

– Ele não gosta muito de encarar as dificuldades da vida.

– Não – concordou ela. – Como aquela maldita barriga.

Eu ri do comentário.

– Você precisa saber: Claire está muito doente, muito mesmo. Ela

nem devia estar aqui. Devia estar no hospital.

Então eu me dei conta da realidade.

Na verdade Claire não tinha dito nada, e só ela e o médico sabiam de seu real estado de saúde. Mas, aos poucos, fui percebendo que o que eu dizia estava certo e entendi a enormidade de tudo aquilo.

– Não, não... – falei, devagar. – Claire não devia estar no hospital. Devia estar no hospício. – Olhei para Alice a fim de me certificar de que estava entendendo o significado das minhas palavras, embora eu precisasse entender tanto quanto ela. – Alice, vir até aqui... é a última coisa que Claire vai fazer. Você entende isso? Ela vai voltar para o Reino Unido e... – Mordi o lábio. – E vai morrer.

Alice arregalou os olhos.

– Sério?

– Sério.

– Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! – Ela ficou em silêncio, claramente pensando em como quase tinha perdido Thierry recentemente. – Ele não me contou isso.

– Talvez ele não saiba, ela está guardando para si – expliquei.

– Mesmo que soubesse, fingiria que não está acontecendo.

Nós duas sorrimos. Ficamos ali mais um tempo, observando Benoît se arrastar pela rua.

– Então... – falei, depois de um tempo.

– Então deixe que os dois continuem – disse Alice, sem graça. – É isto que está querendo dizer: cai fora, Alice?

Pensei sobre a questão.

– Sim, mas não por muito tempo. Thierry é seu, eu acho. Você não acha?

Ela deu um meio sorriso.

– Duvido que outra pessoa consiga suportá-lo.

Eu sorri enquanto Alice voltava para a van.

– Isso vale em dobro para o filho, a propósito! – gritou ela, mas fingi não ouvir.

Frédéric chegou também, jogando o cigarro e acariciando Nelson Eddy, o cão.

– *Bonjour* – cumprimentou ele. – Pronta para mais um dia cheio de trabalho?

Fiquei observando a grade subir.

– É claro!



Capítulo vinte e oito

Às oito horas eu estava completamente exausta, e já tínhamos desperdiçado dois tabuleiros inteiros de chocolate com laranja porque eu tinha colocado muito creme e ficou parecendo iogurte de chocolate. Benoît resmungava e Frédéric parecia bastante agitado e me perguntava o que Alice dissera. Claro que eu não respondi. Por algum motivo eu tinha prometido estudar avelãs durante o recesso. É óbvio que eu não tinha feito isso, e com *le tout Paris*, Paris inteira, sabendo que reabriríamos hoje, era um pouco tarde para começar. Comecei a assar as avelãs sem vontade, com Frédéric agitado e estendendo a mão por cima dos meus ombros para tirar as verdes. Então eu me virei muito rápido porque ele tinha me assustado e esbarrei no segundo tonel de cobre, que crepitou e começou a cuspir chocolate pelo chão. Em seguida, escorreguei e tive um flashback tão vívido que caí no choro. Frédéric se esforçava para ser compreensivo, mas percebi que só estava ficando cada vez mais agitado enquanto Benoît resmungava para si mesmo algo sobre nunca ter trabalhado com uma mulher na cozinha antes e que era exatamente por causa disso, quando, de repente, ouvimos um barulho no telhado da estufa.

Nós três tivemos um sobressalto. Havia alguém agachado no telhado! A sombra estava bem em cima de nós, uma coisa sinistra sobre nossas cabeças.

– *Merde* – disse Frédéric, correndo até a pia e pegando a faca enorme que usávamos para cortar as ervas.

– Quem está aí? – gritei, com a voz trêmula.

Não houve resposta. Fiquei feliz pelos rapazes estarem ali. Fomos em direção a janela. Uma grande forma escura pairava ali ameaçadoramente, então, de repente, com um baque surdo, saltou para o pátio. Em um segundo Benoît abriu a porta dos fundos e todos

nos empilhamos sobre a figura agachada.

– AARGH! AARGH! PAREM! SAIAM! – berrou o desconhecido, e percebi que era Laurent.

– Parem, parem, os dois – falei, dando um passo para trás.

– Não acredito que você me atacou de novo – resmungou Laurent, se sacudindo.

– Tente evitar invadir nossa oficina então – rebati, sem fôlego e irritada. – O que é que você estava fazendo lá em cima?

– Ninguém abria a porta da frente. O que é que vocês estavam fazendo aqui?

Por sorte, nenhum dos garotos delatou meu choro desesperado. Laurent olhou para mim e depois olhou para o chão.

– Hum. Me desculpe. Me desculpe por ontem à noite. Eu me fechei. Fui indelicado.

– Estou acostumada com você sendo esquisito – respondi, com tristeza.

– Eu sei. – Ele soltou um suspiro e, de repente, começou a falar em inglês. – Isso é difícil... estou tentando, Anna.

– E *eu* estou tentando ser indiciada por Dano Físico Grave – brinquei.

– Frédéric, pode nos servir dois cafés? – pediu Laurent.

Surpreendentemente, Frédéric foi sem reclamar. Benoît, resmungando, voltou para limpar o chão da oficina. Estremeci um pouco, pois estava frio ali no pátio, onde não batia luz solar. Pegamos os cafés que Frédéric trouxe e agradecemos. Olhei para o relógio, um pouco preocupada.

– Eu cresci em Beirute – contou Laurent, devagar. – Meu pai foi enviado para lá para contornar problemas que estariam por vir. E vieram.

– Ah, não... – falei, empática.

– Na verdade – retrucou ele, um pouco arrogante –, Beirute é um lugar lindo. Praias, esquis, a comida... ah, a comida.

Olhei para a frente e decidi deixá-lo falar. Laurent prosseguiu:

– Meu pai assumiu um posto lá durante o conflito. Isso... A vida lá era muito difícil...

Ele perdeu a linha de raciocínio.

– E sua mãe? – perguntei.

Laurent balançou a cabeça.

– Você consegue imaginar como minha mãe foi tratada quando a

família descobriu que ela estava grávida de um soldado francês?

– Não.

– Minha avó fazia pequenos furtos. No meio da noite, sabe? Para que ninguém a visse. Fazia isso para nos trazer comida.

– Então os dois não se...

– Se meu pai pediu a mão dela em casamento, você quer dizer? Ah, não, ele tinha planos diferentes. Até falou sobre Claire para a minha mãe.

Mordi o lábio. Parecia muito insensível, até mesmo para Thierry.

– E quando você nasceu?

– Ele mandava dinheiro. E quando eu tinha 7 anos, meu pai nos trouxe para cá por um tempo. Já tinha conhecido Alice naquela época.

– Ela foi gentil com vocês?

Ele bufou.

– Minha mãe era muito mais bonita do que ela. Alice logo ficou insegura. Fingia que eu nem existia.

– Por que eles não tiveram filhos?

Laurent deu de ombros.

– Porque Alice é uma bruxa?

– Ela é ok. – Eu descobria cada vez mais como devia ter sido difícil para Alice ficar com aquele homem obstinado e egoísta. – E como foi?

– Paris? Incrível. Nossa, era tão limpa, arejada e fresca! As casas enormes e as ruas... e ninguém tratava minha mãe diferente quando ela tirava o lenço! Era como se ela tivesse voltado a ser livre, não como em Dahiyeh, onde todos sabiam da vergonha.

– Ela parece incrível – falei.

Laurent assentiu bruscamente.

– Ela era. Fez um excelente trabalho sozinha.

– Vocês queriam ficar?

– Não podíamos. Os dois não eram casados. Minha mãe não podia simplesmente ficar aqui. De qualquer forma, embora estar em casa fosse horrível, era a nossa casa. A mãe dela estava lá.

– O que você achava de Thierry?

– Quando meu pai se interessava por mim era ótimo. Ter a atenção dele me fazia achar que eu tinha iluminado o mundo dele. E meu pai me mostrou tudo sobre o trabalho e eu me interessei... me interessei muito, sabe?

Assenti. Laurent prosseguiu:

– Ele gostou disso, então fui seu boneco engraçadinho por um

tempo. Depois, sabe, voltamos para o Líbano e foi como se ele tivesse nos esquecido de novo.

– Seu pai não é muito de escrever cartas – observei.

– Homens como Thierry... Eles são o sol, sabe? Todo o mundo deve apenas orbitar em torno deles. É a mesma coisa com qualquer grande chef, com maestros, com jogadores de tênis. Esses homens são a luz.

Mas não havia nenhuma amargura em sua voz. Olhei para Laurent. Foi como se tivesse enxergado o pai exatamente como era e aceitado. Ele olhou para mim.

– Você estava chorando? – quis saber Laurent. E, quando assenti, acrescentou: – Eu fiz você chorar?

Assenti mais uma vez, para não ter que dizer que era meu olho. Enfim, sim, ele me fazia querer chorar.

– CÉUS! Eu sou o homem mais egoísta do mundo, o pior. Não quero ser como ele, Anna. – Laurent me puxou para seus braços e me abraçou, apertado e forte, minha cabeça enterrada em seu ombro. – Nunca mais quero fazer você chorar – sussurrou em meu ouvido. – Nunca mais.

– Tarde demais – respondi, soltando um barulho engraçado pelo nariz.

Eu me agarrei a ele como se nunca mais fosse largá-lo, até que Laurent começou a me beijar de novo. Ouvimos uma batida forte na janela. Frédéric parecia ansioso. Benoît, fiquei espantada ao perceber, parecia estar sorrindo.

– CLIENTES! – avisou Frédéric.

– SIM! – respondeu Laurent, levantando-se em um salto. – Vamos cozinhar!

– Espere – falei. – Só... sua mãe...

– Tumor no cérebro – contou Laurent, em poucas palavras. – Quando eu tinha 15 anos. Meu pai pagou todas as despesas hospitalares. Queria que ela viesse a Paris, mas minha mãe não queria incomodar. Então ele me trouxe para cá e me arranjou um estágio, me inseriu no mundo da culinária. E isso é tudo que quero fazer desde então.

– Mas não como Thierry gostaria?

– Não. Meu pai agiu por culpa, e eu tinha 15 anos e precisava de alguém para culpar. Ele se ofereceu para comprar uma casa para mim. Nunca fez isso para a minha mãe. Ela viveu naquela porcaria de apartamento a vida inteira.

– Foi por isso que você não quis aceitar o dinheiro dele? – perguntei. Houve um longo silêncio. – Sabe de uma coisa? Aposto que você fazia sua mãe muito feliz.

– Era o que ela dizia. Mas isso não me faz deixar de odiar os malditos hospitais. Mas acho que já perdoei meu pai. – Ele me segurou pelo quadril e me lançou um olhar intenso. – Não sei o que você tem, Anna Tron. Você me deixa calmo e feliz quando está por perto e triste quando não está. Não sei por quê.

Parei. Eu tinha 30 anos e já havia dito o que viria a seguir, mas nunca de um jeito tão verdadeiro e sincero quanto agora. Não para Darr, aquela pobre alma desajustada.

– É porque eu te amo – falei.

Eu normalmente não seria a primeira a dizer, mas, ah, eu estava tão exausta, desorientada e emotiva... E percebi que eu o amava muito, mesmo quando ele era petulante, mesmo quando estava ranzinza, mesmo quando me provocava. Achava que talvez estivesse apaixonada por Laurent desde o dia em que ele me deu uma carona na scooter.

– Ah! – exclamou Laurent, abrindo a boca. – Sim. Sim, deve ser isso. Eu devo amar você. Devemos estar apaixonados. É claro. É CLARO! – Ele bateu na cabeça de um jeito engraçado. – Não acredito que não pensei nisso.

Então Laurent me abraçou e me levantou enquanto Frédéric gritava “CLIENTES!” sem parar na janela da estufa, e ele só parou de me beijar para berrar de volta:

– Mas nós estamos APAIXONADOS!

Foi quando percebi outra coisa. Era como se alguém tivesse desligado um rádio que eu nem sabia que ainda estava tocando. De repente a coceira, a agitação, a dor, as pontadas, todas as sensações nos dedos que não estavam ali simplesmente desapareceram. E eu me senti inteira.



Thierry estava dando um nó na gravata em frente ao espelho. Pela primeira vez em muito tempo parecia haver espaço sobrando em seu colarinho. Alice chegou por trás dele e alisou os ombros da camisa dele.

– Ah, não me provoque.

– Não – disse ela, e desviou o olhar. – Não vou te provocar.

Ele olhou para Alice. Tinha dormido muito bem e acordado se sentindo como havia muitos anos não se sentia. Achava muito irritante que beber menos vinho e comer menos massa fizessem com que se sentisse tão bem.

– Alice – falou Thierry, a voz ficando mais suave –, você sabe que em minha vida eu amei três mulheres. Uma delas está morta, a outra está morrendo e a outra é você. Então, por favor, não se irrite comigo hoje.

Alice voltou a ficar atrás dele e passou as mãos no cabelo espesso de Thierry. Enterrou o rosto ali.

– Não posso te perder – declarou ela.

– Não vai perder. Não vai. Eu prometo.

Thierry se virou, com cuidado, para olhar para ela. Parecendo ainda irritada, Alice viu a cicatriz por meio da camisa desabotoada. Ele prosseguiu:

– Eu fiz tantas... bom, não. Não fiz tantas coisas na vida. Eu fiz chocolate e achei que era o suficiente.

Alice piscou com força.

– Não cuidei dos meus brinquedos como um bom garoto – continuou Thierry, com um sorriso pesaroso. – Posso te recompensar agora?

Alice pensou nos anos que passara amando aquele homem, mesmo quando ele foi se descuidando, mesmo depois de ter enterrado seus planos de ter filhos, sabendo que os dois eram muito ocupados, vendo como Thierry era com o filho, que tinha uma idolatria dolorosa pelo pai. Algumas pessoas sempre se sacrificavam mais, Alice sabia disso.

– Sim – respondeu ela, e beijou a testa dele.

– Mas eu também preciso...

– Fazer isso. Sim. Eu sei.

Alice o levou até o hotel como Thierry pediu, para ver a mulher que ele nunca esquecera: a inglesa esguia que moldara seu gosto com tanta precisão... mas Alice não ficou.



Eu já tinha visto Laurent nas cozinhas do hotel, mas não na loja do pai. Sabia meu lugar e fiquei no canto, fora do caminho, os braços em volta do corpo, como se abraçasse um segredo bom demais para

guardar. Mas ele conhecia a oficina, é claro, provavelmente melhor do que qualquer um. Laurent brincava ali quando era criança. Ele olhava para as plantas na parede dos fundos enquanto colocava os tonéis para bater, descascava mais rápido do que qualquer um que eu já vira, conchava como um artista, os braços se movimentando com o mesmo ritmo gracioso do pai: pegando a receita de ontem, acrescentando creme e experimentando, acrescentando mais. Foi até o armário da loja, encontrou o moedor grande de pimenta e depois foi até o limoeiro e tirou todos os limões. Nunca tínhamos usado aqueles limões. Frédéric explicara que eram só para o *nougatine*. Laurent os cortou grosseiramente, então parou sobre a batedeira, espremendo e experimentando mais uma vez.

– Esse é o único jeito – afirmou Laurent.

Bom, talvez fosse para ele. Eu nem saberia que sabor procurar sentir. Até aprender, imaginei. Laurent acrescentou mais suco de limão, então levantou o vaso de coentro.

– *M’sieur!* – protestou Benoît, mas era tarde demais.

Laurent esfregou as folhas, deixando o pó sobre a mistura.

– Isso parece que vai ficar nojento – comentei.

– Ainda vamos fazer de você uma chef – disse Laurent, e sorriu. Ele experimentou um pouco e fez uma careta. – Sim, você tinha razão. Está nojento. É preciso equilibrar. Sem equilíbrio, fica horrível. Com equilíbrio, podemos fazer qualquer coisa. – Olhou para mim. – Assim que perdeu os dedos do pé você tinha equilíbrio?

– Não – respondi.

– Mas agora consegue fazer qualquer coisa, certo? Foi compensando a falta e acabou melhorando.

Dei de ombros.

– Sim, acho que sim.

– Bom. Da mesma forma, eu vou dar um jeito nesse chocolate.

– Não sei se a metáfora está funcionando – falei, sorrindo.

Laurent pediu silêncio e continuou trabalhando fervorosamente. Por fim, experimentou uma última vez e, no mesmo instante, parou as pás da batedeira.

Abri a boca, obediente.

– É isso que gosto de ver – disse Laurent.

Ele deixou o conteúdo esfriar e depois o colocou em minha língua.

Eu esperava que fosse ser terrível, esquisito, mas não. A base de chocolate foi intensificada pela pimenta, que lhe conferiu uma

intensidade amarga, mas que depois atravessou meu corpo com uma agudez leve e sublime. Era puro, delicioso e dava vontade de comer mais.

– Nossa! – exclamei. – Eu preciso comer mais.

– Sim! Isso. – Laurent também experimentou. – Sim, exato. Perfeito.

Sou um gênio.

– Pode me ensinar a fazer isso?

Ele me olhou de cima a baixo.

– Há dois meses eu diria que não. Agora acho que você pode fazer qualquer coisa.

Frédéric interrompeu nosso beijo para dizer que ia ter um motim na fila que se formava lá fora e perguntou se queríamos que ele já ligasse para a Bastilha. Todos em Paris sabiam que reabriríamos, e havia um rumor de que Thierry estava se recuperando e também estaria presente. Eu sabia que o hotel ia chamar um táxi para ele e Claire, mas não sabia exatamente a que horas. Senti uma pontada momentânea de preocupação, antes de me lembrar de Claire brigando comigo para que eu fosse fazer minhas coisas. Os dois ficariam bem.

Frédéric colocou o chocolate nas prateleiras de resfriamento muito depressa e Laurent se virou para começar outra receita de hortelã e anis. Comecei a limpar e depois, por curiosidade, fui ver como andavam as vendas do chocolate sabor limão.

A primeira pessoa a experimentar foi M. Beausier, um dos clientes habituais. Ele era pequeno e magro, considerando a quantidade de chocolate que consumia. Talvez fosse sua dieta básica. O homem deu uma mordida e arregalou os olhos.

– *Mon Dieu!* Thierry está de volta à cozinha? – Ele se virou para a fila e começou a distribuir quadradinhos para que as pessoas experimentassem. – Experimentem isso, experimentem isso – dizia, animado. – Preciso comer mais! – gritou, para Frédéric, que ergueu as sobrancelhas e soltou um suspiro dramático.

As pessoas que experimentaram começaram a murmurar entusiasmadas e a fazer pedidos grandes.

Eu me virei para Laurent.

– Acho que vai ter mesmo um motim lá fora – falei.

Ele se endireitou. Parecia nervoso e emocionado ao mesmo tempo.

– Como assim? Eles estão odiando?

– Nãoãã. Estão amando.

– É sério?

– É claro que é sério! Por favor, meu amor, você sabe que cozinha bem.

– Mas na cozinha do meu pai... – resmungou Laurent, tirando o cabelo dos olhos.

– Sim. Na cozinha do seu pai. Você também é maravilhoso.

Ele sorriu, e eu senti naquele instante um amor imenso por Laurent e uma onda repentina de amor pelo meu pai, que me amava de qualquer maneira, independentemente do que e de como eu fizesse. Ele não era famoso, nem um gênio brilhante e tampouco mundialmente conhecido. A não ser para mim.

– Agora vá em frente e faça mais – falei.

Mas Laurent não conseguiria naquele momento, ele precisava ver com os próprios olhos.

A multidão ainda estava na loja, incapaz de dispersar, dizendo uns aos outros que o chocolate era incrível. E, é claro, como havia muita gente, outras pessoas tinham surgido para ver o que estava acontecendo, observar e também entrar na fila, e o estoque inteiro já tinha quase esgotado.

M. Beausier, que conhecia Thierry havia muito tempo, ficou surpreso ao ver Laurent. Mas a atenção de todas as outras pessoas foi atraída por um carro comprido que estacionava lá fora.



Thierry já parecia mais forte do que no dia anterior, pensou Claire. Estava vestido de forma elegante e carregava um grande buquê de flores quando chegou à sua porta. As coisas seriam assim, imaginou ela. Ele ficaria cada vez melhor e se recuperaria enquanto Claire ficava cada vez pior. Ela sabia que o ataque de tosse muito forte que tivera no banheiro naquela manhã faria com que o oncologista a mandasse voltar para o hospital imediatamente. Por um instante, quase cedeu, pensando de repente em quanto seria bom chamar uma ambulância e deixar que os profissionais tomassem conta da situação para se entregar a um sono medicado e deixar que limpassem seus pulmões e drenassem o que fosse necessário para deixá-la mais confortável...

Mas Claire sabia, mais do que tudo, que a próxima vez que fosse para o hospital não sairia mais. Ela tinha uma chance, só uma, de fazer isso. Reunindo toda a sua coragem, com a mão tremendo,

consegui colocar as pedrinhas de esmeralda nas orelhas.

Também não queria tomar muita morfina. A droga ajudava, mas borrava sua visão e a fazia se sentir como se estivesse caminhando por um sonho de algodão, onde nada tinha real importância. Thierry tinha importância, tinha muita importância para ela. E era só mais um dia. Então Claire queria ficar longe da morfina, ainda que parecesse que seus ossos quebrariam a qualquer momento, ou que seu corpo inteiro se curvaria e ruiria, como em um filme sobre a guerra nuclear a que assistiu certa vez.

Tinha bebido um pouco de água e feito o possível com o rosto. Percebeu que não conseguiria atravessar o banheiro caminhando para voltar ao quarto.

Soltando palavras que surpreenderiam muitos de seus ex-alunos, Claire rastejou, muito devagar, pelo chão.



– Como você está? – perguntou Thierry, cobrindo-a de beijos enfaticamente. – Os médicos me mandaram caminhar e fazer exercício, então andei até o elevador para ver você.

Claire sorriu.

– Você pode caminhar comigo? – continuou ele.

– Não. Hoje não.

– Bom, que pena. Sempre gostei das nossas caminhadas.

– Eu também – afirmou Claire. – Mas pedi chá. Agora me conte tudo.

– E você também – insistiu Thierry. – Depois vou levá-la até a loja.

– Eu adoraria. Isso seria ótimo.



Depois me dei conta de que o táxi não teria espaço para uma cadeira de rodas, e o hotel teve que pedir um carro maior. Dito e feito: uma limusine estacionou em frente à loja, e Thierry desceu do carro preto e grande.

A multidão explodiu em aplausos no mesmo instante. Thierry parecia incrivelmente alegre, já aparentava estar melhor do que no dia anterior e muito melhor do que naqueles dias terríveis no hospital.

Levantou a mão, agradecendo os aplausos. Alguém começou a tirar fotos.

Então pai e filho se viram. Thierry ficou paralisado por um momento. Vi, com clareza, o rosto de Laurent ser tomado por um misto de medo, nervosismo e orgulho desafiador. Eu já sabia interpretá-lo muito bem. Alguém entregou um pedaço de chocolate a Thierry. Devagar, muito devagar, ele colocou o chocolate na língua, o deixou ali e fechou a boca. O silêncio era absoluto na rue Chanoinesse. Todos os outros lojistas estavam na rua para ver o que estava acontecendo.

Thierry mastigou, meditativo e atento. Então parou e assentiu, breve e firme.

– *Mon fils*. Meu filho – limitou-se a dizer, e abriu os braços.

Laurent correu a seu encontro como se fosse um garotinho.



Ajudei Claire a sair do carro para a cadeira, que mal cabia na loja estreita, e mal chegava à estufa nos fundos. Laurent voltou a fazer o novo chocolate e mais uma leva do de limão. Quando Laurent empunhou o moedor de pimenta, Thierry, mantendo o olhar reluzente no filho, comentou que ele ia lhe causar outro ataque cardíaco, mas se manteve fora do caminho a maior parte do tempo. Claire ficou sentada confortavelmente perto das plantas e eu tirei algumas fotos. Era engraçado pensar que ela já tinha estado lá antes. Será que a oficina tinha mudado?

– Nem um pouco – contou Claire. – Benoît, eu me lembro de você jovem. – Ao ouvir o resmungo de Benoît, confidenciou: – Ele já era assim naquela época.

Thierry foi até a pia e lavou as mãos.

– Vou fazer um remédio para você – disse ele a Claire, que sorriu.

– Ah, eu adoraria.

Observei, fascinada, quando Thierry pegou um batedor minúsculo, que parecia absurdamente pequeno em suas mãos enormes, uma pequena panela de metal e começou a trabalhar em fogo bem baixinho, acrescentando conhaque e baunilha em gotinhas minúsculas, experimentando o tempo todo. Flagrei Laurent espiando Thierry e fingindo não estar prestando atenção.

Então o líquido ficou pronto e foi despejado quente em uma xícara

enorme de barro, um pouco lascada. Thierry pegou uma faquinha minúscula e esculpiu rolinhos perfeitos de chocolate de uma barra grande para decorar a espuma no topo. Depois levou para apresentar a Claire como se estivesse em uma bandeja de prata.

– É a mesma xícara! – exclamou ela, com prazer.

– Mantive tudo que me fazia lembrar de você – contou Thierry. – Quando voltei do Exército... Ah, eu tinha mudado. A vida tinha mudado. Tudo ficou mais complicado e menos livre e... bom... eu gostava de manter algumas coisas como lembrança.

Observei Claire beber. Ela fechou os olhos brevemente. Não servíamos chocolate quente no verão, mas eu sabia que era lendário porque as pessoas não paravam de falar disso.

– Ah! – exclamou Claire.

Isto vai parecer forçado, mas ela de fato pareceu um pouco restaurada depois de beber. Suas bochechas ficaram mais coradas e surgiu um brilho em seus olhos. Claire bebeu a xícara inteira com um prazer evidente. Era a primeira vez que eu a via comer ou beber com apetite de verdade em quase um ano.

– Você veio até aqui por uma xícara de chocolate quente? – perguntei.

Claire deu um sorrisinho.

– Bom, esse foi o principal motivo.

Thierry acompanhou o diálogo e abriu um enorme sorriso.

– Eu ainda mando bem – gabou-se ele, presunçoso.

– É claro.

Thierry serviu o restinho na xícara de Claire, que terminou de beber com pesar.

– Vou fazer mais um.

– Você pode fazer outro amanhã, antes de eu ir embora – disse ela.

Olhei para Thierry, que assentira sem tentar insistir que Claire ficasse mais tempo. Ela já devia ter lhe contado tudo então.

– Agora, Anna – prosseguiu Claire, voltando a atenção para mim. – Quero ver onde você mora.

– Quer? – Eu me perguntei que pessoa do submundo Sami estaria hospedando naquele momento. – Não, é melhor não. Tem muita escada e é só um apartamento minúsculo. Uma caixinha, de verdade.

– Vim até aqui para visitá-la e gostaria de ver o apartamento – disse Claire, em um tom de “Faça o dever de casa”.

Então eu a levei na cadeira e viramos a esquina pela calçada de

paralelepípedos, deixando os garotos para trás para que lidassem com a fila cada vez maior de clientes entusiasmados.



Não demorou muito, embora manobrar a cadeira de rodas para subir e descer o meio-fio fosse uma tarefa cansativa. Paris não é uma cidade feita para cadeiras de rodas. Como sempre, o corredor estava em uma escuridão total. Claire analisou a lista desbotada do interfone.

– Não coloquei meu nome – expliquei. – Minha estadia aqui é temporária.

Ela me lançou um olhar penetrante.

– Tem certeza? – perguntou Claire.

Eu me contorci e olhei para baixo.

– Hum, não.

– Bom, tome cuidado com os garotos Girard.

Abri a porta pesada. Ela conseguia caminhar se segurasse meu braço.

– Eu queria... eu queria ter ficado com o meu – acrescentou Claire.

Encontrei o interruptor e apertei com força, então subimos, bem devagar. No meio do caminho, ouvi a porta misteriosa do primeiro andar se abrir de novo. Meu coração parou. Ah, não. Aquela velha assustadora. A última coisa de que eu precisava agora era que ela marchasse até nós e comesse a brigar comigo porque os amigos de Sami deixavam a porta aberta e ouviam música em horários inconvenientes.

Subimos as escadas em um ritmo bem lento, enquanto a porta se escancarava. Claire estacou no patamar. Eu pisquei. Pouco antes de a luz se apagar, vi a mulher ali também. Ela era muito velha, o cabelo branco, o corpo curvado.

– Claire? – perguntou a mulher, e respirou fundo.



O apartamento de madame Lagarde ainda tinha muitos dos móveis dos velhos tempos quando a família era dona da casa inteira. Era grandioso e barroco, mas um pouco exagerado para aquele espaço. Porém, tinha uma limpeza impecável e era luxuoso, com um tapete

persa grosso na sala enorme. Tinha até uma empregada, que nos levou para sentar, saiu e voltou trazendo chá de limão em xícaras de porcelana de ossos.

As duas mulheres ficaram se olhando.

– Eu não sabia – começou a mulher mais velha.

Claire balançou a cabeça.

– Como você saberia? Thierry mencionou o endereço.

– Sim, eu... eu sempre quis ajudá-lo.

Claire enfim se virou para me apresentar.

– Anna, esta é Marie-Noelle Lagarde. Eu também morei aqui quando vim a Paris pela primeira vez.

– Lá em cima?

– Sim, lá em cima, mas era uma casa só naquela época.

– Antes dos socialistas – disse madame Lagarde, com uma careta. – É claro que nos divorciamos. Era moda naquela época.

– E Arnaud e Claudette?

– Os dois estão bem. Claudette mora aqui perto e vem com frequência. Os filhos dela são maravilhosos comigo. Arnaud está em Perpignan, pegando um sol.

Claire sorriu.

– Os dois eram crianças queridas.

– Sim – concordou madame Lagarde. – E gostavam muito de você.

Um silêncio se abateu sobre elas.

– E sobre... as cartas de Thierry...

Madame Lagarde abaixou a cabeça.

– Peço perdão. Me desculpe. Eu achava que era uma aventura de verão que ia acabar morrendo e que isso seria bom para vocês dois. Sua mãe também achava.

– Minha Mãe?

Madame Lagarde assentiu.

– Sinto muita falta dela, sabia? Fomos amigas de correspondência a vida inteira.

– Minha mãe falou que você podia ficar com as cartas?

– Eu mantive comigo as cartas de Thierry enquanto ele estava no Exército, sim. Nós duas achamos que era a coisa certa a fazer. E, você sabe, o divórcio. Eu tinha muito pouco tempo para romance em minha vida naquela época.

– E todo aquele tempo eu culpei meu pai.

Madame Lagarde sorriu.

– Nunca subestime o poder de uma mulher. Eu sinto muito. Achei que era a coisa certa.

Claire balançou a cabeça.

– Eu fiquei muito triste.

– Thierry também. E quando voltou de Beirute... Ah, Claire. Você não o teria reconhecido. Ele não era o mesmo homem. Mesmo aqueles que trabalham na cozinha veem coisas que não deviam. Thierry bancou o alegre mais uma vez, porém não estava. Não mais.

Claire assentiu.

– Entendo.

– E depois, é claro, você se casou e sua mãe ficou tão feliz... Ela gostava muito do Richard, você sabe.

– Sei, sim. Ele a mimava muito, sempre a levava para tomar chá e comprava presentes. – A lembrança a fez sorrir. – Eu achava que Richard estava sendo um puxa-saco. Mas agora sei que só estava sendo muito educado e gentil. Ele é um homem muito bom.

– Era o que sua mãe dizia.

Terminamos o chá e as duas mulheres se abraçaram.

– Você não está bem – observou madame Lagarde.

Ela parecia uma pessoa muito direta, pensei. Gostei dela.

– Não – respondeu Claire.

– E eu estou muito velha.

– Sim.

– Quando você vai embora?

– Amanhã.

Elas pararam à porta.

– Então... Em outra vida – disse madame Lagarde.

– Espero que sim – falou Claire.

Em seguida as duas se abraçaram mais uma vez e eu me afastei um pouco.



Claire não tinha certeza de que conseguiria chegar até o último andar. Madame Lagarde a convidou para ver as garagens horríveis que tinham construído quando venderam o jardim – uma decepção que ela claramente não tinha superado – e Claire mal conseguiu fazer isso. Mas não queria decepcionar Anna, nem preocupá-la. No dia seguinte Thierry queria subir a Torre Eiffel com ela uma última vez. Ia se

preocupar com isso quando chegasse a hora. Agora tudo o que queria fazer era tomar uma dose suficiente de morfina no banheiro para aguentar a próxima meia hora. E a seguinte. E a seguinte.



– SAUDAÇÕES!

O apartamento estava coberto de tecidos drapeados, e Sami estava com uma expressão maníaca e a boca cheia de alfinetes. Um jovem baixo, gordinho e mal-humorado encontrava-se em pé com uma faixa larga na cintura.

– Vai dar tempo! Vai dar tempo!

O homem olhou para o relógio.

– Cinco horas para o ensaio geral.

– Ah, MERDA! – disse Sami. – Querida, você tem dextroanfetamina?

– Sim, Sami – respondi. – É claro que tenho dextroanfetamina.

Ele estava tão envolvido no que fazia que não percebeu o sarcasmo por alguns segundos, então lembrou que tinha educação e pediu desculpas a Claire.

– Me perdoe, é esta noite. O grande ensaio geral. E tudo vai ficar BEM.

– Ai – reclamou o homem, quando Sami o espetou com um alfinete.

– E vocês todos vão?

– Bom... – falei.

– Vocês vão! É claro! À ópera!

– Ah, eu não sei...

– Você não sabe? – disse Sami. – Os ingressos estão esgotados há meses. Contaremos com a presença do presidente, do príncipe de Mônaco, de todo mundo que é alguém em *le tout Paris*, e você está sendo convidada para uma prévia de graça.

Claire se pronunciou.

– Qual ópera?

– *La Bohème* – respondeu o jovem. – Eu interpreto Marcello e devia estar aquecendo a voz neste momento.

– Ah! – exclamou Claire, e olhou para mim. – Eu amo essa ópera.

Eu nunca tinha ido a uma ópera na vida, só conhecia aquela música do Beethoven. De repente o homem, que era o indivíduo mais desagradável que eu já tinha visto, abriu a boca.

Até Sami parou de se mexer. O som que saiu dele era tão espesso e rico quanto o chocolate de Thierry. Era comovente e onírico. Ele cantou só um pedaço – e eu nem entendi as palavras –, mas o som de sua voz encheu a casa até as vigas. Uma expressão de calma começou a se espalhar pelo rosto de Claire.

– Tudo bem – falei depressa. – Nós vamos. – Eu me virei para Claire. – Se você quiser.

– Se puder me levar ao hotel agora para eu cochilar um pouquinho, não consigo imaginar algo que poderia me deixar mais feliz – disse Claire.



Capítulo vinte e nove

Thierry e Laurent nos encontraram na entrada, os dois de paletó e gravata-borboleta. O paletó de Thierry parecia um pouco largo no pescoço, o de Laurent parecia alugado e estava simplesmente maravilhoso.

– É só um ensaio – comentei, mas, ainda assim, estava encantada.

Claire usava um vestido envelope cinza que se esforçava para fazer com que a perda de peso sem precedentes parecesse elegante. Eu vestia um presente de Claire. Tinha sido surpresa. Ela parecia um pouco nervosa no hotel, mas explicou que achava que agora o vestido me serviria (eu devo ter perdido peso, percebi pelo jeito que Claire falou), e que era velho, mas talvez passasse por vintage. Ela também garantiu que não tinha problema se eu não gostasse, ela não entendia muito de moda ultimamente.

Mas quando vi o vestido, amei de cara. Era um tom de verde-claro lindo e tinha pequenas margaridas ao redor da barra. Embora eu tenha achado que talvez fosse um pouco jovem demais para mim – eu já não era mais nenhuma garotinha, afinal –, na verdade o corte e o modelo eram tão sofisticados que o caimento ficou perfeito e de quebra ainda deixava à mostra meu leve bronzeado de verão. Era o vestido mais lindo que eu já tinha usado, e pude perceber pela expressão de Claire quando eu o vesti que ela achava o mesmo.



Claire nem entendia por que trouxera o vestido no fim das contas, até ver a expressão entusiasmada de Anna, corada, claramente apaixonada e tão feliz. Se tivesse o costume de pensar bem de si

mesma, Claire teria ficado orgulhosa por tê-la convencido a ir para Paris.

O cochilo tinha ajudado um pouco. Não conseguia mais segurar a comida. Fingiu almoçar enquanto Anna não estava no quarto. Também não tinha sentido vontade de ir ao banheiro o dia todo.

– Se não conseguir ir ao banheiro – dissera o médico –, é um sinal. Hospital. Na hora. Sem brincadeira.

– Sim, doutor – respondera ela.

E agora sabia que era como um carro andando só com o cheiro do combustível. Era estranho, como se seu corpo estivesse desistindo como uma caldeira velha, ou um carro, um pouquinho por vez, desligando de mansinho.

Ela virou o rosto para Anna, em quem o vestido caía bem, mas cujo rosto estava tão repleto de felicidade e entusiasmo que a roupa ficaria adorável mesmo se fosse só um saco de batatas. Ela *era* adorável.



Maquiei Claire: um pouco de rímel nos cílios curtos que estavam crescendo e um batom rosa-claro. Nós nos olhamos no espelho e ela disse:

– Bom, acho que é o melhor que vamos conseguir.

E logo nos abraçamos.

O rosto de Laurent se iluminou quando me viu, e Thierry respirou fundo e olhou para Claire de um jeito que me fez pensar que talvez ele já tivesse visto aquele vestido. Pedi a um funcionário do hotel que tirasse uma foto com meu celular. Laurent segurava Claire em pé e me fazia cócegas e, enquanto ele nos abraçava, nós caímos na gargalhada no momento exato em que o flash disparou.



Havia uma multidão lá para o ensaio geral e todos estavam vestidos com uma simplicidade calculada que parecia dizer “somos músicos profissionais que só se importam com a arte e não com frivolidades da vestimenta”, mas nós não ligamos. Sami tinha guardado bons lugares para nós no meio de uma das primeiras filas, colocando um rolo enorme de tecido turquesa sobre as poltronas. Thierry insistiu em

levar uma caixa de sanduíches e uma garrafa de champanhe em uma bolsa térmica. Eu o repreendi e disse que Alice ia matá-lo. Ele sorriu e respondeu que era um momento único, e estourou a rolha enquanto os músicos terminavam de afinar os instrumentos e as luzes começavam a baixar.

Achei que eu ia ficar completamente entediada. Que não ia entender nada e ficaria óbvio para todos que eu era só a burra da Anna Trent de Kidinsborough, aluna mediana que falava francês que nem a cara dela e gostava de Coldplay.

Mas então o maestro entrou, sem cerimônia – ninguém aplaudiu, era um ensaio, afinal –, ergueu as mãos e todos aqueles músicos que eu conseguia enxergar, ali pertinho de mim... simplesmente começaram a tocar umas cordas, de um lado para outro do violino, e foi absolutamente incrível. Não foi nem um pouco estranho ou chato, foi lindo. Então as cortinas subiram e eu fui pega de surpresa. Dois homens – incluindo o baixinho que conheci no apartamento – estavam em um sótão vazio e que parecia frio, como o meu. Também tinha uma vista de Paris, cheia de luzes cintilantes e chaminés fumegantes e, pela janela, embora eu não fizesse ideia de como eles conseguiram fazer aquilo, a neve caía. Era extraordinário. Então os homens começaram a cantar e eu fui transportada. Sami havia me contado a história certa noite enquanto costurava, mas eu não precisaria conhecê-la ao assistir aos homens com frio e fome queimando seus livros. Em seguida, o outro homem – que era mais alto e mais bonito – conheceu a bela Mimi, que usava um vestido remendado e desbotado, mas de caimento perfeito, enquanto mostrava quanto era pobre e indefesa com uma voz tão alta que parecia alcançar as vigas.

Laurent não tirou a mão da minha perna o tempo todo, e eu fui inclinando o tronco para a frente, cada vez mais fascinada. Olhei para Claire. Seus olhos estavam semiabertos, a cabeça encostada no ombro de Thierry. Ele a abraçava. Ela parecia muito mal. De repente senti um nó na garganta.

– Você está bem? – sussurrei.

– Sim, querida.

– Vou levá-la para casa amanhã – falei. – Richard vai encontrá-la e levá-la de volta para os garotos.

– Sim. Tenho muita sorte – afirmou Claire, e apertou minha mão.

Thierry sussurrou algo no ouvido dela.



Claire mal conseguia distinguir as figuras no palco. Os garotos... seus garotos... ah, onde eles estariam agora? Queria tanto vê-los! Sentia muita saudade deles: o aroma fresco de seu cabelo; o jeito como dormiam, os braços estendidos e as pernas abertas nos beliches; seus bracinhos em volta do pescoço dela...

– Não vá – sussurrou Thierry em seu ouvido.

Ela sorriu.

– Preciso ir. Preciso voltar para os meus garotos... e para alguém que eu deveria ter amado mais.

Thierry beijou a cabeça careca de Claire com gentileza.

– Você não poderia ter me amado mais.

– Não, não poderia – disse ela.



Não houve intervalo, nenhuma pausa, e os cantores seguiram com suas cenas. Mas eu preferia assim, não queria que nada quebrasse o feitiço. Embora aquelas pessoas estivessem cantando, eu estava com elas, no baile, que foi perfeito, com os vendedores de rua. E, por fim, enquanto Rodolfo deitava Mimi no sofá com gentileza, beijando-a sem parar, as lágrimas caíam dos meus olhos. Laurent sussurrou o nome da ária que ele estava cantando – “Que mãozinha gelada” – e meu coração deu um salto, em pânico. Eu me virei e, de cara, antes mesmo que o silêncio tomasse a orquestra, o elenco olhasse boquiaberto para nós e Sami viesse correndo dos bastidores atravessando as luzes do palco na nossa direção – o lenço comprido turquesa tremulando atrás dele –, a ambulância, as luzes, o barulho, eu soube, apenas soube, todos nós soubemos.



Epílogo

O cavalheiro mais velho – gordo e com o bigode espesso, mais exuberante do que já devia ter sido – dirigiu-se à frente da fila com a bengala. Ele era alto e estava elegantemente vestido, e, como a maioria dos visitantes era estrangeira, não francesa, eles o deixaram passar com seu ar de autoridade para comprar o ingresso para ir ao topo.

No elevador, o homem ficou com as mãos cruzadas atrás das costas. Era um belo outono. As folhas, depois de um verão quente, eram de um vermelho e dourado reluzentes. Todos estavam de volta à cidade revigorados após as férias de verão e ficaram muito entusiasmados ao saber que o grande Thierry Girard havia estabelecido uma parceria – com ninguém menos que o filho – e não ia mais contar com as glórias do passado. Estava desenvolvendo um trabalho de ponta e com surpresas degustativas. O chocolate de ostras de Laurent vinha sendo objeto de discussão havia semanas. E com Laurent trabalhando lado a lado com Anna, que se revelou um achado e tanto – os dois pareciam tão felizes juntos, brigando carinhosamente por aromas, um obrigando o outro a provar novas misturas –, Thierry não sentia necessidade de ir até a loja com tanta frequência. Tinha muito mais tempo para caminhar e ficar com Alice, que estava menos frenética agora que o futuro financeiro parecia garantido, mas ainda ficava como um falcão de olho na dieta dele; e para refletir sobre quão perto tinha chegado de perder tudo, tudo de bom que tinha na vida. Bom, ele ainda teria vários anos pela frente, exceto se houvesse algum acidente, anos que Claire nunca teria. Ele devia a ela aproveitá-los, era o que sentia.

Lá no topo, virou à esquerda ao sair do elevador – sabia que a maioria das pessoas viraria à direita – e foi para o lado leste, de onde dava para ver as torres da Notre-Dame, sua pequena ilha, seu pequeno

refúgio no meio do mundo. Lá de cima, o movimento, o trânsito e o barulho pareciam nada, todas as pequenas atividades do mundo humano se espalhando pela cidade, cada uma carregando consigo uma infinidade de felicidades e tristezas, todos aqueles amores encontrados e perdidos.

O vento soprava, carregando um frescor outonal. Thierry se sentia feliz por estar usando o lenço rosa que Alice tinha comprado.

Abriu a caixa da Galeries Lafayette. Queria muito dar a caixa a ela, tinha planejado fazer isso ali em cima. Mas não tiveram tempo. Não tiveram tempo de... Bem. Não ficaria se lamentando agora.

Thierry tirou o chapéu novinho de dentro da caixa branca, levantou-o no ar sobre a grade e – *puf!* – deixou o vento levá-lo para longe, observando-o dançar e voar no ar, bem acima das chaminés, dos sinos, das torres e das catedrais. Viu o objeto girar, a fita vibrar... voando cada vez mais para o alto no céu azul até sumir de vista.



Receitas

Eis algumas das minhas receitas favoritas com chocolate. As primeiras são muito, muito simples, mas vão até uma trança de noz-pecã e chocolate.

Todas as receitas deste livro, com exceção da trança (que não vejo a hora de experimentar!) foram testadas e checadas por mim.

Beijos,
Jenny

Bolinhos crocantes de chocolate

É sério, todo mundo tem que começar por algum lugar, e esta receita é perfeita para crianças e tão deliciosa quanto minhas lembranças.

- 100g de chocolate derretido – amargo ou ao leite, o que você preferir
- 60g de manteiga
- 3 colheres de chá de golden syrup (caso tenha dificuldade de encontrar, outras opções são: xarope de bordo ou uma mistura com partes iguais de glucose de milho e mel)
- 90g de crispies de arroz

Derreta o chocolate devagar – embora o aconselhado seja fazer isso em banho-maria, eu costumo fazer bem devagarinho no micro-ondas, 10 segundos por vez, tirando sempre para mexer – e então acrescente a manteiga e certifique-se de que ela também derreteu por completo. Adicione a calda e os crispies de arroz à mistura. Também é possível acrescentar pequenos marshmallows e, se você for meio esquisito, uvas-passas (é sério, existem hora e lugar certos para uvas-passas, mas acho realmente que esse não é o caso). Distribua em forminhas de papel e deixe esfriar.

Bolo de chocolate infalível

Este com certeza é o bolo de chocolate mais fácil do mundo. Você vai olhar para a receita,

resmungar e pensar: “Hum, óleo vegetal”, mas eu prometo: o óleo faz com que o bolo fique úmido e delicioso. Você pode decidir fazer em cima da hora, o que é sempre muito útil, e a quantidade de ingredientes nem precisa ser meticulosamente exata.

- 4 ovos
- 200g de açúcar refinado
- 40g de cacau em pó
- 120ml de óleo vegetal
- 250g de farinha de trigo
- 4 colheres de chá de fermento em pó
- ½ colher de chá de sal
- 1 xícara de café forte (expresso ou só bem forte mesmo)
- Raspas de 1 ou 2 laranjas
- 1 colher de chá de extrato de baunilha
- Creme de avelã

Preaqueça o forno a 180°C. Forre a fôrma – eu uso uma fôrma de pão, fica bonito e organizado. Bata os ovos, o açúcar, o café e o cacau, e vá adicionando o óleo aos poucos. Em seguida, misture a farinha de trigo, o fermento em pó e o sal. Por fim, acrescente as raspas de laranja e a baunilha. Despeje a massa na fôrma e asse durante 40 a 50 minutos mais ou menos. Cubra com creme de avelã. Delícia!

Bolo de biscoito de chocolate

Meu amigo Jim fez esse bolo e eu fiquei viciada. Adoro muito, sério. Obrigada, Jim. (P.S.: Por favor, mande a cobrança da academia para ele, não para mim!)

- 200g de manteiga sem sal
- 150ml de golden syrup ou 2 colheres de sopa bem generosas (De novo, caso tenha dificuldade de encontrar este ingrediente, outras opções são: xarope de bordo ou uma mistura com partes iguais de glucose de milho e mel.)
- 225g de chocolate de boa qualidade
- 200g de biscoitos de maisena, grosseiramente triturados
- 200g de biscoitos maria, grosseiramente triturados
- 125g de castanhas mistas (nozes, castanha-do-pará, amêndoas)
- 125g de frutas mistas (passas, damascos, cerejas)
- Aproximadamente 40g de pão de mel crocante

Forre uma fôrma de bolo redonda de 15cm ou uma de pão com uma camada dupla de papel-manteiga. Eu usei uma fôrma de silicone, então não precisei forrar. Derreta a manteiga, a calda e o chocolate bem devagar em uma panela em fogo baixo. Certifique-se de que a panela é grande o suficiente para caber todos os biscoitos triturados, etc. Acrescente os biscoitos, as frutas, as castanhas e a porção de pão de mel crocante. Mexa bem. Transfira o conteúdo para a fôrma preparada. Nivele o topo e pressione bem para evitar brechas de ar. Deixe esfriar e endurecer. Precisa ficar cerca de 2 horas na geladeira ou cerca de 45 minutos no congelador. Quanto mais tempo, melhor. Fica ainda mais gostoso no dia seguinte. Cubra o conteúdo todo com papel-manteiga e guarde na geladeira.

Brownies com café e gotas de chocolate

É claro que precisamos de uma receita de brownie, e esta é perfeita.

- 450g de farinha de trigo
- 1 colher de chá de sal
- 1 colher de chá de fermento em pó
- ¼ colher de chá de bicarbonato de sódio
- 60g de café moído
- 220g de manteiga
- 450g de açúcar mascavo escuro
- 220g de gotas de chocolate
- 3 ovos levemente batidos

Preaqueça o forno a 180°C. Em uma tigela média, misture a farinha de trigo, o sal, o fermento em pó, o bicarbonato de sódio e o café. Em banho-maria, ou com cuidado no micro-ondas, derreta a manteiga, o açúcar mascavo e metade das gotas de chocolate, mexendo para misturar bem. Deixe esfriar um pouco, em seguida acrescente os ingredientes secos e mexa. Misture os ovos. Despeje em uma fôrma não untada. Espalhe o restante das gotas de chocolate por cima. Asse no meio do forno até que o bolo encolha nas laterais, de 25 a 30 minutos. Deixe esfriar e coloque na geladeira até ficar bem gelado. Tire da fôrma e corte em quadradinhos. Coma gelado ou em temperatura ambiente. Rende 24 brownies.

Melhor chocolate quente da vida

Esta receita é muito boa para crianças cansadas em dias frios. Não acho que seja possível especificar de quantos marshmallows você vai precisar. Apenas dobre a quantidade que lhe vier à cabeça.

- 125ml de creme de leite fresco
- 125ml de leite
- 100g de chocolate amargo de excelente qualidade
- Uma pitada de canela
- Marshmallows

Aqueça o creme de leite junto com o leite delicadamente – não deixe levantar fervura nem criar nata! Por isso tem que ser muito, muito delicadamente! Derreta o chocolate amargo, com cuidado, e acrescente devagar à mistura. Sirva com uma pitada de canela por cima e os marshmallows. Se você for adulto e estivesse nos fazendo uma visita, também acrescentaríamos uma dose de licor ou uísque.

Bolo de merengue de chocolate

AAAH, eu amo esse bolo, e é sem farinha de trigo, o que é bom para pessoas com intolerância. É gostoso e crocante em cima/embaixo, depende de como você escolher servir, e grudento no meio.

- 1 dose de expresso/café passado bem forte
- 2 ou 3 colheres de sopa de conhaque/licor de sua escolha (gim fica maravilhoso com chocolate)
- 350g de chocolate amargo de boa qualidade
- 4 ovos grandes, separados
- 100g de manteiga sem sal, em temperatura ambiente, cortada em cubos pequenos
- Uma pitada de sal (o chocolate sempre pode se beneficiar de uma pitada de sal)
- 200g de açúcar refinado
- Mais chocolate para ralar por cima, se você gostar desse tipo de coisa

Preaqueça o forno a 180°C. Unte as laterais da fôrma redonda de fundo removível de 20cm e forre o fundo com papel-manteiga. Quebre o chocolate grosseiramente em uma tigela que possa ser aquecida e despeje café e conhaque (ou licor ou gim) sobre o chocolate. Derreta tudo junto no micro-ondas ou em banho-maria, até ficar uniforme e brilhante. Reserve e deixe esfriar. Bata as gemas e a manteiga juntas até ficarem cremosas, então acrescente a mistura de chocolate já fria e bata mais uma vez. Em outra tigela *bem limpa*, bata o sal e as claras em neve, então acrescente o açúcar, aos poucos, sempre batendo, até formar um lindo merengue. Incorpore o merengue, cerca de um terço por vez, à mistura de chocolate, depois coloque tudo às colheradas na fôrma e espalhe nivelando bem. Asse por cerca de 40 minutos. O que você quer é uma camada superior crocante, um pouco quebradiça, e um recheio que ainda esteja macio, mas não líquido. Desligue o forno e deixe o bolo lá dentro para terminar de assar enquanto o calor vai diminuindo. Deve ficar pronto em cerca de uma hora. Tire do forno e deixe esfriar completamente, então desenforme. Vire o conteúdo de ponta-cabeça sobre um prato, se preferir a base crocante; ou deslize, se preferir a parte crocante por cima. Rale chocolate por cima se achar que precisa de mais decoração, mas eu nunca me dou esse trabalho.

Cookies com gotas de chocolate

Tão fácil, tão delicioso.

- 250g de farinha de trigo não peneirada
- 1 colher de chá de bicarbonato de sódio
- Uma pitada de sal
- 125g de manteiga em ponto pomada
- 90g de açúcar refinado
- 90g de açúcar mascavo
- 1 colher de chá de extrato de baunilha
- 2 ovos
- 150g de gotas de chocolate amargo
- 125g de castanhas picadas

Preaqueça o forno a 190°C. Em uma tigela pequena, misture a farinha de trigo, o bicarbonato de sódio e o sal. Reserve. Em uma tigela grande, misture a manteiga, os açúcares, a baunilha e bata até ficar cremoso. Incorpore os ovos e bata. Adicione a mistura de farinha aos poucos e misture bem. Acrescente as gotas de chocolate e as castanhas. Resfrie a mistura por mais ou menos uma hora, se tiver tempo, em seguida modele biscoitos pequenos e coloque em uma fôrma. Asse por 8 a 10 minutos.

Mousse de chocolate

Não tenho vergonha de contar que a primeira vez que preparei essa mousse ela ficou perfeita e eu fiquei MUITO entusiasmada. Eu estava com um convidado que era um excelente cozinheiro, então precisei fingir que tinha certeza de que tudo ia dar certo. Enfim, preparei mais algumas vezes desde então e parece bastante infalível e impressionante. Você só precisa de um pouco de tempo. Também é possível acrescentar algum aromatizante, se quiser – com licor fica delicioso.

- 25g de manteiga
- 200g de chocolate, metade ao leite, metade amargo
- 240ml de água
- 3 gemas
- 25g de açúcar refinado
- 200g de chantili

Derreta a manteiga e o chocolate com 60ml de água (eu faço isso *com muita delicadeza e muito devagar* no micro-ondas, checando de 10 em 10 segundos, mas você pode fazer em banho-maria, se preferir). Mexa as gemas, o açúcar e o restante da água em fogo baixo, e bata o chantili caso não tenha comprado pronto. Misture todos os ingredientes e transfira para uma tigela grande ou taças individuais e resfrie por 3 a 4 horas.

Cherry ripe

Meu marido é da Nova Zelândia, onde essa barra de chocolate é um tesouro nacional, então resolvi recriá-la e deu muito certo. Bom, eu acho que deu. A bandeja inteira já tinha desaparecido quando olhei... Esse tipo de doce que pode ser servido em pedaços é ótimo para festas e celebrações em geral.

- 175g de farinha de trigo com fermento
- 2 colheres de chá de cacau em pó
- 100g de açúcar refinado
- ½ colher de chá de fermento em pó
- 100g de manteiga
- 50ml de leite
- 600g de cerejas em calda
- 125g de leite condensado
- 150g de coco ralado
- 1 colher de chá de extrato de baunilha
- 150g de chocolate amargo

Preaqueça o forno a 180°C. Unte e forre uma fôrma quadrada. Misture a farinha, o cacau, o açúcar, o fermento, a manteiga e o leite. Asse por 15 a 20 minutos. Misture as cerejas, o leite condensado, o coco e a baunilha e espalhe sobre a base fria. Cubra com chocolate amargo derretido e deixe descansar, *se possível*.

Bolo confeitado

O melhor desse bolo supersimples é que ele parece muito mais bonito e bem-acabado do que realmente é. É um bolo GRANDE, devo avisar, para ocasiões com muitas pessoas, e é muito bom para aniversários.

Para o recheio:

- 250g de farinha de trigo com fermento peneirada
- 150g de açúcar refinado peneirado
- 150g de manteiga em ponto pomada
- 4 ovos
- 50g de cacau em pó
- 125ml de sour cream (creme azedo que leva creme de leite, suco de 1 limão, sal e cream cheese ou iogurte)
- 1 colher de chá de fermento em pó
- Uma pitada de sal
- ½ colher de chá de essência de baunilha

Para o recheio e a cobertura:

- 500g de açúcar refinado
- 100g de cacau em pó
- 250g de manteiga
- ½ colher de chá de essência de baunilha
- Leite para diluir, se a mistura ficar muito grossa
- Confeitos crocantes cobertos de chocolate, para decorar

Preaqueça o forno a 180°C. Unte e forre duas fôrmas de bolo de tamanhos iguais. Misture os ingredientes do bolo até obter uma massa uniforme. Asse por 20 a 30 minutos, ou até que você teste com um palito e ele saia limpo. Bata os ingredientes da cobertura. Cubra e recheie o bolo já frio. Em seguida, pegue os confeitos de chocolate e comece a decorar (compre um saquinho a mais, caso você acabe com um acidentalmente). Até uma desastrada como eu consegue fazer linhas retas com as bolinhas e, no fim, o bolo parece ter saído da vitrine de uma confeitaria chiquerrima. Oba!

Trança de noz-pecã e chocolate

Estou tão feliz por John Whaite, o vencedor do programa The Great British Bake Off 2012 (embora, sinceramente, todos fossem incríveis – vesti meu filho de 5 anos de James Morton no Halloween), ter me dado permissão para usar esta receita! Ela pertence a seu livro de receitas chamado John Whaite Bakes... Recipes for Every Day and Every Mood (John Whaite cozinha... Receitas para todos os dias e todos os estados de espírito, em tradução literal). The Great British Bake Off é um programa que eu amo e assisto religiosamente. Faço algumas receitas do programa (as não tão complexas) e, como qualquer pessoa sensata, venero Mary Berry como a rainha que ela claramente é.

Essa trança é esplêndida, deliciosa e um pouco incomum, então é ótima para quando você quiser algo diferente.

Rende uma trança de 35cm.

- 500g de massa folhada pronta
- Farinha de trigo para polvilhar

- 3 fatias grossas de pão branco
- 200g de noz-pecã
- 75g de manteiga sem sal
- 150g de açúcar mascavo claro
- 75g de gotas de chocolate ao leite
- 1 ovo para pincelar
- 1 colher de sopa de açúcar de confeitado para polvilhar

Equipamento: Processador

Praaqueça o forno a 200°C. Polvilhe a estação de trabalho com farinha de trigo e abra a massa folhada em um retângulo de 25 x 35cm. Coloque a massa em uma fôrma forrada com papel-manteiga. Reserve. Para preparar o recheio, primeiro bata o pão no processador até obter migalhas finas e as transfira para uma tigela grande. Em seguida, coloque as nozes no processador e bata até ficarem bem picadas. Junte-as à tigela com as migalhas de pão. Coloque a manteiga e o açúcar no processador e bata até a mistura ficar uniforme. Adicione as migalhas de pão, as nozes e o leite, e processe até formar uma massa pegajosa, como uma massa grossa de pudim. Coloque a massa folhada à sua frente, ainda na fôrma. Deixe-a de modo que um dos lados mais curtos fique de frente para você – em posição retrato, não paisagem. Pegue o recheio e coloque-o como se fosse uma língua bem no centro da massa. Você deve deixar cerca de 10 centímetros de massa de cada lado da “língua”. Depois de colocar todo o recheio sobre a massa, espalhe as gotas de chocolate sobre ele e pressione-as devagar, tentando não espalhar. Pegue uma faca afiada ou cortador de pizza e fatie a massa dos dois lados do recheio em fatias de 1cm, cortando na horizontal do recheio para fora. Assim, você deverá ter à sua frente uma linha de recheio com várias abinhas de massa saindo dela. Quase como uma centopeia, mas uma centopeia bem gostosa. Bata o ovo e pincele as bordas das abas usando um pincel ou o dedo. Para fazer a trança, pegue a primeira aba de um lado – a aba que está mais distante de você – e dobre-a sobre o recheio levemente na diagonal, para que encontre a segunda aba do outro lado. Talvez você precise esticar a aba um pouquinho para que cubra o recheio. Pressione a aba com cuidado para que não saia do lugar. Repita isso com a primeira aba do outro lado e depois repita com as segundas abas, as terceiras, as quartas, etc., até que todas estejam bem trançadas em volta do recheio. As extremidades da trança vão ficar abertas e será possível ver o recheio, então o que eu faço é pegar uma colher de chá, raspar um pouco do recheio e apertar as extremidades da massa para fechá-la. Isso só garante que o recheio não vaze e deixe o forno todo melecado enquanto a trança assa. Pincele a trança com o que restou do ovo e coloque-a no forno. Deixe assar por cerca de 30 a 35 minutos ou até a trança engrossar e dourar. Retire-a do forno e polvilhe com uma colher de sopa de açúcar de confeitado. Sirva quente ou fria.

Agradecimentos

Agradeço muito a Ali Gunn, Rebecca Saunders, Manpreet Grewal, Hannah Green, Emma Williams, Charlie King, Jo Wickham, David Shelley, Ursula Mackenzie, Daniel Mallory, Sarah McFadden, Jo Dickinson, à equipe de design, à equipe comercial e a todos na Little, Brown and Gunn Media que se dedicam tanto aos meus livros. Sei que tenho muita, muita sorte.

Agradeço principalmente a Sarah Tonner e Alison Lake, que, por meio do poder mágico do Twitter, me ajudaram com as implicações físicas e psicológicas de um ferimento como o de Anna. Agradeço à Patisserie Zambetti, que praticamente me deixou alugar o espaço do escritório pelo preço de um café e um *pain au raisin*. Por favor, continuem com a política maravilhosa de não ter Wi-Fi. E à Headline e ao próprio John Whaite (vencedor do *The Great British Bake Off 2012!* Como eu amo esse programa.) pela permissão para usar sua receita.

Agradeço a Moyes, Manby e Jewell, maravilhosos companheiros em Paris, e, é claro, ao conselho. A meus amigos e minha família, obrigada mais do que nunca por estarem ao meu lado e comerem meus experimentos, aqueles que fracassaram e os que deram certo. Agradeço especialmente a meu amado Sr. B., sobretudo pelas inúmeras quartas-feiras complicadas. E a Wallace, Michael-Francis e Tiny Little James Bond, porque sei que gostam de ler seus nomes em livros. E também porque vocês são tudo.

Por fim, agradeço aos muitos leitores que me escreveram, prepararam um bolo, me enviaram fotos engraçadas no Facebook ou uma carinha feliz no Twitter. Vocês não têm ideia de quanto acho maravilhoso receber essas mensagens e como isso alegra meu dia (segundo meu marido: “Te deixa insuportável.”). Vocês sempre podem me encontrar no Facebook (www.facebook.com/thatwriterjennycolgan) ou no Twitter (@jennycolgan). Mas não no meu site, sou péssima nisso.

Bon appétit! Ah, eu SEMPRE quis escrever isso em um livro. Que

legal!

Sobre a autora



JENNY COLGAN nasceu em 1972, na Escócia, e é autora de comédias românticas, ficções científicas e histórias infantis. Seus mais de 25 livros foram publicados em dezenas de países e já venderam mais de 3 milhões de exemplares. Jenny adora bolo, Doctor Who e livros muito, muito longos — quanto mais longos, melhor. Mora em Edimburgo com o marido, os três filhos e os cachorros.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE JENNY COLGAN



A pequena livraria dos sonhos



A padaria dos finais felizes

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



"Uma narrativa encantadora, divertida e verdadeira." – *Heat*

Lucy Diamond



Uma receita para o desastre ou uma receita para o amor?

O café da praia

Diamond, Lucy

9788530600389

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

UMA RECEITA PARA O DESASTRE OU UMA RECEITA PARA O AMOR?

Lucy Diamond é autora de mais de 10 romances, sendo publicada em 15 idiomas, e sempre figura na lista de mais vendidos do The Sunday Times.

"Uma narrativa encantadora, divertida e verdadeira" – *Heat*

"Com personagens cativantes e momentos de verdadeira emoção, este livro engraçado e otimista vai encantar as românticas de carteirinha."
– *The People*

Em uma praia paradisíaca, Evie Flynn tem a chance de começar do zero...

Evie sempre foi a ovelha negra da família: sonhadora e impulsiva, o oposto das irmãs mais velhas bem-sucedidas. Tentou fazer carreira como atriz, fotógrafa e cantora, mas nada deu muito certo. Às vezes, ao pular de um trabalho para outro, ela tem a sensação de que lhe falta um propósito.

Quando sua tia preferida morre em um acidente de carro, Evie recebe uma herança inesperada, um café na beira da praia na Cornualha. Empolgada com a oportunidade de mudar de vida, ela decide se mudar para lá, mas logo descobre que nem tudo são flores: os funcionários não são dos melhores e o local está caindo aos pedaços. Tudo bem diferente dos tempos em que passava as férias de verão com a tia.

Apesar das dificuldades, pela primeira vez Evie está determinada a ter sucesso. Ao lutar pelo café, ela busca secretamente dar um novo rumo à sua vida e, assim, pode acabar conquistando bem mais do que esperava no trabalho... e também no amor.

Compre agora e leia

AUGUSTO CURY

20 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO BRASIL

Armadilhas da mente

ROMANCE

Não há mentes impenetráveis,
apenas chaves erradas



Armadilhas da mente

Cury, Augusto

9788580411621

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Camille é uma mulher bela, rica e brilhante, capaz de deixar as pessoas impressionadas com sua habilidade de debater e argumentar. Mas seus diplomas e seu intelecto não foram suficientes para evitar que se tornasse vítima de suas próprias emoções.

Casada com o banqueiro Marco Túlio, Camille sempre foi fechada em seu próprio mundo. Crítica, obsessiva, pessimista, não gostava de ser confrontada e não se curvava diante de ninguém, nem de psiquiatras ou psicólogos. Não concluía nenhum tratamento.

Vendo a depressão, as manias e as fobias de sua esposa se agravarem, Marco Túlio resolve comprar uma linda fazenda para que ela possa se afastar do estresse da cidade, respirar ar puro, se reconectar com a natureza e, quem sabe, com ela mesma.

Mesmo assim, transtornos mentais a impedem de sair de casa e pesadelos constantes não a deixam dormir. Enclausurada em sua própria mente, Camille piora a olhos vistos.

A reviravolta, porém, muitas vezes começa onde menos se espera. Quando conhece o excêntrico jardineiro da fazenda, Camille se surpreende com sua inteligência e, ao interagir com ele, a alegria volta pouco a pouco ao seu coração.

Em seguida entra na sua vida o sábio e instigante psiquiatra Marco Polo, que a estimula a superar os conflitos e procurar um personagem que deixara pelo caminho: ela mesma. Camille terá que aprender a se perdoar e a compreender pessoas "imperdoáveis".

Profundo e emocionante, *Armadilhas da mente* é uma aula de filosofia e psicologia, que mostra que os labirintos da psique humana são bem mais complexos do que qualquer um de nós é capaz de imaginar.

Compre agora e leia



O duque que eu conquistei

Peckham, Scarlett

9788580418699

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

PRIMEIRO VOLUME DA SÉRIE OS SEGREDOS DE CHARLOTTE STREET.

Livro de estreia de Scarlett Peckham.

"Uma estreia sensacional. O livro inteiro é um sopro de ar fresco, com uma narrativa cheia de camadas e, no centro do enredo, uma história de amor entre duas pessoas totalmente verossímeis." – ***The New York Times Book Review***

"Um romance sobre as mentiras que as pessoas contam, sobre as barreiras que erguemos para nos proteger e sobre os medos que temos que superar para permitir que os outros nos amem." – ***The Washington Post***

Depois de superar a ruína financeira, redimir o nome de sua família e se tornar o mais lendário investidor de Londres, o duque de Westmead precisa garantir a continuidade de seu título e de sua fortuna. A única forma de fazer isso é gerar um herdeiro.

Para isso ele tem que arranjar uma esposa que não interfira nos anseios sombrios que ele satisfaz na calada da noite nem faça exigências ao seu coração trancado para o amor.

Poppy Cavendish, a ambiciosa florista contratada pela irmã de Westmead para decorar seu salão de baile, não é esse tipo de mulher. Ela sempre lutou contra as convenções sociais para manter a própria independência e, por isso, o matrimônio nunca esteve em seus planos.

Mas agora Poppy precisa de capital para expandir seu negócio de plantas exóticas. E a atração que sente pelo duque é tão irresistível que, quando um escândalo accidental torna o casamento com ele o único meio de salvar seu ganha-pão, ela teme querer mais do que o

título que ele oferece.

[Compre agora e leia](#)

Pode o amor resistir
às mais duras provocações?

Da autora
de **DESEJO
PROIBIDO**

eternamente
 você

SOPHIE JACKSON



Eternamente você

Jackson, Sophie

9788580414820

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido.

Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele.

Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas.

Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois.

Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn

UMA
NOIVA
REBELDE

ARQUEIRO

4
OS ROKESBYS

Uma noiva rebelde

Quinn, Julia

9786555650099

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

QUARTO VOLUME DA SÉRIE OS ROKESBYS.

Julia Quinn já vendeu mais 1 milhão de livros pela Editora Arqueiro.

"Julia Quinn é uma grande contadora de histórias. Com uma prosa viva e confiante, ela cria personagens que nos marcam para sempre." – *Publishers Weekly*

Ela tinha duas opções...

Georgiana Bridgerton nunca foi *contra* a ideia de se casar. Ela só achava que sua opinião seria levada em conta na hora de escolher o noivo. Mas quando sua reputação está por um fio, Georgie precisa decidir: ou aceita ser uma solteirona pelo resto da vida ou se casa com o vigarista que a sequestrou de olho em seu dote.

Mas de repente surge uma terceira opção

Quarto filho de um conde, Nicholas Rokesby está estudando medicina em Edimburgo e não tem o menor interesse em arrumar uma esposa nesse momento. Mas quando descobre que Georgie, sua amiga de infância, corre o risco de ficar arruinada para sempre, ele sabe o que deve fazer.

Depois do escândalo...

Só que os dois sabem que nunca conseguiriam se ver como mais do que bons amigos. Não é?

Ao embarcarem num jogo de conquista nada convencional, repleto de diálogos impagáveis e coadjuvantes carismáticos – entre eles três gatos cheios de personalidade –, Nicholas e Georgie vão descobrir que

muitos encantos da vida já estão bem na nossa frente.

[Compre agora e leia](#)